

Universidade Federal de Juiz de Fora
Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião
Doutorado em Ciência da Religião

Francisco Luiz Gomes de Carvalho

**ADVENTISMO E EDUCAÇÃO NO BRASIL:
A FORMAÇÃO DO OBREIRO NO SEMINÁRIO / COLÉGIO ADVENTISTA
BRASILEIRO E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE OBREIROS JUBILADOS**

Juiz de Fora
2017

Francisco Luiz Gomes de Carvalho

Adventismo e Educação no Brasil:
a formação do obreiro no Seminário / Colégio Adventista Brasileiro
e a experiência religiosa de obreiros jubilados

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração Religião, Cultura e Sociedade do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Júnior

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CARVALHO, Francisco Luiz Gomes de .

Adventismo e Educação no Brasil : a formação do obreiro no Seminário / Colégio Adventista Brasileiro e a experiência religiosa de obreiros jubilados / Francisco Luiz Gomes de CARVALHO. -- 2017.

255 p.

Orientador: Arnaldo Érico HUFF JÚNIOR

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2017.

1. Educação Adventista. 2. Experiência Religiosa. 3. Obreiros. I. HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico , orient. II. Título.

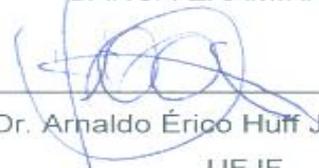
FRANCISCO LUIZ GOMES DE CARVALHO

ADVENTISMO E EDUCAÇÃO NO BRASIL:
a formação do obreiro no Seminário / Colégio Adventista Brasileiro
e a experiência religiosa de obreiros jubilados

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração Religião, Cultura e Sociedade. Do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.

Aprovada em 26/04/2017

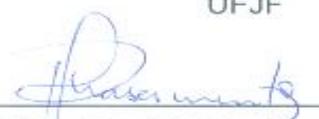
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Júnior (Orientador)
UFJF



Prof. Dr. Zwinglio Mota Dias
UFJF



Prof. Dr. Rogério-Ferreira do Nascimento
Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora



Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito
PUC-SP



Prof. Dr. Haller Elinar Stach Schunemann
UNASP

À minha família que não tem medido esforços em me apoiar e incentivar. Àqueles que ao longo do caminho se revelaram “mãos ajudadoras”.

Nós não somos o que gostaríamos de ser.

Nós não somos o que ainda iremos ser.

Mas, graças a Deus,

Não somos mais quem nós éramos.

(Martin Luther King)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, minha gratidão Àquele que tem me sustentado e com muita misericórdia tem me concedido muito mais do que mereço.

Ao meu orientador Prof. Dr. Arnaldo, que me oportunizou momentos de muito aprendizado e, acima de tudo, se revelou um grande mestre nesta caminhada.

Aos meus pais (Maria e Otacílio), que durante os anos de estudos tem me oferecido apoio, compreensão e incentivo.

À minha esposa (Dayse Karoline), por ser a companheira de todas as horas, o ombro amigo e o abrigo amorável.

À minha filha (Liz Karoline), que foi o nosso grande presente nesses anos de estudos. Ela veio e fez a vida ganhar um novo sentido, um novo colorido. Com ela tenho descoberto a felicidade que é ser pai.

Ao PPCIR, Coordenação, professores, secretário e colegas pela acolhida.

À FAPEMIG, pelo apoio financeiro à pesquisa.

RESUMO

Esta tese se pauta em compreender como se efetivou a educação no meio adventista com ênfase para a formação do obreiro denominacional no Seminário / Colégio Adventista Brasileiro entre os anos de 1915 e 1947 e assinalar a experiência religiosa de obreiros adventistas jubilados. Neste sentido, empreendemos uma pesquisa bibliográfica e documental com a intenção de indicar como a educação adventista se instrumentalizava no projeto denominacional evangelizador como *estratégia missionária*, analisar como se deu a formação dos obreiros denominacionais no contexto de uma *instituição total* em regime de internato, além de apresentar a *experiência religiosa* dos obreiros adventistas jubilados em seus relatos autobiográficos.

Palavras-chave: Educação adventista, Experiência religiosa, Obreiros.

ABSTRACT

This thesis focuses on understanding how education in the Adventist milieu was made with an emphasis on the formation of the denominational worker in the Brazilian Adventist Seminary / College between 1915 and 1947 and to point out the religious experience of retired adventists workers. In this sense, we undertake a bibliographical and documentary research with the intention of indicating how Adventist education was instrumentalized in the evangelical denominational project as a *missionary strategy*, to analyze how the formation of the denominational workers occurred in the context of a *total institution* under boarding school regime, besides to present the *religious experience* of retired adventists workers in their autobiographical stories.

Palavras-chave: Educação adventista, Experiência religiosa, Obreiros.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Periódicos denominacionais.....	17
Figura 2 – Obras com relatos autobiográficos.....	18
Figura 3 – Colégio Internacional de Curitiba em 1896.....	71
Figura 4 – Primeiras instalações do Colégio Adventista.....	101
Figura 5 – Primeiros alunos do Colégio Adventista.....	103
Figura 6 – Estudantes e professores em 1916.....	105
Figura 7 – Redação do primeiro jornal estudantil (<i>O Seminarista</i>).....	124
Figura 8 – Redação do periódico estudantil (“O Colegial”).....	126
Figura 9 – Sino da Escola em 1941.....	128
Figura 10 – Estudantes em trabalho na natureza em 1922.....	143
Figura 11 – Padaria e Lavanderia em 1917.....	145
Figura 12 – Celeiro e equipes em 1917.....	145
Figura 13 – Visão parcial da tipografia no Rio Grande do Sul.....	157
Figura 14 – Estudantes colportores em 1921.....	163
Figura 15 – Estudantes colportores em 1936.....	164
Figura 16 – Estudantes colportores em 1938.....	165

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. REVISÃO DE LITERATURA.....	18
2. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS.....	25
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	26
4. METODOLOGIA.....	33
CAP. 01 – EDUCAÇÃO ADVENTISTA: uma estratégia missionária	37
Ellen G. White e o seu tempo: ideias pedagógicas.....	45
Educação Adventista: uma proposta.....	55
As Escolas de Treinamento.....	63
A Educação Adventista no Brasil.....	68
O Colégio Adventista Brasileiro (CAB): contextualizando.....	79
CAP. 02 – A FORMAÇÃO DO OBREIRO: internato, trabalho manual e colportagem	92
Colégio Adventista Brasileiro: abrindo as portas.....	97
O Regime de Internato.....	114
O Tempo Sagrado no Internato.....	129
Os Trabalhos Manuais.....	137
A Obra da Colportagem.....	149
CAP. 03 – ESCREVER A VIDA DE OBREIROS ADVENTISTAS JUBILADOS: autobiografia e experiência religiosa	172
A Vida de Pastor: uma literatura autobiográfica.....	183
“Comunhão com Deus”: elementos da experiência religiosa.....	203
Das Experiências às Expectativas.....	223
CONSIDERAÇÕES FINAIS	236
FONTES	239
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	244

INTRODUÇÃO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) tem nos Estados Unidos da América o berço de seu nascimento. No entanto, é no século XIX no movimento milerita¹ que se localiza o seu núcleo fundacional. O movimento milerita, além de mostrar inconformismo com as associações religiosas já estabelecidas (OLIVEIRA FILHO, 2004) apresentava algumas características gerais, aqui assinaladas. São elas: a) reivindicação de certa primazia de iluminação interior e do Espírito Santo; b) pregação que enfatizava o aspecto não conclusivo da Revelação; c) propugnação da realização da Igreja no mundo alheia aos poderes estabelecidos (QUEIROZ, 1965, p. 92). Todavia, a sua principal tônica era a pregação que asseverava a volta de Jesus para a sua época, o que por sua vez imprimiu um aspecto marcante desse movimento especialmente pela apropriação e interpretação das Escrituras.

Na obra *The Rise of Adventism*, Gaustad (1975, p. 15) oferece-nos uma breve descrição do ambiente religioso em que foi gestado o movimento milerita ao afirmar que, “[...] revivalistas e milenialistas, comunitários e utopistas, espiritualistas e prognosticadores, celibatários e polígamos, perfeccionistas e transcendentalistas [...]” compunham o cenário cujo protagonismo anteriormente era ocupado pelas organizações religiosas convencionais. Por sua vez, Knight (2000) de forma sucinta emoldura o contexto histórico-religioso da Europa e América do Norte ao apontar a imbricada relação entre a religião e sociedade que marcou o século XVIII e XIX. Segundo ele,

[...] crenças deístas tornaram-se populares tanto na Europa como na América do Norte durante a última metade do século 18, mas as atrocidades e excessos da Revolução Francesa, na década de 1790, levaram muitos a duvidar de que a razão humana fosse base suficiente para a vida civilizada. O resultado foi o abandono generalizado do deísmo e o retorno de muitas pessoas ao cristianismo durante as duas primeiras décadas do século 19 (KNIGHT, 200, p. 10).

¹ Este foi um movimento religioso interconfessional norte-americano que teve em William Miller (1782 – 1849) o grande líder das pregações proféticas com ênfase no segundo advento de Jesus à Terra. Maiores detalhes podem ser encontrados em: KNIGHT, George R. **William Miller and the Rise of Adventism**, Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association, 2011.

Por esta época, a história atesta que surgiu nos EUA o que veio a ser denominado de *Segundo Grande Despertamento* (1790-1840)², de modo que no protagonismo do movimento destacavam-se diversas denominações religiosas: os Batistas, Metodistas, Presbiterianos e Congregacionalistas. Para Handy (1971) esse despertar religioso protagonizado nos Estados Unidos constituiu-se numa reação do povo americano à filosofia preconizada pelo iluminismo americano. A natureza do movimento milerita como fenômeno religioso indica que as crenças e doutrinas apresentavam-se singularmente imbricadas em uma lógica de ortodoxia, cujo avivamento era a representação tácita do reavivalismo.

Dados historiográficos apontam para uma posição marginal e fronteira que ocupou o movimento milerita nos Estados Unidos (CROSS, 1950), todavia o cerne desse fenômeno religioso entrelaçava uma lógica calcada no fundamentalismo que se desdobrava em nuances de perfeccionismo, além de combinar de forma peculiar elementos milenaristas (HOBBSAWN, 2006). Assim que, tal movimento teve tríade orientadora o pietismo, revivalismo e milenialismo (ROWE, 1987).

Com o Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844, o não retorno de Jesus conforme alardeado pelo movimento, dentre os cinco grupos que se formaram após a desintegração do Movimento Milerita, um deles gestou aquela que é a mais conhecida herdeira do movimento, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Denominação esta que, desenvolveu uma teologia do Advento, adotou o sábado em adição à imortalidade condicional e sistematizou uma teologia da saúde, além de ter investido vigorosamente na educação como *missão* e instrumental imprescindível à sua manutenção identitária. Além do mais, cabe sublinhar que tal denominação religiosa apresenta-se balizada pela ênfase escatológica que é tacitamente sustentada numa perspectiva profética singular, segundo o entendimento denominacional (PRESTES FILHO, 2006).

² De acordo com os estudiosos, este movimento reformador irrompeu nos EUA resultante de despertamentos religiosos regionais. Espalhou-se pelo território americano atingindo tanto zonas urbanas quanto rurais, tendo nas reuniões campais evangelísticas de reavivamento da fé a sua mola propulsora. Para mais detalhes, acessar: <<http://www.mackenzie.br/7080.html>>. Acesso em: 19 mar. 2014.

Posto que o Movimento Milerita se desintegrou com o Desapontamento de 1844 os grupos que advieram do revivalismo milerita evidenciaram uma difusão acerca da compreensão do evento da volta de Jesus. Para alguns, a data do evento foi *relativizada*, outros por sua vez optaram por *repetir* a ênfase no retorno de Jesus perpetuando assim as especulações. De modo peculiar alguns dos seguidores mileritas se caracterizaram por *transformar* a ênfase referente à proximidade da *parousia* na doutrina da imortalidade condicional. Todavia, para alguns poucos mileritas que haviam vivido as experiências carismáticas do movimento, o Grande Desapontamento foi concebido nos moldes de uma *teologização*, para os quais fundamentados em uma “nova luz” das Escrituras, o desapontamento é percebido numa perspectiva da história de Deus com seu povo (HÖSCHELE, 2012). Deste grupo formou-se a Igreja Adventista do Sétimo Dia³.

De modo singular a dinâmica do reavivalismo milerita de marcas pós-milenialistas e fundamentação escatológica lançou elementos para a concepção de projetos missionários como parte do progresso humano, provendo por sua vez uma mudança no modo comum de proclamação do evangelho sustentada numa redefinição eclesiológica e teologia da missão.

Segundo Höschele (2012) o vigor do avanço institucional dos Adventistas do Sétimo Dia deve-se ao fato de que essa Denominação tenha conseguido “[...] traduzir a perspectiva apocalíptica e vivalista sobre a existência cristã em um novo conceito de missão” (HÖSCHELE, 2012, p. 354)⁴.

Tendo sido um dos últimos empreendimentos institucionais da Denominação, a educação adventista ocupou lugar de destaque no projeto missionário denominacional, de modo que tal sistema educacional é tido como o segundo maior do mundo, após a educação católica. Inicialmente considerado como negação do retorno imediato de Jesus, a educação adventista encontrou seu lugar no projeto missionário denominacional, de forma que em muitos países onde a IASD encontra-se estabelecida deve-se à

³ Informações introdutórias acerca dos pioneiros da Igreja Adventista do sétimo Dia estão disponíveis em: <<http://centrowhite.org.br/pesquisa/pioneiros-adventistas/pioneiros-da-iasd/>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

⁴ Texto original: “[...] translate the vivalist and apocalyptic perspective on the Christian existence into a new concept of mission [...]”.

educação a cunha de entrada e os elementos iniciais de simpatia daqueles que foram evangelizados.

No Brasil, a educação adventista lançou raízes em 1896, de forma não oficial com a fundação do *Colégio Internacional de Curitiba*, mas que logo foi sucedido com a implantação de outros empreendimentos educacionais patrocinados oficialmente pela Denominação. Assim que, não demorou para que a IASD contasse com uma rede de escolas paroquiais que além de serem instrumentos de propaganda religiosa indireta (LEONARD, 1963) cumpriam a função de auxiliar na manutenção identitária daqueles que aderiam à mensagem adventista.

Ao considerarmos a inserção do adventismo em solo brasileiro, o fazemos à luz das teorias que circunscrevem o Protestantismo em sua complexidade e multipartição. Apesar de sua entrada e modo de instalação, o que se patenteia é uma compreensão segundo a qual, a inserção do adventismo é emoldurada nos ditames da categoria do *transplante*, pois que a entrada dessa denominação religiosa no Brasil se deu “[...] a partir do contexto de uma cultura, de uma língua, de configurações institucionais, de usos e costumes plasmados em outra parte e em outro tempo” (BONINO, 2002, p. 76).

É de grande importância evidenciar que, logo no seu início, a inserção do adventismo no Brasil e seu projeto educacional teceram estreitas relações com as comunidades alemãs aqui instaladas (BORGES, 2000). Os elementos que subsidiam essa associação do adventismo com os imigrantes alemães no Brasil estavam balizados por uma cultura pietista dos imigrantes que, comumente localizados nas zonas rurais centralizavam suas práticas numa religião familiar. Neste espectro é que Schünemann (2003) assevera que:

O perfil destes primeiros conversos era formado por uma camada simples da sociedade rural. É interessante que as colônias alemãs no sul do país ou no Espírito Santo composta de protestantes e pequenos proprietários rurais eram semelhantes ao perfil do Adventismo do sétimo dia nos Estados Unidos, por ocasião de sua formação. Há uma cultura bíblica que mantém boa parte destas comunidades de imigrantes. Embora nem todos alemães fossem protestantes, é entre estes que o Adventismo faz sua inserção e expansão (SCHÜNEMANN, 2003, p. 32).

Diante da premente necessidade de fazer avançar a causa adventista para além daqueles das comunidades germânicas, a Denominação decidiu

abrir em 1915 uma instituição educacional em São Paulo com o objetivo maior de formar o obreiro nativo, agente este que devotaria suas forças e energias à pregação da mensagem adventista fosse nas fileiras da obra das publicações, saúde, escolas, evangelização direta ou mesmo em posições administrativas.

A escolha denominacional adventista por São Paulo pauta diálogo estreito com o regime político há pouco inaugurado no país e especialmente com o prestígio que gozava a educação protestante de matriz estadunidense nestas terras. Afinal, o que se havia instalado nas terras paulistas alinhavava o protestantismo às cores de uma religião civil instalada nos Estados Unidos de forma que, nestas terras se “[...] depositaram nos protestantes a esperança de instauração de um tempo de progresso e prosperidade, pois tinham os Estados Unidos como modelo de organização política e administrativa” (ALMEIDA, 2011, p. 413). Para além do desenvolvimento que se descortinava para a região, Martins (2007) afirma categoricamente que:

As escolhas da IASD em migrar com seu sistema de imprensa e a construção de uma escola missionária foram escolhas estratégicas, pensadas e [...]. O estado de São Paulo fez parte dos organizadores da instituição para dinamizar a obra missionária da igreja no Brasil (MARTINS, 2007, p. 64).

A instituição inaugurada em São Paulo compunha o que no meio adventista denominava-se de *Training School*, ou seja, Escola de Treinamento. Em certo sentido tais instituições eram programas secundários com o acréscimo de cursos especiais (GREENLEAF, 2011) cuja força motriz era a *formação de obreiros* para a atuação nos diversos ramos institucionais estabelecidos da obra adventista no Brasil.

Acerca da importância da instituição para o avanço e consolidação da IASD nestas terras, por ocasião da década de 1940, Downs (1941) ressaltou com a seguinte tônica: “Tirem da obra os formados deste colégio e ela ficará paralisada. Tiremos o que eles já executaram e pouco ficará de resto” (p. 10).

A presente pesquisa tem como foco central a *formação do obreiro adventista* engendrada na instituição educacional de formação, entre os anos de 1915 e a década de 1940, além do que nos interessa abordar a *sua experiência religiosa* a partir de análise de relatos autobiográficos. Para tanto, recorreremos aos Prospectos e Anuários que, de uma forma registram o histórico da instituição, as normas de funcionamento e de convivência no internato, bem

como apresentam o ideário educacional e as atividades e disciplinas ofertadas para a formação obreiro, o agente da causa adventista. Foi de grande valia recorrermos a periódicos denominacionais, *Review and Herald*⁵, *Revista Mensal*⁶ e periódicos estudantis, pelo fato desses periódicos apresentar em diversos números elementos que se consubstanciam como auxílio à nossa pesquisa. Além do mais os relatos autobiográficos apresentados nas obras *Minha Vida de Pastor* e *Minha Vida de Pastor II* (SARLI, 2007, 2009) se apresentaram como substanciais para as análises empreendidas.



Figura 1 – Periódicos denominacionais

⁵ A obra de publicações sempre foi marcante no adventismo desde a época do movimento milerita. Quando lançado nos Estados Unidos esse periódico agregou outros dois já existentes, *The Advent Review* e *Sabbath Herald*. Sua primeira edição data de 1850 e seus números (até 1998) encontram-se digitalizados e disponíveis em:

<http://docs.adventistarchives.org/documents.asp?q=documents%2Easp&CatID=27&SortBy=1&ShowDateOrder=True&offset=0>. Acesso em: 15 jul. 2014.

⁶ Esse periódico foi um dos primeiros a ser lançados pelos adventistas no Brasil. O mesmo veio para substituir a *Revista Trimestral* que passou a ser veiculada desde 1906. Assim entre os anos de 1908 e 1929 o periódico denominacional recebeu o nome *Revista Mensal*, tendo depois recebido o nome de *Revista Adventista*. Todas as edições encontram-se disponibilizadas no site: <http://www.revistaadventista.com.br/>. Acesso em: 15 jul. 2014.



Figura 2 – Obras com relatos autobiográficos

1. REVISÃO DE LITERATURA

A fim de informar o que foi pesquisado acerca da Educação Adventista tencionamos nas próximas linhas apresentar de forma breve as pesquisas que tiveram a educação adventista como objeto de estudo. Visto que o *Banco de Teses CAPES* mostrou-se limitado no sentido de apresentar todas as pesquisas acerca da educação adventista, optei por rastreá-las através de outras pesquisas com as quais fui tendo acesso desde a época em que escrevia a minha Dissertação, o que por sua vez mostrou-se mais promissor, mesmo que por outro lado não tenha contemplado a totalidade, afinal todo levantamento bibliográfico apresenta as suas debilidades. Na verdade há poucas pesquisas acadêmicas brasileiras envolvendo a educação adventista, e as estrangeiras estão praticamente inacessíveis. Algumas das pesquisas são brevemente apresentadas a seguir.⁷ Todavia, cito aquelas que de uma maneira ou outra se aproximam do objeto de estudo desta pesquisa.

⁷ Outras pesquisas podem ser consultadas. São elas:

Na tese de Doutorado em Educação (UNIMEP), *A Pedagogia Adventista: Modernidade e Pós-modernidade* (SILVA, 2001), o autor tem como norte central apresentar que a pedagogia adventista é de inspiração bíblico-cristã e, visto que é uma pedagogia em formação, a mesma esforça-se por consolidar a sua identidade por meio de uma refontalização cristã no sentido de se converter em uma práxis contracultural, além de buscar a superação do desafio de uma definição metodológico-didática.

Outra pesquisa no campo da educação (UNIMEP) foi realizada por Stencel (2006) cujo título é *História da Educação Superior Adventista: Brasil, 1969 a 1999* e oportunizou ao autor a obtenção do título de Doutor em Educação. A mesma teve como propósito maior o estudo da inserção e da dinâmica de expansão que caracterizaram a história da educação superior adventista no Brasil entre os anos acima assinalados, apontando os fatores conjunturais que contribuíram para sua criação e desenvolvimento. Acresce a isso o fato da pesquisa efetuar uma análise quanto aos componentes extra e intradenominacionais que atuaram como agentes facilitadores ou inibidores na consecução do ideal quanto à abertura de uma universidade adventista no Brasil.

A dissertação de Mestrado em Educação (PUC-PR) de Corrêa (2005)⁸ apresenta um recorte da história da educação brasileira entre fins do século XIX e início do XX, oferecendo uma visão da educação protestante norte-americana da denominação adventista e do desenvolvimento de seu sistema de ideias, bem como de sua implantação no Brasil através de Curitiba. Tal

OLIVEIRA FILHO, J. J. **A obra e a mensagem**: representações simbólicas e organização burocrática na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo, 1972; PEREIRA, Edegard Silva. **Governo eclesiástico**: a burocracia representativa da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Dissertação de Mestrado, IMES, São Bernardo do Campo, 1988. WALTING, E. L. **Metodologia da educação religiosa adventista**: idealidade e realidade. São Paulo, 1979. (Memória) - Fundação Escola de Sociologia e Política; CUNHA, I. C. **Contribuições da educação adventista no Brasil**. São Paulo. - Fundação Escola de Sociologia e Política, 1975; LAMBERTH, M. A. P. **Ellen Gould White**: educadora do século dezenove com ênfase sobre suas considerações na área da disciplina escolar. São Paulo: Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1985; SCHULZ, Almiro. **Projeto de Universidade Protestante no Brasil**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), 1999.

⁸ CORRÊA, Maria E. L. **O Propósito dos Adventistas**: a transformação de uma ideologia religiosa em sistema educacional, sob a influência dos ideais liberais e seu transplante para o Brasil, em Curitiba em fins do século XIX e início do século XX. Dissertação de Mestrado em Educação. Centro de Teologia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2005, 145f. Disponível em: <<http://www.biblioteca.pucpr.br/pergamum/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

pesquisa intentar evidenciar que a educação adventista reflete os ideais do liberalismo por ter se fundamentado em Ellen G. White que, por sua vez fora passiva de influência de pensadores e educadores liberais. Para tanto, busca marcar na filosofia educacional adventista categorias da doutrina liberal.

Por sua vez, a pesquisa de Mestrado em Educação (PUC-PR) de Gross (1999) intitulada *Paulo Freire e Ellen White: Encontro e Desencontros e os seus Reflexos no Ensino Superior da Faculdade Adventista de Educação* objetiva descobrir o que ambos educadores podem eventualmente ter em comum no seu pensamento pedagógico, bem como onde e no que eles divergem. Além disso, os princípios fundantes do pensamento pedagógico de Paulo Freire e Ellen White são descritos e situados no contexto geral das correntes educacionais modernas e contemporâneas, nos seus respectivos países de origem: Estados Unidos e Brasil, bem como no contexto histórico em que ambos os autores viveram. A intenção norteadora da pesquisa procura deixar evidente a dimensão religiosa dos seus pensamentos educacionais, o que se faz por meio de uma descrição das dimensões prático-pedagógicas nas obras de Freire e White.

A pesquisa empreendida por Martins (2007) que resultou em sua dissertação de Mestrado em Educação (FE-USP), *Estratégias de difusão da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: um estudo sobre o Seminário / Colégio Adventista Brasileiro – 1915-1937*, teve como objetivo analisar a história do Seminário Adventista e a maneira como ele se transformou em Colégio, sua organização e proposta educativa, além de buscar entender como o Seminário em seu processo educativo, moral e intelectual utiliza a educação para ensinar condutas e inculcar uma crença religiosa.

A dissertação de Mestrado em História Social (USP), *Da colina, rumo ao mar: colégio adventista brasileiro Santo Amaro 1915-1947*, defendida por Hosokawa (2001) focaliza a ação educacional do Colégio Adventista Brasileiro (CAB) em Santo Amaro e São Paulo, a partir de sua fundação, em 1915, situado numa propriedade rural alcançada pelo crescimento urbano da capital paulista, até sua oficialização e consolidação em 1947. Esse estudo insere o CAB num contexto regional e nacional do desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia que chegou ao Brasil oficialmente em 1893, destacando as características da IASD, formalmente estabelecida nos Estados Unidos em

1863, além de apresentar suas crenças peculiares e seu estilo de vida. No entanto, sua grande contribuição é analisar o pensamento de Ellen G. White na configuração do CAB enquanto escola com ênfase na formação de jovens missionários, revelando assim, a interação da colportagem, da educação e do trabalho leigo e pastoral com o projeto missionário de evangelização do país. Além do mais, tal pesquisa ao se deter na história da primeira turma de diplomados de 1922, cujo lema era *Rumo ao Mar*, a mesma evidenciou a importância dessa instituição para a formação da liderança denominacional no Brasil.

A pesquisa intitulada *A teoria e a prática da educação integral restauradora ministrada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia: afinidades e contradições* defendida como mestrado em Teologia Prática (EST) por Padrón (2003)⁹ analisa a teoria e a prática educacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Para tanto, a pesquisa começa com as raízes históricas do Movimento Adventista, mostra o surgimento do Adventismo do Sétimo Dia, as doutrinas centrais e a obra educacional na missão desta Igreja. Por fim, afirma-se que a educação adventista deseja preparar os estudantes para o mundo presente e para o futuro, transmitindo-lhes as informações necessárias para um bom desempenho profissional, mas tendo como prioridade a restauração da imagem de Deus nos seres humanos.

Na área de Ciência da Religião, a pesquisa de Martins (2008)¹⁰ defendida na PUC-SP com título *Educação como Obra Missionária: a educação como instrumento de difusão da filosofia adventista*, ao refletir sobre a origem a Igreja Adventista do Sétimo Dia e sua filosofia educacional busca patentear a hipótese de que a educação adventista é geradora de uma proposta que supera as expectativas de uma educação convencional orientando-se por um fio condutor do discurso religioso da salvação, o que inevitavelmente lança as bases para afirmar que o empreendimento

⁹ PADRÓN, Ana Isabel Volpato de. **Teoria e a Prática da Educação Integral Restauradora Ministrada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia: Afinidades e Contradições**. Dissertação de Mestrado em Teologia. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 2003.

¹⁰ MARTINS, Enilce B. **Educação como obra missionária: a educação como instrumento de difusão da filosofia adventista**. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Departamento de Teologia e Ciências da Religião. PUC-SP, 2008, 108p.

educacional adventista encontra-se estreitamente comprometido com a evangelização.

Com o título *O tempo do fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil*, a tese de Schunemann (2002) defendida na UMESP ao abordar a inserção da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil identifica os fatores históricos e sociais que colaboraram para a chegada e posterior desenvolvimento da IASD nestas terras. Sua principal contribuição para a nossa pesquisa repousa no fato de que por meio do seu estudo é possível compreender a estreita relação do adventismo com a comunidade alemã como grupo intermediário para a expansão dessa denominação em solo brasileiro. Os resultados advindos da pesquisa de Schunemann (2002) pavimentam o trilho das considerações acerca do caráter milenialista e escatológico que compõe o núcleo do adventismo.

Na tese de doutorado *Redenção, Liberdade e Serviço: a contribuição de pensamento de Ellen G. White para uma práxis educacional libertadora* (SUÁREZ, 2010) defendida no programa de Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), o autor tendo pesquisado os escritos de Ellen G. White sobre educação apresenta os elementos centrais do pensamento whiteano sobre educação. Segundo ele os conceitos *redenção, liberdade e serviço* são os elementos centrais dos ensinamentos educacionais whiteanos, e os mesmos exercem influência significativa nas práticas educacionais. Antes de descrever e analisar esses conceitos e suas implicações para a prática educacional adventista. Tendo recorrido à fundamentação teórica balizada pelas categorias *liminaridade, fronteiricidade e ausência* o autor defende a tese segundo a qual

Ellen G. White pode ser configurada como possuidora de “outro pensamento”, um “pensamento liminar”, capaz de contestar a rigidez das fronteiras epistêmicas e práticas de sua época, no contexto da sociedade norte-americana, em geral, e da comunidade da IASD, especificamente. De igual maneira, White parece viver um “outro lugar”. Finalmente, percebo sua luta para não permitir tornar ausente, invisível, aquilo que acreditava ser necessário e verdadeiro (SUÁREZ, 2010, p. 41).

Dentre as pesquisas de autores estrangeiros que se relacionam mais diretamente com a nossa pesquisa destacamos algumas delas. Na tese *Principles of Education in the Writings of Ellen G. White*, atualmente

disponibilizada para o português com o título *Filosofia da Educação Adventista* Cadwallader (2013), o autor apresenta descritivamente aqueles que a seu ver são os principais conceitos educacionais de Ellen G. White. A sistematização dos escritos de White apresenta os fundamentos religiosos, administrativos, curriculares, didático-metodológicos, sócio-interativos e disciplinares que estabelecem os princípios pedagógicos da Filosofia da Educação Cristã Adventista. Assim sendo, a obra apresenta um agrupamento de mais de duzentos temas que cobrem diversos aspectos de educação. Segundo o autor, uma lista de comparação das áreas cobertas pelas obras de educação de Ellen G. White com o sumário do conteúdo de livros-texto sobre educação revela a extensão de seu conhecimento e amplo pensamento em relação ao tema da educação. O autor deixa claro que, o assunto da educação na abordagem whiteana carrega marcas que revelam o seu comprometimento com a religião que a mesma professava, bem como com as crenças que por ela eram defendidas. Afinal,

Ellen White era uma cristã devota e sincera que visualizava a vida na Terra como um preparo para a vida futura imortal. Cria na volta de Jesus, no dia do juízo iminente e no fim do mundo, assim estava profundamente interessada em que a igreja cumprisse, o que ela considerava, sua missão, advertir o mundo inteiro sobre o juízo iminente. Estas atitudes, naturalmente, coloriram seus pontos de vista sobre educação, [...] (CADWALLADER, 2013, p. 675).

A despeito do pioneirismo da pesquisa, a mesma apenas sistematiza os princípios da educação nos escritos de Ellen G. White, sem contudo, empreender qualquer análise ou mesmo abordagem crítica de caráter metodológico e/ou teórico.

A tese de Snorrason (2005)¹¹, *Aims of Education in the Writings of Ellen G. White* explora os objetivos da educação nos escritos de Ellen G. White. Esta pesquisa é uma descrição e análise do conceito de Ellen White sobre a educação como revelado por sua compreensão dos objetivos da educação. Sendo um estudo documental, tal pesquisa identifica, descreve, analisa e avalia as declarações de White sobre os objetivos da educação com base em

¹¹ SNORRASON, Erling Miles. **Educational Principles in the Writings of Ellen White**. Doctor of Philosophy. Andrews University, United States, 2005. Disponível em: <<http://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1706&context=dissertations>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

sua filosofia geral, com especial ênfase na epistemologia. A pesquisa empreende uma contraposição das ideias whiteanas num contexto selecionado das ideias educacionais de Herbert Spencer, John Dewey e dos movimentos de educação manuais.

O estudo revela que os objetivos da educação no pensamento de Spencer e Dewey estavam focados no máximo desenvolvimento e crescimento do indivíduo na sociedade tendo no conhecimento científico advindo do método científico a sua fundamentação. Já o objetivo final da educação na concepção whiteana é a restauração da imagem de Deus no ser humano, de modo que os principais elementos em seu conceito da imagem de Deus são a liberdade de escolha, dignidade, individualidade e um caráter de amor expresso em serviço desinteressado para com Deus e os outros seres humanos. Ellen White inclui o desenvolvimento de todo o ser para o serviço.

Para tanto, a pesquisa indica que no pensamento whiteano sobre educação o objetivo epistemológico último da educação, um conhecimento pessoal e experiencial de Deus, é indispensável para o objetivo educacional metafísico e axiológico final, a restauração da imagem de Deus no ser humano. Este objetivo último da educação não é estático, mas dinâmico. Ou seja, o ser humano irá refletir esta imagem, a glória de Deus, mais e mais plenamente por toda a eternidade.

Como expusemos acima as diversas pesquisas se distinguem uma das outras, seja pela metodologia empregada, objetivo e hipóteses assinalados, no entanto, todas tem em comum a pesquisa acerca da *educação adventista*. De certa maneira, tais pesquisas pavimentaram o caminho para a pesquisa que ora empreendo. Todavia, há de reconhecermos que na lista apresentada acima há uma significativa presença de pesquisas no campo da Educação, enquanto que as outras se encontram alocadas nas mais diversas áreas do conhecimento. De igual papel relevante constitui-se patentear que essa pesquisa circunscreve-se no âmbito da Ciência da Religião.

No entanto, indico que a pesquisa de Martins (2007) é uma daquelas que mais se aproximam do meu objeto de estudo, pois que ao estudar a história do Seminário/Colégio Adventista Brasileiro entre os anos de 1915 e 1937 sinaliza para as estratégias que a mantenedora - Igreja Adventista do Sétimo Dia - mobilizou para a difusão de sua mensagem nestas terras.

Estratégias estas que passavam pela formação ofertada na instituição em questão. Martins (2007) utiliza como categorias analíticas os conceitos de "Estratégia" de Michel de Certeau, "Apropriação e Representação" de Roger Chartier, além de contribuições teórico-metodológicas da cultura escolar a partir de seus elementos basilares - tempos e espaços) escolares, os conhecimentos escolares, disciplinas e matérias escolares que perpassaram a sua pesquisa. Indubitavelmente que sua maior contribuição para a minha pesquisa repousa no fato dela apontar a existência de fontes primárias (Prospectos e Anuários) que contemplam o período ora recortado por minha pesquisa, além de outras fontes importantes para a compreensão de meu objeto de estudo. A distância que se interpõe entre a nossa pesquisa e a empreendida por Martins (2007) se conforma nos objetivos distintos que nos propomos, como também na abordagem teórica que nos baliza.

Não poderia deixar de citar que a outra pesquisa que muito contribuiu para minha foi levada a cabo por Hosokawa (2001). Sendo levada a termo no âmbito de sua formação, a história, a sua pesquisa é bastante contributiva, pois que tendo sido amparada por uma ampla documentação primária e secundária serviu-se de entrevistas com formandos da época pesquisada, desenvolvendo assim "[...] análise desse discurso tomando o conjunto dos dados neles presentes, no intuito de aprofundar o texto, procurando a especificidade das práticas religiosas e educacionais dos ASD" (HOSOKAWA, 2001, p. 19). Para além dos dados informados, análises empreendidas, Hosokawa (2001) oferece aos pesquisadores seguintes uma gama de fontes dispersas nas últimas quarenta e nove páginas do trabalho, o que evidencia o seu compromisso com a academia.

2. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Se por um lado, encontramos diversas pesquisas que tiveram como objeto de estudo a educação adventista, por outro identificamos a inexistência de estudos que se debruçaram sobre a formação do obreiro adventista e sua experiência religiosa. Esta é uma lacuna que esta pesquisa busca localizar-se.

O objetivo geral da pesquisa é compreender como se efetivou a educação no meio adventista com ênfase na formação do obreiro denominacional no Seminário / Colégio Adventista Brasileiro entre os anos de

1915 e a década de 1940 e assinalar a experiência religiosa de obreiros adventistas jubilados. Para tanto, estabelecemos como objetivos específicos, os seguintes:

- Indicar como a educação adventista se instrumentalizava no projeto denominacional evangelizador como estratégia missionária;
- Analisar como se deu a formação dos obreiros denominacionais no contexto de uma *instituição total* em regime de internato;
- Apresentar a *experiência religiosa* dos obreiros adventistas jubilados em seus relatos autobiográficos;

As motivações para a realização desse estudo estão centradas na minha trajetória pessoal que, sendo adventista desde os primeiros anos da vida tive a oportunidade de estudar em escola adventista e concluir o curso de Teologia em Seminário Adventista no contexto de internato. Além do que, sempre fui instigado pelo relato de vida de pastores adventistas cujo discurso sempre me indicava uma experiência religiosa de ordem exemplar, mas que pareciam subterfugar nuances de questões, tensões e problemas relegados ao recôndito. Assim que, estudar a formação do obreiro adventista em tempos passados e empreender compreensão da experiência religiosa de obreiros jubilados se apresentou como uma pesquisa cujo contributo se funda nos ditames da Ciência da Religião.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O surgimento da IASD apresenta relações estreitas com o movimento milerita, tanto que em um dos grupos remanescentes de tal movimento foram lançadas as bases que culminaram numa posterior sistematização de crenças e organização institucional da denominação religiosa em questão após o desapontamento vivido aqueles que compunham o movimento milerita (HÖSCHELE, 2012). A história denominacional adventista sinaliza que a educação foi um dos últimos empreendimentos (KNIGHT, 1983) na institucionalização dessa denominação religiosa. Sendo cinsiderada a priori pelos pioneiros como a negação de uma das suas crenças fundantes, o iminente retorno de Jesus. No entanto, a ser concebida no meio denominacional, a educação adventista em muito se nutriu os escritos de Ellen G. White, além de sido conformada nos moldes da *estratégia missionária*.

É comumente atestado pela historiografia que a educação protestante introduzida no Brasil a partir da segunda metade do século XIX esteve largamente relacionada com a pregação dos primeiros missionários que fundaram escolas paroquiais, colégios e cursos superiores. Desta forma, pode-se considerar a educação protestante “[...] nos seus diversos planos, como uma estratégia missionária, como um canal de inserção do protestantismo na sociedade brasileira” (MENDONÇA, 2008, p. 146). O que por sua vez, se coadunava com a cosmovisão do protestantismo estadunidense que considerava de fundamental importância a conquista de espaço na sociedade brasileira por meio da educação. Afinal, o projeto educacional protestante tem um sentido mais totalizante, posto que ultrapassa a expressão de fé para englobar uma concepção de vida.

No entanto, é irremediável atentar para o fato de que o transplante da educação protestante para o Brasil se deu devido a situação de desestruturação em que se encontrava a sociedade, além de relativa receptividade por certas camadas da elite política e intelectual nacional, o que inevitavelmente contribuiu para que a mesma tendo localizado as lacunas no sistema de ensino brasileiro pudesse estabelecer-se e expandir. Pois que, o

[...] transplante de uma instituição estrangeira, com seus valores e princípios próprios, necessita encontrar um clima de desestruturação na sociedade que a recebe, para que possa insinuar-se e inserir-se (MESQUIDA, 1994, p. 66).

Ao se referir à situação educacional que figurava no Brasil por ocasião da chegada do Protestantismo na segunda metade do século XIX, Elias (2005) indicia que a precariedade visto que, além de professores não habilitados, prédios inapropriados ou mesmo adaptados, o sistema escolar e mesmo o currículo remontavam às reminiscências recrudescidas do período jesuítico como referencial.

Assinaladamente as denominações do dito protestantismo histórico ou tradicional ao instalarem nas principais cidades do Brasil intentaram constantemente influenciar a sociedade brasileira ao atrair e educar a elite (CALVANI, 2009), balizando a oferta educacional pelos ditames da propaganda religiosa indireta de modo a oferecer outros referenciais às elites que se desdobrassem na mudança de padrões de cultura.

Os colégios americanos, no Brasil, eram abertos a toda e qualquer ramificação confessional ou classe social. O propósito da propaganda indireta do Evangelho tinha como objetivo atrair as elites nacionais para os meios protestantes, para orientá-las e oferecer-lhes os valores morais e espirituais que eram tidos como interpretação genuína do Cristianismo (HACK, 2000, p. 59).

É patente a compreensão que considera que a perpetuação do protestantismo em solo brasileiro demandava estratégias pelas quais tornasse possível uma inserção balizada pela preocupação educacional. Neste sentido, Ramalho (1976) indica que:

O programa educativo é uma das primeiras e mais importantes expressões da obra missionária. A natureza e a profundidade das mudanças que se quer introduzir na sociedade não condizem com o analfabetismo dos conversos, nem com a pouca instrução reinante. É necessário que o protestante seja capaz de, pelo menos, ler a Bíblia e certa literatura, e a comunidade global deve valorizar e expandir a educação, considerada a mola principal de ascensão social (RAMALHO, 1976, p. 69).

A educação era vista como um dos principais meios de se implantar o Protestantismo no Brasil. Desde a chegada dos primeiros Protestantes houve um grande esforço em incentivar a alfabetização dos brasileiros e a modernização a educação do país. Afinal, para além do progresso socioeconômico os protestantes atribuíam a importância da alfabetização como função estreitamente relacionada à religião. Por isso que:

A busca do letramento tem muitas vezes uma função religiosa desvinculada dos ideais de progresso econômico ou cultural [...] O princípio por trás disso era o ideal [...] de que todos tinham de ser capazes de ler a Palavra de Deus por si mesmos. Ele pode ter tido outros efeitos colaterais, mas as metas e consequências imediatas eram religiosas (e Protestantes) (THOMAS, 2005, p. 30).

Constituinte do espectro maior da empreitada estadunidense no Brasil, a mensagem adventista desembarca em solo brasileiro nas correntes imigratórias europeias. No entanto, a compreensão que torna inteligível a relação da inserção da IASD no continente sul-americano a considera nas tramas da chegada do Protestantismo balizada pelos moldes da categoria analítica de *protestantismo de missão/conversão* (MENDONÇA (2004; 2008).

Cabe-nos informar que ao abordarmos a educação adventista enquanto *estratégia missionária* estaremos dialogando com a concepção de Mendonça

(2008) quando aborda a questão em sua pesquisa, todavia, não nos limitaremos aos moldes que conformam o conceito segundo o autor indicado. Desta forma, indicamos que o nosso uso da categoria encontra-se imbricado por uma apropriação tópica (CATANI; CATANI; PEREIRA, 2001) **que, por sua vez indica uma mobilização de conceitos sem haver necessariamente uma filiação teórica estrita a determinado autor.**

Tal apropriação se consolidará nas aquisições conceituais dos autores e podem ser mobilizadas no viés pelo qual explicitaremos os modos pelos quais a educação adventista pode ser entendida como estratégia de missão. E, isso o faremos por meio de uma abordagem que buscará delinear como o empreendimento institucional foi gestado no meio denominacional, a influência das ideias pedagógicas contemporâneas na formulação de sua filosofia educacional, bem como a configuração singular da proposta adventista e sua aplicação nas Escolas de Treinamento. Deste modo, a categoria *estratégia missionária* receberá um alargamento a fim de que em nosso uso teórico ela indique muito mais do que simplesmente meio ou canal de inserção, mas evidencie outras nuances, o que nos oportunizará ressaltar que a educação foi instrumentalizada no projeto denominacional adventista desde a época do lançamento de suas primeiras bases remetendo à concepção whiteana acerca do tema e sua influência motriz no direcionamento no meio adventista.

No meio denominacional adventista, a preocupação com a educação oscilou entre o extremo de sua desvalorização, posto que para alguns representava uma negação à crença o retorno iminente de Jesus e o pólo que atribuía sua devida importância no projeto missionário adventista. Fato é que, não demorou muito para que a denominação concebesse a educação como projeto de grupo, pois que os primeiros adventistas concebiam tenzamente que o “[...] o espírito da educação das escolas públicas não se harmonizava com o espírito do movimento ao qual estavam ligados [...] eles queriam que seus filhos se preparassem para o céu (OLSEN, 1932, p. 331).

Para além da concepção da educação como auxílio à formação identitária denominacional, à medida que a Denominação se institucionalizava e diversificava as suas frentes evangelizadoras, a mesma demandava preparo técnico para aqueles que ocupavam os postos de liderança nas causa adventista, o que por sua vez impulsionou o surgimento de empreendimentos

educacionais para a formação do obreiro denominacional (GREENLEAF, 2010).

A Igreja Adventista do Sétimo Dia por meio da *Training School* (Escolas de Treinamento) buscou com muita ênfase a formação de líderes denominacionais, ou seja, os obreiros, a fim de fazer avançar a causa adventista nestas terras, o que não a furtava de a segundo plano evidenciar o intento de atrair aqueles cuja influência poderia ser exercida numa camada da sociedade que mantinha parcela do poder. No entanto, desde as primeiras iniciativas de abrir instituições de ensino o que “ninguno cuestionaba que uno de los principales objetivos de la institución era preparar obreros para la iglesia [...] tema se convirtiera en una prioridad de la agenda institucional” (GREENLEAF, 2010, p. 30).

O expansionismo missionário adventista, a internacionalização institucional que caracterizou o desenvolvimento denominacional contribuíram para conformar a educação adventista como instrumentalização para a efetividade do proselitismo adventista que, aliava evangelização e formação de líderes, obreiros denominacionais. Afinal,

[...] fazia parte do proselitismo da IASD o estabelecimento de escolas nos países onde a presença adventista ainda era incipiente, a fim de favorecer a evangelização e preparar novos líderes para aquele campo missionário (SANTOS, 2010, p. 41).

Dessa forma, dadas as intencionalidades missionárias que permeavam o projeto educacional adventista, é essencial perscrutar os elementos pelos quais a denominação efetivava tais intencionalidades nas instituições de ensino destinadas à formação do obreiro. Para tanto, é capital ter em nosso horizonte analítico a indicação de que, especialmente na educação confessional os processos de aprendizagens associam direta, ou às vezes latentemente uma vinculação de fé. Assim que, quando a instituição de formação do obreiro em sua proposta educacional intentava demarcar as formas de vida do alunado, de certa forma o que se buscava patentear referia-se à incorporação da fé professada pela instituição na vida do estudante, a fim de que isso desdobrasse em diversas dimensões da vida do egresso.

A fé se reflete em formas de vida: no comportamento social, no comportamento cívico, em sistemas de saber, em estruturas sociais. [...] podemos apreender a fé nas formas que ela própria

assume: formas de vida que determinam, influenciam, conformam nossa vida (FRAAS, 1994, p. 181).

Por ocasião da fundação da *Liga Juvenil* no Seminário Adventista em 22 de junho de 1916, o discurso de John Lipke resumiu o que a liderança denominacional tencionava com a implantação dessa instituição no âmbito da missão.

Numa outra ordem de considerações procurou mostrar-se que Deus espera do seu povo [...] a educação da mocidade para o serviço do Senhor. A missão interna, no seio da igreja, é que tornará possível alargarmos a nossa tenda, e por meio da mocidade levar a cabo a missão externa da proclamação da mensagem [...] (LIPKE, 1916, p. 07).

Tendo no horizonte analítico o conhecimento de que as práticas educativas empreendidas na escola de treinamento localizada em São Paulo eram balizadas pela valorização da natureza e do trabalho é possível indicar que a formação ofertada aos estudantes apresentava elementos indicativos de *educação indireta*, segundo a qual atitudes, modos de vida, visão uniforme e coerente da realidade recebem grande importância, às vezes sobrepondo-se mesmo à instrução (MENDONÇA, 2008).

Evidentemente que os empreendimentos educacionais adventistas eram instrumentalizados como elementos imprescindíveis ao escopo da evangelização denominacional, no entanto, é possível apreender os indícios que consubstanciavam para que o ambiente da instituição educacional de formação dos obreiros fomentasse uma formação religiosa cuja religiosidade testemunhasse os valores e virtudes protestantes, especialmente calcados na racionalidade imprescindível ao trabalho no campo missionário. Afinal,

[...] para poder fazer uma obra perfeita, necessário é educar as nossas dificuldades. Essa educação requer consagração e perseverança, e só aqueles que desenvolverem tais virtudes é que poderão contar com êxito em seu trabalho (LIPKE, 1916, p. 07).

À luz do que indicamos acima acerca de como a instituição de formação de obreiros adventistas se organizava, o controle que se impunha sobre o tempo, a diversificação dos espaços em que eram dispostos os estudantes, a rotinização que caracterizava o cotidiano, bem como a ênfase sobre a obediência às regras, apresenta-nos a possibilidade de considerarmos a plausibilidade de compreender que o internato adventista apresenta estreita

relação com as nuances advindas da categoria de *instituição total* (GOFFMAN, 2008).

À medida que a pesquisa se efetivava tornou-se imperioso apresentar como a atuação dos obreiros adventistas no campo missionário da causa adventista pode ser referida em seus relatos autobiográficos nos contornos da experiência religiosa. A perspectiva que norteou essa abordagem foi informada pelos elementos advindos da escrita desses obreiros que, após anos de dedicação ao ministério adventista em suas diversas frentes agora falam/escrevem no status de obreiros jubilados. Para tanto, foi importante recorrer às obras *Minha Vida de Pastor* e *Minha Vida de Pastor II* organizadas por Sarli (2007, 2009). O referencial teórico que nos ofereceu elementos que na introdução da temática como categoria inicial de análise foi a *literatura autobiográfica* (GUSDORF, 1991).

Por sua vez, teoria acerca dos estudos das religiões de Smart (1996) se apresentou bastante profícua para as nossas considerações, especialmente as acepções advindas da análise da dimensão ritual e seus elementos para a experiência religiosa e conformação de uma cosmovisão (SMART, 1983).

Ressaltamos que as formulações teóricas apresentadas por Koseleck (2006) quando ao aborda o tempo histórico e sua estreita relação entre o *espaço da experiência* e o *horizonte da expectativa*, especialmente em sua relação às considerações referentes à memória advindas da abordagem de Pollak (1989, 1992) foram imprescindíveis na composição do escopo teórico.

Destacamos que, a escrita do último capítulo se tornou possível mediante uma disposição segundo a qual os relatos autobiográficos foram selecionados sob a lógica de uma organização serial, esta comprometida com os tópicos escolhidos, de modo que o processamento técnico do conjunto documental se efetivou balizado por divisões internas correspondentes às questões de fundo teórico. Neste sentido, a escrita do terceiro capítulo apresenta de forma detalhada fragmentos dos relatos autobiográficos apresentados nos dois volumes da obra *Minha Vida de Pastor* (SARLI, 2007; 2009). Tais fragmentos foram seleccionados em função dos objetivos que balizaram a pesquisa e, em especial a divisão que conformou os tópicos do capítulo.

4. METODOLOGIA

A pesquisa de caráter histórico é mesclada por um constante ir e vir, indagações do presente que orientam o “ir” ao passado. Por isso que o fazer historiográfico é balizado por um conjunto de métodos que vão “[...] desde a seleção, disposição e organização do material para análise, até a escrita do texto” (SANTOS, 2006, p. 47).

Dada a dificuldade no estabelecimento de um sistema de classificação que seja amplo o suficiente na consideração de todos os elementos constitutivos da pesquisa, este trabalho acadêmico adota a proposta de Gil (2010) de um sistema de delineamento de pesquisa que “[...] leva em consideração o ambiente da pesquisa, a abordagem teórica e as técnicas de coleta e análise de dados” (p. 29).

Para alcançar os objetivos propostos empreenderemos uma pesquisa bibliográfico-documental. Sendo que a pesquisa bibliográfica se constituirá no estudo de livros, monografias, dissertações, teses, revistas, artigos, folhetos e dados eletrônicos que descrevem a história da chegada do protestantismo no cenário brasileiro, para em seguida remontar historicamente a inserção da IASD e o seu interesse pela implantação de escolas, em especial o Colégio Adventista Brasileiro fundado em São Paulo em 1915.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia possui em São Paulo um Centro Nacional da Memória Adventista (CNMA)¹² estabelecido em 1987 cuja finalidade é reconstituir especificamente a história adventista do Brasil. Para tanto, a memória adventista brasileira é exposta por meio móveis e objetos que pertenceram a seus pioneiros brasileiros, cartas, documentos e primeiras publicações em português dos livros de Ellen White. De certa maneira, esses arquivos denominacionais detém grandes conjuntos documentais, nem sempre acessíveis.

A implementação da pesquisa documental privilegiará fontes primárias (Prospectos e Anuários)¹³, além disso recorreremos à periódicos

¹² Mais informações podem ser obtidas no site: <<http://www.unasp-ec.com/memoriadventista/cnma/cnma.htm>>. Acesso em: 10 set. 2014.

¹³ **Prospect**: Collegio Missionário da Conferencia União Brasileiros Adventista do Setimo Dia (1917?); Seminario da Conferencia União Brasileira dos Adventistas do Setimo Dia (1918-1919); Quarto Prospecto Annual do Seminario Adventista (1919); Quinto Prospecto Annual do Seminario Adventista (1920); Sexto Prospecto Annual do Seminario Adventista (1921); Anexo

denominacionais sendo estes, *Review and Herald*, *Revista Mensal* e *Christian Education*. A imprensa periódica, tanto a secular quanto a religiosa compõe um arcabouço de fontes que desde muito tempo já tem sido cotejadas por pesquisadores de outras áreas do conhecimento, mas que no âmbito da Ciência da Religião tem o seu potencial ainda muito pouco explorado, apesar de ser patente a ideia de que a história da editoração evangélica se confunde com a história do próprio protestantismo brasileiro.

A imprensa periódica denominacional em suas mais diversas confissões foi contemplada em algumas pesquisas, das quais destaco: Silvestre (2001)¹⁴, Tunes (2009)¹⁵, Adamovicz (2008)¹⁶, Pires (2010)¹⁷, Oliveira (2012)¹⁸. Todavia, há um ineditismo em pesquisas que tenham utilizado em seu corpus documental os periódicos denominacionais adventistas, sendo eles *Review and Herald*, *Revista Mensal*, além do uso de *Periódicos Estaudantis e Relatos Autobiográficos*.

do Setimo Prospecto. Vistas do Seminario Adventista (1922); Oitavo Prospecto Annual do Collegio Adventista (1923); Prospecto Annual do Collegio Adventista (1926); Prospecto Annual do Collegio Adventista (1927 - encarte da RM, dez. 1926); Prospecto Provisorio do Collegio Adventista (1928); Prospecto Annual do Collegio Adventista (1929); Prospecto Annual do Collegio Adventista (1930); Prospecto Annual do Collegio Adventista (1931); Prospecto Anual do Colégio Adventista (1938); Prospecto Anual do Seminário Adventista (1940); Prospecto Anual do Colégio Adventista (1941); Prospecto Anual do CAB (1942); Prospecto Anual do CAB (1943); Prospecto Anual do CAB (1944); Prospecto Anual do CAB (1945); Prospecto do CAB (1946); Prospecto do CAB (1947); **Revistas de Formandos e de Ex-alunos**: O Seminarista (1921-1922); O Lábaro (1925); O Collegial (1928-1954); O Collegial Numero Especial de Formatura (1930); O Collegial Setembro Especial de Formatura (1933); O Collegial Setembro Especial de Formatura (1934); O Collegial Setembro Especial de Formatura (1936); O Collegial Numero Especial de Formatura (1937); O Collegial Novembro Especial de Formatura (1938); O Collegial Novembro Especial de Formatura (1939); O Collegial Novembro Especial de Formatura (1940); O Colegial Especial de Formatura (1941); O Colegial Especial de Formatura (1942).

¹⁴ SILVESTRE, Armando Araújo. **Da Imprensa Evangélica ao Brasil Presbiteriano**: o papel (in)formativo dos jornais da Igreja presbiteriana do Brasil (1864 a 1986). Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), 2001.

¹⁵ TUNES, Suzel Magalhães. **O Pregador Silencioso**. Ecumenismo no jornal Expositor Cristão (1886-1982). Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

¹⁶ ADAMOVIKZ, Ana Lúcia C. **Imprensa Protestante na Primeira República**: Evangelismo, informação e produção cultural. O Jornal Batista (1901 – 1922). Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras, História e Ciências. Universidade de São Paulo, 2008.

¹⁷ PIRES, Sandra Maria da Cunha. **A imprensa Periódica Missionária no Período do Estado Novo (1926-1974)**. Dissertação de Mestrado em História. Lisboa: ISCTE-IUL, 2010.

¹⁸ OLIVEIRA, Daiane Rodrigues de. **No SPA com Deus**: uma análise discursiva da revista Visão Missionária. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2012.

Nossa abordagem será permeada por uma postura questionadora ao se deparar com esses documentos, pois é fato que as fontes só falam mediante as perguntas feitas pelo pesquisador. Pois, o conhecimento que

[...] o historiador vier a adquirir dependerá evidentemente daquela ou daquelas perguntas que ele preferir aprofundar e essa escolha, por sua vez, será diretamente função da sua personalidade, da orientação do seu pensamento, do nível de sua cultura, a filosofia geral, enfim, que lhe assegurar as suas categorias mentais e os seus princípios de juízo (MARROU, 1975, p. 58).

Convém indicar que a leitura do passado que orienta este texto encontra-se dialeticamente imbricada com questões do presente. Assim que, nesta perspectiva histórica, o saber histórico resulta do conhecimento do passado textualizado, permeado de intervenções e interdições. Ou seja,

é necessário lembrar que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise de documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente. Com efeito, tanto uma quanto a outra se organizam em função de problemáticas impostas por uma situação. Elas são conformadas por premissas, quer dizer, por “modelos” de interpretação. (CERTEAU, 2000, p. 33).

É vero que nossa pesquisa passa pela história denominacional adventista, no entanto, cômico de nossa proposta adotamos procedimentos metodológicos no sentido de estabelecer uma distância entre nossa abordagem e a defesa de perspectivas teológicas e afirmações doutrinárias características do fiel convicto ou mesmo daqueles que empreendem pesquisas comprometidos com as amarras denominacionais. Ao mesmo tempo em que buscamos compreender as ações dos adventistas nestas terras optamos por uma abordagem que parte de uma auto-compreensão da igreja acrescida por considerações advindas de análises que consideram-na inserida em uma realidade temporal e espacial. No entanto, é irremediável afirmarmos que ao selecionar as fontes disponíveis, organizar os documentos, optarmos por certo tipo de abordagem teórico-metodológica em certa medida estamos interferindo na própria pesquisa que efetuamos, pois que

O trabalho do historiador, portanto, fica em dependência de sua personalidade, de sua cultura e de suas convicções, privilegiando questões e organizando os documentos. Ele não é simples máquina de registrar, mas reestruturador da realidade histórica, sendo a imagem que apresenta menos uma síntese lógica dos dados empíricos e mais uma opção

justificada, baseada numa elaboração qualitativa dos mesmos (WERNET, 1987, p. 11).

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO ADVENTISTA: uma estratégia missionária

Ao longo das páginas desse capítulo intentamos apresentar como a educação adventista, desde a sua concepção e mesmo formulação nuclear de uma filosofia educacional adventista, bem como em sua insinuação no projeto denominacional de inserção em campos missionários foi balizada pelos ditames da *estratégia missionária* (MENDONÇA, 2008). Para tanto, tornou-se necessário apresentar essa hipótese em um texto dividido por tópicos. Assim que, a ideia que permeia o capítulo é indiciar os elementos que corroboram para compreender a educação adventista, enquanto *estratégia de missão*, especialmente na formação de seus obreiros com vistas à atuação no campo missionário.

Todavia, cabe antecipar que a categoria de análise *estratégia missionária* é mobilizada nas próximas páginas sem necessariamente apresentar-se amarrada e devedora a um teórico em especial, o que por sua vez tornou-se bastante profícuo para nossa abordagem. Desta forma, indicamos que o nosso uso da categoria encontra-se imbricado por uma concepção com nuances de apropriação tópica (CATANI; CATANI; PEREIRA, 2001). Para tanto, indicamos que a categoria de análise será mobilizada nas mais diversas acepções do conceito e “[...] em diferentes graus de intensidade, para reforçar argumentos ou resultados obtidos e desenvolvidos em um quadro terminológico que não necessariamente se filia ao do autor” (CASSAB, 2010, p. 243). Deste modo, a categoria *estratégia missionária* receberá um alargamento a fim de que em nosso uso teórico ela indique muito mais do que simplesmente meio ou canal de inserção, mas evidencie outras nuances.

Assim sendo, nos tópicos que compreendem esse capítulo buscaremos evidenciar como a educação adventista desde a época de sua incipiência foi concebida permeada pelos fios da *estratégia missionária*, seja com um viés de mobilização para a manutenção identitária, seja para o proselitismo em território considerado para missão. Por conseguinte, cumpre-nos indicar que quando abordamos *Ellen G. White e o Seu Tempo: ideias pedagógicas*, não estamos interessados em indicar o nível de influência de tais ideias no

pensamento whiteano, nem mesmo balizado por uma metodologia de educação comparada com o objetivo de empreender análise comparativa, antes de tudo, nosso intento é por meio de levantamento bibliográfico indicar as possíveis relações que podem ser estabelecidas entre o pensamento whiteano sobre educação e as ideias pedagógicas de seu tempo, o que de certa forma contribui para pensar que a mesma apropriou-se de conceitos e os mobilizou à sua maneira para empreender uma filosofia educacional denominacional.

No tópico *Educação Adventista: uma proposta*, objetivamente, não nos propusemos a marcar o ineditismo da proposta educacional desta confissão religiosa, mas por meio de uma análise do primeiro escrito de Ellen G. White, *A Educação Apropriada*, apontar aqueles que podem ser os elementos basilares da concepção whiteana de educação que foram assumidos pela denominação em sua filosofia educacional. Ao fim do mesmo pretendemos deixar evidente que, ainda em seu primeiro escrito sobre educação, um olhar detido e leitura atenta revelam indícios que a caracterizam como uma pensadora que tece seus comentários e conselhos por um fio latente da *estratégia missionária*, pois que a mesma vislumbrava uma mensagem denominacional que para poder influenciar as sociedades dos campos missionários prescindia de um sistema de ensino apropriado que conjugasse o preparo do obreiro alinhado às expectativas denominacionais, mas que estivesse balizado por uma estrita concepção escatológica que se desdobra em uma auto compreensão profética.

Em *As Escolas de Treinamento* nos propomos a revisitar momentos da história do *Battle Creek College* a fim de assinalar os princípios que balizaram a formação dos obreiros desde seu início, o que de certa forma nos fornecerá uma compreensão acerca deste filão do empreendimento educacional adventista, as *Escolas de Treinamento*. Afinal, o *Colégio / Seminário Adventista Brasileiro* radicado em São Paulo é um autêntico representante deste filão em terras brasileiras.

As linhas que compõem o tópico *A Educação Adventista no Brasil* apresentam que esse empreendimento denominacional chegou ao Brasil balizado pelo *protestantismo de missão* com nuances de imigração, a forma como o mesmo se insinuou nestas terras desde a época de sua estreita relação com as comunidades étnicas germânicas do sul do Brasil até a época da instalação de uma instituição de formação de obreiros denominacionais em

São Paulo caracterizam-no como um instrumento mobilizado pelos líderes denominacionais em cumprimento da missão adventista, cujo itinerário do empreendimento adventista está conformado nos ditames da *estratégia missionária*.

Por sua vez, no tópico *O Colégio Adventista Brasileiro (CAB): contextualizando* presta-se ao objetivo de assinalar o contexto que balizou a opção dos líderes denominacionais adventistas em investir intensivamente em São Paulo, a ponto de fazer deste estado o centro que irradiaria sua influência em direção a outras partes do território, especialmente pela formação de obreiros que seria ofertada pelo *Colégio Adventista Brasileiro / Seminário*. Ainda nesse tópico apresentaremos elementos que nos possibilitarão acentuar a compreensão de que a fundação dessa instituição educacional e seu programa de formação dos obreiros esteve desde o início conformada pelos moldes da *estratégia missionária*.

A história denominacional adventista atesta que a educação foi um dos últimos empreendimentos (KNIGHT, 1983) na institucionalização dessa denominação religiosa. A priori a educação era considerada pelos pioneiros dessa denominação como a negação de uma das suas crenças fundantes, o iminente retorno de Jesus. Tamanha era a ênfase no retorno de Jesus à Terra em seus dias, que a educação ainda que comum e básica era relativamente sem importância (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009).

Posto que, os pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) advinham de um dos grupos remanescentes do *Grande Desapontamento de 1844*¹⁹ do movimento milenarista patenteou-se entre eles uma compreensão que indicava que a preocupação com a educação evidenciava a negação do retorno de Cristo. Tal mentalidade permeou a liderança do grupo por cerca de quase uma década após o *Grande Desapontamento*.

A investida em educação entre os adventistas começou de forma espontânea entre a membresia sem receber a devida atenção daqueles que estavam na liderança do movimento religioso. Por ocasião do ano de 1853,

¹⁹ Há diversas abordagens referentes ao tema em questão, no entanto tendo em vista o objetivo de tornar conhecido a compreensão denominacional acerca do evento sugerimos a leitura do texto *1844: coincidência ou providência?* que se encontra disponível em: <http://dialogue.adventist.org/articles/18_3_dupreez_p.htm>. Acesso em: 14 fev. 2015.

Martha Byinton iniciou uma escola paroquial para crianças de famílias da igreja de Busck's Bridge²⁰, Nova Iorque.

La escuela duró três años, y cada año tuvo un maestro diferente. Este primer intento de brindar educación adventista se produjo siete años antes de que se organizara la denominación, por lo que no contaba con el apoyo oficial. Dependía de lo padres el organizar escuelas, si realmente quería acerlo (GREENLEAF, 2010, p . 17).

Ao longo das décadas de 1850 e 1860 o movimento adventista testemunhou poucas iniciativas de intentos de fundar escolas denominacionais, todavia de curta duração. Aliado a isso, soma-se publicações pontuais de Tiago White e Ellen White²¹ sobre a importância da educação dos filhos por parte dos pais. Tal realidade indicava o fato de que a educação era inicialmente concebida como um assunto de família, sem a responsabilidade da igreja.

É imprescindível apontar o lugar marginal ao qual a historiografia adventista reservou à Martha Byinton e às iniciativas de famílias adventistas referentes à abertura de escolas antes do patrocínio oficial a este empreendimento. Isso nos faz questionar acerca da construção historiográfica quer seja no âmbito denominacional ou fora dele. A que se prestam tais silenciamentos? Como se constrói uma memória denominacional? Quem são os que protagonizaram na história da educação adventista?

²⁰ Pouco se sabe sobre Martha Byington, o que se comumente se registra na história denominacional é o fato dela ter sido filha de John Byington (1798 - 1887), o primeiro presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Acerca do que representou a iniciativa de Martha Byington, a mesma é referida apenas pontualmente em alguma linha do tempo sobre a Educação Adventista. Poucas informações podem ser obtidas em: GREENLEAF, Floyd. Calendário da Educação Adventista do Sétimo Dia. **Revista de Educação Adventista**, n. 22, 2006, p. 08 – 13. Disponível em:

<<http://circle.adventist.org/files/jae/po/jae2006po220806.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2015; BROWN, Walton J. **Chronology of Seventh-day Adventist Education: century of adventist education, 1872 – 1972**. Washington: Department of Education, General Conference of Seventh-day Adventist, 1972. Disponível em: <<http://education.gc.adventist.org/documents/Chronology%20of%20Seventh-day%20Adventist%20Education%201872-1972%20Brown.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

²¹ Este casal desempenhou um papel de grande relevância na fundação e desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, seja por sua atuação enquanto líderes do movimento religioso em seus primórdios, seja pela influência que exerceu sobre aqueles que tinham a responsabilidade de conduzir a instituição. Algumas obras aprofundam essa compreensão, dentre elas destacamos as seguintes: DICK, Everett. **Fundadores del Mensaje**. Buenos Aires, Argentina: ACES, 1995; WHEELER, Gerald. **James White: Innovator and Overcomer**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing, 2003; KNIGHT, George R. **Conozcamos a Elena de White**. Miami, FL: APIA, 2001; DELAFIELD, D. A. **Elena G. de White y la Iglesia Adventista**. Nampa, Idaho: PPPA, 1965.

Para além das questões levantadas no parágrafo acima e dado o hiato que se configura entre o registro histórico da primeira escola adventista funcionando em lar adventista (Buck's Bridge dirigida por Martha Byington) e a abertura da primeira escola oficialmente denominacional, indicamos a existência de um movimento²² não coordenado no interior da membresia que depois ganhou lugar na “escrita” e na “voz” de Ellen e Tiago White, mas que representava um desejo leigo a ser posteriormente contemplado pelas lideranças religiosas. O que aqui indicamos certamente é apresentado de forma velada na história denominacional, mas pode ser remetido como o presente ausente a ser construído na historiografia da educação adventista.

Os esforços denominacionais só se evidenciaram a partir da década de 1870, especialmente após a organização denominacional de 1863 e o aparente sucesso de uma iniciativa leiga de uma escola paroquial patrocinada pela comunidade adventista de Battle Creek, Michigan. Em pouco tempo, a escola dirigida por Goodloe Harper Bell (1832-1899) despertou a atenção, de forma que Tiago e Ellen G. White passaram a sugerir à liderança denominacional que a IASD necessitava de uma escola oficial.

Neste ponto torna-nos irremediável interrogar-nos sobre o fato de que a educação adventista ter sido o último empreendimento formal no meio denominacional. Há os que indicam que a ênfase no imediato advento de Jesus à Terra não se coadunava com o investimento em educação, outros por sua vez pesam o argumento no fato de que no arcabouço sócio-histórico do adventismo a educação constituiria o seu lugar em diálogo com o desenvolvimento do grupo religioso. Todavia, temos que apontar para o fato de que de certa maneira a liderança denominacional acreditava cumprir algum objetivo educativo por meio da *educação religiosa* que se efetivava através de encontros semanais por ocasião do ajuntamento de crentes no serviço litúrgico da Escola Sabatina por meio das lições semanais, como também por meio das páginas do periódico denominacional *Youth's Instructor*²³ que, desde o início se

²² Ao consultarmos os compêndios denominacionais de história da educação adventista é possível localizar registros de escolas (*home school*) funcionando em lares adventistas antes da inauguração de uma instituição oficial especialmente entre os anos de 1853 e 1867, o que nos oportuniza fazer desses registros indícios de um “movimento”.

²³ As edições desse periódico denominacional datam de 1852 até meados dos anos de 1970. Tais edições encontram-se digitalizadas e disponíveis em:

propunha a ensinar os jovens os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, e, assim, ajudá-los a uma compreensão correta das Sagradas Escrituras.

De grande influência para o estabelecimento do empreendimento educacional no meio denominacional adventista foi o escrito de Ellen G. White,²⁴ *A Educação Apropriada*. Resultante de sua primeira visão acerca do tema, ela aborda o caráter distintivo que deveria marcar a educação adventista. Cabe indicar que:

Sua declaração sobre a “A Devida Educação” possui três seções. A primeira tem que ver com a importância da educação, a diferenciação entre educação e treinamento e a exposição da disciplina como autodomínio. A segunda fala da educação física e do trabalho manual com relação à educação tanto no lar como na escola. É no final dessa seção que a senhora White afirma que os adventistas devem ser “reformadores educacionais”. Finalmente, a terceira parte considera o ensino da Bíblia e as áreas comuns para aqueles que se preparam para o ministério (STENCEL, 2004, p. 13).

Assim sendo, a declaração de Ellen G. White de 1872 acerca da educação e o influxo que a mesma representou transformou-se em um marco na história da educação adventista, de modo que, nessa época foram lançados os primeiros rudimentos para o que depois se afirmou como filosofia da educação adventista.

A instância administrativa denominacional, Associação Geral adotou a escola de Goodloe Harper Bell e a inaugurou em 3 de junho de 1872 como sendo a primeira escola oficial adventista. As palavras de Uriah Smith proferidas por ocasião da inauguração da escola evidenciam o propósito que a educação adventista deveria representar no espectro denominacional, pois que “[...] como a mostarda entre as plantas, esperamos que esta escola ocupe um lugar importante entre as instituições em funcionamento para o avanço da verdade”²⁵ (SMITH, 1872, p. 204). O que podemos inferir acerca do transcorrer

<<http://docs.adventistarchives.org/documents.asp?CatID=63&SortBy=1&ShowDateOrder=True&offset=0>>. Acesso em: 15 mar. de 2015.

²⁴ Para entender a força estruturante da influência de Ellen G. White para o surgimento e consequente desenvolvimento da IASD, como também à sua institucionalização pode-se ler: CARVALHO, Francisco Luiz G. Ellen G. White e a Igreja Adventista do Sétimo Dia: carisma e dominação carismática. **Estudos de Religião**, v. 27, nº 1, Jan-Jun, p. 123-136, 2013. Disponível em:<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/issue/view/265>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

²⁵ Original: “As the mustard among plants, we expect this school will come up to occupy an important place among the agencies in operation for the advancement of the truth”.

dos eventos iniciais na história da educação adventista que aparentemente culmina com a inauguração de uma instituição oficial refere-se a nosso ver à efetivação, ainda que pontual de uma demanda interna ao grupo que ora se apresentou por meio das *home school*.

No entanto, o investimento nesse empreendimento denominacional requeria na época uma imbricada concepção que relacionasse a ênfase na principal crença advogada pelos adventistas e a justificativa para tal instituição como ramo da estratégia missionária denominacional, seja para o fortalecimento da perspectiva identitária, seja para subsidiar as intenções evangelizadoras da denominação. Nesse esteio, tornamos conhecido o que assinala Smith (1872) quando afirma que:

Eu não vejo o movimento como uma negação prática da nossa fé. Fora o período de advento de nosso Senhor adiada por alguns anos, a falta de tal instituição seria seriamente sentida. Por outro lado, se sua vinda ocorrer dentro de um ano, penso que ainda há vantagens a serem colhidas a partir de um movimento como esse que compensa toda a premeditação e do trabalho que há de se impor²⁶ (p. 10).

É pertinente asseverar que o propósito inicial dessa proposta de empreendimento institucional era iminentemente estratégico do ponto de vista missionário, posto que o mesmo era balizado pela intenção denominacional de formar “[...] homens e mulheres para proclamar a terceira mensagem angélica”²⁷ (BUTLER, 1873, p. 181).

Cabe nesta altura já assinalar os contornos iniciais do que defendemos ser estratégia na efetivação desse empreendimento denominacional. Afinal, enquanto para a membresia por meio de suas iniciativas tal empreendimento evidenciava uma demanda por educação de primeiras letras, a liderança denominacional já o balizava pela perspectiva da instrumentalização missionária, muito além do que a simples manutenção identitária. Por isso que, a primeira instituição oficialmente patrocinada teve como público alvo estudantes cuja formação acadêmica os preparasse para tomar parte ativa na

²⁶ Texto original: “I do not look upon the movement as a practical denial of our faith. Were the period of our Lord's advent deferred for a few years, the want of such an institution would be seriously felt. On the other hand, if his coming should occur within one year, I think there are still advantages to be reaped from such a movement that would compensate for all the forethought and labor it would impose”.

²⁷ Texto original: “[...] men and women to proclaim the third angel's message”.

disseminação da mensagem adventista. Além do mais, destacamos outros dois aspectos que auxiliam na conformação desse empreendimento sob os ditames da estratégia missionária: a) a localidade de inauguração da primeira instituição correspondia ao centro do poder do movimento, Battle Creek; b) a atenção que recebeu tal instituição em termos do que uma escola adventista deveria realizar.

No ano de 1874 foi estabelecida como entidade legal a *Sociedade Educacional Adventista do Sétimo Dia*, de forma que esforços foram empreendidos no sentido de ampliar a escola de Battle Creek a fim de atender a demanda que havia aumentado consideravelmente. Assim, em 4 de Janeiro de 1875 tomou lugar os serviços oficiais de dedicação do *Battle Creek College*, instituição essa capaz de abrigar 400 estudantes e uma multiplicidade de classes. Os interesses dos líderes denominacionais acerca dessa instituição convergiam “[...] nas esperanças de que muitos dos estudantes do colégio aprendessem línguas estrangeiras a fim de levar as três mensagens angélicas para outros países e povos” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 125).

A despeito do teor propagandista a respeito da instituição educacional de Battle Creek e das elevadas expectativas dos líderes denominacionais, a história do empreendimento em questão evidenciou constantes embates acerca da viabilidade prática dos princípios formulados por Ellen G. White para a educação adventista. Dentre as tônicas embativas encontravam-se a dificuldade de incluir um programa de trabalho no currículo escolar, como também tornar o currículo voltado para a Bíblia, de modo que os estudos clássicos fossem preteridos às matérias práticas (DOUGLAS, 2001).

O que se propugnava denominacionalmente indicava que a instituição de Battle Creek deveria preparar obreiros ensinando-os idiomas que subsidiassem espalhar o adventismo entre os povos que não falavam inglês. No entanto, dado o caráter incipiente da pretensa filosofia educacional adventista, não demorou muito para que dúvidas tomassem lugar na pauta de como formular planos de estudos que cumprissem os ideais propostos na carta régia da educação denominacional, *A Educação Apropriada* escrita por Ellen G. White.

Todavia, apesar das deficiências da instituição educacional de Battle Creek, Ellen G. White declarou em 1880 que o colégio representava um dos

maiores meios ordenados por Deus para a salvação de almas, e que o trabalho de salvação de muitos certamente passavam pela formação dos obreiros ofertada pela instituição. Para tanto, era imprescindível manter os princípios distintivos da educação adventista alinhados à visão denominacional, a fim de que fosse evitada a discrepância entre a filosofia professada e a prática educacional. Tais indicações foram de grande valia para as novas instituições que sucederam o *Battle Creek College*.

No tópico abaixo o objetivo é apresentar Ellen G. White e seu papel no meio denominacional, bem como marcar que as suas concepções acerca da educação podem ser referenciadas a correntes teórico-pedagógicas que lhe foram contemporâneas, mas, para além disso, objetivamos entrever princípios singulares que a mesma esboçou para o seu grupo confessional.

Ellen G. White e o seu tempo: ideias pedagógicas

Quem foi Ellen G. White (1827-1915)? Qual a sua contribuição para o desenvolvimento institucional adventista? Essas e outras questões orientam aqueles que empreendem pesquisa acerca da Igreja Adventista do Sétimo Dia, como também no que se ao pensamento pedagógico sustentado por essa denominação. Posto que o nosso escopo é limitado, apresentaremos de forma breve essa personagem de grande relevância para a educação adventista, afinal a pedagogia adventista encontra-se fontalizada em seus escritos e estreitamente comprometida com sua filosofia.

A organização e o desenvolvimento institucional adventista encontram-se inseparavelmente integrados à incontestável força orientadora de Ellen G. White. Referente a essa estreita relação conforme indicada acima, Douglas (2001) evidencia que: “O ministério de Ellen White e o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia são inseparáveis. Tentar entender um sem o outro tornaria ambos ininteligíveis e inexplicáveis” (p. 182).

No entanto, nosso objetivo principal é além de indicar a relação de seu pensamento educacional com as ideias pedagógicas que lhe foram contemporâneas, apresentar que a mesma elabora de maneira singular o seu pensamento evidenciando os elementos que caracterizam a educação enquanto instrumento de *estratégia missionária*.

De início podemos informar aos leitores o que sumariamente um prefácio de uma obra propagandeia a denominação adventista à sua membresia e simpatizantes quando afirma que Ellen G. White é

[...] considerada como a autora Americana mais traduzida, tendo sido as suas publicações traduzidas para mais de 160 línguas. Escreveu mais de 100.000 páginas numa vasta variedade de tópicos práticos e espirituais. Guiada pelo Espírito Santo, exaltou Jesus e guiou-se pelas Escrituras como base da fé (WHITE, 2007, p.i).

Nascida em 26 de novembro de 1827 em Gorham, Estado do Maine, tendo recebido desde os primeiros anos a influência religiosa de sua família cujos membros faziam parte da Igreja Metodista Episcopal. No entanto, à medida que os anos se passaram e diante de um aprofundamento da vida religiosa de Ellen G. White chegaram os anos em que seu entendimento acerca de questões religiosas passaram a balizar suas decisões. Exemplo disto, foi o que aconteceu acerca do seu batismo que, para alguns deveria ser o de aspersão, mas que para ela deveria ser o de imersão.

[...] eu, juntamente com vários outros, fiz profissão de fé na igreja. Preocupava-me bastante o assunto do batismo. Jovem como era, não podia ver senão uma única maneira de batismo autorizada nas Escrituras, e essa era a imersão. Algumas de minhas irmãs metodistas procuraram em vão convencer-me de que a aspersão era batismo bíblico (WHITE, 2007, p. 21).

Chama-nos atenção o que Ellen G. White enfatiza quando descreve a sua experiência religiosa por ocasião de seu batismo, pois que de certa forma reelabora para si o que se assevera como tendo acontecido com Jesus segundo o relato bíblico. Diz ela,

[...] em número de doze, fomos ao mar para sermos batizados. Quando saí da água, sentia-me quase sem forças, pois o poder do Senhor repousava sobre mim. Senti que dali em diante não era deste mundo, [...] (WHITE, 2007, p. 20 e 21).

Ao longo dos anos de sua juventude, tanto ela quanto a família entraram em contato com a mensagem do advento de Jesus pregada pelo movimento milerita, de modo que após diversos estudos e frequência às reuniões públicas e visto que a família estava profundamente interessada na doutrina da próxima vinda do Senhor, um ministro metodista os visitou e lhes proferiu uma séria advertência.

[...] o ministro metodista fez-nos uma visita especial, e aproveitou a ocasião para nos informar de que a nossa fé e o metodismo não poderiam andar de mãos dadas. Ele não indagava as razões por que críamos, tal como fazíamos, nem recorria à Bíblia a fim de nos convencer de erro; declarava, porém, que adotáramos uma nova e estranha crença que a igreja metodista não poderia aprovar (WHITE, 2007, p. 43).

Do que foi dito até aqui nesse tópico acerca de Ellen G. White oferecemos elementos para emoldurarmos um entendimento referente à vida da personagem que contribui para marcar, mesmo que em nuances, aspectos que balizam o chamado e a conversão na vida da mesma. Tais marcadores iluminam o sentido da recriação de uma identidade, que neste caso conformam uma nova consciência demarcada numa série de atitudes e num horizonte de significação (BONINO, 2002).

O que a história atesta é que Ellen G. White rompeu com o Metodismo e aderiu ao movimento milerita, exercendo influência especialmente em um dos grupos remanescentes do Desapontamento vivido em 1844, verificado pelo não retorno de Jesus à Terra conforme propagandeado pelo Movimento. Fazendo parte de um desses grupos, a jovem Ellen se insinua como protagonista ao afirmar que tinha recebido visões e sonhos divinamente orientados. Há que se relevar que no seu caso, o conteúdo da visão e as manifestações físicas que acompanhavam as revelações foram considerados como importantes condicionantes para uma possível aceitação por parte da comunidade de fé. Deste modo, “[...] os fenômenos reasseguravam a muitos, mas não a todos, que as mensagens eram enviadas por Deus” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, 63). Segundo Douglas (2001), com frequência as visões públicas transformavam céticos e/ou adversários em crentes, de modo que atribuíam a manifestação sobrenatural à atuação divina. A manifestação da profetisa foi vista inicialmente como providência divina de consolo e guia, visto que

[...] durante a confusão e o desespero que se seguiram ao dia 22 de outubro de 1844, Deus Se aproximou de Seu povo. Por meio de uma adolescente, Ele o animou a reestudar a Bíblia e o instruiu a ouvir Seu conforto e fortalecimento. Por meio da jovem Ellen Harmon, a perplexidade e a tristeza que envolveram o Grande Desapontamento de 22 de outubro logo se mudaram em esperança e ânimo (DOUGLAS, 2001, p. 39).

Desta forma, aos poucos Ellen G. White foi estabelecendo o seu lugar no meio religioso, a princípio por meio de mensagens afirmativamente

consideradas divinas e que revelavam um conteúdo de ânimo, renovação da confiança, conforto e fortalecimento. Desta forma, para os primeiros adventistas sabatistas o dom profético de Ellen G. White consistia mais em um sinal e função especial do que uma doutrina (TIMM, 2002).

No entanto, mesmo antes da organização da IASD em 1863 e sua consequente sistematização de crenças defendidas pela denominação, o papel desempenhado por Ellen G. White no círculo denominacional, pode ser compreendido como atuante na conformação e correção dos rumos doutrinários, bem como no apontamento de investimentos institucionais para o cumprimento da missão. Tanto que, a despeito da organização e estabelecimento da autoridade eclesiástica a influência de Ellen G. White constituiu-se como agência disciplinadora do corpo de crentes, atuando como ponto de arregimento dos fiéis que, por sua vez contribuía para o estabelecimento de um núcleo de crentes ordenado, disciplinado e dirigido (SPALDING, 1961).

Segundo Douglas (2001), a história denominacional atesta que Ellen G. White esteve “[...] muitas vezes à frente dos líderes do movimento, não apenas em percepções teológicas e suas aplicações práticas, mas também na constante insistência por unidade e organização” (p. 183). Assim que, o estabelecimento de instituições educacionais, médicas, de publicações²⁸ no meio denominacional adventista é em muito resultante das orientações de Ellen G. White providas de suas visões e sonhos, e especialmente referente aos seus escritos.²⁹ As constantes visões e sonhos contribuíram para legitimar a intervenção e aconselhamentos de Ellen G. White, de modo que com o passar do tempo seus escritos adquiriram caráter de autoridade e relevância até constituírem-se em critérios balizadores ou mesmo julgadores de temas recorrentes ou inéditos no meio denominacional. Posto que,

[...] sua influência vive através das milhares de páginas de seus escritos e no imortal espírito de divina conquista que possuía. Verdadeiramente, ela estando morta, ainda fala e seu

²⁸ Para obter informações atualizadas acerca das instituições adventistas acesse: <<http://dventisarchives/docs/ASR/ASR2009.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

²⁹ Para informação acerca das visões e sonhos, ler o *Apêndice D Lista Parcial das Visões de Ellen G. White* onde há uma seleção de visões que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da teologia e organização adventista (DOUGLAS, 2001, p. 546-549).

magnificante espírito de liderança marcha à frente do povo de Deus (DICK, 1994, p. 178).

A influência whiteana sobre o desenvolvimento institucional e pensamento teológico contribuiu de forma consistente no meio denominacional adventista, tanto que é possível apreender o fato de que os adventistas recobram sua história atribuindo protagonismo aos escritos de Ellen G. White, considerada a mensageira divina. Nesta direção Oliveira Filho (2004) sublinha que

Os adventistas recobram sua história através de uma cronologia que a classifica segundo dois critérios de codificação: a apreensão progressiva das “verdades fundamentais”, por pastores e leigos orientados por “missão” divinamente inspirada nos “testemunhos” da “mensageira da Igreja Remanescente” – e pelas várias eras de crescimento da “obra, a expansão do movimento de um pequeno grupo à forma de organização centralizada de que hoje dispõem (p. 157).

Afirmamos que a pessoa de Ellen G. White é de relevante importância na compreensão da educação para essa denominação, e com o passar dos anos tal denominação buscou sistematizar sua própria pedagogia, sempre evidenciando que a mesma encontra-se iluminada pela teologia adventista, além de apresentar-se intrinsecamente relacionada com os principais conceitos esboçados nos escritos de Ellen G. White. Dessa forma, é patentemente

[...] impossível compreender a educação adventista, quer atual ou histórica, sem entender o papel e o impacto das idéias de Ellen White sobre o seu desenvolvimento. Ela não foi apenas uma figura central nesse desenrolar, mas a principal líder adventista que se distinguiu desde o início até o fim do período formativo do sistema educacional (por volta de 1910) (KNIGHT, 1983, p 23).

De antemão deixamos previamente apresentado que o ânimo e interesse denominacional pela educação deve ser entendido numa dialética que considere o espírito de reforma que reanimava a sociedade norte-americana pelo progresso da educação no século XIX. Neste espectro buscaremos nas próximas linhas assinalar que, no meio denominacional adventista para todos os efeitos “[...] os princípios educacionais foram desenvolvidos, por um lado, dentro do contexto das tentativas do século dezenove de reformar a educação [...]” (DOUGLAS, 2001, p. 344).

Se na perspectiva denominacional os escritos de Ellen G. White são apresentadas como um foco de ineditismo, uma mirada ao mundo que lhe foi contemporâneo oferece elementos que nos indicam que em “[...] muchos sentidos ella reflejó los cambios que se estaban produciendo en la sociedad de su época” (GREENLEAF, 2010, p. 21).

Por ocasião do século XIX os ventos de reforma na educação sopravam tanto na Europa como também nos Estados Unidos da América. Assim que, quando em 1872 em seu primeiro ensaio sobre educação, Ellen White identificava os adventistas como reformadores, de certa maneira ela dialogava com as correntes filosóficas educacionais que lhe foram contemporâneas, bem como reformulava para o seu grupo confessional elementos que caracterizavam o perfil nacionalista e a conduta patriótica da sociedade norteamericana. Afinal, “[...] os norteamericanos del siglo XIX se alimentaron intelectualmente de esta sabiduria que ayudó a crear un modo de pensar de corte nacional y protestante” (GREENLEAF, 2010, p. 22), cuja estratégia revelava a intenção de construir uma América do Norte protestante (KNIGHT, 1995).

A reforma educacional que se empreendeu nos Estados Unidos evidenciou que o protestantismo valeu-se da estratégia da “América Cristã”, a fim de aliar os seus esforços civilizatórios à mentalidade que ratificava a religião na perspectiva nacional. Desta forma, diversos

[...] protestantes na América, em 1890, viam a si mesmo como pertencendo a uma religião nacional, uma religião civilizatória. Mais do que podia supor, evangélicos estavam convencidos que a sua civilização cristã esta na rota da vitória e perfeição. [...] protestantes investiram mais e mais nas suas esperanças no progresso da civilização e no avanço de uma nação cristã (HANDY, 1971, p. 115).

Os estudiosos da educação adventista têm afirmado que, mesmo que guardadas as devidas proporções os reformadores Horace Mann (1796 – 1859), John Lock (1632-1714), Jean Jacques Rosseau (1712-1779), Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) e Friedrich Froebel (1782 – 1852) foram os que mais influenciaram o pensamento educacional adventista, de modo que cabe a esses dedicar algumas linhas para explicitar o toque de suas influências (GREENLEAF, 2010; SCHWARZ; GREENLEAF, 2009; KNIGHT, 2004; SILVA, 2001; GROSS; GROSS, 2012). Nas linhas que se seguem apresentaremos

sumariamente as ideias nucleares dos teóricos citados acima que, na perspectiva dos estudiosos da educação adventista podem ser aludidos enquanto influentes na configuração do ideário educacional adventista.

Horace Mann (1796 – 1859) introduziu nos Estados Unidos a ideia de que a educação deveria ser pública e de baixo custo e, posto que as escolas norte-americanas eram em sua maioria ligadas às instituições religiosas ele ecoou a importância de um sistema de ensino fundamental público no qual as crianças dentre outras coisas pudessem aprender fisiologia e obter educação prática (DOUGLAS, 2001). Além do mais,

Demostró tener fé en el poder de la educación que había surgido del pensamiento francés del siglo dieciocho, fundado en la bondad inherente a la naturaleza humana. Si el hombre era bueno por naturaleza, entonces él y el mundo entero podrían ser transformados a través de una educación universal (KNIGHT, 1995, p. 183).

É fato que um estudo dos escritos de Ellen G. White apresenta que a mesma leu autores contemporâneos para informar-se e obter ideias adicionais, todavia, acerca da influência de Horace Mann há uma indicação clara em uma carta escrita a seu filho Edson, na qual ela solicita que o mesmo a envie alguns de seus livros que estavam em Battle Creek, dentre estes obras de Horace Mann (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009). A carta não mencionava especificamente qual a obra de Mann ela se referia, no entanto a leitura conjunta dos escritos whiteanos com obras de Mann indicam que apesar do toque particularmente adventista da filosofia de educação denominacional,

Las ideas que las instituciones educativas compartían con Mann incluían los valores Morales como parte de la instrucción áulica, el derecho inherente de las personas a la educación, el carácter participativo de las actividades del salón de clases, y el beneficio elevador que la sociedad podía recibir de un público educado (GREENLEAF, 2010, p. 48).

Por sua vez, John Locke e a filosofia que pôs a circular deslocava o pensamento contra o inatismo e exaltava a aprendizagem como potencialidade a ser fomentada. Para ele era imprescindível incluir no esquema educacional “[...] instrução nas habilidades mecânicas e agrícolas” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 114), o que, por sua vez auxiliaria a preparar os estudantes para a vida prática.

Jean Jacques Rousseau (1712 – 1778) defendeu a tese de que o homem nascia bom, mas a sociedade o pervertia. Em sua obra, *Emilio*, ele descreveu a educação ideal, que segundo ele deveria conter instrução sobre agricultura de forma que as crianças fossem preparadas para uma vida simples numa sociedade ideal. As suas obras centralizam o tema da infância na educação. Seu pensamento representou uma tentativa radical de estabelecer as bases para uma *pedagogia da existência*, segundo a qual a vida fosse considerada em suas diversas fases (GROSS; GROSS, 2012).

Johann Heinrich Pestalozzi (1746 – 1827) defendeu que a educação deveria ser menos aquisição de conhecimento e mais desenvolvimento psíquico dos estudantes, enfim, uma educação que considerasse a mente, coração e as mãos. Para ele, o sentimento religioso deveria ser despertado nas crianças desde os primeiros anos e, sobre a mãe recaia a responsabilidade primária de educação dos filhos. Além do mais, a educação deveria oferecer elementos para que os estudantes cultivassem a fé e a moral (GADOTTI, 1999).

Friedrich Fröbel (1782 – 1852) foi um profícuo pensador da educação e, para ele, as atividades enriqueciam o conhecimento humano e a educação deveria contribuir para a harmonia entre o homem, Deus e a natureza. Idealizador dos *jardins de infância*, Fröbel considerava que o desenvolvimento das crianças deveria relacionar as atividades espontâneas, atividades construtivas (trabalho manual) com o estudo da natureza. Em suma, para Fröbel o homem é um ser que congrega o divino e o terreno, e a escola deveria ser um local permeado por uma religiosidade (GROSS; GROSS, 2012).

É fato que nesse tópico não se empreenderam esforços teóricos no sentido de inventariar as relações intrínsecas entre os pensadores acima citados e os escritos whiteanos, bem como o estabelecimento do grau de influência que os mesmos exerceram na formulação da filosofia educacional denominacional, no entanto, é possível indicar que o pensamento pedagógico whiteano ressoa ideias nucleares de correntes filosóficas que lhe foram contemporâneas (GROSS; GROSS, 2012).

Ao buscar entender o ideário whiteano acerca da educação adventista em sua dialética com as correntes filosóficas que marcaram a sua contemporaneidade é significativo considerar os experimentos educacionais

empreendidos no *Oberlin College* de Ohio, no qual a ênfase dos estudos alinhavava instrução bíblica e trabalhos manuais, dentre outros diferenciais que a instituição oferecia em sua proposta educacional.

Antes de aprofundarmos as contribuições, bem como a influência do *Oberlin College* para a formulação da filosofia educacional adventista é apropriado explicitar que, mesmo nesta instituição a concepção educacional aplicada não era resultado de ineditismo, mas sim procedente de uma confluência que conjugava elementos de originalidade em relação ao contexto sócio-histórico que emoldurava a época. Assim, cumpre alinharmos-nos ao que aponta Sutherland (2014) quando afirma que “[...] por volta da época em que a escola foi iniciada houve um amplo avivamento intelectual que incluía reformas radicais em métodos educacionais” (p. 43).

Tendo por norte a intenção de evidenciar a singularidade dessa instituição educacional e sua contribuição à educação estadunidense, é possível apresentar que a educação na perspectiva integral (físico, mental e espiritual) foi indubitavelmente a tônica nessa instituição. Enfim, o que se pode sumarizar indica que “[...] el sistema de educación en este Instituto satisfará el cuerpo y el corazón tanto como el intelecto; puesto que apunta a la mejor educación, al hombre en su totalidad” (KNIGHT, 1995, p. 187). Para além disso, cabe apontar que a reforma de hábitos de saúde, currículo focalizado na Bíblia e localização rural da instituição destacavam-se como as principais inovações para a época (SILVA, 2001).

Ao discorrer sobre o *Oberlin College e as Reformas Educacionais Adventistas*, Knight (2004) elencou algumas similitudes entre essa instituição educacional e a formulação da filosofia educacional adventista. Segundo ele, a ênfase no trabalho manual, a importância atribuída à reforma de saúde por meio da educação, a religiosidade como característica relevante da cultura escolar denominacional, a localização rural das instituições educacionais e o lugar de prestígio concedido à Bíblia no currículo escolar são indubitavelmente as principais similitudes entre os ideais propagados pelos fundadores do *Oberlin College* e os rudimentos da filosofia educacional adventista gestada nos escritos whiteanos. Neste esteio, indica-se que:

Um estudo da relação entre o adventismo do século 19 e as reformas do Oberlin demonstra que [...] ambos compartilharam e

contribuíram para um estilo de reformas sociais que dominou as igrejas americanas durante grande parte do século 19. Enquanto Oberlin cronologicamente está no início dessa cruzada, o adventismo encontrou seu lugar nas fases posteriores dessa mesma cruzada. E apesar de diferirem nas motivações teológicas, tanto Oberlin quanto o adventismo combateram os mesmos males e promoveram as mesmas soluções (KNIGHT, 2004, p. 08).

A relação estreita que se pode estabelecer acerca da influência do *Oberlin College* na formulação das ideias nucleares de Ellen G. White para a educação denominacional também passa pelo fato de que Goodloe Harper Bell que esteve à frente da primeira instituição educacional adventista desde a época de patrocínio local pela comunidade de Battle Creeck era um ex-aluno do *Oberlin College* (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009). Apesar do começo (1868) humilde, a escola de Bell despertou atenção da liderança denominacional a ponto de Ellen G. White sugerir que a denominação necessitava de uma escola oficial.

Ao apresentar as correntes pedagógicas que permeavam a época de Ellen G. White, bem como aspectos influentes na formulação dos rudimentos do pensamento educacional denominacional, objetivamos assinalar que ela “[...] sabia bien lo que estaba pasando en la educación de su país” (GREENLEAF, 2010, p. 24). Assim sendo, tanto Ellen G. White quanto os “pioneiros estavam em contato com os temas sociais de seu tempo” (KNIGHT, 2004, p. 8).

Tendo apresentado como Ellen G. White dialogou com as ideias pedagógicas de seu tempo e que permearam distintas conjunturas sociais da história é possível afirmar que tal dialogicidade foi certamente empreendida nos ditames de uma *apropriação conceitual tópica* (CATANI; CATANI; PEREIRA, 2001), de modo que, a mobilização de proposições conceituais é efetuada tendo em vista objetivos e formulações próprios. Cumpre-nos apontar que nosso entendimento acerca da categoria *apropriação conceitual tópica* caracteriza-se pelo fato de permitir a utilização, conquanto não sistemática de conceitos e eventualmente de citações de diferentes autores, contudo possibilitando a quem o faz protagonismo próprio. Afinal,

Nessa forma de apropriação, as aquisições conceituais dos autores podem ser mobilizadas, em diferentes graus de intensidade, para reforçar argumentos ou resultados obtidos e

desenvolvidos em um quadro terminológico que não necessariamente se filia ao do autor (CASSAB, 2010, p. 243).

De certo modo, Ellen G. White dialoga com as ideias pedagógicas que lhe foram contemporâneas sob o espectro da *apropriação conceitual tópica*, mas, em seus escritos acerca da educação conforme adotados pela denominação a mesma deixa entrever que sua filosofia educacional se insinua por meio de formulações próprias, a fim de alcançar objetivos caracteristicamente denominacionais. Para tanto, centra-se numa singular abordagem antropológica filosófica dos estudantes e propõe uma *epistemologia*, segundo a qual o saber é reclassificado, bem como sua “transmissão” se dá por uma mediação ressignificada. Essas são formulações que pretendemos arrolar nas linhas que compõem o tópico abaixo.

Educação Adventista: uma proposta

Nesse tópico tencionamos apresentar que, desde o início do empreendimento educacional denominacional aqueles que estiveram à frente do mesmo seja pela atuação prática, seja pela discussão teórica, o que se pretendia era elaborar uma proposta singular de educação, na qual estivessem presentes elementos caracteristicamente marcantes das crenças adventistas. Nesse esteio, é pertinente assinalar que a filosofia educacional adventista desde a época de sua incipiência lançou as bases para uma abordagem antropológica filosófica do estudante, além de propor um programa educativo congruente com a fé professada pelo grupo adventista marcado por uma compreensão que esboçava o conhecimento sob moldes distintivamente confessional. Para tanto, recorreremos ao primeiro escrito whiteano acerca do tema, *A Educação Apropriada*, além de indiciar elementos significativos entre alguns de seus pares.

O primeiro documento acerca do tema da educação escrito por Ellen G. White intitulado *A Educação Apropriada*, apareceu pela primeira vez como o *Testemunho 22* à igreja. Segundo Greenleaf (2010) essa declaração era uma síntese de um conjunto de visões relacionadas à educação e que foram sistematizadas e organizadas em uma publicação. A primeira publicação saiu

em seis partes de números de dezembro de 1872 a setembro de 1873 de um antigo periódico denominacional, *The Health Reformer*.³⁰

A fim de proporcionar um breve esboço que organiza a declaração de White, como também nos introduz pontualmente à lógica que esquematizou a transposição do conteúdo das visões para o relato escrito acerca delas, Stencil (2004) apresenta a seguinte informação:

[...] a “A Devida Educação” possui três seções. A primeira tem que ver com a importância da educação, a diferenciação entre educação e treinamento e a exposição da disciplina como autodomínio. A segunda fala da educação física e do trabalho manual com relação à educação tanto no lar como na escola. É no final dessa seção que a senhora White afirma que os adventistas devem ser “reformadores educacionais”. Finalmente, a terceira parte considera o ensino da Bíblia e as áreas comuns para aqueles que se preparam para o ministério (p. 13).

Avançando para além do esboço elaborado por Stencil (2004) encontramos no texto whiteano indicações acerca de uma elaborada abordagem antropológica do estudante, de modo que o mesmo seja considerado numa perspectiva que leve em conta as dimensões que a educação deve desenvolver. Afinal de contas, segundo Ellen G. White, “[...] é preciso dar atenção à educação física, mental, moral e religiosa [...]” (WHITE, 2006, p. 132).

De certo modo e à sua maneira, Ellen G. White busca produzir uma antropologia filosófica segundo a qual o ser humano é concebido numa relação intrínseca entre diversas dimensões tecida na rede da religiosidade. No entanto, a fim de elaborar uma concepção de educação confessional sob os moldes da estratégia, Ellen White promove uma somaticidade dessas dimensões a fim de que as mesmas sejam contempladas nos processos

³⁰ Este foi mais um dentre os vários periódicos que os adventistas patrocinaram por muito tempo. Sua primeira publicação data de 1866 tendo sido impresso até o ano 1942, quando já era veiculado sob a nomenclatura *Good Health*. Exemplos desse periódico estão digitalizados e encontram-se disponíveis em:

<<http://docs.adventistarchives.org/documents.asp?CatID=194&SortBy=1&ShowDateOrder=True>>. Acesso em: 24 set. 2014. Há uma obra que revela a importância do assunto da Reforma de Saúde, demonstra que as campanhas de reforma da saúde não eram meros modismos, mas ideologias compostas de uma mistura de ideias religiosas e científicas e temas da cultura popular americana. WHORTON, James C. **Crusaders for Fitness: The History of American Health Reformers**. Princeton University Press, 1982.

educacionais empreendidos nas instituições de ensino adventista, o que por sua vez, contribui para fazer veicular muito mais que conhecimentos.

Além do mais, o estudante deveria ser entendido em sua individualidade, vontade e consciência, posto que desde criança apresenta uma vontade inteligente e aqueles que se ocupam da educação deveriam ter por norte a orientação fundada de que sobre si repousa a responsabilidade de “[...] formar homens e mulheres de sólidos princípios, habilitados para qualquer posição na vida [...]” (WHITE, 2006, p. 135).

Tema de grande recorrência nas orientações de Ellen G. White é a relação saúde e educação, tanto que, em sua perspectiva é cabedal aos professores e pais o conhecimento fisiológico do corpo humano, além deste ser de grande importância desde a educação inicial. Assevera ela que, já na educação inicial das crianças, dever-se-ia dar atenção à constituição física, a fim de que se pudesse garantir saúde física e mental. Assim sendo, para Ellen G. White é significativo

Relacionar-se com o maravilhoso organismo humano, os nervos, os músculos, o estômago, o fígado, os intestinos, coração e poros da pele, e compreender a dependência de um órgão para com outro no que respeita ao saudável funcionamento de todos (WHITE, 2006, p. 136).

Dentre as formulações nucleares que se apresentam no documento whiteano encontra-se a valorização da natureza no processo educacional. Para ela, a natureza deve ser considerada como um livro-texto pelos pais e professores, a fim de que os estudantes ampliassem sua compreensão do valor da educação. Além do mais, o pano de fundo que se busca estabelecer na mente dos estudantes é a associação estreita entre Educação e Criacionismo.

Assim que a mente lhes permita compreendê-lo, cumpre aos pais abrir diante deles o grande livro divino da natureza [...] Chamando a atenção dos filhos às diferentes cores e variadas formas, pode relacioná-los com Deus [...] livro de estudo deveriam ser os tesouros da natureza (WHITE, 2006, p. 138).

De fato, na formulação de uma proposta singular de educação denominacional, nos dizeres acima percebe-se como a educação adventista desde o seu incipiente início foi concebida nas teias da estratégia missionária. Afinal, uma educação que relacionava saúde, moral, religião e criacionismo na

mente dos estudantes, pais e professores contribuía para fomentar os elementos que contribuían para consolidar a identidade daqueles que já professavam o adventismo, como também se instrumentalizava na evangelização dos não confessionais.

Ainda no esteio por inventariar aqueles elementos que configuram a singularidade da proposta educacional adventista desde seu início, há que se destacar a importância que se atribuiu ao trabalho e atividades manuais como elementos co-educadores dos estudantes, objetos da educação adventista. Desde o início daquilo que veio a ser o sistema educacional adventista, que indicações claras exaltavam o trabalho e as atividades manuais como componentes do currículo na educação denominacional, assim Ellen G. White apontava que

Relacionados com as escolas, deveria ter havido estabelecimentos de manufatura e de agricultura [...] E uma parte do tempo diário deveria ter sido dedicada ao trabalho, de modo que as faculdades físicas e mentais pudessem exercitar-se igualmente (WHITE, 2006, p. 153).

É pertinente salientar que, em certa medida Ellen G. White ressoava os reclamos que propunham uma educação mais prática e para a vida em relação àquela de cunho mais literário, clássico. No entanto, quando para o seu grupo confessional Ellen G. White exalta as virtudes de aliar trabalho, atividades manuais à educação no currículo das instituições denominacionais, o que se propunha de fundo era que a educação adventista potencializasse as virtudes no desenvolvimento daqueles que seriam porta-vozes da mensagem adventista no campo missionário. Tal afirmação encontra seus indícios na seguinte declaração whiteana:

Se tivesse havido estabelecimentos agrícolas e industriais ligados a nossas escolas, e se houvessem sido empregados professores competentes para educar os jovens nos diversos ramos de estudo e de trabalho, [...] haveria agora uma classe mais elevada de jovens a entrar em cena e a exercer influência na modelação da sociedade (WHITE, 2006, p. 155, 156).

Indiciamos que como ponto focal estratégico a fim de elaborar uma proposta educacional confessional adventista é a indicação patenteada nas orientações whiteanas acerca do *sistema de educação apropriada*, nas quais se torna evidente uma teia que a mesma tece com fios que entremeiam uma concepção escatológica e uma perspectiva redentora do ser humano.

O tempo é agora demasiado curto para levar a cabo o que poderia ter sido realizado nas gerações passadas; mas podemos fazer muito, mesmo nestes últimos dias, para corrigir os males existentes (WHITE, 2006, p. 169).

Um aspecto latente, mais que permeia a primeira declaração de Ellen G. White acerca da educação é o escopo no qual ela elabora as ideias, que ainda seminais para a sua época, seriam os marcos balizadores de sua contribuição à elaboração da filosofia educacional adventista, a saber, o *Grande Conflito*. Ou seja, segundo ela há vigente um conflito cósmico perpetrado por seres antagônicos que representam o bem e o mal, no qual o ser humano encontra-se inserido. Tal escopo a distingue das orientações de alguns de seus contemporâneos, especialmente pelo fato de relevar a ideia da luta entre o bem e mal e, o papel da educação na salvação da humanidade (DOUGLAS, 2001).

A ideia de formar o obreiro denominacional certamente é o aspecto mais evidente na declaração *A Educação Apropriada*, todavia, a meu ver esse é o núcleo organizador sobre o qual o pensamento whiteano a respeito da educação se desdobra com o objetivo de empreender um sistema de ensino adventista. Acerca da temática acima informada encontramos os seguintes dizeres de Ellen G. White.

Há muitos jovens cujos serviços Deus aceitaria caso se consagassem a Ele sem reservas. Se empregassem no serviço de Deus as faculdades mentais que usam para o seu serviço e para adquirir bens materiais, seriam obreiros fervorosos, perseverantes e de êxito na vinha do Senhor (WHITE, 2006, p. 160).

Mesmo que abordada de forma secundária, a formação do obreiro enquanto tônica da educação adventista é propagandeada nesse primeiro documento, de modo que é inteligível assinalar que os formados nas instituições educacionais adventistas deveriam atuar no ensino da religião (missão adventista) promovendo no mundo (campo missionário) a glória divina. Assim sendo, afirma ela que: “O grande objetivo da educação é habilitar-nos a usar as faculdades que Deus nos deu, de maneira a expor melhor a religião da Bíblia e promover a glória de Deus” (WHITE, 2006, p. 161). Desta forma, o que fica patenteado é que Ellen G. White estava preocupada com a educação como um meio estratégico para um fim estritamente denominacional.

Posto que a formação do obreiro é esboçada nos ditames da escatologia, isto corrobora nosso argumento que defende a tese de que para

Ellen G. White a educação é pensada e formulada como *estratégia missionária* que delinea os rumos da educação denominacional e assenta as bases acerca da formação da mentalidade daqueles que, egressos das instituições educacionais adventistas ingressariam nas fileiras dos obreiros adventistas em suas diversas frentes.

A educação disciplinará a mente, desenvolverá suas faculdades e as dirigirá de modo inteligente, para que sejamos úteis em promover a glória de Deus. Necessitamos de uma escola [...]. Em conexão com estas escolas deve haver preleções sobre as profecias (WHITE, 2006, p. 161).

A filosofia que foi alinhavada pela mesma desde seus primeiros escritos e aprofundada nas declarações seguintes apresenta os elementos que nos levam a indiciar a tese supracitada. Neste sentido, o seu escrito primário sobre educação apesar de tecer comentários, aconselhar pais e professores, pontuar diversos aspectos da educação, criticar os moldes educacionais de sua época, indiciam o que para muitos eram breves notas sobre o tema educacional: uma intenção de estratégia missionária para a denominação. Em poucas palavras, o que evidenciamos acima contribui para destacar que Ellen G. White não estava apenas “[...] haciendo un llamado a realizar cambios, pero dando le un toque adventista que sirviera a los propósitos de la iglesia” (GREENLEAF, 2010, p. 24).

Ao buscar elaborar uma proposta de educação denominacional, os líderes adventistas tiveram nos escritos de Ellen G. White uma fonte profícua que, além de apresentar um diálogo com ideais pedagógicas de seu tempo insinuou os elementos nucleares do que veio a se tornar a filosofia educacional adventista cuja fonte principal foi aquilo que veio a tornar-se pedagogia whiteana. Tal escritora gozava de especial apreço por parte de seu grupo confessional dado o caráter hagiográfico que permeava seus escritos, além dos propósitos que os mesmos patenteavam por meio de sua intensa circulação entre a liderança denominacional e a membresia em geral.

Ao analisarmos a influência de Ellen G. White no estabelecimento dos princípios filosóficos da educação adventista percebemos elementos indicativos que apontam para o fato de que na explicitação dos princípios, objetivos e alvos educacionais propostos por ela, a mesma legitima os princípios, valores e crenças da denominação. E como consequência disto, a denominação

estabeleceu e consolidou um amplo sistema educacional, como também fez de Ellen G. White, a educadora adventista por excelência. De acordo com Gross (1999), os adventistas viram em Ellen G. White

[...] uma autora cuja filosofia educacional expressava exatamente as necessidades daquela comunidade específica. Não só expressava, como servia de base teórica para todo um processo interno de coesão, ordem e equilíbrio e manutenção, exatamente por expressar e advogar as crenças básicas e valores morais e espirituais da denominação adventista como um todo, pela abrangência do que escreveu, mas em particular no que se refere ao sistema educacional que foi estabelecido pela igreja (p. 79).

Destacamos que, ainda em seu primeiro escrito sobre educação uma leitura atenta revela indícios que a caracterizam como uma pensadora que tece seus comentários e conselhos por um fio latente da *estratégia missionária*, pois que a mesma vislumbrava uma mensagem denominacional que para poder influenciar as sociedades dos campos missionários prescindia de um sistema de ensino apropriado que conjugasse o preparo do obreiro alinhado às expectativas denominacionais, mas que estivesse balizado por uma estrita concepção escatológica que se desdobra em uma auto compreensão profética, pois que

[...] parte-se de um pressuposto, os adventistas consideram sua compreensão quanto ao quadro profético-escatológico como ponto motivador de seu discurso, o qual tem ligação total com a história do início do movimento nos Estados Unidos (FOLLIS, 2013, p. 141, 142).

Enfim, cumpre marcar resumidamente que os escritos de Ellen G. White expõem de forma muito bem articulada que a educação denominacional deveria ser o mais pragmática possível, bem como de grande utilidade para o avanço denominacional advindo de esforço diretamente administrado institucionalmente, como também promovido indiretamente pela membresia. Afinal,

A verdadeira educação não é educação ordinária; nem é algo separado da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A igreja deve ser constituída de homens e mulheres que compreendem, crêem e vivem a especial mensagem de Deus para os últimos dias, e se unem para cumprir sua missão de proclamá-la ao mundo. Na melhor das hipóteses, a educação adventista do sétimo dia se tornou o meio básico da igreja em alcançar esse fim. Ela não somente forma ministros, médicos, enfermeiros e professores, mas prepara todo estudante para ser um inteligente ganhador

de almas, seja qual for seu chamado (MAXWELL, 1982, p. 233).

Nas linhas acima que compõem este tópico buscamos apresentar a educação adventista tornando conhecida a singularidade de sua proposta e como a mesma foi inicialmente concebida pelo pensamento whiteano, realçando a nosso ver que tal singularidade foi tecida com os fios que apresentam a *estratégia missionária*, enquanto intencionalidade última desse empreendimento institucional. É evidente que o preparo dos obreiros para os campos missionários não era exclusividade dos adventistas, afinal a maioria das denominações protestantes estadunidenses empreendiam esforços para alargar as suas fileiras e aumentar a influência sobre a sociedade, seja em seu território próprio, seja nas terras de além-mar. Afinal, vale lembrar que nos “Estados Unidos da América, o protestantismo diversificou-se e difundiu-se para todo o mundo, juntamente com missões protestantes europeias no século XIX” (BELLOTTI, 2010, p. 60).

La década de 1890 fue el período de mayor expansión en el alcance de las misiones extranjeras [...]. Los colegios misioneros y los institutos bíblicos se desarrollaron paralelamente a este gran impulso en favor de las misiones en el extranjero y en las ciudades con el propósito de predicar el evangelio a todo el mundo a fin de que Cristo pudiera venir (KNIGHT, 1995, p.195, 196).

Todavía, interessa-nos no tópico abaixo demonstrar como esse filão da educação adventista, *Escolas de Treinamento*, se efetivou para esse grupo denominacional em questão, o que por sua vez nos possibilitará entender como o mesmo foi emoldurado nas acepções da *estratégia missionária*. Afinal, foi por meio dos

[...] seminários e escolas de treinamento desenvolvidos ao redor do mundo para treinar ministros e educadores, e como os professores e os ministros procuraram relacionar de forma mais eficaz o adventismo às suas culturas nativas. [...] a experiência de um pequeno grupo de meados do século 19 [...] tornou-se multicultural e internacional³¹ (LAND, 2005, p. 8, 9).

³¹ Texto original: “[...] seminaries and graduate schools developed around the world to train ministers and educators, and as teachers and ministers sought to more effectively relate Adventism to their native cultures. [...] the experience of a small group of mid-19th century [...] became a multicultural and international possession”.

As Escolas de Treinamento

No esteio do empreendimento educacional adventista diversas instituições de nível médio e superior surgiram tendo como norte a formação do obreiro denominacional, além de ofertar educação geral. Todavia, a educação confessional para a formação do obreiro iniciou-se com o *Battle Creek College*. Assim que, revisar momentos de sua história nos oportunizará assinalar os princípios que balizaram a formação dos obreiros desde seu início. O que por sua vez nos fornecerá a compreensão acerca deste filão do empreendimento educacional adventista, as *Escolas de Treinamento*.

A primeira instituição educacional adventista, oficialmente denominacional, o *Battle Creek College* foi sem dúvida um experimento da aplicabilidade das orientações e ideias de Ellen G. White, especialmente aquelas sistematizadas no documento, *A Educação Apropriada*. Apesar de o documento ter deixado à margem diversos aspectos específicos relacionados à educação, a história atesta que a aplicação dos princípios enunciados por Ellen G. White emoldura a educação enquanto *estratégia missionária*, de modo que a mesma deveria efetivar-se prioritariamente nos ditames da missão institucional de preparar obreiros denominacionais.

A despeito dos revezes, altos e baixos que caracterizaram a denominação na condução de sua primeira instituição educacional, não demorou muito para que se patenteasse por influência de Ellen G. White na mentalidade denominacional a ideia de que tal instituição deveria ter como objetivo principal a formação do obreiro para a atuação nas diversas frentes da missão adventista. A esse respeito, Greenleaf (2010) indica que

Jaime White abogó por una institución que preparara obreros y les enseñara idiomas para espacir el adventismo entre los pueblos que no hablaron inglés.[...] los obreros para una gama de tareas en diversos lugares (p. 30).

Ao findar a década de 1870, a história denominacional aponta que os estudantes da década ingressaram na obra adventista e, a própria Ellen G. White afirmou em 1880 que o colégio de Battle Creek chegaria a ser “uno de los mayores médios ordenados por Dios para la salvación de muchos que han acudido a nuestro colégio” (WHITE *apud* GREENLEAF, 2010, p. 31).

Os anos imediatamente seguintes evidenciaram algumas tensões, bem especialmente no tocante à elaboração e refinamento da incipiente filosofia

educacional adventista advinda dos escritos whiteanos. Além do mais, eles apontam a direção que a liderança denominacional trilhou na efetivação do programa denominacional de formação dos obreiros.

Ainda no início da década de 1880 deflagrou-se uma tensão entre os propósitos dos administradores educacionais e o plano denominacional de educação enquanto *estratégia missionária*. Acerca dessa tensão a literatura afirma que:

En lugar de colocar la instrucción bíblica en primer lugar y enfatizar la educación ministerial como se había intentado originalmente, los administradores del colegio aún estaban promoviendo una educación superior tradicional (GREENLEAF, 2010, p. 32).

À sua maneira, essa tensão que se configurou na instituição educacional adventista em questão evidenciou o que permeia a história das instituições eclesiais na efetivação de seus projetos educacionais, posto que o background que conforma os entraves aponta para a existência de uma dicotomia da missão, na qual o binômio educação/evangelização encontra-se imbricado em constantes tensões entre os gestores eclesiais e educacionais (SCHULZ, 2003).

Mesmo diante dos revezes que caracterizaram a primeira década da educação denominacional, já estavam estabelecidas as bases de uma concepção que considerava a educação adventista sob o prisma de uma filosofia com características distintivas e convergentes ao principal propósito denominacional. Tanto que, outras instituições foram fundadas ainda antes do fim do século XIX.

Além da tensão indicada acima, outra de grande relevância e discussão na história do *Battle Creek College* tocou em pontos cruciais dos conselhos de Ellen G. White acerca da educação denominacional, a saber, o lugar da Bíblia no currículo e a relação das atividades manuais com as acadêmicas. Sendo a última, a problemática que acompanhou os diversos períodos da história da instituição. Dessa forma, é inequívoco ressoar o que Greenleaf (2010) destaca: “[...] la problemática de una combinación efectiva del trabajo y estudio fue tormento de todos los rectores del Battle Creek College” (p. 39). Neste sentido, a tensão apresentava-se mais prática do que em termos filosóficos.

Entre julho e agosto de 1891 em Harbor Springs, Michigan realizou-se uma Convenção educacional, o primeiro encontro eclesiástico de educadores e líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Considerada de grande importância para o curso da história da educação adventista, a Convenção constituiu-se como grande incentivo para a implementação de uma filosofia cristã na educação adventista, além de ratificar a adoção da cosmovisão defendida pela denominação como marco balizador para as práticas educacionais empreendidas no interior das instituições educacionais denominacionais.

Durante esta convenção foi estudado o livro [bíblico] de Romanos e Ellen G. White ressaltou a necessidade de um relacionamento pessoal com Cristo, de um reavivamento espiritual entre os educadores, destacando a centralidade da educação na mensagem cristã, ou seja, as implicações educacionais do evangelho. Foi a via da emoção reagindo e pressionando pela adoção de uma cosmovisão bíblicamente orientada como suporte para a práxis educacional (SILVA, 2001, p. 95).

O ano de 1897 marcou a história denominacional com o surgimento do *Avondale School for Christians Workers*, na Austrália, “[...] que sob pessoal orientação de Ellen G. White e seguindo os princípios educacionais assumidos na convenção de Harbor Springs [...] tornou-se o padrão para as escolas adventistas” (SILVA, 2006, p. 12). Tendo por norte o elenco das razões do *Avondale School* ter se tornado exemplar e influente no desenvolvimento das futuras escolas adventistas, Schwarz e Greenleaf (2009) destacam entre outras coisas:

[...] (1) a praticabilidade e vantagens de um campus amplo, localizado em um ambiente rural; (2) a viabilidade de um sólido programa trabalho-estudo; (3) o valor das indústrias escolares como uma fonte de trabalho estudantil e como um auxílio ao orçamento operacional da escola; (4) a necessidade de fundos sistemáticos para “auxílio estudantil”; (5) [...] envolvimento estudantil em atividades beneficentes e missionárias [...]; e (6) a praticabilidade dos conselhos de Ellen G. White sobre a educação (p. 197).

Para além da perspectiva adotada por Schwarz e Greenleaf (2009) quando se referem ao empreendimento *Avondale School for Christians Workers* em tom triunfalista, apontamos que a instituição somente gozou desse renome porque a concepção da mesma, inauguração e consolidação estiveram estreitamente imbricadas na relação que considerava desde a disposição

denominacional, como também uma convergência de condicionantes favoráveis. Afinal, diante dos revezes que o *Battle Creeck College* tinha apresentado na história denominacional, era imprescindível advogar uma instituição como parâmetro modelar, nada mais oportuno do que a instituição cuja liderança fora exercida por aquela que havia lançado os elementos nucleares da filosofia adventista da educação, Ellen G. White.

Além dos fatores citados acima como referências da importância e influência no desenvolvimento do sistema educacional, especialmente das *Escolas de Treinamento*, é inegável assinalar que a expansão missionária denominacional para fronteiras além da América do Norte e seus desdobramentos certamente contribuíram para a consolidação do incipiente sistema de ensino adventista, bem como para a sua consequente internacionalização. Assim sendo, é pertinente considerar que:

[...] a denominação necessitava preparar jovens para o desenvolvimento da ação missionária em outros países. Sendo assim, a necessidade de escolas na América do Norte e Europa, destinadas à formação de missionários para essas missões, era evidente. Além disso, fazia parte do proselitismo da IASD o estabelecimento de escolas nos países onde a presença adventista ainda era incipiente, a fim de favorecer a evangelização e preparar novos líderes para aquele campo missionário (SANTOS, 2010, p. 41).

Considerando a dinâmica da expansão educacional adventista é possível apreender o fato de que mesmo intrinsecamente relacionada com o movimento missionário denominacional empreendido por esses tempos, a expansão educacional também pode ser concebida sob a influência de outras condicionantes que, mesmo não sendo consideradas determinantes para tal processo, certamente têm seu espaço nesse arcabouço. Neste sentido, Knight (2004) inventaria que o reavivamento espiritual característico dessa época, aliado à necessidade de rebater o Darwinismo e ceticismo religioso incipientes exerceu importância no processo de expansão do empreendimento educacional levado a termos pelos Adventistas do Sétimo Dia.

Ao empreendermos uma abordagem analítica do avanço missionário levado a cabo pelos adventistas na trama do movimento das missões, característico da época e os desdobramentos para a educação denominacional, pode-se perceber como tal expansionismo exerceu grande impacto na conformação e direcionamento na educação adventista, de modo

que tal empreendimento institucional tornou-se a mola propulsora da evangelização denominacional, o que de certa forma afiança nossa tese acerca da educação enquanto estratégia missionária para o adventismo.

Em 1880 os Adventistas possuíam apenas oito missões com cinco evangelistas fora dos Estados Unidos. [...] A última década do século 19 deu início a uma tendência acelerada que permaneceu sem decrescer [...]. Por volta de 1930 a igreja sustentava 8.479 evangelistas fora da América do Norte, representados em 270 missões. Esta expansão transformou a própria natureza do adventismo. As missões exerceram um impacto direto sobre a expansão educacional Adventista do Sétimo Dia. A denominação considerou suas escolas como agências preparatórias para o aumento crescente de obreiros em sua rápida expansão do trabalho global, [...] (KNIGHT, 2001, p. 10).

Ao considerarmos o avanço do adventismo e desenvolvimento das instituições educacionais adventistas além da América do Norte há um indicativo de que tal avanço se deu em quatro movimentos com quatro direções. É bem verdade que esses movimentos não foram produzidos em sequência, mas certamente apresentam aspectos diferentes do movimento educacional adventista. Acerca dos movimentos, ecoamos o que aponta Greenleaf (2010) quando afirma que:

O segundo movimento se deu na Austrália, África do Sul e América do Sul, onde Inglaterra, Holanda, Espanha e Portugal haviam levado suas línguas e costumes para estabelecer extensões coloniais da vida e cultura europeias (p. 107).

Interessa-nos discorrer acerca do segundo movimento missionário adventista que tomou como direção a América do Sul, especialmente as terras brasileiras ainda nos anos do século XIX. Para tanto, será imprescindível revisitar a história da educação adventista no Brasil, recortando o desenvolvimento denominacional adventista com base em São Paulo, com foco privilegiado para o *Colégio Adventista Brasileiro* (CAB), de modo a relevar o contexto socio-histórico que favoreceu sua inserção. Traçar a sua história institucional em concomitância à denominacional oportunizará vislumbrar as práticas educacionais, atestando dessa forma o papel destas no espectro maior do plano evangelizador adventista.

A Educação Adventista no Brasil

Ao considerarmos a categorização do movimento de inserção protestante no Brasil produzida por Mendonça (2008) é possível constatar que a inserção da IASD nestas terras esteve ligada ao espírito do protestantismo missionário, mesmo que a gênese da Igreja Adventista do Sétimo Dia em terras brasileiras esteja intimamente ligada aos imigrantes, de modo particular a imigração³² alemã.

A história demonstra que a partir da segunda metade do século XIX, diversas missões americanas vieram para o Brasil com o propósito de evangelizar e converter e, para tal contaram com o apoio de elementos liberais e anticlericais defendidos por boa parte da elite brasileira (BENCOSTA, 1996). É conveniente destacar que, para as denominações que aqui desembarcaram

Ainda que o proselitismo e a demonstração pública de qualquer símbolo religioso não católico fossem proibidos, presbiterianos, metodistas, congregacionais e batistas fundaram escolas, jornais e igrejas (BELLOTTI, 2010, p. 60).

De certa maneira não podemos deixar à margem do conhecimento o fato de a vinda das denominações protestantes estadunidenses para o Brasil se deu majoritariamente balizada pelo conjunto de ideais do *Destino Manifesto*, segundo o qual patenteava a ideia de que a América Latina era pagã e que “[...] o catolicismo praticado aqui havia se afastado demais do cristianismo” (BELLOTTI, 2010, p. 61).

Posto que caracteristicamente marcada como protestantismo de missão, visto que considerava o Brasil como campo missionário devido à sua maioria populacional católica (SCHUNEMANN, 2002), a IASD tendo se instalado no Brasil estabeleceu escolas paroquiais de educação elementar avançando a duras provas na oferta educacional em outros níveis. Ao considerar os fatores denominacionais internos, bem como o momento histórico do Brasil, Hosokawa (2001) indica que a inserção da IASD

[...] no Brasil no final do século XIX tornou-se possível numa perspectiva maior devido às correntes imigratórias da Europa para o continente americano, especialmente de populações

³² Cabe destacar que a imigração no Brasil se deu em estreita relação com os interesses socioeconômicos do governo no final do século XIX, além de particular influência do “discurso racial” de embranquecimento da nação e da política de subsídios. Mais informações podem ser obtidas em: KLEIN, H. S. Migração internacional na História das Américas. In: FAUSTO, B. (org.) **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

não católicas, ao movimento missionário protestante europeu e norte-americano na América do Sul e a instauração da República no Brasil, com maior liberdade religiosa garantida pelo princípio liberal de separação do Estado da Igreja. Somaram-se a isso um conjunto de fatores internos do desenvolvimento institucional da IASD nos Estados Unidos e Europa (p. 56).

Para Kreutz (2005) os imigrantes alemães compuseram a primeira grande corrente imigratória, sendo sucedidos por italianos, japoneses, russos, austríacos e poloneses. Apesar da diversidade de grupos que imigraram para o Brasil, os grupos de imigrantes alemães se localizaram predominantemente nas zonas rurais formando núcleos com uma infraestrutura potencializadora para a vida comunitária, na qual comércio, artesanato, cemitério, igreja e escolas étnicas ofereciam as bases para tal.

Em sua análise da presença imigratória alemã no Brasil, Foquet (1974) destaca que as colônias predominantemente rurais localizavam-se no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo, enquanto que no Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro a concentração se deu nas capitais. Ao abordar a colonização alemã no Brasil por meio da imigração e realçando a localização de comunidades em regiões remotas do país como no sul, Seyferth (2000) considera que a “[...] concentração em áreas restritas, relativamente isoladas da sociedade brasileira, apesar da posterior introdução de outros imigrantes, facilitou a manutenção dos costumes e o uso cotidiano da língua alemã” (p. 291).

Ao relacionar a inserção da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil e a presença de comunidades alemãs, Schunemann (2003, p. 31) indica que a “[...] presença de colônias alemãs, que se mantinham relativamente isoladas do resto do país, propiciou o primeiro contexto favorável para a expansão do adventismo no Brasil”. Por sua vez, Seyferth (2000) demonstra que a comunidade alemã constituiu o grupo de imigrantes que menos influenciaram a sociedade brasileira devido em boa parte ao isolacionismo. A fim de indicar a importância da relação entre a inserção do adventismo e as comunidades alemãs no Brasil é preciso entender como estas comunidades se constituíram em importante elo para que a Igreja Adventista do Sétimo Dia pudesse lançar as suas raízes nestas terras. Afinal,

[...] a associação do Adventismo com os alemães foi um fator importante para o estabelecimento da Igreja Adventista no Brasil, embora entre a comunidade lusófona do país também existe um forte sentimento milenarista, a cultura pietista de boa parte dos imigrantes alemães forneceu o elo básico para o adventismo lançar raízes no Brasil. O milenarismo brasileiro estrutura-se dentro de uma mentalidade católica popular que possui traços bem diferentes da mentalidade protestante popular na qual a IASD se formou nos Estados Unidos. Este distanciamento consistiu uma barreira inicial na qual a comunidade alemã serviu como uma ponte (SCHUNEMANN, 2003, p. 38).

O modo como o adventismo estabeleceu relações estreitas com as comunidades alemães no Brasil, e como destas colônias a mensagem adventista fluiu pelo território indica como as relações conformaram as trajetórias das denominações religiosas.

A religião constitui, portanto, um sistema social que vai se organizando de forma mais rígida e estabelecendo, com indivíduos e grupos, relações dialéticas que provocam reproduções de seu sistema sobre o conjunto da sociedade e reações por parte de indivíduos e grupos na busca de novos sistemas alternativos (PASSOS, 2006, p. 43).

A educação adventista lança suas bases nas terras brasileiras de forma voluntária e não patrocinada oficialmente pela denominação em 1896, quando em 1º de julho daquele ano é inaugurado em Curitiba o *Colégio Internacional de Curitiba*. Iniciativa esta que teve nos esforços Huldreich F. von Graf, pastor missionário alemão enviado pela denominação norte-americana o impulso para a abertura e, na a condução inicial a direção de Guilherme Stein Júnior. Este último, por sua vez, envia uma carta à revista denominacional estadunidense indicando o número crescente de alunos matriculados enumerando alemães e brasileiros natos que estudam na escola (STEIN, 1897, p. 251).



Figura 3 – Colégio Internacional de Curitiba em 1896
Foto tirada em 12 de Dezembro de 1896 e enviada à revista
Fonte: The Advent Review and Sabbath herald, 20 April, 1897

Em nossa perspectiva analítica consideramos que a escolha de Guilherme Stein Jr. para liderar as atividades do primeiro empreendimento educacional adventista foi estrategicamente pensada por Graf que, demonstrou que havia optado por alguém que além de ser procedente de uma família tradicionalmente cristã luterana (ACOSTA; PEREIRA, 2005) havia recebido importante influência educacional protestante, em seu caso da *Escola Alemã de Campinas*.³³ Neste sentido, Vieira (1995) aponta-nos que:

A influência da Escola Alemã de Campinas na formação da personalidade de Guilherme Stein J. jamais poderá ser esquecida. Como escola evangélica, guiada pelos mesmos princípios que suas congêneres de São Paulo e Piracicaba, não só lhe proporcionou sólidos conhecimentos fundamentais, como lhe moldou o caráter na fase entre a infância e a adolescência, de conformidade com os ideais evangélicos (p. 117).

Os primeiros conversos à mensagem adventista no Brasil pertenciam às comunidades germânicas e, visto que Curitiba concentrava diversas dessas comunidades, a instituição educacional iniciada por Graf com Stein Jr. foi

³³ Para informações mais detalhadas acerca desta instituição consultar: BENCOSTTA, Marcus L. A. Educação escolar norte-americana no Brasil do século XIX: trajetórias históricas de um colégio protestante em São Paulo (1869-1892). In: BENCOSTTA, Marcus L. A, *et al.* **Memórias da educação**; Campinas (1850-1960). Campinas: Unicamp, 1999; BENCOSTTA, Marcus L. A. **Ide por todo mundo**: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana (1869-1892). Campinas: Unicamp/CMU, 1996.

pensada para ser uma agência evangelizadora adventista, a fim de propagar a mensagem e os ideais da denominação estadunidense, tendo no uso da língua alemã o meio para o cumprimento de tal estratégia missionária. Por isso, que cumpre-nos ressaltar o fato de que

[...] embora representando uma denominação norte-americana, não fazia uso da língua inglesa para ministrar suas aulas, mas lançava mão da língua alemã para transmitir os valores de sua originária cultura norte-americana, num país de língua portuguesa que abrigava diversas colônias de estrangeiros, especialmente, no caso de Curitiba, a colônia alemã (CORRÊA, 2005, p. 61, 62).

Desta maneira, cumpre-nos evidenciar que a escolha por Guilherme Stein Jr. para ocupar a direção da escola de Curitiba, bem como o público em potencial a ser alcançado por esse empreendimento, foram balizados pelos ditames da efetivação de uma estratégia missionária concebida inicialmente por Graf tendo em vista a evangelização da comunidade alemã.

Em visita ao Brasil na época dos primórdios das atividades educacionais adventistas, Thurston (1896) relatou que a escola oferecia aulas no sábado, sendo estas dedicadas exclusivamente ao ensino da religião pela instrução bíblica, apesar de haver muitas crianças católicas. Ainda nos seus primeiros anos, a instituição experimentou um forte crescimento no número de matrículas. Essas cresceram rapidamente, de forma que o número subiu de oito no dia da abertura da escola para cerca de cem alunos em fevereiro de 1897 (THURSTON, 1897, p. 219), o que justificou as sucessivas mudanças de endereço para prédios maiores. No início de 1900, o Colégio estava endereçado em uma moderna construção que oferecia amplas acomodações e atendia uma clientela dividida em três classes contando com cerca de cento e trinta alunos, além de contar com corpo docente ampliado, na época composto por Paul Kramer e esposa e Waldemar Ehlers, recém-chegado de Hamburgo, Alemanha.

O avanço do Colégio fez com que a instituição recebesse destaque numa edição de um jornal local impresso em alemão, *Der Beobachter* que, tendo feito um relato positivo acerca da infraestrutura, da disciplina, do currículo, do desempenho escolar, enfatizou o sistema fonético usado pelos professores para ensinar a ler (KRAMER, 1900, p. 171, 172). Além de elencar vários elementos políticos e socioculturais que contribuíram para a impulsão

nas matrículas do Colégio Internacional, bem como para o sucesso da instituição, Mesquida (2005, p. 48) destaca “[...] o uso de métodos pedagógicos inovadores em relação àqueles empregados por outras instituições de ensino que funcionava em Curitiba”.

O empreendimento educacional adventista em Curitiba evidenciou uma demanda por professores que falassem alemão para que viessem para o Brasil afim de que a incipiente obra educacional pudesse avançar (STAUFFER, 1898, p. 14). A indicação da falta de professores em Minas Gerais, Espírito Santo e Rio Grande do Sul, bem como a opção pelas comunidades alemãs apontavam a direção seguida e a estratégia escolhida pelos primeiros líderes denominacionais na implantação do adventismo em terras brasileiras.

Não demorou muito e logo uma instituição de formação dos obreiros foi estabelecida nestas terras. Em 1897, em Gaspar Alto localizado no município de Brusque, Santa Catarina, foi estabelecida aquela que deveria ter como foco a formação de obreiro para o avanço da causa adventista nestas terras. E para tal, foi escolhido como diretor Guilherme Stein Jr.

[...] daquela que se tornaria a primeira escola oficial adventista neste território. Sendo assim, em 15 de outubro de 1897, foi fundada a “A Escola Missionária” [Colégio Superior] em Gaspar Alto perto de Brusque, SC, instituição subsidiada pela IASD (STENCEL, 2006, p. 86).

Em 1899, John Lipke (1875-1943) assumiu a direção do Colégio Superior de Gaspar Alto substituindo Guilherme Stein Jr. que foi convidado a trabalhar como editor da revista *O Arauto da Verdade* no Rio de Janeiro. Uma breve descrição da instituição é oferecida por Azevedo (2004a) que, além de apresentar-nos a instituição evidencia como o líderes denominacionais da obra nestas terras buscavam a efetivação da filosofia educacional denominacional nos campos missionários.

O terreno em Gaspar Alto tinha 2,5 hectares. Na parte da manhã funcionava na escola o nível primário e à tarde o nível secundário para a formação de missionários. O idioma utilizado era o alemão. A instituição, que estava sob a direção de John Lipke, dispunha de um dormitório com capacidade para 40 alunos internos, num edifício de 7m x 12m, com dois pisos, sótão e refeitório. Realizavam-se também ali as atividades agrícolas. Os alunos trabalhavam 26 horas por semana, pagavam US\$ 2,50 por mês e recebiam em troca cama, comida e ensino. O edifício escolar estava dividido em dois ambientes: um para a igreja e outro para o ensino (p. 52).

No artigo, *The Brusque School, Brazil* escrito à *Review and Herald*, Spies (1903) relata entusiasticamente o início da obra adventista na região sul do Brasil, destacando o comprometimento da membresia local em prover os meios necessários para o estabelecimento de outra escola de treinamento do Brasil. Além disso, ele evidencia uma das tônicas que impulsionava a liderança denominacional em sua constante ênfase na formação do obreiro nativo. Afinal,

[...] obreiros educados no próprio campo teriam vantagens sobre aqueles que vinham de fora [...] alguns, talvez jamais se adaptariam totalmente as condições (clima, hábitos e costumes) a ponto de serem uma benção para o povo do Brasil³⁴ (SPIES, 1903, p. 12).

Em seu artigo, *The Message in Brazil*, publicado na primeira edição de janeiro de 1903 da *Review and Herald*, Westphal (1903) destaca a maneira como a instituição desdobrava-se em seu plano educacional na formação dos obreiros, todavia, o que é ressaltado refere-se ao crescimento da educação adventista no estado do Rio Grande do Sul, além do mais reafirma o caráter estratégico da educação denominacional no espectro maior da evangelização adventista empreendida nestas terras.

[...] planejando uma pequena escola industrial em uma base autossustentável no estado do Rio Grande do Sul para a formação dos obreiros. Uma escola em Santa Catarina já tem realizado um bom trabalho. Os resultados são vistos principalmente no número de escolas de igreja estabelecidas na conferência, a coisa mais necessária em um país onde alguns poucos têm quaisquer vantagens educacionais (WESTPHAL, 1903, p. 11).³⁵

Ainda corria o ano de 1903 quando a liderança denominacional transferiu a instituição para Taquari, cidade localizada nas proximidades de Porto Alegre, visto que o número de adventistas estava aumentado no Rio Grande do Sul e eram constantes as reclamações referentes à localização descentralizada e o difícil acesso à escola em Brusque. Assim sendo, em 19 de Agosto de 1903 com um número razoável (cerca de 12) de estudantes foi

³⁴ Texto original: “[...] work to better advantage than those who came from abroad. [...] And some would, perhaps, never so fully adapt themselves to all these things that they could be a blessing to the people of Brazil.”

³⁵ Texto original: “[...] planning a small industrial school on a self-supporting basis in the state of Rio Grande do Sul for the training of workers. A school in Santa Catharine has already been doing good work. The results are seen principally in the number of church schools established in the conference, a most necessary thing in a country where but few have any educational advantages whatever”.

aberto o colégio, tendo com propósito definido o treinamento de obreiros para levar o evangelho aos habitantes do Brasil. No artigo intitulado *Our Industrial School in Taquary, Brazil*, Lipke (1907) além de fazer uma relação das atividades manuais e agrárias realizadas pelos estudantes em quatro horas diárias, destaca a instrução recebida por meio do currículo ofertado. Segundo ele:

Esta instituição oferece dois anos de curso de Alemão e Português. A Bíblia toma o primeiro lugar nos estudos. Instrução também é dada no estudo da natureza, fisiologia, gramática, geografia, aritmética, escrita, canto, música, corte e costura, agricultura e trabalho manual³⁶ (LIPKE, 1907, p. 29).

A despeito da localização e da diversificação institucional empreendida pela liderança denominacional em seu projeto de evangelização das terras brasileiras, à *escola de treinamento* convergiam as aspirações daqueles que presidiam a causa adventista neste país, de modo que o propósito denominacional continuava a conformar a estratégia missionária adventista empregada nestas terras.

Nossa escola tem um propósito bem definido. Sua missão é treinar os trabalhadores para levar o evangelho aos habitantes do Brasil. [...] Na educação dos jovens de ambos os sexos, esperamos revelar agentes, que podem espalhar o conhecimento da verdade presente com sucesso, e preparar obreiros bíblicos, professores e ministros que podem proclamar ao mundo a última mensagem de advertência [...] ³⁷(LIPKE, 1907, p. 29).

Estando centrada na cultura letrada e escrita, a mensagem adventista bem como a protestante encontrou dificuldade de inserir-se e se insinuar na sociedade brasileira em geral, visto que o analfabetismo atingia uma grande parcela dos habitantes do Brasil, no entanto, nas comunidades alemãs as condições eram um pouco melhores. Todavia, apesar de destacar o que aparentemente apresentava-se como entrave para a propagação da mensagem adventista, Lipke (1907) assinalou que, “por outro lado, a ambição e o impulso americano” (p. 29) faltavam ao povo que habitava estas terras. Ou

³⁶ O texto original apresenta: “This institution offers a two years' course in German and Portuguese. The Bible takes the first place in the studies. Instruction is also given in nature study, physiology, grammar, geography, arithmetic, writing, singing, music, dress cutting, sewing, hand-work”.

³⁷ O original apresenta: “Our school has a well-defined purpose. Its mission is to train workers to carry the gospel to the inhabitants of Brazil. [...] In educating the youth of both sexes we hope to turn out able canvassers, who can spread a knowledge of present truth with success, and to prepare Bible workers, teachers, and ministers who can proclaim to the world the last warning message [...]”

seja, não há como não relevar o fato de que tanto o protestantismo em geral quanto o adventismo a

[...] estratégia de penetração [...] foi compreender o *modus operandi* do brasileiro e a partir daí estruturarem um plano de ação no qual a educação constitui-se na principal estratégia de propaganda das idéias de uma civilização cristã com novos padrões intelectuais e morais, moldada na nova fé (VILAS-BÔAS, 2001, p. 9).

Em apenas dez anos de inserção em terras brasileiras a obra adventista já contava com várias escolas paroquiais, como também com instituição voltada para a formação de obreiros locais para que avanços fossem alcançados na causa adventista. De acordo com Azevedo (2004b), “os pioneiros tinham a visão de que a escola era, em essência, uma forma dinâmica e sólida de expandir a Igreja Adventista na América do Sul” (p. 33). Esse dado afiança a hipótese de que os Adventistas do Sétimo Dia à sua maneira conjugavam o *modus operandi* dos protestantes oriundos dos Estados Unidos, para os quais a conquista de espaço na sociedade brasileira demandava a construção de escolas e colégios, além de enfatizar ideia de que “[...] tais educandários deveriam servir também como local de testemunho de uma religiosidade supostamente mais racional e menos supersticiosa, marcada por valores morais também supostamente superiores” (CALVANI, 2009, p. 61).

A situação educacional adventista no Brasil e na América do Sul ainda que estivesse em seus primórdios, as instituições por aqui estabelecidas encontravam-se balizadas pelo paradigma denominacional norte-americano, a despeito de algumas adaptações. Nesta perspectiva de análise, Greenleaf (2010) destaca que:

A medida que se desarrollaba en Norteamérica, la educación adventista como movimiento llegó a ser un paradigma para los adventistas en el resto del mundo. Ninguna institución educativa determinada llegó a ser el único modelo, pero como los norteamericanos constituían la mayoría de los obreros denominacionales y llevaban sus ideas sobre educación, organización y metodología doquiera iban, era inevitable que las fueran aplicando al establecer nuevas instituciones educativas en el mundo. Por supuesto, con frecuencia se debieron realizar adaptaciones, pero siempre fue visible la influencia del modelo norteamericano (p. 104).

Este espectro analítico oferta-nos elementos que nos permitem compreender que a educação adventista também funcionou com uma agência

dentre os diferentes mecanismos que promoveu a circulação de padrões culturais estadunidenses, estendendo para além das comunidades étnicas o seu raio de ação. Em outras palavras, “[...] no Brasil, a educação funcionou como pavimentação, estrada para a passagem da cultura norte-americana e seu enraizamento em solo brasileiro” (VILAS-BÔAS, 2001, p. 10).

No entanto, a despeito do aparente progresso das instituições educacionais adventistas no sul do Brasil, especialmente aquelas que foram concebidas para a formação dos obreiros, a história registra que as mesmas tiveram as suas portas fechadas, de modo que por esses anos de interrupção as escolas paroquiais atuaram como sustentáculo primário na consolidação da identidade daqueles que professavam a fé na mensagem adventista, além de intentarem propagandear os ideais adventistas como meios evangelizadores.

Ao empreender uma análise considerando os resultados da educação adventista em solo brasileiro por ocasião dos seus primórdios, Greenleaf (2011) apresenta-nos um quadro no qual evidencia o grupo populacional no qual a IASD granjeou êxito, como também indica a tensão que caracterizou o investimento denominacional na educação como instrumento de consolidação identitária em contraponto ao uso da mesma como estratégia evangelizadora.

Os primórdios da educação geraram resultados divergentes. Os sucessos mais notáveis ocorreram nas regiões em que o nível de alfabetização já era relativamente bom. Em contrapartida, entre grupos pouco alfabetizados, a educação adventista conquistou muito pouco a princípio. A igreja também fez a experiência de usar as escolas como ferramentas evangelísticas, mas essa prática sempre levantou o questionamento quanto a deverem as salas de aula ser um “refúgio” para as crianças adventistas ou uma extensão dos auditórios nos quais se realizava evangelismo público (GREENLEAF, 2011, p. 62).

Acerca do fechamento abrupto da instituição localizada em Curitiba, o *Colégio Internacional de Curitiba*, Mesquida (2005) parece localizar a falha na estratégia missionária adventista efetivada com as comunidades germânicas do sul do Brasil, o que por sua vez sinaliza-nos como viés interpretativo a ser considerado no sentido de compreendermos as mudanças empreendidas pela liderança denominacional ao optar por São Paulo em seu intenso investimento nos primeiros anos do século XX. Mesquida (2005) indica que o problema não

esteve no uso da língua alemã, mas sim na aculturação promovida pelos missionários adventistas, posto que pelo uso da língua

[...] não contribuíam para alicerçar os fundamentos da cultura alemã, mas difundiam os valores, as ideias e os princípios do "way of life" norte-americano, [...] a língua alemã era utilizado como veículo de princípios e valores de outra cultura e não da cultura teuta, fato que não agradou aos emigrantes de língua alemã que matriculavam seus filhos e filhas na escola mantida pela Igreja Adventista de origem missionária norte-americana (p. 51).

Nestes termos, apresentamos que o argumento de Mesquida (2005) pode ser endossado por Cordeiro (2008) que ao abordar as escolas étnicas de vertente alemã destaca que as mesmas se constituíam como espaços de sociabilidades, mas especialmente de afirmação cultural e de sua tradição germânica.

Neste sentido indicamos que o plano denominacional de investir no estado de São Paulo a fim de torná-lo base para o avanço da mensagem adventista nestas terras, bem como a implantação de uma *Escola de Treinamentos* se constituíram como a materialidade de uma reformulação da estratégia missionária empreendida a partir dos primeiros anos do século XX. Assim sendo, o artigo *Reorganization in Brazil*, de Spicer (1906) que havia participado de reuniões com líderes eclesiásticos em Taquari em 1906, indica aquela que devia ser a tônica do trabalho denominacional nos anos seguintes, ao afirmar que “[...] o assunto chave da reunião foi a comunicação da verdade às pessoas de fala portuguesa [...] trabalhar nos estados mais populosos, em que pouco tem sido feito até agora” (SPICER, 1906, p.5). Essa nova mirada corrobora para entendermos que na implementação da estratégia da missão adventista em solo sul-americano, o “início da obra com o elemento alemão foi só um meio para alcançar as sociedades de fala espanhola e portuguesa da América do Sul” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 283).

Os primeiros indícios de um movimento em direção a execução do planejado na reunião de reorganização de 1906 se evidenciaram a partir do ano seguinte, quando a gráfica adventista (Sociedade de Tratados do Brasil, hoje Casa Publicadora Brasileira) foi deslocada do sul, em Taquari, para o sudeste, nas imediações de São Paulo. Em seguida,

[...] em fevereiro de 1910 a Conferência do Rio Grande do Sul recomendou a transferência do educandário de Taquari para um ponto mais central do país. A instituição fechou e a administração vendeu a propriedade em 1911 por onze contos de réis. Esta quantia foi remetida à Conferência da União Brasileira, [com sede em São Paulo], para formar o grande fundo de educação (RABELLO, 1990, p. 41).

De certa maneira a mudança das instituições adventistas e como estas compunham o espectro da estratégia denominacional evidenciavam que a institucionalização que se efetivou nestas terras atuou como marco balizador, o que por sua vez exerceu uma influência unificadora, de modo que para a estrutura organizacional adventista “[...] nenhum aspecto da causa existia de modo independente de uma sociedade ou agencia de algum tipo” (GREENLEAF, 2011, p. 74). No Brasil assim como em outras partes do mundo onde a IASD buscou lançar raízes é verdade destacar que “[...] parte da medida de sucesso denominacional provinha do número de instituições e de suas atividades” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 295).

É relevante a partir daqui, voltar a atenção para o desenvolvimento denominacional adventista com base em São Paulo com foco privilegiado para o Colégio Adventista Brasileiro (CAB), de modo a relevar o contexto socio-histórico e econômico que favoreceu sua inserção. Traçar a sua história institucional com referência à historia denominacional oportunizará visualizar suas práticas educacionais, atestando dessa forma o papel destas no espectro maior do plano evangelizador adventista. Afinal,

O direcionamento da pregação da IASD a partir de 1906, para os estados “do norte”, “entre os brasileiros”, “nas grandes cidades” do Rio de Janeiro e São Paulo, impulsionou membros e líderes denominacionais a implantarem uma frente pioneira baseada nas imediações de São Paulo, no município de Santo Amaro, mais especificamente nas colinas do Capão Redondo, a partir de 1915, transformando essa região num espaço com marcante importância para o adventismo no estado, no país e no mundo (HOSOKAWA, 2001, p. 64).

O COLÉGIO ADVENTISTA BRASILEIRO (CAB): contextualizando

Com a proclamação da República, os estados do sudeste brasileiro se se insinuaram no cenário social e político-econômico brasileiro de fins do século XIX e início do XX. Especialmente por ter em seu território grandes lavouras de café, abrigar uma diversidade de imigrantes europeus e ser

cortado por extensas estradas de ferro, o estado de São Paulo deteve grande parte do monopólio do desenvolvimento nacional e do incipiente mercado interno (GOMES, 2000). Além do que, cabe aqui afirmar que nas terras paulistas, dentre outras denominações protestantes, o Presbiterianismo gozou de grande crescimento nos anos finais do século XIX, especialmente

[...] por conta de sua ação evangelizadora na trilha do café, conseguido pela forma de inserção escolhida por esse grupo, aproveitando os grandes períodos de ausência de atendimento pastoral católico em regiões interioranas [...] (BELLOTTI, 2010, p. 60, 61).

Posto que, os primeiros anos da República foram assinalados por novas perspectivas para o Brasil em sua relação com a Europa e Estados Unidos, pôde se entrever que esses anos contribuíram para

[...] reestruturação em nível mais elevado de suas atividades produtivas, para o transporte de seus produtos, encaminhamento e distribuição deles, sem nenhum obstáculo e empecilho (como se dava sobre o domínio português), pelos grandes mercados mundiais (PRADO JÚNIOR, 1972, p. 31).

No período da República velha (1889-1930), o estado de São Paulo deixava as feições de província e encontrava-se em plena efervescência política, cultural e social. No campo político dividia o poder com Minas Gerais alternando-se na presidência, numa política controlada pelas oligarquias agrárias, conhecida como política “café com leite”. Esses anos representavam um período de transição dos tempos de Império para a consolidação da República, o que reclamava por si próprio um projeto nacional de educação.³⁸ O período assinalado encontrava-se permeado por diversas correntes ideológicas, todavia, as mais marcantes enfatizavam a ideia de “insuficiência do povo”, a cultura de “ilustração brasileira”, como também o interesse de grupos dominantes regionais (ROCHA, 2006, p. 134-136). **Afinal, buscava-se pela**

[...] crença no poder das ideias, a confiança nos rumos abertos pela ciência e, ao mesmo tempo, a consciência de que a perspectiva histórica era a real dimensão com que se haveria de conceber os destinos da pátria. Urgia elevar o Brasil do estágio em que se encontrava, às condições novas que presidiam o florescimento das civilizações mais avançadas.

³⁸ Para maiores detalhes acerca do pensamento educacional da época, ver: ROCHA, Marlos B. M. **Matrizes da modernidade republicana: cultura política e pensamento educacional no Brasil**. Brasília: Ed. Plano; Campinas: Autores Associados, 2004.

Elevar o Brasil ao nível do século, a um novo estágio de civilização, eis o propósito de então. Preparar homens capazes de propor os fins do nosso destino histórico, assim como torná-los capazes de assegurar os meios pertinentes, era uma exigência a ser resolvida pela educação, na época tida como a mais decisiva entre as forças inovadoras da sociedade (MARQUES JUNIOR, 1967, p. 134 - 135).

No campo educacional é relevante apontar para o fato de que escolas americanas das principais vertentes protestantes estadunidenses (Metodistas, Batistas, Presbiterianos) já estavam estabelecidas pelo país, principalmente em solo paulista. Assim que, além de aqui instaladas há algum tempo, estas gozavam de boa reputação entre as lideranças paulistas, pois para estas “[...] havia a certeza de que a riqueza e o progresso dos Estados Unidos decorriam da obra educacional de seus fundadores” (BONTEMPI JR., 2008, p. 275). As iniciativas dessas denominações tinham como estratégia atender as necessidades espirituais e educacionais dos imigrantes, além de propagar os ideais de uma civilização cristã nos moldes americanos aproveitando-se das fissuras na cultura dominante católica. De certa maneira, patenteou-se que a “propaganda republicana se fez em parte em torno do argumento de que a república fazia parte da identidade americana. República e América eram o novo, o progresso, o futuro” (CARVALHO, 1998, p. 110).

Para a liderança paulista, as experiências das práticas educacionais americanas adotadas nas escolas americanas em fins do século XIX consistiam em provas da superioridade desse modelo em relação às reminiscências da escola monárquica (HILSDORF, 1988). De certa forma, a educação protestante que protagonizou por essa época apresentava-se configurada nos seguintes termos:

Os colégios protestantes americanos organizavam seus estudos de forma seriada e progressiva. Ofereciam classes de ensino normal profissionalizante com fundamentação pedagógica baseada nas ciências naturais e na filosofia, além de conter treino prático para os futuros professores. Em termos curriculares, apresentavam conteúdos literários e científicos, trabalho manual como treino para os estudos nos laboratórios, atletismo, educação física e ginástica sueca. Portadores do método intuitivo, faziam uso das “lições de coisas” como forma de aprendizado. Usavam ou adaptava bibliografia estrangeira. Além de disponibilizar também o ensino misto, [...] (QUERIDO, 2011, p. 55, 56).

Tão grande era o apreço pela experiência educacional exitosa adotada no Mackenzie College (Presbiteriano), que Caetano de Campos (1844-1891) ainda nos primórdios da reforma educacional paulista designou Márcia Browne³⁹ para dirigir a recém-criada Escola Modelo, além de solicitar os serviços de Maria Guilhermina⁴⁰, ambas indicadas por Horace Lane, diretor da Escola Americana. Neste sentido o ensino escolar público que se constituía por aquela ocasião revelava-se intrinsecamente comprometido com o ideal da hegemonia, bem como refletia a atração exercida pelo modelo cultural e político dos Estados Unidos da América. Assim sendo, propagandeava-se o seguinte:

[...] dispam-se dos prejuízos europeus os reformadores brasileiros: imitemos a América. A escola moderna, a escola sem espírito de seita, a escola comum, a escola mista, a escola livre, é a obra original da democracia do novo mundo. (BASTOS, 1870, p. 233).

Tendo em mente o espectro que apresentamos acima no qual indicamos mesmo que brevemente, as condições em que se encontrava no estado de São Paulo no início do século XX, tanto no campo socioeconômico, quanto educacional, é possível afirmar que tais condições tiveram grande influência na escolha dos líderes adventistas ao decidirem buscar o estado para reiniciar seus investimentos educacionais, quanto gráficos⁴¹. Nesta direção, Martins (2007) afirma categoricamente que:

³⁹ Para informações a respeito desta educadora consulte: LAGUNA, Shirley Puccia. **Reconstrução histórica do curso normal da Escola Americana de São Paulo (1889-1933): internato de meninas: uma leitura de seu cotidiano e da instrução e educação feminina aí ministradas.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999, 354f.

⁴⁰ Importantes informações que destacam a obra de missionárias norte-americanas no Brasil ao longo do século XIX podem ser obtidas em: ALMEIDA, Jane Soares de. Missionárias norte-americanas na educação brasileira: vestígios de sua passagem nas escolas de São Paulo no século XIX. **Revista brasileira de educação**, vol.12, n.35, 2007, pp. 327-342. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1413-247820070002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 ago. 2014; NICACIO, Jamilly da Cunha; RIBEIRO, Arilda Inês M. Educadoras norte-americanas solteiras: disponibilidade para o trabalho missionário presbiteriano no Brasil. **Anais Eletrônicos IX Seminário nacional de estudos e pesquisas "história, sociedade e educação no Brasil"**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/4.11.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2014.

⁴¹ A atenção dos líderes adventistas a respeito da importância de São Paulo para o investimento denominacional no Brasil pode ser identificada em diversos artigos publicados na Review and Herald da década de 1910. Dentre eles, destaque: SPIES, F. W. Conditions in Brazil. **The Advent review and sabbath herald**. vol. 83, n. 16. Battle Creek, Michigan, 19 April, 1906, p. 15. Disponível em:

[...] as escolhas da IASD em migrar com seu sistema de imprensa e a construção de uma escola missionária foram escolhas estratégicas, pensadas e, por isso, houve o tempo de onze anos para a construção do Seminário. [...] O estado de São Paulo fez parte de uma estratégia dos organizadores da instituição para dinamizar a obra missionária da igreja no Brasil (p. 64).

De certa forma, o que indica Martins (2007) quando considera como estratégia denominacional adventista o investimento feito no estado de São Paulo endossa a tese que tecemos ao longo do capítulo de que, para a denominação adventista a educação é concebida nos moldes de uma *estratégia missionária*. Além do que afirmamos neste tópico, é conveniente trazer à luz o que pensavam os líderes denominacionais, bem como o grau de conhecimento sobre o Brasil, São Paulo e as condições da época. Isto se faz importante pelo fato de apresentar elementos que consubstanciam para consolidar a nossa tese acerca da educação enquanto estratégia de missão e como a fundação do *Colégio Adventista Brasileiro* se deu balizada pelos ditames da efetivação da *estratégia missionária*.

Na seção *The Field Work*, da tão conhecida revista denominacional estadunidense, *Review and Herald*, o artigo intitulado *Brazil, South America* de Spies (1904) procura tornar conhecido tanto para a liderança denominacional radicada na matriz, bem como para a membresia em geral as condições que caracterizavam esse campo missionário. Assim que, afirmava ele:

As províncias do Paraná e São Paulo estão maduras para a colheita, como também todo o Brasil [...] o grande e desconcertante pergunta será: O que podemos fazer para atender as demandas da hora? Há tão poucos a entrar nas muitas aberturas que nos faz sentir tristeza⁴² (SPIES, 1904, p. 17).

A liderança que estava à frente da obra adventista nestas terras compreendia que o estado de São Paulo se apresentava como campo missionário promissor para a mensagem adventista, no entanto, a escassez de obreiros para levar adiante a mensagem parecia ser o grande obstáculo do

<http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=90887>. Acesso em: 15 jan. 2014.

SPICER, W. A. In newer Brazilian fields. **The Advent review and sabbath herald**. vol. 83, n. 31. Battle Creek, Michigan, 2 August, 1906, p. 4-5. Disponível em:

<http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=92273>. Acesso em: 16 jan. 2014.

⁴² O texto original: "The provinces of Parana and Sao Paulo are ripe for the harvest, as is also all Brazil [...] the great and perplexing question will be, What can we do to meet the demands of the hour? There are so few to enter the many openings that it makes one feel sad".

momento. Tanto que, parecia inequívoco informar que “[...] a província de São Paulo, em que não há obreiro, e a província do Paraná em que há apenas um obreiro, também pedem mais trabalhadores [...]” (SPIES, 1904, p. 17).⁴³

De certa maneira a realidade brasileira que se apresentava naquela época aos líderes denominacionais, e como os mesmos a assimilavam à luz da estratégia da missão reforçava o paradigma do protestantismo enquanto religião do livro e a superioridade da cultura protestante estadunidense em relação à cultura brasileira de matriz católica. Tal formulação ganha contornos mais definidos na seguinte declaração:

Encontramos os brasileiros prontos para estudar a Palavra de Deus, o maior inconveniente é que, apenas alguns deles são capazes de ler. Mas, como a glória da mensagem do terceiro anjo ilumina o mundo, também há de dissipar a escuridão das mentes ignorantes no Brasil, mesmo daqueles que não sabem ler (SPIES, 1904, p. 17).⁴⁴

De certa forma, o adventismo que aqui se inseriu carregava as sementes de concepções do protestantismo histórico, especialmente pelo fato de fomentar grande importância a uma pregação cognitiva (racional) baseada na leitura e busca pela verdadeira interpretação do texto bíblico. Pois que, como afirma Campos (2012),

O protestantismo ligou a sua trajetória à propagação de um livro sagrado – a Bíblia -, considerado o alicerce sobre o qual se deveria fundamentar a “verdadeira” igreja cristã. Assim, enquanto a Igreja Católica está onde está o bispo, as comunidades reformadas [e nessa lógica incluímos o adventismo] estão onde a palavra é pregada e os sacramentos praticados (p. 43).

A opção denominacional adventista de avançar para além das comunidades germânicas do sul em direção aos estados com grande concentração de brasileiros de fala portuguesa faz-nos entender que, a efetivação de uma estratégia missionária não se calca apenas em um empreendimento denominacional, nesse caso a educação, mas prescinde de uma articulação na qual as instituições são instrumentalizadas em favor do

⁴³ Texto original: “[...] the province of Sao Paulo, in which there is no worker, and the province of Parana, in which there is only one, also call for more workers [...]”.

⁴⁴ Texto original: “We find the Brazilians ready to study God's Word, the greatest drawback being that but few of them are able to read. But as the glory of the third angel's message enlightens the world, it is also dispelling the darkness of the benighted minds in Brazil, even of those who can not read”.

projeto evangelizador denominacional mais amplo. Assim sendo, tal convergência institucionalizada em prol da missão se deu mediada numa configuração tipicamente protestante e que, no caso da adventista evidenciou um alargamento da concepção da estratégia da missão.

Na verdade, à medida em que o trabalho entre os brasileiros de língua portuguesa está progredindo, os campos mais promissores são estes Estados do litoral sul do Atlântico. [...] É nestas mesmas partes do país que os colportores da Sociedade Bíblia tiveram mais sucesso na venda da Bíblia. Esse esforço magnífico dos colportores está colocando cerca de sessenta mil exemplares do Livro dos livros a cada ano em território dominado pelos sacerdotes Brasil⁴⁵ (SPICER, 1906, p. 4).

A efetivação da estratégia da missão em terras paulistas na perspectiva adventista demonstrou que a liderança denominacional levou em consideração a conjuntura educacional, além da questão da densidade demográfica que configurava a sociedade de então. À maneira adventista, o que se pode entrever assinala o fato de que a obra da colportagem⁴⁶ foi de grande valia para a inserção adventista em outros redutos étnicos radicados no Brasil, como também para a consolidação da obra adventista nestas terras. Tanto que, se alardeou o seguinte:

A cidade de São Paulo, com mais de um quarto de milhão, é talvez a cidade mais moderna e europeia na América do Sul. É um centro educacional no Brasil, e todos os compromissos da cidade parecem bastante atualizados. Cerca de metade da população é italiana, e assim que nós tivermos literatura em português para vender, cidades como estas devem ser trabalhadas com a literatura em português, italiano, alemão juntos⁴⁷ (SPICER, 1906, p. 5).

⁴⁵ Texto original: "In fact, so far as the work among the Portuguese-speaking Brazilians is concerned, the most promising fields are these States of the middle south Atlantic seaboard. [...] It is in these very portions of the country that the Bible Society colporteurs have had most success in selling the Bible. This splendid effort of the colporteurs is placing about sixty thousand copies of the Book of books in priest-ridden Brazil every year".

⁴⁶ Acerca da obra dos colportores como instrumentalização de inserção da mensagem protestante no Brasil maiores informações podem ser obtidas em: GIRALDI, Luiz Antônio. **A Bíblia no Brasil República**: como a liberdade religiosa impulsionou a divulgação da Bíblia no país de 1889 a 1948. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

⁴⁷ Texto original: "The city of Sao Paulo, with over a quarter of a million, is perhaps the most modern and European city in South America. It is an educational center in Brazil, and all the appointments of the city seem quite up to date. About half the population is Italian, and as soon as we have Portuguese literature to sell, such cities as these ought to be worked with Portuguese, Italian, and German literature together".

Todavia, a despeito do que se pretendia para a aplicação da estratégia da missão adventista em São Paulo, a mesma prescindia de obreiros, pois que para além da idealidade a realidade indicava que a carência de obreiros era o entrave que deveria ser superado a contento.

A situação apela-nos a procurar alguma forma de fornecer trabalhadores para esses campos carentes. [...] A seara é grande, mas os operários são poucos. Convidamos para que ore ao Senhor da seara⁴⁸ (SPICER, 1906, p. 5).

O clamor por obreiros, a intenção denominacional de investir em São Paulo a fim de tornar São Paulo a base de sua expansão evangelizadora se deram permeadas por uma nova configuração estrutural da organização adventista que deixava de lado a possibilidade de haver atividades conduzidas independentes, evidenciando dessa forma uma firme integração da estrutura denominacional a uma estrutura departamental. De certa forma, a denominação adventista no Brasil conjugava os reflexos dos desdobramentos dos últimos acontecimentos organizacionais empreendidos na matriz estadunidense, que por esta ocasião passava por refinamentos organizacionais advindos da Assembleia Geral de 1901 que tendo efetuado várias mudanças estruturais buscava reforçar duas grandes reformas:

[...] (1) a descentralização da tomada de decisões, da responsabilidade administrativa e da direção da obra da igreja por meio do estabelecimento das uniões, e (2) a integração da crescente variedade de programas da igreja por meio de departamentos de atividades representados nas comissões executivas das associações em todos os níveis (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 313).

Pela época (1909), a IASD havia organizado o Departamento de Educação e essa Denominação já dirigia diversas instituições desde o nível básico ao superior, e o Conselho que dirigia o departamento estava promovendo abertura de novas escolas em diversas frentes missionárias, como também empreendia a supervisão do desenvolvimento curricular a fim de que independentemente do lugar nos quais estivessem inseridas, as instituições educacionais pudessem reproduzir o mais fidedignamente a filosofia professada pela Denominação. Para que tal objetivo fosse alcançado, o

⁴⁸ Texto original: "The situation appeals to us to seek somehow to supply workers for these needy fields. [...] The harvest truly is great, and the laborers are few. Here against the call to prayer to the Lord of the harvest"

Departamento de Educação promoveu a produção de livros escolares distintamente adventistas e a publicação de uma revista denominacional voltada para a rede escolar, a saber: *Christian Education*. Tal publicação passou a circular entre os educadores e administradores de instituições educacionais como suporte material e orientativo para as práticas educativas e decisões administrativas no âmbito da implementação da filosofia educacional adventista. Tendo por norte o espectro esboçado acima, Segundo Schwarz e Greenleaf (2009) afirmam que: “O efeito prático dessas atividades foi profissionalizar, bem como estabelecer normas para a educação adventista [...] Estava se desenvolvendo a noção de um sistema adventista de educação” (p. 318).

Esse dado é muito importante, posto que somente por essa época a ideia de *sistema de ensino* passou a balizar o empreendimento denominacional que, por sua vez demonstrava a arquitetura de uma estrutura cuja intencionalidade última pautava estreita relação com a unidade filosófica a despeito da variedade de instituições em seus múltiplos territórios de inserção. Tudo isso corroborava para a implementação de uma educação adventista nos campos missionários externamente comprometida com a coerência interna proposta pela denominação adventista, a fim de que os objetivos alcançados estivessem articulados à realidade concreta. Ora, pois o que se vê a partir daí, pode ser compreendido à luz dos dizeres de Saviani (2010) quando discorre sobre o que caracteriza a noção sistema de ensino.

[...] intencionalidade implica os pares analíticos sujeito-objeto (o objeto é sempre algo lançado diante de um sujeito) e consciência-situação (toda consciência é consciência de alguma coisa); a unidade se contrapõe à variedade, mas também se compõe com ela para formar o conjunto; e a coerência interna, por sua vez, só pode se sustentar desde que articulada com a coerência externa, pois em caso contrário, será mera abstração (SAVIANI, 2010, p. 3).

Fica patente à nossa compreensão que a educação adventista por essa época, especialmente em seu filão de *escolas de treinamento*, do qual o Colégio Adventista Brasileiro, objeto de nosso estudo, é representante ideal em terras brasileiras, encontrou-se estreitamente comprometida pela noção de *sistema* que passou a permear o meio denominacional e seus imediatos desdobramentos. Deste modo, as implicações dessa idealidade para a

educação denominacional enquanto *estratégia missionária* evidencia que especialmente nessa época passa-se a empreender um projeto educacional refletido, de forma que a realidade é tematizada a fim de compreender intencionalmente os entraves para a efetivação da missão e implementação da fluidez no curso das ações vitais à estratégia missionária operada por meio da educação denominacional. Neste sentido, Saviani (2010) sumariamente destaca que: “Em consequência, a atividade anterior, de caráter espontâneo, natural, assistemático é substituída por uma atividade intencional, refletida, sistematizada” (p. 02).

Neste sentido, entendemos que a instituição adventista de formação de obreiros que se radicou em terras paulistas foi concebida no contexto dessas operações que foram empregadas no desenvolvimento institucional da educação adventista. E para tanto, é inequívoco afirmar que nesse interrupto movimento de ação-reflexão-ação que caracterizou o sistema educacional adventista nessa época proporcionou a condição necessária para garantir sua coerência, bem como sua articulação com processos ulteriores. Tudo isto corrobora para apreendermos o fato de que

[...] o sistema – já que implica em intencionalidade – deverá ser um resultado intencional de uma práxis também intencional. E como as práxis intencionais individuais conduzem a um produto comum inintencional, o “sistema educacional” deverá ser o resultado de uma atividade intencional comum, isto é, coletiva (SAVIANI, 2010, p. 8).

Além dos mais, cabe ressaltar que de certa maneira, os refinamentos organizacionais empreendidos pela Denominação nos primeiros anos do século XX evidenciavam que tal igreja havia construído um sistema administrativo eclesiástico e educacional e que, por conta do avanço missionário em outros campos exigia que a Denominação exercesse um controle final em sua matriz estadunidense, o que por sua vez, buscava estabelecer as bases de uma influência reguladora da matriz em relação às filiais a fim de manter a igreja unida em sua diversidade. Assim sendo, cumpre-nos ecoar o que expõem Schwarz e Greenleaf (2009) quando indicam que:

Talvez possamos especular com certa segurança que se as associações do século 19, que haviam constituído a infraestrutura da igreja, tivessem continuado na igreja maior do século 20, seus planos de ação administrativos semi-independentes poderiam ter dividido a denominação em corpos

constitutivos que teriam estado além do controle da Associação Geral (p. 331).

As informações esboçadas acima acerca dos refinamentos organizacionais que tomaram lugar na IASD nos primeiros anos do século XX nos impelem a compreender que, a implantação do *Colégio Adventista Brasileiro* (CAB) esteve estreitamente relacionada com os ditames organizacionais, de modo que para o núcleo dirigente inicial a intenção norteadora era fazer com que tal instituição dialogasse com os anseios denominacionais o que garantiria uma centralidade de propósito.

Ainda mais, buscamos com essas informações que relacionam a fundação do *Colégio Adventista Brasileiro / Seminário* com os refinamentos organizacionais, sistematização da educação que tomaram lugar na matriz estadunidense acentuar a compreensão de que a fundação dessa instituição educacional em São Paulo e seu programa de formação dos obreiros esteve desde o início conformada pelos moldes da *estratégia missionária* que, neste caso se efetivava enquanto estratégia de regulação operada nos desdobramentos de um sistema de educação cuja centralidade de propósitos conjugava o anélito denominacional da consolidação identitária e os desdobramentos da missão evangelizadora conforme entendida pelos Adventistas. Pois que, como observam Schwarz e Greenleaf (2009) indubitavelmente, “o sucesso da educação está [...] no número de graduados que têm ingressado no trabalho da igreja e as contribuições que eles têm feito” (p. 294).

Ao final das páginas desse capítulo podemos apresentar que a educação denominacional adventista foi concebida enquanto empreendimento institucional sob a égide da *estratégia missionária*, especialmente na formação de seus obreiros com vistas à atuação no campo missionário. De certo modo, as relações estabelecidas entre o pensamento whiteano sobre educação e as ideias pedagógicas de seu tempo sinalizam para uma apropriação de conceitos que tal empreendeu mobilizando-os para o estabelecimento dos elementos basilares de uma filosofia educacional denominacional.

A leitura atenta do primeiro escrito de Ellen G. White sobre educação no meio adventista, *A Educação Apropriada*, sinalizam os elementos basilares da concepção whiteana de educação que foram assumidos pela denominação na

constituição da filosofia educacional. Os seus escritos revelam indícios que a caracterizam como uma pensadora que tece seus comentários e conselhos por um fio latente da *estratégia missionária* que, segundo esse estabelecia que o avanço para além dos Estados Unidos necessitava de um sistema de ensino apropriado que conjugasse o preparo do obreiro alinhado às expectativas denominacionais, mas que estivesse balizado por uma estrita concepção escatológica que se desdobrava em uma auto compreensão profética. **Afinal,**

Desde o começo, os sabatistas nunca se viram meramente como mais uma denominação. Ao contrário, entenderam que seu movimento e sua mensagem eram parte de um cumprimento profético. Eles viam a si mesmo como povo profético [...] com uma mensagem singular sobre a vinda de Cristo a um mundo aflito (KNIGHT, 2015, p. 312, 315).

Ao revisarmos a história da educação adventista é notório perceber que o surgimento de instituições de nível médio e superior para a formação do obreiro tem no *Battle Creek College* a sua proposta seminal. O estabelecimento de tal instituição termina por oportunizar o surgimento das *Escolas de Treinamento*. Filão este que, desde o início encontrou-se emoldurado pela concepção de educação enquanto *estratégia missionária*, segundo a qual deveria efetivar-se prioritariamente nos ditames da missão institucional de preparar obreiros denominacionais. No entanto, não esteve isenta de entraves concernentes a existência de uma dicotomia da missão, na qual o binômio educação/evangelização encontrava-se imbricado em constantes tensões entre os gestores eclesiais e educacionais (SCHULZ, 2003).

A chegada da Igreja Adventista do Sétimo Dia a terras brasileiras no contexto das missões protestantes estadunidenses (MENDONÇA, 2008) aponta para uma insinuação denominacional que intimamente ligada aos imigrantes, de modo particular a imigração alemã pode se entendida sob os fios da efetivação de uma *estratégia missionária* na qual a educação adventista era meio a mensagem adventista pelo território brasileiro. Neste sentido, mesmo a iniciativa não oficial empreendida por Huldreich F. von Graf e seus desdobramentos nos oferecem elementos que conformam a nossa compreensão referente aos caminhos que a denominação percorreu em seu estabelecimento e consolidação em terras brasileiras sob os moldes da *estratégia missionária* tendo como mote a formação do obreiro adventista.

As iniciativas denominacionais de avanço da mensagem adventista em direção aos grandes centros urbanos do Brasil em especial São Paulo, corrobora para entendermos que na implementação da estratégia da missão adventista em solo sul-americano, o “início da obra com o elemento alemão foi só um meio para alcançar as sociedades de fala espanhola e portuguesa da América do Sul” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 283). Ao abordarmos o desenvolvimento denominacional adventista com base em São Paulo com ênfase no estabelecimento do Colégio Adventista Brasileiro (CAB), buscamos contribuir para o entendimento da relevância do contexto sócio histórico e econômico que favoreceu o avanço da mensagem adventista, mas também estivemos comprometidos em ressaltar que tais iniciativas denominacionais representaram na verdade uma atuação dirigida pelos ditames da *estratégia missionária*.

As páginas que compõem o próximo capítulo apresentam elementos que, por sua vez lançam as bases para o entendimento de como a instituição educacional de formação de obreiros do Brasil – o *Colégio / Seminário Adventista Brasileiro* – estabelecida em São Paulo balizou seu programa educacional segundo o qual o regime de internato, as atividades manuais, o tempo sagrado e a colportagem contribuíram significativamente para a conformação de um modelo de formação para os obreiros adventistas nestas terras. O modelo de formação implementado na instituição brasileira indica um alinhamento às diretrizes denominacionais estadunidenses, além de sinalizar para um certo *modus operandi* empreendido pela liderança nestas terras que, à sua maneira evoca o sentido mais totalizante que a educação tem para os missionários protestantes em especial os os de matriz estadunidense. Afinal, para o “[...] protestantismo americano, religião, democracia política, liberdade individual e responsabilidade são concebidas como parte de um todo, que está envolvido por uma inflexível fé na educação” (CALVANI, 2009, p. 61).

CAPÍTULO 2

A FORMAÇÃO DO OBREIRO: internato, trabalho manual e colportagem

A seção Artigos Gerais da *Review and Herald* de 24 de junho de 1902 é iniciada por um artigo intitulado *Chamada por Obreiros* escrito por L. D. Santee no qual ele evidenciava a maior necessidade denominacional no avanço missionário, a de obreiros. Afinal, “Todo mundo tem que ouvir as notícias do “evangelho do reino”⁴⁹ (SANTEE, 1902, p. 8).

Para avançar para além de suas fronteiras iniciais e consolidar sua presença nos campos missionários, a causa adventista precisava contar com obreiros e, nada mais se tornava urgente tanto para os líderes estadunidenses quanto no Brasil do que a necessidade inexorável de formar obreiros para atuação nas mais diversas frentes⁵⁰.

Tendo já compreendido como a educação adventista desde seu incipiente início foi balizada pelos ditames da *estratégia missionária* e como a mesma se insinuou no cenário brasileiro, convém-nos neste capítulo lançar as bases para evidenciarmos como a instituição educacional de formação de obreiros do Brasil, o *Colégio / Seminário Adventista Brasileiro* empreendeu em seu programa educacional uma formação na qual o regime de internato, as atividades manuais, o tempo sagrado e a colportagem contribuíram significativamente para a conformação de um modelo formativo para os obreiros adventistas nestas terras.

É notório apresentar que a partir do momento que São Paulo se tornou uma prioridade para a liderança denominacional adventista, esforços indicaram que os investimentos para o progresso da causa adventista nestas terras iam além da instalação da publicadora adventista no estado e da busca por estabelecer uma escola missionária.

⁴⁹ SANTEE, L. D. Call for workers. **The advent review and Sabbath herald**. Battle Creek, Michigan. Vol. 79, N. 25, 24 June, 1902, p. 8. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=92292>. Acesso em: 03 mar. 2015. Texto original: “All the world must hear the tidings of the “gospel of the kingdom,” Carried to remotest nations by the heralds of the cross”.

⁵⁰ O termo é tomado neste capítulo com o sentido de informar que se referem àqueles que atuariam nas mais diversas frentes missionárias do adventismo, neste caso atuando como pastores, obreiros bíblicos, colportores, professores e administradores.

Nas linhas que compõem o tópico *Colégio Adventista Brasileiro: abrindo as portas*, destacamos que a propriedade adquirida em terras paulistas para o estabelecimento da instituição educacional era um terreno de 145 hectares nas proximidades da vila de Santo Amaro que na época distava 20 km da cidade de São Paulo. As características específicas, tais como dimensões do terreno, recursos hídricos e naturais, localização rural com escassos moradores nas redondezas estabeleciam diálogo profícuo com as orientações de Ellen G. White acerca da instalação de escolas. No entanto, sobressai-se que a estratégia denominacional aponta para o fato de que, neste caso a periferia no que se refere à cidade de São Paulo indica uma opção marginal frente aos empreendimentos de outras congêneres protestantes erguidos no estado.

A despeito do caráter marginal assumido diante do espectro protestante que já atuava nessas terras, os adventistas priorizaram a formação de obreiros nativos a fim de fazer avançar sua obra missionária para além das comunidades étnicas e, tal projeto apontava para uma nova caracterização do programa missionário adventista que, por sua vez, buscava estabelecer as bases para o avanço do adventismo em direção aos grandes centros populacionais do país, o que indubitavelmente nos permite entrever uma passagem gradual de um adventismo rural para um de ênfase urbana.

No tópico *O Regime de Internato* ao considerarmos que a formação do obreiro adventista na instituição em questão se dava balizada por um período de internação, torna-se inteligível indicar que no contexto institucional o período de vida interna constituía uma parte significativa do período de vida do sujeito, e que o mesmo contribuía para deixar marcas na subjetividade do estudante, como também influenciar a sua trajetória de vida pessoal e profissional.

Assim sendo, especialmente pelas relações estabelecidas entre o sujeito a ser formado com a cultura institucional, neste caso balizadas por uma filosofia educacional que promovia relações peculiares entre dirigentes e internos, cumpre-nos compreendê-las sob os ditames das acepções teóricas advindas da mobilização da categoria *instituição total* que se fundamenta em Goffman (1974), para o qual a vida no internato se constitui em uma instrumentalização institucional que se efetiva visando a conformação de alguns aspectos da vida diária dos estudantes, especialmente fomentada pelo controle e estreita relação entre o mundo doméstico e o mundo institucional.

Acerca da equipe de dirigente e os estudantes, tendo em vista a diversidade de relações que se estabelecem no contexto institucional é possível afirmar que tais no âmbito da formação são estreitamente balizadas por matizes filosóficas e pedagógicas, mas que ao fundo revela como a mais recorrente e legitimada: a soberania formativa da subjetividade dos obreiros adventistas.

Por sua vez, o tempo é elemento central na formação dos obreiros, de forma que o mesmo era rotinizado a fim de favorecer uma compreensão de que seu desperdício deveria ser condenado, cujos efeitos práticos podem ser traduzidos numa vigilância constante que poderia se firmar numa “[...] auto-inspeção sistemática da conduta de vida” (WEBER, 2004, p. 105). Sob essa perspectiva, a ociosidade é proibida, pois a falta de vontade de trabalhar é sintoma da ausência do estado de graça, representando menos tempo dedicado à glorificação de Deus e o avanço de sua obra.

A valorização do tempo, conforme exposto no programa de formação dos obreiros adventistas nestas terras busca além de preservar os mesmos das tentações que afastam o indivíduo da salvação, conferir-lhe um valor que relacionado ao trabalho para Deus é floreado da importância para a coletividade da causa adventista, o que incorria no desempenho do dever vocacional imprescindível ao avanço da obra nestas terras e concomitância na realização da vontade divina.

A vida no internato oportunizava aos estudantes a vivência de momentos especiais dedicados ao aspecto religioso. O tempo religioso balizava a vida no internato, de modo que a formação dos obreiros encontrava-se intrinsecamente pautadas pelas caracterizações que essa dimensão impunha à vida no âmbito escolar. De certa forma, a lógica da religião constituída por ritos que se repetem, símbolos e mitos⁵¹ que expressam um sistema complexo de afirmações sobre a natureza das coisas e dos eventos (ELIADE, 1992a) são mobilizados na conformação de um programa educativo, cujo objetivo principal

⁵¹ Mantemos diálogo com o moderno uso dos termos ‘mito’, ‘mitológico’ que, ao invés de significar algo cujo conteúdo é falso como é apreendido na maioria das vezes, aponta para o uso originário que sendo utilizado em relação ao fenômeno religioso se apresenta com bastante neutralidade quanto à verdade ou à falsidade da história consagrada neles (SMART, 1969). Afinal, tipicamente a religião tem uma história ou histórias para contar com significado especial ou sagrado” (SMART, 1983).

é formar o obreiro, agente que devotará suas forças ao avanço da causa adventista em terras brasileiras.

Neste sentido, o tempo religioso que marcava a vida no internato apresentava as marcas da proposição de uma *regeneração do tempo*, segundo a qual de modo mais ou menos explícito, se pretendia “[...], uma nova criação, ou seja, uma repetição do ato cosmogônico. [...] uma criação periódica, isto é, da regeneração cíclica do tempo” (ELIADE, 1992a, p. 57), especialmente inculcada nas atividades religiosas acontecidas no período sabático.

E como num ato de rememoração da criação e de libertação dos pecados, as cerimônias religiosas acontecidas na instituição promoviam uma suspensão do “fluxo do tempo profano”, com o objetivo de direcionar “o celebrante na direção de um tempo mítico, *in illo tempore*” (ELIADE, 1992a, 76). Assim que, por meio das atividades religiosas de modo peculiar as acontecidas no sábado, lançavam as bases para um sentimento religioso de contemporaneidade com o momento mítico do princípio do mundo, que por sua vez fomentava uma concepção de regeneração pelas horas sabáticas na mentalidade dos estudantes.

Tendo em mente a concepção de que o homem vive num tempo contínuo, era preciso instrumentalizar o *tempo sagrado e templo* (ELIADE, 1992b) a fim de veicular as crenças da mantenedora de forma menos subjetiva, de modo que a formação dos obreiros fosse calcada numa nova consciência do tempo e, por essa fosse dirigido.

Outro importante aspecto da formação do obreiro adventista ofertada na instituição educacional é abordada no tópico *Os Trabalhos Manuais*. Estes ocupavam uma boa parte do tempo da vida do interno e se consubstanciava ao currículo escolar. É possível indicar que a instalação da instituição de ensino foi caracterizada por propósitos utilitaristas, com planos de estudos marcadamente confessionais e mesclados com atividades manuais, de modo a seguir a proposta filosófica de Ellen G. White. No entanto, podemos problematizar acerca da relevância das atividades manuais no espectro formativo dos obreiros.

Acreditamos que o processo formativo ofertado na instituição, no que se refere ao aspecto das atividades manuais contribuía significativamente para a conformação de um tipo de prática profissional que deveria ser desenvolvida

pelos agentes adventistas em sua atuação no campo missionário. Dessa forma, é possível apontar uma direção que era sinalizada pelas atividades manuais cujo objetivo era fazer veicular entre os estudantes uma nova maneira de ver a realidade calcada na valorização da natureza e do trabalho. Nestes termos, parece ser uma trilha profícua a indicada por Mendonça (2008) em suas considerações quando afirma que “[...] os efeitos de uma educação indireta por via de atitudes, modos de vida, [...] são mais importantes do que a instrução” (p. 154).

Em *A Obra da Colportagem* tencionamos apresentar como a mesma ganhou espaço ao longo do tempo na instituição de formação dos obreiros. É indiscutível que tal obra é uma marca do protestantismo, pois que sendo a religião do livro fez desse estrada uma plataforma de penetração da mensagem nestas terras. Todavia, ressaltamos que, no caso adventista, a colportagem se institucionalizou de tal forma que se tornou um meio imprescindível para o início e ampliação da mensagem adventista. Tamanha a importância da colportagem para o adventismo nestas terras, é que a mesma encontrava espaço cativo no periódico denominacional brasileiro, além de serem comuns os cursos de colportagem para calouros e veteranos na instituição de formação de obreiros. Cabe ressaltar que o calendário letivo era ajustado para oportunizar períodos mais amplos de recesso, a fim de que os estudantes pudessem dedicar as férias a esta atividade. É notório observar que ao longo dos anos nos *Prospectos Anuais* da instituição aqueles estudantes que se dedicavam à colportagem em seus períodos de férias ganhavam mais espaço tendo a foto impressa e uma legenda com tons laudatórios.

A fim de promover ainda mais a obra da Colportagem no meio estudantil, a instituição escolar organizou juntamente com o departamento de publicações um plano denominado *Scholarship* (bolsa de estudos) (PROSPECTO ANNUAL, 1926), por meio do qual buscava premiar aqueles que tendo alcançado metas de vendas de literatura denominacional concedendo descontos significativos ou mesmo isenção das taxas e custos da formação escolar. A ênfase denominacional na importância da colportagem no programa de formação dos obreiros revela que a liderança da IASD pretendia fazer avançar a mensagem para além dos nichos até então conquistados, tendo na obra das publicações um apoio para a penetração nos campos missionários, além de

instrumentalizá-la como componente da manutenção identitária dos novos conversos, mas especialmente dos egressos do Seminário.

O escopo que conforma a escrita desse capítulo revela que, os fios tecidos ao longo dos tópicos deixam entrever a maneira como a formação dos obreiros na instituição adventista radicada em São Paulo se funda nas balizas de uma *ascese intramundana* (WEBER, 2004), segundo a qual a valorização do trabalho e do tempo se relaciona a elementos de uma moral protestante, que no caso adventista se estabelece por uma “[...] peculiaridade espiritual inculcada pela educação” (WEBER, 2004, p. 33).

A despeito do caráter marcadamente escatológico da mensagem adventista e seu forte senso sectário evidente muitas vezes em sua atuação missionária em terras brasileiras, tal denominação empreendeu um forte programa de formação do obreiro valendo-se dos ideais e desejos pelo progresso característicos no período republicano, mas, sobretudo da relação peculiar da regulamentação da vida religiosa sob a égide da *ascese intramundana* e dos valores da ética protestante. Afinal,

[..] o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantar a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida (WEBER, 2004, p. 72).

Neste espectro, a liderança denominacional tencionava por meio da formação dos obreiros adventistas fomentar uma exemplaridade de moral ascética que apresentava diversas combinações por meio do programa institucional, mas que indubitavelmente intentava lançar as bases de uma concepção de atuação no campo missionário, segundo a qual o obreiro adventista deveria fazer do “[...] trabalho diário e metódico um dever religioso, a melhor forma de cumprir, ‘no meio do mundo’, a vontade de Deus” (WEBER, 2004, p. 280).

Colégio Adventista Brasileiro: abrindo as portas

A partir do momento que São Paulo se tornou uma prioridade para a liderança denominacional adventista, haja vista que o número de conversos ainda era ínfimo dadas as condições de potencialidades, é notável identificar

que os investimentos iam além da instalação da publicadora adventista no estado e da busca por estabelecer uma escola missionária.

Há de se destacar a organização para a realização de uma grande reunião entre 19 e 25 de janeiro de 1914, por ocasião da terceira assembleia bienal da *União Brasileira* em Santo Amaro, São Paulo, e noticiada no periódico denominacional nacional. Conforme se pode depreender indicamos que a escolha do local para a reunião figurava como um elemento a mais para corroborar na convergência das atenções para aquilo que a liderança denominacional tencionava para logo em breve.

Devendo essa conferencia ser precedida de um curso de instrucção para os obreiros missionários, que deverá durar umas tres semanas e no qual hão de tomar parte todos os obreiros do Brazil, havemos de ter sem duvida um forte contingente de cooperadores, [...] Aquelle cujo coração participa dessa obra, ha de forçosamente ter prazer ou mesmo considerar uma necessidade comparecer ali onde deverão ser deliberados os importantes negócios a ella antinentes. [...] Por isso, irmãos, não vos façaes rogados, vindo todos, não medindo sacrificios para essa opportunidade⁵² (LIPKE, 1913, p. 1).

Os primórdios da empreitada missionária empreendida para evangelizar Santo Amaro (na época vila vizinha da capital) são descritos por Hosokawa (mimeo *apud* MARTINS, 2007) que relata que:

Para atingir a população santamarense, Dr. Lipke e seus auxiliares aproveitaram a grande tenda armada, para uma série de palestras, envolvendo temas religiosos e de saúde. Entre os que se batizaram no dia 16 de maio de 1914 estavam membros de tradicionais famílias da cidade: Klein, Teisen, Branco, Morais e Araújo (p. 56).

Chama-nos atenção que a estratégia utilizada para a evangelização adventista na região de Santo Amaro associava a exposição de temas religiosos e orientações dos mais variados temas de saúde que relacionavam hábitos alimentares saudáveis e prevenção de doenças. É fato que, essa já era uma abordagem comum na instrumentalização evangelizadora adventista empreendida em outros países, todavia, a sua prática em terras brasileiras foi fomentada especialmente devido às restrições para a prática médica de

⁵² Comissão Executiva [John Lipke]. Conferencia União Brasileira. **Revista Mensal**. Vol. 8, N. 10, Outubro, 1913. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=1767&s=1453814910>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

estrangeiros no Brasil, em especial em São Paulo. Em sua carta intitulada *Medical Missionary Work in Brazil* à revista denominacional estadunidense, Lula Corliss Gregory indica a existência dessas restrições.

A nossa viagem ao Rio foi muito aprazível, o mar estava bom e o clima agradável. Encontramos a cidade não tão quente como esperávamos e o lugar não tão ruim para se viver. Será uma tarefa longa e difícil adquirir a licença para a prática da medicina ou odontologia em torno de São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, ou em outras cidades nesses estados. [...] O governo exige um exame no idioma português, bem como conhecimentos em medicina, sendo este último bem atrasado. No entanto, se alguém faz um bom exame, tal é a sua má vontade com médicos estrangeiros que, dificilmente a Câmara Médica Brasileira lhe concederá licença⁵³ (GREGORY, 1902, p. 14).

O trabalho iniciado pelos obreiros adventistas na região de Santo Amaro começou a render frutos e o primeiro resultado visível foi a inauguração de uma igreja em janeiro de 1915 que é descrita por Frederick W Spies no artigo *Inauguração do templo de Santo Amaro* publicado na Revista Mensal da seguinte forma:

Domingo, 17 de janeiro, foi inaugurado o pequeno templo de Santo Amaro. A igreja de Santo Amaro, que conta 25 membros, se constituiu desde a ultima Conferencia União, celebrada naquella localidade. Embora o tempo actual não favorecesse muito uma empreza qual a da construcção de um templo, por isso que muitos irmãos não estavam em condições de contribuir para esse fim com aquillo que desejavam, recaindo assim maiores encargos sobre os hombros de alguns poucos, os irmãos santamarenses conseguiram comtudo construir uma das mais bellas casas de oração que temos no Brazil [...] O irmão Lipke descreveu em traços rápidos a nossa obra em todo o mundo, remontando aos seus principios e esboçando o seu desenvolvimento, dando depois a palavra ao

⁵³ GREGORY, Lula Corliss. *Medical Missionary Work in Brazil*. **The Advent Review andh Sabbath Herald**. Battle Creek, Michigan. Vol. 79, N. 25. 24 June, 1902. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=92292>. Acesso em: 10 mar. 2015. O texto original se apresenta: "Our trip to Rio was very pleasant, the sea being smooth and the weather agreeable. We found the city not so hot as we had expected, and not at all a bad place in which to live. It will be a long, hard task to secure the right to practice either medicine or dentistry around Sao Paulo, Santos, Rio de Janeiro, or other cities in these states. [...] The state government requires an examination in the Portuguese language, as well as in medicine, the latter being somewhat behind the times. However, if a man passes a good examination, such is their dislike to foreign medical men, it is said, that the Brazilian Medical Board will scarcely allow him to pass".

relator destas linhas, que produziu o discurso inaugural seguido de oração (SPIES, 1915, p. 03)⁵⁴.

A despeito dos empecilhos e dificuldades enfrentadas na evangelização do território paulista⁵⁵, os acontecimentos se sucederam na região de Santo Amaro e, em abril de 1915 os adventistas adquiriram uma propriedade no município, um terreno de 145 hectares nas proximidades da vila de Santo Amaro que na época distava 20 km da cidade de São Paulo.

De imediato, John Lipke (1875 - 1943)⁵⁶ e mais 17 alunos se mudaram para a propriedade com a finalidade de reformar algumas construções existentes e iniciar outras. É imperioso destacar que as características específicas da propriedade, tais como dimensões do terreno, recursos hídricos e naturais, localização rural com escassos moradores nas redondezas estabeleciam diálogo profícuo com as orientações de Ellen G. White acerca da instalação de escolas denominacionais. O primeiro prospecto anual traz uma descrição da propriedade.

Attendendo à sua situação aprazível e à salubridade do seu clima resolvemos adquirir no districto de Capão Redondo um terreno apropriado para a construção e instalação de uma escola missionaria. [...] O terreno é constituído de mattas, pastagens e terras de cultura. Das suas eminencias avista-se a Villa de Santo Amaro e também a cidade de S. Paulo.

O ambiente puro e oxigenado de suas collinas e florestas activa sensivelmente os pulmões, purificando o sangue, favorecendo a digestão, numa palavra, dando saude.

A Excelente agua potavel fornecida por tres regatos crystalinos que banham essas terras deve ser considerada outrossim mais um fator de saude e preventivo de doenças infecciosas.

⁵⁴ SPIES, F. W. Inauguração do templo de Santo Amaro. **Revista Mensal**. Estação São Bernardo do Campo, São Paulo. Vol. 10, N. 3, março, 1915. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2010&s=346505094>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

⁵⁵ Uma breve descrição encontra-se exposta em: PEVERINI, H. J. **En las huellas de la providencia**. Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana, 1988; CHRISTIANINI, A. B. (Org.) **Comemoração dos 75 anos da obra de publicações no Brasil**. Revista Adventista. Edição especial, Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1975.

⁵⁶ Dados biográficos podem ser encontrados em: RITTER, Orlando. John Lipke. In: TIMM, Alberto R. (Org.). **A educação adventista no Brasil: uma história de aventuras e milagres**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2004. Para informações em um breve obituário pode-se consultar: RITTER Germano. Obituário de John Lipke. **Revista Adventista**. Ano 38, Agosto, 1943, p. 25. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=1077&s=346505094>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

A bela perspectiva que dahi se goza e a singular quietude da natureza exercem uma influencia bemfazeja sobre o espirito que, aliado ao estudo da palavra de Deus a contemplação das obras divinas, irresistivelmente é attrahido para o seu Creator (PROSPECTO ANNUAL 1916/1917, p. 03-04 *apud* MARTINS, 2007, p. 65).

A despeito das características peculiares da localização, do entusiasmo, muita coisa faltava até que de fato pudessem ter uma escola, a começar pela estrutura de acomodação dos estudantes, salas de aulas, etc. Todavia, 03 de julho de 1915, primeiro dia de aula, havia 12 alunos e uma velha construção existente antes da aquisição da propriedade que foi adaptada para essa finalidade. A instituição educacional adventista localizada em Santo Amaro, entre os anos de 1915 e 1916 contava com um corpo docente modesto e composto por: John Lipke, diretor; John H. Boehm (1884 - 1975)⁵⁷, gerente; Paulo Hening, professor. Em acréscimo ao corpo docente, em 1917 a escola recebeu os professores Neumann e Kümpel.



Figura 4 – Primeiras instalações do Colégio Adventista
Barracas e tendas utilizadas provisoriamente para abrigar os alunos em 1915.
FONTE: HOSOKAWA (2001).

⁵⁷ Dada a sua importância para a educação adventista no Brasil, posto que é considerado o co-fundador do Colégio Adventista Brasileiro (1915) figura no rol daqueles cuja historiografia adventista consagrou. Informações biográficas introdutórias estão disponíveis na Enciclopédia da Memória Adventista no Brasil (eletrônica) disponível em: <http://www.unasp-ec.com/memoriadventista/enciclopedia/8/028b_boehm_john.htm>. Acesso em: 15 mar. 2015. Um breve obituário encontra-se em: John E. Boehm descansa no Senhor. **Revista Adventista**. Março, 1975, p. 22. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?pesquisa=13571&words=john+h.+boehm&s=346505094>>. Acesso em 15 mar. 2015. Mais informações podem ser obtidas em: RABELLO, João. **John Boehm**: educador pioneiro. São Paulo, 1991.

Alguns progressos se realizaram ainda no ano de 1915. Dentre eles destacamos a apreciação acerca dos procedimentos envidados para a aquisição da propriedade destinada ao funcionamento da futura instituição educacional empreendida pela instância administrativa geral da IASD, *General Conference Committee* em sua reunião de número 125, em 18 de julho de 1915⁵⁸ que, mesmo tendo se oposto aos procedimentos (empréstimo) não objetou na efetivação daquilo que já havia sido realizado, o que de certa forma contribuiu para o prosseguimento da obra. Assim sendo, em agosto de 1915 começou a construção do primeiro edifício escolar, o qual foi destinado à ampliação das instalações físicas da instituição e de cujo lançamento da pedra fundamental se noticiou na revista denominacional. No artigo *Lançamento da primeira pedra do edifício da escola missionaria* publicado na Revista Mensal, Augusto Gross informa:

[...] hoje, 2 de Agosto, lançada a primeira pedra do edificio da muito almejada escola missionaria no Brazil. [...] A's 10 1/2 horas da manhã todos os irmãos aqui residentes se havia reunido no local do projectado edificio [...] já aqui estão logo do começo 15 irmãos jovens, cheios de valor e zelo pela causa do Senhor, decididos a obter a sua preparação para operar nessa causa (GROSS, 1915, p. 3, 4)⁵⁹.

⁵⁸ Mais informações podem ser obtidas em: *One Hundred Twenty-fifth Meeting General Conference Committee*, July 18, 1915, p. 47. Disponível em:

<<http://docs.adventistarchives.org/docs/GCC/GCC1915.pdf#view=fit>>. Acesso em 24 abr. 2015.

⁵⁹ GROSS, Augusto. Lançamento da primeira pedra do edifício da escola missionaria. **Revista Mensal**. Estação de São Bernardo, São Paulo. Vol. 10, N. 9, setembro, 1915, p. 3 e 4. Disponível em:

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2016&s=346505094>>. Acesso em: 20 abr. 2015.



Figura 5 – Primeiros alunos do Colégio Adventista
Primeiros estudantes acompanhados de
John Lipke e Paul Hennig (extremidades) em 1915
Fonte: HOSOKAWA (2001).

A esta altura cabem algumas interrogações acerca dos rumos que a IASD estava tomando por esses anos da segunda década de 1900. Seria uma estratégia denominacional, que a igreja adventista buscava efetivar, haja vista que até então ela se caracterizava por ser uma igreja de evangelização do interior e marcadamente calcada nas comunidades germânicas? Os obreiros formados nessa instituição auxiliariam nos intentos denominacionais de alargar suas fronteiras a fim de alcançar as regiões mais habitadas e urbanas? Seria o estabelecimento dessa instituição denominacional dedicada à formação dos obreiros adventistas nestas terras a principal estratégia denominacional?

Fato é que a localização escolhida para erguer tal empreendimento, aponta para além do diálogo com as orientações de Ellen G. White referente à construção de escolas adventistas, o que sugere para o fato de que, neste caso a periferia no que se refere à cidade de São Paulo indica uma opção marginal frente aos empreendimentos protestantes erguidos no estado. Tal marginalidade é reforçada pelas caracterizações ainda rudimentares para uma instituição que se pretendia fomentar a educação dos jovens adventistas. A que se prestava tal marginalidade? Seria ela uma indicação do *modus operandi* da denominacional em sua estratégia para evangelização nestas terras? Ou seria

ela indicação do espectro doutrinário que organizava as práticas denominacionais, dado o marcante aspecto escatológico que as balizava?

Na perspectiva da liderança denominacional nestas terras, para além da empolgação com a inauguração da escola de treinamento para a formação de obreiros nativos, havia no espectro administrativo a indicação de que era chegada a hora de empreender evangelização calcada em obreiros nativos. Na carta *Brazilian Union Conference* publicada na revista denominacional estadunidense, Frederick W. Spies indicava que entre o trabalho realizado por um missionário de outro país e aqueles que advinham do próprio povo, havia de sua parte uma predileção por estes últimos, pois que podiam “[...] em muitos aspectos, trabalhar mais efetivamente para o seu povo do que os missionários de outros países”⁶⁰ (SPIES, 1916a, p. 10), especialmente dadas as condições difíceis que foram acentuadas pela crise financeira e industrial aliada à seca e fome castigante de algumas regiões do país (SPIES, 1916a).

Por ocasião do ano de 1916 (22 de Maio) a instituição, já conhecida como Seminário/Colégio, contava com 35 alunos matriculados, sendo 13 moças e 22 rapazes. Ao final do ano, a instituição contava com estudantes vindos de quase todos os estados já penetrados pela mensagem adventista, as aulas por sua vez eram ministradas em três línguas, a saber: português, alemão e inglês, sendo o corpo docente composto por três professores. No entanto, apesar dos números ainda modestos a meta continuava elevada e se norteava pelo objetivo unívoco conforme atestado por John Lipke em seu artigo, *Nosso Seminario* esboçado na revista denominacional mensal de circulação nacional: a formação do obreiro adventista.

[...] pedimos as orações dos irmãos para este estabelecimento, para que se torne educacional no verdadeiro sentido da palavra, os jovens que nelle se matriculam sejam educados no verdadeiro espirito missionario, afim de serem enviados como obreiros bem preparados ao campo da missão (LIPKE, 1916, p. 1)⁶¹.

⁶⁰ SPIES Frederick W. Brazilian Union Conference. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Takoma Park Station, Washington. Vol. 93, N. 8. 10 February, 1916, p. 10. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=90921>. Acesso em: 28 abr. 2015. O original apresenta: “[...] in many respects, work more effectually for their people than can missionaries from other countries”.

⁶¹ LIPKE, John. Nosso seminário. **Revista Mensal**. Estação de São Bernardo, São Paulo. Vol. II, N. 7, julho, 1916, p. 1. Disponível em:



Figura 6 – Estudantes e professores em 1916

Fonte: <<http://unasp.organit.com.br/galeria/>>.

Acesso em: 15 Ago. 2015

O periódico denominacional *Revista Mensal* em sua edição de agosto de 1916 trazia em sua primeira página o artigo *Duas Questões Importantes*⁶², no qual Spies (1916b), além de justificar a criação da instituição para formação de obreiros enfatizava a importância do provimento de meios para a sustentação dos mesmos nos campos missionários. Posto que, os recursos advindos dos Estados Unidos estavam em franco declínio era necessário arranjar outros meios para subsidiar tais obreiros, a despeito de alguns já estarem empenhados no trabalho da colportagem. É fato que na preocupação de Spies (1916b) encontram-se reverberações dos desdobramentos que a Primeira Guerra Mundial traziam para os países, todavia, há algo de fundo que sob nossa perspectiva merece atenção. Quando informa que alguns que haviam passado pela instituição já estavam atuando como colportores, Spies (1916b)

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?pesquisa=51894&words=nosso+seminario&s=346505094>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

⁶² SPIES, Frederick W. "Duas questões importante". *Revista Mensal*. Vol II, n. 8, ago, 1916b, p. 1 e 2. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>>. Acesso em: 01 mai. 2015.

sugere que o ideal era a atuação desses egressos como obreiros bíblicos⁶³ no campo missionário.

Se por um lado o colportor consegue sustento pela venda de literatura, por outro lado o obreiro bíblico necessita ser custeado a fim de conseguir evangelizar pessoas e convertê-las ao adventismo. Para além disso, cabe ressaltar que o crescimento do adventismo nestas terras quando calcado em sua maior parte no trabalho dos colportores apresentava marcas que pouco dialogavam com os novos rumos assumidos pela liderança denominacional para os anos seguintes tendo como mola a formação de obreiros na instituição de Santo Amaro. Neste esteio, ecoamos o que apresenta Greenleaf (2011) quando indica que “[...] o evangelismo havia se desenvolvido de um processo quase que exclusivamente rural, focado na literatura, para experiências com equipes evangelísticas urbanas” (p. 128).

No início do ano letivo de 1917 a maioria daqueles que faziam parte da instituição era de origem alemã. No entanto, a instituição apresentava os progressos dos alunos no aprendizado da língua portuguesa o que indicava um dos alvos da instituição, pois que tencionava formar obreiros para trabalharem efetivamente no campo missionário entre falantes do português. Tal formulação encontra-se patenteada no artigo *O Nosso Seminário*, escrito por Frederick W. Spies e publicado na revista denominacional nacional. Diz ele:

Aproximam-se do fim os trabalhos lectivos do segundo anno do nosso Seminário. O curso, este anno, foi frequentado por 55 estudantes, e, como no anno passado, fizemos os mais relevantes esforços para que os alunos se aperfeiçoassem no estudo da lingua portugueza. Fomos bem succedidos nisto, pois, os nossos jovens, que no primeiro anno pouco entendiam do portuguez, este anno só frequentam as classes onde é feita a exposição das lições somente no idioma do paiz. Apesar de sermos obrigados a dar a alguns jovens estudantes instrucções em outras linguas, o nosso alvo é conseguir que o portuguez seja a língua principal usada em nosso Seminário. Os nossos obreiros necessitam de um estudo aperfeiçoado desta lingua si quizerem obter bons resultados no campo, porque é a lingua mais usada no paiz (SPIES, 1917, p. 02)⁶⁴.

⁶³ Obreiro bíblico era a pessoa cuja atuação na obra adventista consistia majoritariamente na pregação do evangelho seja pela realização de conferências públicas, ou mesmo na ministração de estudos bíblicos, como também poderia ser no exercício do ministério adventista pelo cuidado pastoras de uma região em especial.

⁶⁴ SPIES, Frederick W. *Nosso Seminario*. **Revista Mensal**. Vol. 12, N. 11, Novembro, 1917, p. 2. Disponível em:

Para além da associação do uso da língua portuguesa com a evangelização adventista empreendida como tónica por essa época, é imprescindível marcar o antigermanismo que figurou no Brasil após a assinatura da declaração de guerra em 27 de outubro de 1917 pelo presidente Wenceslau Brás Pereira Gomes⁶⁵. Neste esteio, uma série de instruções foram expedidas pelo governo atingindo escolas alemãs, de forma que a própria instituição foi cercada e revistada por homens comandados pelo Coronel Pedro D. Campos (HOSOKAWA, 2001), devido especialmente à veiculação de um boato que dava conta de que na escola em questão estavam sendo fabricadas munições que posteriormente seria utilizadas pelos revolucionistas.

Todos os sótãos, porões, salas, quartos, escritórios, depósitos, etc. foram revistados [...]. Um oficial foi à hidrelétrica acompanhando pastor Boehm e examinou tudo. Em seguida os militares interrogaram o pessoal do seminário, mas não encontraram nada que o comprometesse (WALDVOGEL, 1988, p. 54).

Diante da situação desfavorável, pastores, professores e colportores de origem alemã paralisaram suas atividades a fim de evitarem confrontos e suspeitas em decorrência do antigermanismo, e para não correr o risco de ser fechada algumas mudanças foram implementadas na instituição educacional, destacam-se entre elas: a contratação de professores adventistas brasileiros, a adoção do idioma português, além da oferta de disciplinas curriculares conforme a legislação nacional exigia.

Concomitantemente aos anos iniciais de funcionamento da instituição educacional, a denominação adventista no continente sul-americano experimentara um processo de organização eclesiástica de cunho administrativo. No ano de 1916, sob a liderança estadunidense foram reunidos os representantes das instâncias administrativas dos países sul-americanos com presença adventista, e então se promoveu a organização da *Divisão Sul*

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2039&s=902918016>>. Acesso em: 01 mai. 2015.

⁶⁵ Advogado, nascido na cidade de São Caetano da Vargem Grande, hoje Brasópolis, estado de Minas Gerais, em 26 de fevereiro de 1868. Assumiu a presidência do Brasil entre 1914 e 1918. Mais informações podem ser obtidas em: Arquivo Nacional (Brasil). **Os presidentes e a República**: Deodoro da Fonseca a Dilma Rousseff. 5ª ed. rev. e ampl. - Rio de Janeiro: O Arquivo, 2012. Disponível em:

<<http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/media/presidentes%205%20edi%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 01 de mai. 2015.

*Americana*⁶⁶, que teve como primeiro líder o norte-americano Oliver Montgomery (1870 – 1944) que a dirigiu entre os anos de 1916 a 1922. A criação de tal instância administrativa objetivava reorganizar o trabalho denominacional no continente, especialmente no que se referia ao Brasil dada a extensão de seu território, bem como se norteava pela demanda por obreiros nativos. Acerca deste último, o próprio encontro para organização da *Divisão Sul Americana* em sua primeira reunião o considerou em pauta, o que evidenciava os desafios que se impunham. Neste sentido, o relatório *Organization of the South American Division Conference*, de N. Z Town publicado no periódico denominacional norte-americano indicia o teor daquilo que se pretendia enquanto virada para a obra nestas terras, especialmente por marcar as condicionantes que configuravam o trabalho daqueles que por aqui já estavam, mas que por sua vez conformavam o apoio à formação de obreiros nativos.

Considerando que, há grande despesa e frequentemente considerável risco envolvido em trazer obreiros para nossos campos de outros países, posto que eles devem adaptar-se à novas condições e aprender nova língua⁶⁷ (TOWN, 1916, p. 12).

De certo modo, era imprescindível relacionar a organização eclesiástica e sua atuação nos campos missionários que compunha o continente sul-americano às instituições que até o momento se apresentavam constituintes da tessitura denominacional para o projeto missionário. Neste sentido, a escola de treinamento do Brasil compunha o espectro institucional que a denominação pretendia mobilizar para o projeto missionário a ser efetivado nestas terras. Desta forma, o relatório de N. Z Town, *Organization of the South American Division Conference* mencionava que a denominação adventista em 1916 em terras sul-americanas contava com

⁶⁶ Para conhecer aqueles que dirigiram esta Organização desde seu início até os dias atuais, acesse: <<http://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/historia-da-igreja-adventista/nossos-lideres/>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

⁶⁷ TOWN, N. Z. Organization of the South American Division Conference. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Takoma Park Station, Washington. Vol. 93, N. 25. 18 May, 1916, p. 12. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=91420>. Acesso em: 20 abr. 2015. No original, o texto se apresenta da seguinte maneira: “Whereas, There is great expense and often considerable risk involved in the bringing of workers to our fields from other countries, as they must adapt themselves to new conditions and learn new languages [...]”

[...] duas editoras, uma no Brasil, onde a literatura é publicada em Alemão e Português, e uma em Argentina, que emite literatura em espanhol; três escolas de formação, no Brasil, Argentina e Chile, respectivamente; um sanatório [...] (TOWN, 1916, p. 12)⁶⁸.

Oliver Montgomery em uma visita à escola localizada em Santo Amaro fez um relato bem documentado acerca da localização da instituição, do padrão de construções que estavam sendo erguidas, da rotina de trabalho compreendido pelos estudantes. Em seu relato *Notes from Brazil - No. 2: A Visit to the New School* ao periódico norte-americano, Montgomery (1917) além de explicitar detalhes da rotina da instituição, convivência entre os sexos, ambiente de espiritualidade do campus, ressalta que tal empreendimento educacional, bem como sua aparente singularidade havia despertado atenção de algumas autoridades de São Paulo.

Vários dos influentes do povo de São Paulo estão interessados nesta escola empresa e favoravelmente impressionados. Uma escola industrial é uma coisa nova no Brasil. Esta escola estabelecida em uma grande extensão de terra boa e de fácil acesso a uma das melhores cidades da república, está atraindo a atenção de pessoas cultas e empreendedoras⁶⁹ (MONTGOMERY, 1917, p. 12).

É bem verdade que ao longo dos primeiros anos de funcionamento da instituição educacional para formação de obreiros localizada em São Paulo, o que se tinha de fato não se encontrava ao nível do que a denominação mantinha em algumas outras regiões, especialmente nos Estados Unidos. No entanto, a despeito das dificuldades ou mesmo limitações, aqueles que estavam à frente da denominação no âmbito administrativo insistiam nos objetivos que pretendiam para a instituição radicada nos arredores da cidade de São Paulo.

O então presidente – Oliver Montgomery – da *Divisão Sul-americana* ao participar da Conferência Geral da denominação, por ocasião de trigésima

⁶⁸ O texto em inglês: “[...] are two publishing houses, one in Brazil, where literature is published in German and Portuguese, and one in Argentina, which issues literature in Spanish; three training schools, in Brazil, Argentina, and Chile, respectively ; one sanitarium [...]”.

⁶⁹ MONTGOMERY, Oliver. *Notes from Brazil - No. 2: A Visit to the New School*. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Takoma Park Station, Washington. Vol. 94, N. 8. 22 February, 1917, p. 13. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=92158>. Acesso em 28 abr. 2015. O texto original: “Several of the influential people of Sao Paulo are interested in this school enterprise, and are favorably impressed. An industrial school is a new thing in Brazil. This school, established on a large tract of good land within easy reach of one of the best cities of the republic, is attracting the attention of thinking and enterprising people”.

nona sessão com representantes de todas as regiões do mundo com presença adventista apresentou seu relatório intitulado *The South American Division Conference*. Neste relatório, Montgomery (1918) oferece uma descrição geral do território que compõe esse campo missionário tecendo comentários acerca do clima, povo, religião política, comércio, indústria e educação. O que se pode entrever é a visão do norte-americano adventista sobre o campo missionário que se encontra sob sua direção. Dois tópicos do relatório se sobressaem em nossa perspectiva, são eles: *Nossas Oportunidades* e *Nossas Necessidades*.

No tópico *Nossas Oportunidades*, Montgomery (1918) busca relacionar como este território é o “continente das oportunidades” para o movimento missionário adventista estadunidense, algo em muito aproveitado por outras sociedades missionárias haja vista que, por essa época figurava um sentimento de boa receptividade para aqueles que provinham dos Estados Unidos, bem como havia uma grande abertura para a pregação protestante. Vislumbrando que a obra adventista deveria crescer em direção aos grandes centros urbanos Montgomery (1918) pontua: “As grandes cidades da América do Sul devem ter atenção especial [...] Acreditamos que é tempo das cidades da América do Sul serem fortemente trabalhadas” (p. 52)⁷⁰.

Tal assertiva corrobora para o que hipotetizamos interrogativamente no início desse tópico quando indicamos que a denominação adventista em seu projeto missionário nestas terras por muito tempo se caracterizou por uma penetração de ênfase rural, e que ao projetar um alargamento das fronteiras em direção às cidades que concentravam grande parcela da população, carecia de uma instituição por meio da qual a formação de obreiros nativos contribuiria para a efetivação dos intentos denominacionais.

No tópico *Nossas Necessidades*, Montgomery (1918) deixa entrever que apesar da instituição de formação estar em funcionamento havia debilidades que necessitavam ser resolvidas, pois para o que almejava a denominação o

⁷⁰ MONTGOMERY, Oliver. *The South American Division Conference. General Conference Bulletin*. (Thirty-Ninth Session). Vol. 8, N. 4, 4 April 1918. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=1262>. Acesso em: 28 abr. 2015. O original apresenta: “The great cities of South America, we believe, should call for special attention [...] We believe that it is high time that the cities of South America should be strongly worked”.

padrão da obra nestas terras ainda encontrava-se abaixo do ideal que pretendiam alcançar. Assim sendo, asseverou que:

A necessidade de uma melhor organização e fortalecimento de nosso trabalho evangélico é aparente. Padrões mais elevados em matéria de formação, na vida e no serviço são necessários⁷¹ (MONTGOMERY, 1918, p 52).

Tendo como paradigma a obra denominacional estadunidense resultante de uma atuação de ministros advindos dos centros de formação, Montgomery assinala que esse era o padrão que necessitava ser implementado na América do Sul e que, de modo especial a instituição estabelecida em São Paulo representaria o mote principal desse desenvolvimento.

A fim de ilustrarmos essa questão recorreremos às informações apresentadas no artigo *Among the schools* escrito por W. E. HOWELL publicado no periódico adventista dos Estados Unidos em idos de 1917. Ao descrever a importância da instituição *Union College* para o crescimento do adventismo nos Estados Unidos, o autor indica que a mesma tinha formado estudantes ao longo dos anos para: ministério, obra bíblica, obra médico-missionária, obra das publicações, ensino, missões estrangeiras e escritórios administrativos. E referente ao grupo de formandos do ano de 1917 indicava ele: “Nossos líderes [denominacionais] podem olhar com esperanças para a próxima turma de graduados e recrutá-los para o campo [missionário]”⁷² (HOWELL, 1917, p. 21).

Mesmo que não tenha feito menção direta à experiência do *Union College*, é com esse paradigma que Montgomery (1918) pauta diálogo, tanto que direciona o seu apelo a fim convocar possíveis obreiros missionários que estivessem dispostos a contribuir para a formação dos obreiros nativos. Assim sintetizou ele:

[...] existe uma necessidade muito mais inflamada de homens, homens que possam atuar como líderes e assumir as

⁷¹ No original o texto se apresenta da seguinte forma: “The need of a better organizing and strengthening of our evangelical work is apparent. Higher standards in training, in life, and in service are needed”.

⁷² HOWELL, W. E. Among the schools. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Takoma Park Station, Washington. Vol. 94, N. 1. 04 January, 1917, p. 21. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=91647>. Acesso em: 1 mai. 2015. O texto: “Our leaders may look with bright hopes to the next body of graduates for recruiting the field forces”.

responsabilidades administrativas, e que também possam ajudar a instruir e desenvolver o talento nativo⁷³ (MONTGOMERY, 1918, p. 52).

De fato, até aquele momento ainda era tímida a obra que a instituição educacional de formação dos obreiros tinha desempenhado para o desenvolvimento denominacional nas terras brasileiras, no entanto, cada vez mais claro estava para a liderança denominacional nestas terras que tal formação deveria balizar-se por um nível mais avançado do que até então havia sido ofertado em tal instituição. De acordo com Montgomery (1918) a formação de tais obreiros deveria naturalmente “[...] levar a um estudo unido de métodos, meios e políticas” (p. 53)⁷⁴.

Cabe indicar ainda nesse tópico que, apesar do ideal elevado defendido pelos líderes denominacionais, por quase uma década a instituição brasileira de formação dos obreiros oferecia um currículo basicamente de componentes do ensino médio contando com as disciplinas de matemática, ciência, história, língua materna, música, geografia aliado a matérias profissionalizantes (GREENLEAF, 2011).

A despeito de ser ainda incipiente o desenvolvimento da instituição brasileira de formação dos obreiros, como ainda tímidos os seus frutos por ocasião do ano de 1919, a diretoria da mesma indicava a importância da instituição para o crescimento da obra adventista neste país, bem como relacionava as vantagens da formação do obreiro nativo. No artigo *Seminario Adventista* publicado na revista mensal, T. W. Steen oportuniza-nos compreender essa perspectiva.

[...] para a nossa obra isto significa que, ao emvez das grandes demoras e dificuldades encontradas em obter obreiros de outros países, que, quando muito, têm de aprender a língua e as condições, estamos agora no caso de produzir obreiros, nascidos no país, que conhecem o povo, sua linguagem, seus costumes, e que podem ir ter com o povo directamente com a mensagem do terceiro anjo⁷⁵ (STEEN, 1919a, p. 2).

⁷³ Original: “there is a very sore need of more men, - men who can act as leaders and bear administrative responsibilities, and who also can help to instruct and develop the native talent”.

⁷⁴ O original apresenta: “[...] lead to a united study of methods, means, and policies”.

⁷⁵ STEEN, Thomas W. *Seminario Adventista*. *Seminario Adventista*. **Revista Mensal**. Vol. 14, N. 2, Fevereiro de 1919, p. 02. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2042&s=2302680744>>. Acesso em: 7 mai. 2015.

Passados cinco anos desde que as portas da instituição foram abertas, algumas deficiências permaneciam e, por sua vez certamente afetavam a formação dos obreiros que a denominação tanto desejava. No relatório *Our Schools in South America* publicado no periódico denominacional estadunidense, o autor H. U. Stevens afirma ser impossível discutir todos os problemas que a obra educacional adventista enfrentava neste continente, todavia organiza o assunto em três tópicos: *Training Schools*, *Church Schools* e *Field Propaganda*. Interessa-nos evidenciar aquilo que ele esboçou nas linhas que compunham o tópico *Training Schools*.

Evidenciando a filosofia denominacional que aparentemente regia a obra educacional da denominação no continente, Stevens (1920) indicou que os obreiros formados na escola de treinamento seriam indispensáveis para o programa educacional que a denominação objetivava estabelecer no campo missionário, haja vista que o número de escolas de igreja estava estagnado. Desta forma, podemos entender que a formação de obreiros que almejava a liderança denominacional apontava para uma ampliação da atuação de tais obreiros, o que por sua vez, demandava um programa formativo mais diversificado na instituição responsável por tal. No entanto, até à época a realidade apontava que tal instituição ainda distava de ser uma instituição educacional eficiente, pois

Os edifícios já construídos são inadequados para as necessidades [...] Cadeiras, quadros, mapas, industrial, laboratório e instalações da biblioteca, são algumas das coisas que devem ser fornecidas junto com professores e edifícios⁷⁶ (STEVENS, 1920, p. 22).

Diante do exposto nesse tópico fica evidente apresentar que o estabelecimento da *Training School* adventista pautou relações com o contexto histórico e social que vigorava no estado de São Paulo nos anos da Primeira República e que, sem dúvidas foi condicionante para a efetivação do intento educacional da liderança denominacional adventista. Cabe ainda apontar que localização escolhida para tal instituição dialogava com as orientações dos

⁷⁶ STEVENS, H. U. *Our Schools in South America*. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Takoma Park Station, Washington. Vol. 97, N. 27. 01 July, 19120, p. 22. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=92388>. Acesso em: 1 mai. 2015. O texto original: "The buildings already constructed are inadequate to the needs. [...] Benches, blackboards, maps, industrial, laboratory, and library facilities, are some things which should be provided along with teachers and buildings".

escritos de Ellen G. White, todavia, o carácter marginal assumido diante do espectro protestante que nessas terras já atuava revela uma postura estratégica da denominação, que diferentemente dos outros empreendimentos protestantes que buscaram influenciar a sociedade brasileira pela educação da elite nacional e pelo propagandear de ideais liberais, os adventistas priorizaram a formação de obreiros nativos a fim de fazer avançar sua obra missionária para além das comunidades étnicas.

É pertinente asseverar que havia um projeto denominacional de fundo que conformava o ideal de programa formativo que se pretendeu implementar ainda nos primeiros anos de existência da instituição em questão e, tal projeto apontava para uma nova caracterização do programa missionário adventista que buscava estabelecer as bases para o avanço do adventismo em direção aos grandes centros populacionais do país, o que indubitavelmente nos permite entrever uma passagem gradual de um adventismo rural para um de ênfase urbana.

Nestes termos, o argumento que iluminou a escrita desse tópico revela que o estabelecimento de uma escola de treinamento no estado de São Paulo indica a efetivação de uma *estratégia missionária* denominacional. Segundo a qual, o carácter marginal assumido para a escolha da localização da instituição indica intenções denominacionais ulteriores para a formação desse obreiro nativo em atuação no campo missionário.

Ficou patente nesse tópico, como se organizou e quais caminhos buscou a liderança denominacional em seu intento de formar o obreiro nativo. A despeito das limitações que caracterizaram a instituição nos seus primeiros anos, o programa formativo se efetivou na instituição em algumas vezes dissonante ao idealizado. Assim cumpre-nos apresentar como o mesmo foi efetivado sob os ditames de uma *instituição total* (GOFFMAN, 1974). Todavia, estamos atentos ao fato de que o efeito do regime de internato na vida dos estudantes faz parte de uma relação complexa de acontecimentos anteriores, posteriores e contemporâneos à formação de tais obreiros.

O Regime de Internato

O período de internação em uma instituição educacional constitui uma parte significativa do período de vida do sujeito e que pode deixar marcas na

sua subjetividade como também influenciar a sua trajetória de vida pessoal e profissional. Uma vez que a condição de internado constituía uma parte importante na formação dos obreiros adventistas para atuação no campo missionário, me parece relevante que o assunto seja estudado e compreendido. Neste sentido, torna-se inteligível indicar que o contexto institucional ao promover relações peculiares entre dirigentes e internados no conjunto das práticas institucionais fomentava o controle, dominação e submissão por meio de diversos processos empreendidos na formação educacional dos sujeitos.

Um aspecto relevante da vida em internato especialmente aqueles confessionais refere-se à construção de sistemas de princípios racionalizadores que tendem a favorecer com que a cultura institucional marque profundamente os processos formativos, de modo que os percursos individuais ao serem permeados pela circulação da informação, exercício da autoridade e seus efeitos disciplinares e mecanismos adaptativos dos indivíduos contribuam para o fortalecimento coletivo das normas, códigos e crenças da mantenedora.

É bem verdade que a educação em internatos não fora exclusividade dos protestantes desde a chegada ao Brasil. No entanto, há de ser assinalar que a lógica que caracteriza a formação ofertada no internato na perspectiva protestante difere da do católico. Posto que, para esse último grupo apoiado em uma visão dualista da vida tal instituição oferece oportunidades para reforçar o ascetismo monástico, no caso protestante o que se assevera contribui para incutir um ascetismo de viés intramundano, no qual vocação e trabalho são componentes intercambiáveis na formação protestante.

No entanto, indicamos que a educação adventista de formação de obreiros denominacionais ofertada na instituição de São Paulo era fortemente calcada no regime de internato⁷⁷, que por certo contribuía para assinalar

⁷⁷ A despeito de alguns estudos acerca dos Internatos Confessionais, ainda é lacuna a ser preenchida nos estudos sobre Educação Protestante no Brasil, especialmente no âmbito da Ciência da Religião. Algumas obras oferecem elementos importantes para a abordagem do assunto, são elas: MARMILICZ, André. **O ambiente educativo nos seminários maiores do Brasil: teoria e prática**. Curitiba, PR: Vicentina, 2003; PEREIRA, William Cesar C. **A formação religiosa em questão**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004; CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **A Pedagogia de Internar**. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2013. Esta última dirigida à história do Internato no Ensino Agrícola Federal (1934-1967).

profundamente a subjetividade da vida do sujeito, especialmente pelas relações estabelecidas entre o sujeito a ser formado com a cultura institucional, neste caso, balizada por uma filosofia educacional que promoviam relações peculiares entre dirigentes e internados, mas que acima de tudo lançavam as bases para uma formação ideal daqueles que seriam agentes da causa adventista no campo missionário.

Tendo no espectro que o internato adventista desde seus primeiros anos apresentou características físicas e organizacionais peculiares, segundo as quais os estudantes compartilhavam de uma rotina diária formalmente administrada num regime de situação equalizada e isolada da sociedade por período de tempo considerável, é notório compreendê-los sob os ditames das acepções teóricas advindas da categoria *instituição total* que, neste tópico fundamenta-se em Goffman (1974) que a classifica em cinco agrupamentos, sendo eles: quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colônias e grandes mansões. É sobressalente entendermos a concepção de *instituição total* que o autor evidencia em sua obra *Manicômios, prisões e conventos*.

Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada (GOFFMAN, 1974, p. 11).

Afinal, ao nos atentarmos para certos mecanismos de estruturação de uma instituição torna-se inteligível indiciar os aspectos que a educação intenta marcar na formação do eu do indivíduo. Convém apresentarmos que as *instituições totais* não empreendem fomentar uma aculturação por meio da formação ofertada ao longo da estada no internado, todavia é notória a instrumentalização institucional que se efetiva visando a conformação de alguns aspectos da vida diária dos estudantes, especialmente fomentada pelo controle e estreita relação entre o mundo doméstico e o mundo institucional.

O ingresso no Colégio/Seminário adventista necessitava de documento que recomendasse o estudante à instituição adventista, o que de certa forma contribuía para selecionar a entrada daqueles que após um período formativo pudesse almejar colocação nas fileiras de atuação da missão adventista. O que por certo, exigia essa eletividade para ingresso. Assim sendo rezavam os prospectos:

Requer-se que os estudantes [...] mandem uma recomendação assignada por um dos nossos ministros, o ancião da igreja á que pertencem, ou qualquer outra pessoa conhecida ao corpo docente (PROSPECTO ANNUAL, 1918-1919, p. 11).

A exigência de tal documento assinado só não acontecia quando ocorria o caso do candidato a estudante da instituição fosse conhecido de algum membro do corpo docente, o que mesmo assim requeria uma breve recomendação por parte do funcionário da instituição.

Transposto tal nível de recomendação era requerido do candidato concordância com as regras do Seminário, afinal deveria ficar entendido o seguinte: “[...] cada joven ao apresentar-se para ser inscripto na matricula da escola, se compromette pela observação dos regulamentos da mesma” (PROPECTO ANNUAL, 1918-1919, p. 11).

A educação oferecida no regime de internato da instituição de formação dos obreiros adventistas buscava por meio dos regulamentos aquilo que é peculiar à vivência em internato: uma estreita conexão entre a escola e a vida diária. Isto no âmbito confessional torna-se ainda mais importante, dados os objetivos denominacionais que pela formação educacional deveriam conformar a conduta individual tensionada entre a liberdade e as obrigações.

A fim de compreendermos o quanto a formação educacional ofertada em regime de internato contribui para lançar fortemente as suas marcas naquele que é objeto de tal instituição, tornar-se-á de especial interesse nos atentarmos aos elementos e aspectos que constavam no *mundo do internado*, bem como nas configurações que constituíam as *cerimônias institucionais* e seus desdobramentos. Para tanto, será de grande valia nos deter nos regulamentos que se encontram expostos nos prospectos da instituição, como também buscar elementos que corroboram para tal abordagem em artigos impressos nos periódicos denominacionais, tanto o nacional quanto no da matriz estadunidense. Neste sentido, buscaremos compreender a configuração do regime de internato na instituição educacional com recorte para o seu primeiro quarto de século, a saber de 1915 a 1940. O recorte proposto se justifica pelo fato de contemplar o período inicial de formação da instituição, bem como a formatura das primeiras turmas começadas a partir de 1922. Além do mais, cabe destacar que sob a direção de Thomas W. Steen, a instituição avançou

em seu desenvolvimento, bem como o Seminário empreendeu um regime ainda mais organizado da vida no internato. Afinal, este era um administrador bastante experimentado na obra educacional adventista.

No artigo *O novo director do Seminario* publicado na Revista Mensal, F. W. Spies então líder denominacional para o Brasil foi bastante laudatório a respeito de Thomas W. Steen, como também indicou que tal administrador certamente contribuiria com o desenvolvimento do Seminário, pois que trazia consigo os métodos mais atuais e bem sucedidos na direção de empreendimentos denominacionais tais como este de São Paulo.

O irmão Steen chegou ao Brazil vindo directamente de Holly, Michigan, Estados Unidos da America do Norte, onde, durante os últimos cinco annos passados, teve a seu cargo a direcção da Adelpian Acaderny, uma instituição dos Adventistas do Sétimo Dia, dando instrucção em doze annos do estudo, e tendo mais do que 150 estudantes, Antes deste tempo estava elle ligado durante tres annos com a Fox River Acaderny, no Estado de Illinois, primeiro como thesoureiro, e mais tarde como administrador. [...] Além da sua experiência pessoal em nossas escolas, o irmão Steen visitou todas as nossas maiores academias e collegios dos Estados Unidos e estudou os methodos empregados por elles, bem como muitas outras escolas tanto publicas como particulares. Portanto traz elle ao Brazil os resultados de muitos annos de experiência nas nossas escolas mais velhas, e os planos que provaram ser os mais bem sucedidos⁷⁸ (SPIES, 1919, p. 2).

É bem verdade que os estudantes que se matriculavam na instituição de formação de obreiros já carregavam uma cultura aparente derivada de suas vivências sociais e mesmo permeadas pela religião, pois que a admissão em uma instituição de internato e confessional, por si só já simbolizava o ingresso numa socialização de um conjunto normas que, certamente exigiria algum tipo de ajustamento e/ou resistência que diferiria de individuo para individuo⁷⁹, mas que não será contemplado nessa pesquisa.

⁷⁸ SPIES, F. W. O novo director do Seminario. **Revista Mensal**. Vol. 14, N. 2, Fevereiro de 1919, p. 02. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2042&s=2479745416>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

⁷⁹ É possível investigar as modalidades relacionais, os jogos de poder entre os diversos sujeitos e os níveis hierárquicos que estão envolvidos no funcionamento institucional, além de espaços de fuga e deserção, brechas inerentes a toda forma de poder disciplinar em exercício nas instituições marcadas pelo regime de internato. Artigos que abordam essas perspectivas podem ser encontrados em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/issue/view/170>>. Acesso em: 20 mai 2015.

Os conhecidos processos de admissão para a vida em internato configuram o início do isolamento que o internado de livre e espontânea vontade decidia vivenciar. Se logo nos primeiros anos exigia-se apenas uma carta de recomendação assinada por líderes denominacionais, passou-se a imprimir no próprio prospecto anual um documento titulado *Pedido de Admissão ao Seminário Adventista*, novidade esta implementada pelo diretor Thomaz W. Steen. Assim, tão logo que assumiu a direção da instituição de formação de obreiros escreveu um artigo intitulado *Seminário Adventista* ao periódico denominacional nacional, *Revista Mensal* no qual anunciava a mudança no prospecto institucional.

O novo prospecto acaba de ser preparado e está agora sendo impresso. Dentro de poucos dias elle estará prompto para ser distribuído. [...] Cada prospecto contem um pedido de admissão, [...] aquelles que tencionam frequentar o Seminário no anno vindouro nos enviem os seus pedidos de admissão quanto antes possível⁸⁰ (STEEN, 1919, p. 4).

Se bem que a novidade proporcionava indicar antecipadamente o número daqueles que tencionavam ingressar no seminário, por outro lado apresentava-se como um dispositivo seletivo que cumpria o propósito de tornar conhecidas antecipadamente ao ingresso efetivo dos estudantes algumas das principais normas que regiam a vida interna, como também oportunizava ao diretor da instituição tempo hábil para levantar mais informações acerca do candidato com os líderes denominacionais locais. Assim sendo, cumpre-nos marcar como a instituição operava sobre diversos aspectos da vida dos internados, pois por meio tal prospecto e seu dispositivo de admissão ela objetivava assegurar a cooperação inicial do novato.

Os processos de admissão [...] podem ser desenvolvidos numa forma de iniciação que tem sido denominada "as boas-vindas" - onde a equipe dirigente [...], procuram dar ao novato uma noção clara de sua situação (GOFFMAN, 1974, p. 27).

Tendo no espectro que normalmente os *processos de admissão* se configuram como instrumentos de “arrumação”, ou “programação” (GOFFMAN, 1974) é inevitável assinalar como a formação educacional ofertada em regime

⁸⁰ STEEN, Thomas W. Seminario Adventista. **Revista Mensal**. Vol. 14, N. 3, Março de 1919b, p. 04. Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2043&s=3376959400>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

de internato estabelecia as bases para um “enquadramento” dos estudantes, bem como se esperava dos mesmos a concordância prévia e o cumprimento das normas. Nesta direção evidenciava o prospecto:

Entende-se que cada estudante cumprirá fielmente e conforme melhor puder com todos os deveres que lhe são assignados em conexão com a escola e a vida domestica (PROPECTO ANNUAL, 1918-1919, p. 12).

A despeito dessa concordância prévia do estudante por meio do pedido de admissão, a equipe administrativa do estabelecimento se instrumentalizava de outros processos com vistas a conformar e codificar o comportamento dos estudantes, especialmente pelas operações da rotina. Essas são indubitavelmente mais suaves em sua modelação. Por isso, que no item *Regulamentos* dos prospectos encontrava-se explicitamente informado o que se esperava dos estudantes: “Requer-se que os alumnos internos se conformem com o programma diario, organizado pelos directores” (PROPECTO ANNUAL, 1921, p. 06). Neste sentido, pelo programa diário emergiam dispositivos disciplinares que, por sua vez, promoviam sutilmente os ideais denominacionais engendrados na formação dos obreiros adventistas.

O tópico *Os dormitórios* conforme impresso no Prospecto Anual (1918-1919), apresenta-nos elementos que corroboravam para entender como a busca por alguma uniformidade inicial do grupo de estudantes em sua estada na instituição se valia dos *processos de despojamento* engendrados imediatamente à admissão que consistiam primariamente na retirada de apoios anteriores, que de certa forma contribuía para introduzir o internado à vida de acordo com as regras da casa e que, lançavam as bases iniciais para os *processos de nivelamento* que seriam empreendidos posteriormente. Esse despojamento/nivelamento compreendia tanto aquilo que não podiam entrar na instituição, como também a limitação de itens postos a disposição e a marcação dos itens de uso pessoal. A esse respeito explicitava-se o seguinte:

Os dormitorios que se destinam a duas até quatro pessoas, são mobiliados com cama, lavatorio, guarda roupa, mesa, cadeiras, servindo ao mesmo tempo de gabinete de estudos para os alumnos. A cada alumno compete trazer 1 ou 2 cobertores, 1 travesseiro, 3 fronhas, 3 lençoes, meia duzia de toalhas, bem como pente e escova para roupa, sapatos, dentes, etc. Tanto a roupa de cama como a do corpo deve ser marcada (PROSPECTO ANNUAL, 1918-1919, p. 16).

Os processos de despojamento e nivelamento característicos nas instituições totais como o Seminário Adventista são importantes instrumentos balizadores no regime de internato, pois asseguram ao estabelecimento educacional uma ruptura inicial com os papéis e apoios anteriores que os estudantes possuíam antes de ingressarem na instituição, além de contribuir para a separação entre o mundo do internato e o mundo mais amplo. Dessa forma, tais processos abrem caminho para que o regime de internato ofereça os novos elementos, equipamentos, serviços e especialistas com os quais os indivíduos pautariam relações que conformariam a identidade útil para a atuação no campo missionário como obreiros adventistas.

A atuação da equipe dirigente e docente tornava-se de grande importância a fim de que as normas regulamentais fossem obedecidas e a programação diária fosse efetivada, o que evidenciava a atuação do corpo docente na supervisão, como também do preceptor e da matrona sob os quais repousava uma grande responsabilidade, tendo em vista que os estudantes aos mesmos se reportavam diretamente. Acerca da atuação do corpo docente na rotina diária na lida com os estudantes internos os *Regulamentos* expunham o seguinte: “O corpo docente cuidará do comportamento dos estudantes bem como dos hábitos de carácter, e toda disciplina será administrada num espírito de bondade, porém com firmeza” (PROPECTO ANNUAL, 1918-1919, p. 10). Esta atuação do corpo docente contribuía para assinalar o que Goffman (1974) denomina de *padrão de deferência* que, por sua vez, balizava as interações sociais e reforçava a autoridade da equipe dirigente, como também fomentava a subordinação dos internados em relação àqueles que exerciam sua autoridade seja na classe escolar, quanto nas atividades que regiam a vida diária. Neste sentido assevera-se o seguinte:

A convivência diária dos estudantes e professores no culto doméstico matutino e vespertino, na sala de jantar e quando a trabalhar, em adição à demais relação social, enquanto não impedir o verdadeiro propósito da escola, tem se provado uma benção a muitos jovens (PROPECTO ANNUAL, 1918-1919, p. 12).

Com a finalidade de reforçar a atuação da preceptoria o Seminário recebeu George B. Taylor em meados de 1920 e, dada a sua experiência profissional em internatos adventistas contribuiria em muito para a gestão de

Thomas W. Steen. Em seu artigo *Seminario Adventista* ao periódico denominacional brasileiro Steen (1920) fez questão de exaltar a formação e experiência de George B. Taylor.

A chegada, no mez passado, do irmão George B. Taylor e esposa, que vieram afim de unir-se ao corpo docente do Seminário, deu nova inspiração aos estudantes e novo animo aos demais professores. Estes lentes vieram directamente da nossa escola no Estado de Wisconsin, E. U. da America do Norte, conhecida pelo nome de «Bethel Academy», onde o irmão Taylor desempenhou o mister de mestre e preceptor. A irmã Taylor tambem ensinava e occupou além disto a posição de matrona. Ambos elles graduaram-se no «Emmanuel Missionary College»⁸¹ (STEEN, 1920, p. 13).

Ao analisarmos os prospectos que a instituição imprimiu e pôs a circular percebemos que a mesma fazia veicular por meio de tais e/ou artigos publicados no periódico denominacional que o ambiente do internato também era marcado pela *solidariedade*, especialmente quando recorria à utilização dos termos *família* e *convivência*. Na perspectiva teórica de Goffman (1974), a *solidariedade* no cotidiano do internato refere-se a um ajustamento secundário que se efetiva na vida dos internos em sua relação com a equipe dirigente. A seu ver, tal solidariedade pode se refletir em algum grau de confraternização entre o grupo dos internos, como também com a equipe dirigente podendo ser inibidor de rebeliões e rejeições entre os diversos grupos.

O tópico *O internato* do Prospecto Annual (1918-1919) indica que “professores e alumnos representam uma só família, [...] aos quais incumbe velar pela ordem e bem estar da mesma” (p. 12). Assim sendo, todos estes que compunham a tal família deveriam “fomentar uma atmosphaera o mais possível idêntica á dum lar ideal” (PROSPECTO ANNUAL, 1918-1919, p. 14). A idealidade que se pressupunha balizar a família deveria ser permeada por um clima de convivência diária nos mais diversos espaços e na multiplicidade de atividades realizadas na instituição. Tal idealidade no que se refere à convivência entre estudantes e professores tem a sua concepção adventista embrionariamente esboçada no primeiro escrito whiteano denominado *A Educação Apropriada* de 1872, segundo o qual indicava que:

⁸¹ STEEN, Thomas W. *Seminario Adventista*. **Revista Mensal**. Vol. 15, N. 10, Outubro de 1920, p. 13. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=1820&s=620782744>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

Os professores não deveriam manter-se à distância dos alunos, mas aprender a conviver socialmente com eles, demonstrando claramente que todas as suas ações eram baseadas no amor (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 120).

A despeito do que se propagandeava com o uso dos termos *família* e *convivência*, o que subjacentemente lançava as bases referia-se à criação de um ambiente institucional propício à aplicação das regras que deveria se favorecer por essa *solidariedade* nas relações entre os mais diversos grupos do Seminário.

A instituição lançava mão de outro dispositivo que contribuía para a promoção da *solidariedade*, as *cerimônias institucionais* que, sob nossa perspectiva constituíam-se como instrumento mais efetivo para alcançar os objetivos institucionais referentes à solidariedade, especialmente pelo fato de que tais cerimônias, geralmente se caracterizavam em sua grande maioria por “[...] uma liberação das formalidades e a orientação para a tarefa que dirigem os contatos equipe dirigente-internados bem como por uma suavização da cadeia usual de ordens” (GOFFMANN, 1974, p. 85) que, facilitavam o processo de diminuir a distância administração-internados e inauguravam um ambiente de florescimento da liberação dos papéis.

Um dos prospectos anuais, em sua seção *As Variadas Oportunidades Que Offerece o Collegio* a instituição promovia em suas páginas a existência de algumas organizações de livre participação no ambiente escolar, além de ressaltar que estimulava a associação entre os estudantes e seu desenvolvimento de viés intelectual e espiritual. Neste sentido informava que:

Ha ao menos seis organizações que oferecem taes oportunidades, como sejam: a Escola Sabbatina, a Sociedade dos Missionarios Voluntarios, a Orchestra, o Côro Miriam, o Grupo Ministerial e “O Collegial” (PROSPECTO ANNUAL, 1935, p. 8).

É verdade que, sob essa categoria de *cerimônias institucionais* diversas atividades sejam de cunho cívico, religioso, social ou acadêmico podem ser elencadas, no entanto, há de se destacar que uma das formas mais comuns de cerimônia institucional é órgão de divulgação: jornal ou revista (GOFFMAN, 1974). Visto que, os colaboradores podem ser recrutados entre os próprios internos, tal ambiente apresenta as condições ideais sob as quais hierarquia e

confiança são conformadas por moldes menos rigorosos e num clima de mais amistosidade e apreço entre a equipe dirigente e corpo estudantil.



Figura 7 – Sala da redação do primeiro jornal estudantil, *O Seminarista*, que circulou entre 1921 e 1922

Fonte: <<http://unasp.organit.com.br/galeria/>>.
Acesso em: 15 Ago. 2015

Na instituição adventista de formação dos obreiros citamos o exemplo da publicação trimensal, o jornal escolar *O Seminarista* que, mesmo sendo uma iniciativa dos estudantes recebeu o aval institucional para ser impresso e veiculado entre a membresia adventista em geral, além da comunidade interna. Acerca de seu início temos a seguinte informação:

Apresentado o original, dactylographado, à Directoria do Seminario Adventista, da qual aguardavamos o consentimento para publical-o, obtivemos depois de alguns dias a inteira aprovação [...] e o frando apoio dos demais directores da obra adventista (WALDVOGEL, 1921, p. 1)⁸².

A despeito das motivações e objetivos que norteiam as iniciativas para a confecção e veiculação de jornal ou revista no contexto do internato, Goffmann (1974) destaca que o “material apresentado tende a fechar um círculo em torno da instituição e a dar um caráter de realidade pública ao mundo interior” (p. 86). O que de certa forma pode também evidenciar a propaganda institucional que faz por meio de suas páginas com o objetivo de recrutar outros indivíduos para

⁸² WALDVOGEL, Luiz. Victoria. **O Seminarista**. Anno I, Nº. 2, Outubro, Santo Amaro, 1921.

a instituição, como também suavizar a imagem que o internato evoca na mente de algumas pessoas. Acerca do propósito maior da iniciativa estudantil a instituição ecoava:

Por meio deste pequeno jornal, os estudantes estão em comunicação com varias centenas de jovens que não se acham em contacto com a Escola. O designio deste jornal é inspirar a esses jovens para o mais alevantado proposito na vida, e, porventura, trazel-os em contacto com a Escola e seu espirito (VISTAS DO SEMINARIO ADVENTISTA, 1922, p. 33).

Mesmo com sucesso inicial desse periódico (O seminarista), sua vida foi curta, todavia, o corpo estudantil logo empreendeu esforços de modo que em seu lugar vieram outros, a saber: o *Astro Colegial* (1923 e 1924); *O Lábaro* (1925 – 1927); *O Colegial* (1928 – 1947), este último sendo o representante do gênero com maior duração. Acerca da continuidade do esforço estudantil na publicação de tais periódicos, bem como reforçando o duplo papel do mesmo a *Associação de Diplomados pelo Collegio Adventista* informou:

Eis que surge **O Collegial** sob nova orientação, e bem assim, sob novo aspecto, recordando para muitos, os dias ido d' **O Seminarista** e pouco depois o **Astro Collegial**. Os diplomados desses dias, associados da ADCA, lembrar-se-ão [...]

A Associação de Diplomados pelo Collegio Adventista saúda **O Collegial**, e lhe augura prósperos dias. Rende-lhe o seu apoio, escolhendo-o porta-voz dos seus principios e dos seus ideaes christãos.

Pelas sua columnas **O Collegial** fará vibrar por todas as sendas as aspirações do ADCA, elevando em todos os corações juvenis o conceito que como christãos e diplomados devemos á escola christã do Brasil e á querida **Alma Mater**⁸³ (ADCA, 1933, p. 5).

Seguindo os aportes teóricos de Goffman (1974) acerca do trato do órgão de divulgação (jornal / revista) enquanto forma mais comum de *cerimônias institucionais*, cumpre-nos destacar os dois tipos de material que aparecem nos jornais e revistas enquanto empreendimentos do contexto da vida no internato, a saber: “noticias locais” e “notícias do mundo externo”. Tendo em vista que o periódico *O Collegial* figurou por mais tempo nossas análises se debruçam sobre o mesmo.

⁸³ ASSOCIAÇÃO DOS DIPLOMADOS PELO COLLEGIO ADVENTISTA (ADCA). **O Collegial**. Anno VI, Nº. 4, Maio, Santo Amaro, SP, 1921.



Figura 8 – Redação de “O Colegial”, revista editada pelos alunos
 Fonte: Prospecto Anual do Colégio Adventista (1941, p. 20).

Referente às *notícias locais* elas ocupavam boa parte do periódico noticiando a chegada e despedida de funcionários, atividades sociais realizadas na instituição, formatura de estudantes, aniversariantes, enlace matrimonial, além de informar os programas realizados pelas agremiações estudantis. Neste sentido, tal periódico cumpria o papel de veicular a expressão da *solidariedade institucional*, ou seja, aquilo que é esboçado nas “notícias locais” apresentava conteúdos cujo caráter “[...] de congratulações ou pêsames, presumivelmente exprime, em nome de toda a instituição, seu interesse afetoso pela vida de cada um” (GOFFMAN, 1974, p. 86).

É pertinente apontarmos o fato de que neste periódico o cotidiano escolar era apresentado com informações referentes às exigências da vida escolar, no entanto, a maior ênfase era posta em notícias que indicavam a boa convivência na instituição escolar.

A rotinização do tempo e seu conseqüente controle era outro aspecto marcante do cotidiano da instituição adventista na formação de obreiros. A análise dos *Regulamentos* do seminário indica-nos que mesmo que o mote fosse o programa de formação educacional dos obreiros, outros dois aspectos

recebiam especial atenção: a) períodos reservados para atividades religiosas; b) o tempo dedicado ao trabalho.

De fato, a vida no internato era regida pelas marcações do tempo e, especialmente numa instituição confessional dedicada à formação dos obreiros é exequível apontar que tal égide se consubstanciava a outros instrumentos na consecução dos objetivos denominacionais no processo formativo de seus agentes. Para tanto, indica Goffman (1974) quando ao caracterizar as instituições totais:

[...] todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, a seguinte, e toda a seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição (p. 18).

Assim sendo, torna-se pertinente indicarmos que os obreiros formados sob essa lógica tendiam a assimilar a sistemática de uma vida regrada pelo tempo religioso e, visto que, muitos desses obreiros formados trabalhariam nos mais distintos lugares do campo missionário era imprescindível incorporar os valores de ter a vida regida sob essa égide educacional. Afinal, o prospecto educacional informava que “o treino em pontualidade, regularidade e ordem que os estudantes aqui recebem constitui uma parte essencial de sua educação” (PROSPECTO ANNUAL, 1918-1919, p. 12).

No contexto de vida no internato a égide do controle do tempo imposta pela instituição é, sem dúvida assimilada pelo corpo estudantil, de modo que com o passar dos anos, tais estudantes fazem do soar do sino uma das memórias mais recorrentes, sejam ainda enquanto estudantes radicados na instituição, sejam como obreiros em atividade no campo missionário. A esse respeito se dizia:

Depois de ouvir as badaladas do velho sino que desperta a coletividade estudantina [...] O sino repica. Êste sino que por milhares de dias não falhou na sua incumbência, também hoje prontamente se fêz ouvir meio-dia! (OLGA, 1941, p. 08)⁸⁴.

⁸⁴ STORCH, Olga. Sete dias no Colégio. **O Colegial**. Mai, 1941.



Figura 9 – Sino da Escola em 1941
FONTE: O Colegial (Out., 1941)

Destacamos que o controle das mínimas parcelas da vida do indivíduo no ambiente escolar evidencia a veiculação de conteúdos religiosos que buscavam inculcar no ritmo temporal dos indivíduos intervalos “sagrados”, verdadeiras rupturas, descontinuidades essenciais para a vivência da sacralidade do tempo. Posto que, a formação letrada era importante para os obreiros adventistas, fazia parte do repertório educacional os elementos “sagrados” para a formação do obreiro enquanto pessoa religiosa. Neste sentido, cumpre-nos apresentar como a concepção de *tempo sagrado* era mobilizada como elemento formativo a fim de que ainda no internato os futuros obreiros inscrevessem na vida religiosa que a duração ordinária temporal pode ser permeada por atos de significado religioso, na qual o homem religioso pudesse vivenciar momentos em que fosse possível “[...] passar, sem perigo, da duração temporal ordinária para o Tempo sagrado” (ELIADE, 1992b, p. 38).

Em seu relatório intitulado *Notes from Brazil - No. 2: A Visit to the New School* e publicado na seção *The World-wide Field* do periódico denominacional estadunidense, Montgomery (1917) observa diversos detalhes

acerca da instituição em São Paulo, todavia, cabe indicar a observação feita referente ao ambiente escolar que marcava a instituição por ocasião de sua visita e que destacava o que para ele consistia em progresso na experiência religiosa dos estudantes, pois que logo cedo da manhã (às 6 horas) muitos estavam acordados dedicados às leituras religiosas.

Neste esteio de análise, a concepção de *tempo sagrado* de Eliade (1992b) é seminal, posto que nos oportuniza compreender que a sacralidade do tempo está associada a algumas qualidades ou características: é reversível, circular, recuperável, repetível, ontológico e indestrutível. O que, por sua vez, implica em indicar que:

o tempo sagrado é por sua própria natureza reversível, no sentido em que é, propriamente falando, um Tempo mítico primordial tornado presente. Toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “nos primórdios” (ELIADE, 1992b, p. 38).

O Tempo Sagrado no Internato

As representações religiosas do tempo se ligam a uma complexidade relativa à natureza do tempo. Neste sentido, quando se coloca o eu diante das variações do tempo, é que se percebe que o eu no tempo não pode ser considerado sem levar em conta ritmos e processos (ELIADE, 1992a). Por isso que, o cotidiano da instituição de formação dos obreiros evidencia abordagens referentes à questão do tempo, submetendo-o aos interesses denominacionais e veiculando por meio do trato do mesmo, concepções estreitamente religiosas.

A relação dos estudantes com o tempo era deliberadamente articulada a fim de possibilitar um avanço progressivo subjetivista de uma a concepção do tempo sagrado, de forma que especialmente as atividades acontecidas no período sabático pelas marcas de concepção cosmogônica indicassem “[...] a repetição cíclica daquilo que existiu antes, ou seja, o eterno retorno” (ELIADE, 1992a, p. 87).

Dessa forma, asseveramos que a formação dos obreiros permeada pelas acepções do *tempo sagrado* apontava para a emergente necessidade de superação por parte dos estudantes de uma compreensão simplista do tempo, e/ou meramente formal, o que por sua vez auxiliava na valorização do tempo

significativo que se achava presente na teologia adventista⁸⁵. Além do mais, a importância do tempo sagrado conforme veiculado pelos rituais e festas religiosas que tomavam lugar na instituição contribuía para uma percepção mais qualificada do tempo, o que rompia com uma noção meramente linear do tempo, enquanto modo contínuo e constante.

De certo modo, é possível assentar que as marcações do tempo conforme vivenciadas no internato concorriam para os propósitos denominacionais de formar seus obreiros balizados pelo caráter pedagógico da religião, para que uma forma de percepção da existência fosse assimilada e outra concepção de temporalidade fosse superada dada ênfase prospectiva evidente na simbologia e teologia adventista acerca da vida.

Tamanha a importância que se dava aos momentos dedicados às reuniões religiosas que o item *Regulamento Para Internos* indicava a obrigatoriedade da presença dos estudantes como um requisito de conformação dos mesmos ao programa diário e regulamento dos dormitórios.

Requer-se que os alumnos se conformem com o programma diario e os regulamentos dos dormitorios, assistindo a todos os cultos [...]. Os cultos a que todos os alumnos devem estar presentes são os cultos matutinos e vespertinos dos internatos, reunião de sexta-feira á noite, e a escola sabbatina e prégação aos sabbados, a capella [...] (PROSPECTO ANNUAL, 1934, p. 15).

Ao ingressarem na instituição os estudantes candidatos a obreiros, indubitavelmente apresentavam uma vivência de ritmos temporais variados e/ou intensos comumente característicos da vida cotidiana, todavia, a vida na instituição proporcionava aos mesmos a vivência de um ritmo temporal diferente ao do trabalho, do lazer e do espetáculo, ou seja, o *tempo sagrado*. Este diferia dos outros por sua “[...] estrutura totalmente diferente e uma outra

⁸⁵ A despeito da resistência dos pioneiros adventistas em apresentar a formalização de um credo, após a organização denominacional (1863) finalmente foi publicada uma declaração de crenças fundamentais (*A Declaration of the Fundamental Principles of the Seventh-Day Adventists*) em meados de 1872. Disponível em: <https://ia802706.us.archive.org/12/items/ADeclarationOfTheFundamentalPrinciplesOfTheSeventh-dayAdventists18xx/DeclarationOfTheFundamentalPrinciplesOfTheSeventh-dayAdventists_1872.pdf>. Acesso em: 10 Ago. 2015. Tal declaração continha 25 princípios fundamentais e perdurou até 1931, quando após uma revisão elaborada por uma comissão da Associação Geral, o número foi reduzido para 22 crenças sendo publicadas em 1931. Para maiores informações acerca da compreensão adventista referente ao sábado ler: KNIGHT, George R. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

“origem”, pois se trata de um tempo primordial, santificado pelos deuses e suscetível de tornar-se presente pela festa” (ELIADE, 1992b, p. 39).

É inteligível indicar que o obreiro a ser formado deveria ser um homem religioso, cuja experiência de vida fosse marcada pelo *tempo sagrado*, o que por certo contribuía para formar uma mentalidade na qual o tempo profano da vida ordinária fosse permeado periodicamente pela inserção de intervalos santificados pela presença e atividades de caráter religioso.

Para os Adventistas do Sétimo Dia assim como outras denominações religiosas, ou para as pessoas religiosas existem diferenças entre o tempo sagrado e o tempo profano. Isso porque, na compreensão adventista de tempo, o tempo sagrado é o tempo mítico, ou seja, primordial, o tempo da origem das coisas que se torna presente. Dessa forma, cada festa sagrada, cada tempo litúrgico consiste na atualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico. Assim sendo, cabe entender que

o segredo do comportamento do homem religioso em relação ao Tempo. Visto que o Tempo sagrado e forte é o Tempo da origem, o instante prodigioso em que uma realidade foi criada, em que ela se manifestou, pela primeira vez, plenamente, o homem esforçar-se-á por voltar a unir-se periodicamente a esse Tempo original (ELIADE, 1992b, p. 44).

Uma análise mais detida dos *Regulamentos* conforme impressos nos Prospectos anuais indicam que a rotina no internato marcava os períodos de estudos, trabalhos, recreação, alimentação, etc. Todavia, chama-nos atenção como a rotina interna promovia a incorporação da lógica do tempo dedicado às atividades espirituais, conforme implementado pela instituição. Neste sentido, os prospectos apresentavam o seguinte:

Requer-se que todos os alumnos internos sejam pontuaes nos cultos matutinos e vespertinos, no lar, na escola sabbatina, nos cultos regulares aos Sabbados, no culto de oração dos estudantes nas sextas-feiras à noite, e nas horas de capella, [...] Aquelles que têm licença de se ausentarem durante estas horas, devem ficar silenciosos nos seus propios quartos (PROPECTO ANNUAL, 1918-1919, p. 15).

Dessa forma fica patente a intenção institucional de por meio da rotina diária permeada pelo tempo dedicado as atividades espirituais, bem como a obrigatoriedade exigida aos estudantes de incutir uma moderação da vida diária balizada pela religião. É bem verdade que, o tempo no internato não se encontrava circunscrito somente à duração ordinária, mas especialmente às

atividades de significação religiosa que contribuía para o aprofundamento da experiência espiritual dos internados. No seminário dedicado à formação dos obreiros e a despeito das diversas atividades que os mesmos poderiam realizar na obra adventista tornava-se imperioso inculcar por meio da formação um senso de consideração religiosa acerca do trato com o tempo.

Por sua vez, o *tempo sagrado* instaurava sua funcionalidade nas dimensões sociais e existenciais na vida do interno contribuindo assim para marcar as percepções dos estudantes que são-no-tempo e, especialmente as experiências religiosas forjadas no tempo do humano. Neste esteio, o que se pretendia construir por meio da formação dos obreiros se relacionava com a experiência do *eterno mítico* na articulação do tempo sagrado na lógica da temporalidade religiosa adventista.

Cabe indicar que por ocasião desses primeiros anos de existência da instituição de formação dos obreiros, apesar dos adventistas não sustentarem um credo formalizado referente às doutrinas defendidas, já veiculava no meio denominacional uma declaração de crenças que esboçavam o mote que serviria de esteio para a posterior publicação das crenças adventistas. Tal declaração, *A Declaration of the Fundamental Principles of the Seventh-Day Adventists* (SMITH, 1872) apresentava a compreensão adventista referente ao sábado e como deveria se efetivar sua temporalidade na vida religiosa dos adeptos da mensagem adventista.

Na declaração das crenças adventistas, no que se refere ao sábado havia uma clara indicação de que a observância do dia sagrado deveria inculcar na experiência religiosa do crente uma ruptura com a temporalidade profana e os afazeres da vida cotidiana, além de pretender fomentar por meio do *tempo sagrado* uma estreita relação com um tempo primordial cuja historicidade é reatualizada por meio do mito. Eis o que é apresentado:

[...] dedicamos o sétimo dia de cada semana, comumente chamado Sábado, para nos abster de nosso labor, e para o exercício das funções sagradas e religiosas; que se trata o único Sábado conhecido com a Bíblia, sendo o dia que era separado antes Paraíso foi perdido (Gn 2: 2, 3), e que será observado no Paraíso restaurado (Isa 66:22 , 23);⁸⁶ (SMITH, 1872, p. 6, 7).

⁸⁶ SMITH, Uriah. **A Declaration of the Fundamental Principles of the Seventh-Day Adventists**. Battle Creek, Michigan: Steam Press, 1872. Disponível:

Em um dos periódicos estudantis, *O Seminarista*, logo em seu segundo número, no artigo *Um Sabbado no Seminario* a autora que, outrora estudava na instituição apresenta a perspectiva estudantil das marcações do tempo, especialmente naquele dia em que figuravam as principais atividades religiosas. Sua descrição enfatiza como a rítmica do tempo contribuía para a conformação da concepção temporal na vida dos internados.

Ouvem-se seis pancadas no relógio e em seguida repercutem vivas badaladas no sino grande.

Após trinta minutos, vamos á Capella, ao culto matutino; nesse dia dirigido por um dos estudantes. Concluída a breve reunião, passamos á sala das refeições, onde obteremos o almoço.

Terminado este, voltam os moços para ao seu edifício, enquanto em o nosso, nós as moças, ali e acolá, em grupos, estudamos a lição da Escola Sabbatina, tocamos, cantamos; enfim, achamo-nos jubilosas, guardando com reverencia o santo dia do Senhor.

Nove horas: tange novamente a sineta, despertando a atenção dos professores das diversas classes da Escola Sabbatina, para a reunião que se effectua até ás dez horas, ocasião em que se inicia a Escola Sabbatina, prolongando-se até ás onze horas. Após um intervallo de cinco minutos, principia-se o culto dirigido por um dos professores.

[...]

Finalizado este, obteremos novo intervallo; esta vez porém, de quinze minutos.

E' então que se vêem na frente do edifício, grupinhos diversos, aqui e acolá, em gozo do fresco ar.

Tilinta a campainha. Vamos ao jantar. A extensa sala com suas mesas rodeadas de convivas, apresenta um alegre aspecto a quem ali se introduz.

Uma hora. Bandos joviaes de estudantes dispersam-se em todas as direções do <<Capão Redondo>>, em passeios agradaveis; outros permanecem nos dormitórios, gozando de boa leitura.

Quatro e meia; começa a reunião da Liga Juvenil que se prolonga até ao occaso.

Que reuniões agradaveis e abençoadas!

Ceia; o mesmo aspecto festivo do refeitório.

Oito ás nove – uma hora de animação geral! Reunião social de entretenimentos; todos, irrequietos, tomam parte nos diversos e interessantes brinquedos.

<<http://www.andrews.edu/library/car/cardigital/digitized/documents/b1529691x.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015. Original apresenta os seguintes dizeres: “[...] we devote the seventh day of each week, commonly called Saturday, to abstinence from our own labor, and to the performance of sacred and religious duties; that this is the only weekly Sabbath known to the Bible, being the day that was set apart before Paradise was lost (Gen. 2:2, 3), and which will be observed in Paradise restored (Isa. 66:22, 23);”

Nove horas: Boa noite, colegas!⁸⁷ (CHAGAS, 1921, p. 4).

Dadas as marcações que as atividades de cunho religioso empreendiam na cronologia do tempo ordinário que regulava a vida no internato objetivava-se uma ruptura da linearidade e continuidade que inscreviam na vivência dos internados uma significação religiosa em relação ao uso do tempo, bem como na realização das atividades do dia e da semana. Dado o rigor com o qual tais momentos eram considerados pelos dirigentes e a pontualidade que se esperava dos internados, é pertinente inferir que o tempo religioso deveria não simplesmente marcar a interrupção das atividades cotidianas, mas especialmente promover uma suspensão cronológica que proporcionasse o ápice da experiência religiosa que era conformada pelas celebrações, confraternizações, homilias e rituais. Neste esteio, cumpre-nos afiançar a tese de que a ordenação do tempo ordinário da vida do internato sob a regulação das marcações dos tempos religiosos contribuía para formar uma consciência régia de atuação do obreiro no campo missionário sob as concepções de uma vida a serviço da religião, em outras palavras servindo a Deus.

Dessa forma, a educação institucional revelava-se imbricada por uma religiosidade que permeava a atmosfera escolar imprimindo um senso religioso nos estudantes, de forma que os mesmos incorporassem valores imprescindíveis à vida fora do Seminário e em atuação na causa adventista. Por essa razão, o programa de ensino contemplava uma formação para além das matérias escolares, reforçando assim uma cultura e sociabilidade com lastro marcadamente religioso, especialmente pelos objetivos que deveriam ser alcançados.

Indubitavelmente as principais atividades religiosas tomavam lugar nas horas da noite da sexta-feira e ao longo do sábado. Afinal, desde há muito a teologia adventista asseverava que o dia sagrado, o sábado, tomava seu lugar a partir do pôr-do-sol de sexta-feira estendendo-se ao pôr-do-sol do sábado, o que se objetivava como clara conexão à semana da criação conforme relato figurado nos primeiros capítulos do livro bíblico de Gênesis. Neste sentido, as atividades religiosas acontecidas na instituição e especialmente aquelas ocorridas ao longo do sábado e apoiadas pelas liturgias, buscavam imprimir

⁸⁷ CHAGAS, Alice. Um Sabbado no Seminario. **O Seminarista**. Anno I, Nº 2, outubro, 1921.

uma marca profunda na experiência religiosa dos participantes, a mais profunda dimensão existencial do ser humano e, de forma primorosa se concatenava com o que a denominação sustentava enquanto crença e ideal de experiência religiosa dos crentes. Dessa forma, o que se incentivava era que ao participar desses eventos, o fiel evocasse e recriasse um tempo inicial.

Assim, toda festas/atividades religiosas especialmente aquela acontecidas nas horas sabáticas ganhavam os contornos de evento sagrado, que baseado no tempo mitológico conforme entendido pela denominação proporcionava que os participantes se tornassem contemporâneos do acontecimento mítico. Neste seguimento, entendemos que a instituição promovia por meio dos momentos religiosos sabáticos muito mais que a comemoração de um acontecimento, mas a sua reatualização, uma forma de reviver o tempo original e promover a purificação na experiência religiosa dos crentes.

[...] o quarto mandamento desta lei imutável requer a observância do sábado do sétimo dia. Esta instituição santa é ao mesmo tempo um memorial da criação e um sinal de santificação, um sinal do descanso do crente de suas obras de pecado, e sua entrada para o descanso da alma que Jesus promete a quem vir a Ele⁸⁸ (THE GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS, 1932, p. 181).

Diante do exposto até aqui neste tópico cabe-nos pensar acerca da centralidade do templo para a vida do interno da instituição de formação dos obreiros. É possível indicar que, assim como as marcações do *tempo sagrado* apresentavam-se como elementos constituintes imprescindíveis na formação religiosa dos estudantes, o templo exercia papel fundamental para que tais estudantes tivessem um novo comportamento em relação ao tempo.

Posto que, as atividades religiosas que marcavam a vida no internato aconteciam preferencialmente no edifício dedicado as mesmas, logo podemos asseverar que o binômio *Templum-tempus* era magistralmente trabalhado a fim

⁸⁸ THE GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS. **Church Manual**. Printed in the U. S. A, 1932. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=119305>. Acesso em: 20 ago. 2015. O texto original é como segue: “the fourth commandment of this unchangeable law requires the observance of the seventh-day Sabbath. This holy institution is at the same time a memorial of creation and a sign of sanctification, a sign of the believer's rest from his own works of sin, and his entrance into the rest of soul which Jesus promises to those who come to Him [...]”

de que a experiência religiosa dos estudantes relacionasse as marcas de uma correspondência cósmico temporal.

Neste esteio, entendemos que assim como o Templo exerce a centralidade na vida cotidiana dos internos, um centro de orientação, como tal ele cumpria papel preponderante na santificação da vida, especialmente por abrigar as atividades religiosas regidas sob a égide do *tempo sagrado*. De certa forma, isso se relaciona com o fato de “[...] que o Templo é, ao mesmo tempo, o lugar santo por excelência e a imagem do Mundo, ele santifica o Cosmos como um todo e também a vida cósmica” (ELIADE, 1992b, p. 41).

A despeito de todos os desdobramentos que o *tempo sagrado*, bem como a centralidade que o *templo* ocupava na vida dos internos, não podemos perder de vista que tais elementos favoreciam a sociabilidade entre os estudantes, além de promover o senso de pertencimento e fomentar o desenvolvimento da identidade religiosa sob as amarras do adventismo.

Para tanto, reiteramos mais uma vez que o ambiente institucional de formação dos obreiros conjugava diversos elementos que instrumentalizados sob as diretrizes denominacionais se consubstanciavam em seu propósito maior de marcar denominacionalmente a formação dos estudantes, de modo que, como egressos da instituição tivessem uma prática a mais alinhada possível às balizas do adventismo. Por isso que, além dos elementos até então arrolados nas páginas desse capítulo cumpre-nos indicar como se efetivou a *educação indireta* (MENDONÇA, 2008) no contexto da formação dos obreiros adventistas, posto que neste caso convergia em apontar uma direção a fim de que os estudantes aceitassem uma nova maneira de ver a realidade calcada na valorização da natureza e do trabalho.

Se bem que, a educação adventista de matriz protestante estadunidense diferia de suas congêneres radicadas em terras paulistas no que se refere à intenção primária de suas instituições, tal evidenciava uma certa ênfase pragmática de cunho científico-tecnológico que, por sua vez apresentava “[...] uma combinação da educação humanística com o trabalho e a tecnologia” (MENDONÇA, 2008, p. 154). Para além da estreita relação entre ciência e tecnologia fundada nas bases do pragmatismo norte-americano, convém apontarmos que a incipiente filosofia da educação denominacional adventista já veiculava em seu meio a concepção de que a verdadeira educação consistia

no desenvolvimento harmonioso das faculdades do corpo, da razão e da vida espiritual e, que em terras brasileiras dialogou estreitamente com os ideais liberais que objetivavam construir um país em bases urbana, industriais, democráticas.

Os Trabalhos Manuais

Durante o percurso histórico de sistematização da educação adventista, embates e debates foram constitutivos para a formulação de uma proposta pedagógica denominacional. É inegável apontar que tal pedagogia se encontra ancorada majoritariamente nos escritos de Ellen G. White. No entanto, ficou patente em nossa pesquisa que a formulação dessa pedagogia adventista desde seus primórdios considerou as tendências modernizadoras contemporâneas aos pioneiros, mas que ao longo do tempo foi sistematizada permeada pela filosofia e teologia denominacional.

Em seu artigo com título *The Adventist Way in Education* publicado no periódico denominacional estadunidense, Leif Kr. Tobiassen indica o que depois se tornou comum comumente conhecido no meio denominacional, o fato de que: “Ellen G. White provavelmente escreveu mais sobre a educação adventista do que sobre qualquer outro assunto específico” (TOBIASSEN, 1969, p. 08)⁸⁹ e, é justamente de seus escritos que a pedagogia adventista busca suas principais fundamentações.

Em sua dissertação, *O propósito dos adventistas*, Côrrea (2005) empreendeu uma reflexão acerca dos escritos de Ellen G. White sobre educação, de forma que indica que tal autora criou cinco condições que se cristalizaram na mentalidade adventista como ideal para as instituições educacionais e que, tem sido aplicadas principalmente nas instituições de internato. Destacamos as seguintes: a) as escolas adventistas deveriam estabelecer-se em grandes extensões de terras na área rural, b) tais escolas deveriam funcionar em regime de internato misto, c) para o desenvolvimento

⁸⁹ TOBIASSEN, Leif Kr. The Adventist way in education. **Review and herald**, vol. 146, n. 24, 12 June 1969, p. 08. Disponível em: <http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=94564>. Acesso em: 03 Ago. 2015. Texto original: “Ellen G. White probably wrote more about Adventist education than about any other specific topic”.

integral e harmônico, as escolas adventistas deveriam oferecer trabalho físico aos estudantes como contraponto ao trabalho intelectual.

Desde a criação do Departamento de Educação (1887) na Associação Geral da IASD, mesmo por ocasião da Convenção educacional ocorrida entre julho e agosto de 1891 em Harbor Springs (Michigan), que se discutia no meio denominacional as diretrizes que deveriam nortear a educação para formação de ministros. Em seu artigo *The Ministerial Institutes* publicado na *Review and Herald*, O. A. Olsen indicava o seguinte:

Que o esforço e objetivo dos professores seja abordar os assuntos, de modo que constituam mais prático benefício para cada um⁹⁰ (OLSEN, 1892, p.40).

Neste espectro é possível pensar que, mesmo considerando que em terras brasileiras por essa época (1915) a educação adventista estivesse ainda em seus primeiros anos desde seu início (1896), não podemos desconsiderar o fato de que no meio denominacional já havia se instalado debates acerca das propostas de formação dos obreiros nos mais diversos países, como também já se possuía diretrizes mais refinadas referentes a uma filosofia para a educação adventista.

Outro aspecto importante a ser considerado no que se refere à inclusão de *trabalhos manuais* como componente curricular do programa formação dos obreiros adventistas na instituição denominacional brasileira concerne ao fato de que a educação, especialmente a de matriz protestante estadunidense, aqui instalada dialogava com as novas aspirações advindas com a proclamação da República (1889) e que indicavam a nova direção para o avanço do país. **A preponderância dos *trabalhos manuais* no currículo de formação da instituição adventista em São Paulo encontrava reverberações denominacionais de uma correlação com as pretensões advindas de um projeto de construção do civismo brasileiro, segundo o qual o fruto seria um povo laborioso e ordeiro com aptidão para a produção de riquezas nos entevistos do progresso. Afinal, a mordenização técnica e urbanística proposta pelo Estado se fundavam no**

⁹⁰ OLSEN, O. A. *The Ministerial Institutes*. **Review and herald**, Vol. 69, Nº 3, Battle Creek, Michigan, January 19, 1892, p. 40. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=90195>. Acesso em: 10 set. 2015. O original apresenta o seguinte texto: "With reference to the subjects for study and plan of instruction at these institutes [...] The effort and aim of the instructors are to take up these subjects in such a way as to be of the most practical benefit to every one present".

intuito de modelar o cidadão para ser um trabalhador disciplinado, cuja operosidade engrandecedora do homem se cristalizava como meio para o progresso.

Por isso que, “os americanos, e em especial os protestantes norte-americanos, eram representados no Brasil como pregoeiros do progresso” (GOMES, 2000, p. 161). Nesta direção, Mesquida (1994) nos informa que as [...] elites regionais não colocavam em questão somente o regime político, mas também tudo o que contribuía para sustentá-lo: a escravatura, a união da Igreja e do Estado, o centro estrangeiro economicamente dominante, bem como o modelo de educação em vigor que, segundo sua opinião, não colaborava para a modernização do país. Este grupo sócio-político, seduzido pelo sistema de valores, pelos ideais e pelas instituições norte-americanas, considerava a formação das novas gerações republicanas como uma questão vital e não escondia o desejo de reproduzir no Brasil as experiências pedagógicas norte-americanas (p. 184).

Neste sentido, a instituição denominacional adventista de São Paulo buscava veicular uma propaganda que a fizesse figurar como uma legítima representante estadunidense, de modo a distingui-la de outros sistemas de ensino calcados no retrocesso pedagógico e acima de tudo alinhadas como as novas correntes pedagógicas advindas das linhas dos reformadores. Assim que, fazia circular por meio de impressos os seguintes dizeres:

Visto que o presente livrinho poderá ir ter ás mãos de muitos que não estão familiarizados com o referido Collegio nem com a organização que o creou, diremos antes de tudo que [...] esta escola, juntamente com centenas de outras que lhe são congêneres, difere materialmente dos tradicionais systemas escolares do passado, reconhecemol-o; porém, que seus methodos estão em harmonia com o veredictum dos dirigentes reformas educacionais, cremos ser innegavel (VISTAS DO SEMINARIO ADVENTISTA, 1922, p. 2).

A despeito da caracterização do sistema educacional adventista e seu alinhamento aos reformadores educacionais fica latentemente indicada na citação acima a existência de uma tensão entre as concepções pedagógicas defendidas pelos protestantes em contraposição às católicas que coloriam o cenário escolar e cultural até o momento no Brasil. Todavia, para o momento tornava-se estratégico para a liderança denominacional adventista veicular a propaganda de que sua instituição educacional era uma legítima representante

da corrente norte-americana tão apreciada pela intelectualidade brasileira, afinal

As escolas americanas introduzidas no país, nos primórdios da República e em época em que a instrução ainda se achava em grande atraso, contribuíram notavelmente, em São Paulo, não só para a mudança de métodos como para a intensificação do ensino (AZEVEDO *apud* STEWART, 1932, p. 23).

Essas primeiras aproximações ao tema tem como objetivo oferecer aportes que nos oportunizem compreender que os *trabalhos manuais* conforme apresentados como componentes da formação dos obreiros não indicam um ineditismo no programa formativo denominacional, mas indubitavelmente assinala o fato de que a denominação formatou a temática levando em consideração diversos aspectos e apropriando-se de elementos das novas descobertas metodológicas presentes na Europa e que nutriam as correntes pedagógicas que arejam os Estados Unidos da América, de forma que especialmente no “[...] el último cuarto del siglo diecinueve contemplo el avance de las materias prácticas en la educación superior. Los idiomas clásicos ocuparon un lugar cada vez más pequeño dentro de los planes de estudios (KNIGHT, 1995, p. 192).

Se bem que é verdade que o assunto dos *trabalhos manuais* foi temática das principais correntes pedagógicas do século XIX nos Estados Unidos e que, denominações protestantes estadunidenses se apropriaram das novas perspectivas indicadas, bem como a incrementaram no bojo da empreitada missionária norte-americana nestas terras, assinalamos para além dessas constatações o fato de que no adventismo tal temática foi tratada também sob o espectro religioso.

Rastreando as declarações whiteanas não é difícil encontrar aquelas que apresentam a natureza como sendo fonte de conhecimento e elemento significativo da experiência religiosa do ser humano. Uma de suas declarações emblemáticas indica que

Há, no entendimento humano, grandes possibilidades, quando ligado ao verdadeiro Mestre, que, em Sua apresentação das coisas do mundo natural, revela a verdade em seu aspecto prático. Deus opera de maneira invisível no coração humano; pois, sem o poder divino operando no entendimento, a mente humana não pode apreender os sentimentos da elevada e enobrecedora verdade. Não pode ler o livro da Natureza, nem

pode entender a singeleza da piedade que aí se encontra (WHITE, 2005, p. 376).

Para além do que apontavam as correntes pedagógicas acerca da importância dos trabalhos manuais na educação escolar exaltando o caráter prático como elemento indissociável da formação, no adventismo especialmente devido à influência de Ellen G. White, a educação denominacional buscava associar os *trabalhos manuais* à proximidade dos estudantes com as lições que a natureza pode proporcionar enquanto fonte de conhecimento humano e religioso. Neste sentido, é imprescindível afirmar que para a educação adventista desde seus primórdios filosóficos a relação com a natureza é entendida como fundamento epistêmico da formação educacional, assim que “[...] o estudo da natureza certamente enriquece o entendimento humano de seu ambiente. Também fornece respostas para algumas das muitas questões que não são tratadas na Bíblia” (KNIGHT, 2001, p. 181).

Para além do aspecto arrolado acima assinalamos a valorização ao trabalho que a denominação adventista compartilhou da tradição protestante puritana buscava romper com uma concepção brasileira de herança escravista que, segundo a qual o trabalho manual em demérito e relegado, além de ser destinado às classes sociais mais baixas. Assim que, a prática dos trabalhos manuais e sua relação com o manejo da terra cumpria uma função dupla conforme os moldes adventistas: aproximar o aluno das lições da natureza e inculcar na mentalidade estudantil a valorização do trabalho.

Neste esteio é perceptível que a prática educativa adventista realizada em sua instituição de formação dos obreiros não escapou ao pragmatismo americano evidenciado pelas missões protestantes que aqui desembarcaram, o que por sua vez nos faz alinharmos ao que propõe Léonard (1963) quando considera a prática religiosa do protestantismo brasileiro em contraposição ao europeu, nestes termos ele indica que enquanto o europeu adora e ora, o brasileiro é estimulado a “aprender e trabalhar” (p. 241).

Sob a argumentação religiosa advinda da Reforma é que o trabalho considerado em vias positivas. O Protestantismo inaugura uma nova ética do trabalho que nos moldes de uma *ascese intramundana* contribuía para uma disciplina da mente e do corpo, definindo a formação e, portanto, o currículo das escolas destinadas à formação do corpo de obreiros para atuação nos

campo missionário brasileiro. Nestes termos, a idealidade formativa da instituição em seu programa junto aos estudantes apresentava dispositivos institucionais

[...] fim de tornar o ser humano capaz de enunciar afirmativamente e fazer valer, em face dos 'afetos', seus 'motivos constantes' [...] com o fim, portanto, de educá-lo como uma 'personalidade' [...] poder levar uma vida sempre alerta, consciente [...] era a meta; eliminar a espontaneidade do gozo impulsivo da vida, a missão mais urgente; botar ordem na conduta de vida de seus seguidores, o meio mais importante da ascese (WEBER, 2004, p. 109).

A formação desses obreiros adventistas subjacentemente veiculava elementos que indicavam mesmo que por meio de indícios que, o caráter ainda mais racional que tornava mais metódica a prática do aperfeiçoamento pessoal revelava a ação de Deus por meio da perseverança do sujeito, o que de certo modo se relacionava ao elemento da comunhão com o divino.

Neste sentido, a ascese que se propagava na formação dos obreiros concebia uma forma de conduta desenrolada no interior do mundo, conformando a vida de modo racional, sóbrio e constante. Assim que, o controle metódico da conduta dos estudantes contribuía para um afloramento de comportamentos balizados pela valorização do tempo e especialmente do trabalho a fim de que os feitos na causa adventista fossem tributados unicamente à glória de Deus.

Ao se dar a conhecer àqueles que não conheciam a referida instituição paulista ou que desconheciam a educação adventista, um panfleto institucional indicava que a Igreja Adventista do sétimo Dia entendia que a educação devia estar suportada no tripé que considerava as dimensões moral, intelectual e física que, por sua vez buscava “[...] dotar o estudante de uma educação completa, ampla e bem equilibrada” (VISTAS DO SEMINARIO ADVENTISTA, 1922, p. 29).



Figura 10 – Estudantes em trabalho na natureza em 1922

Fonte: <<http://unasp.organit.com.br/galeria/>>.

Acesso em: 15 Ago. 2015

Tendo em mente esse espectro que apresentamos acerca do lugar dos *trabalhos manuais* na educação adventista especialmente como componente curricular no programa formativo de obreiros denominacionais em terras brasileiras, destacamos o caráter pragmático que permeava tal assunto na instituição educacional brasileira. Posto que a instituição não se apresentava como edifício pronto e acabado e, dadas as condições financeiras denominacionais bem como dos estudantes, no Brasil a inserção dos *trabalhos manuais* como componente curricular oportunizava à instituição valer-se dos esforços dos estudantes nas mais diversas atividades institucionais, como também proporcionar meios para que tais estudantes pudessem pagar as despesas por meio do trabalho.

No tópico *Trabalho manual* do Prospecto Annual (1918-1919) é possível apreender que a instituição educacional esboçava uma compreensão acerca da importância dos trabalhos manuais para a formação do obreiro, indiciando de modo peculiar a mobilização dessas atividades no rol dos alunos internos do Seminário como elementos formativos especialmente vinculados à uma

mentalidade industrial e científica. Desse modo, era patentemente defendido que:

Por razões tanto educacionais como econômicas exige-se que cada aluno interno do Seminário tome alguma parte no trabalho manual, relacionado com o instituto [...] Além disto o aluno aprende, deste modo, lições a respeito dos deveres práticos e adquire hábitos de indústria, que contribuirão ao seu exito futuro da vida (PROSPECTO ANNUAL, 1918-1919, p. 15).

Neste sentido, cumpre-nos compreender que ao longo dos primeiros anos da instituição, a ênfase no trabalho manual se deu de forma acentuada dadas as condições de infraestrutura e necessidades institucionais, como também a limitação de recursos que dispunha a liderança para aplicação e ampliação do estabelecimento. No entanto, não podemos deixar as margens um aspecto muito importante da preponderância dos trabalhos manuais no programa formativo denominacional que é a sua estreita relação com as mudanças sociais que caracterizavam o cenário brasileiro, especialmente aquelas que diziam respeito à urbanização e industrialização empreendida nestas terras.

Em uma publicação institucional vemos esboçadas as linhas de atuação dos trabalhos manuais praticados no Seminário logo em seus primeiros anos, o que nos faz cimentar ainda mais a estreita relação da prática educativa adventista com o pragmatismo americano que se conformava as condições sociohistoricas vigentes por ocasião dos primeiros anos do século XX em terras paulistas.

A fazenda da Escola conta com mais de 60 alqueires, dos quaes a quarta parte ainda são mattas, achando-se o restante em cultivo. [...] Acha-se presentemente o Collegio envidando todos os esforços para tornar scientifico o trabalho agricola, e espera-se que se iniciarão no outro anno classes neste assumpto. [...] Esperamos em breve substituir as installações actuaes da nossa leiteria, por um estabelecimento moderno, bem como fazer aquisição de novas vaccas. A cultura de flores e hortaliças, como também as classes de agricola, serão não somente accessiveis aos moços mas também ás moças (VISTAS DO SEMINARIO ADVENTISTA, 1922, p. 15).

Os trabalhos manuais compreendiam diversas outras atividades que aconteciam no setor agropecuário, oficinas, geração de energia, reformas e construções, transporte, produção e comercialização de leite, fornecimento de

água, cozinha, lavanderia, passandaria e costura. Geralmente para a prática de tais atividades havia uma divisão sexual do trabalho, o que não necessariamente extinguiu a presença do sexo oposto na prática de trabalhos manuais quando o que era importante deviam ser as habilidades. Esta última pode ser ilustrada nas fotografias apresentadas abaixo que apresentam situações de trabalho em 1917.



Figura 11 – Padaria e Lavanderia em 1917



Figura 12 – Celeiro e equipes em 1917

Fonte: Review and herald (Vol. 94, No. 8, 1917, p. 12)⁹¹

⁹¹ Periódico disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=92158>. Acesso em: 15 mar. 2015.

Se bem que a projeto de educação adventista possuía um caráter missionário, na instituição em questão por ocasião dos primeiros anos a ênfase recaí abertamente na formação de obreiros para difundir a mensagem adventista em comunidades e cidades ainda não alcançadas. Por isso que, uma educação mais pragmática ofereceria uma formação imprescindível para o trabalho pioneiro que muitos campos demandavam da atuação dos egressos da instituição, pois que muitos desses formados deveriam atuar até mesmo na construção de escolas e igrejas, dadas as parcas condições das igrejas em diversos lugares do Brasil. Não à toa a igreja investia em atrair os jovens a fim de que estes após treinamento e formação dedicassem as suas energias incansavelmente para o avanço da causa adventista.

Essa perspectiva denominacional é retratada nas palavras de Montgomery (1917) e publicadas no periódico denominacional norte-americano, no qual se dizia que:

A criação desta escola de formação marca o início de uma nova era para a obra adventista no Brasil. Sua influência vai ser de grande alcance, seus benefícios e bênçãos múltiplas. Através dela nós esperamos ver muitos dos jovens esplêndidos neste campo guardado para a causa e treinados para o serviço. De suas portas esperamos ver um fluxo de obreiros sinceros e consagrados saindo para o campo missionário (MONTGOMERY, 1917, p. 13)⁹².

A proposta educacional adventista orientava-se pelos princípios gerais protestantes de matriz estadunidense cuja lógica gravitava entre os elementos peculiares da incipiente filosofia denominacional, bem como estabelecia profícua relação com o contexto sócio histórico de inserção e demandas advindas das mudanças que ocorreram no cenário brasileiro por ocasião das primeiras décadas vigentes após a proclamação da República em 1889. O que oportuniza-nos esboçar que tal compreensão considera que o protestantismo que se instalou em terras brasileiras no século XIX refletia uma ideologia de progresso, como também oferecia uma ética provedora de sentidos utilitarista para a individualidade e cultura liberal que marcava a modernidade.

⁹² No original o texto é apresentado da seguinte forma: "The establishment of this training school marks the beginning of a new era for the work in Brazil. Its influence will be far-reaching, its benefits and blessings manifold. Through it we hope to see many of the splendid young people in this field saved to the cause and trained for service. From its doors we expect to see a stream of earnest and consecrated workers going forth into the field"

Neste espectro compreensivo, Mendonça (2008) valendo-se da categoria *Kulturprotestantismus* (BERGER, 2004) afirma que diante da clara realidade brasileira na qual a instituição religiosa oficial não conseguia oferecer os elementos definidores da realidade dados os anseios de modernidade presentes em camadas da elite dominante e do conjunto de mudanças que ora se insinuavam no cenário, o protestantismo apresentou “[...] uma proposta que se adequava aos anseios pelo menos da camada da burguesia ligada aos ideais de modernidade (MENDONÇA, 2008, p. 165).

Assim sendo, cumpre-nos asseverar que ao longo das três primeiras décadas do século XX a instituição de formação de obreiros adventistas do Brasil refletia de algum modo o programa denominacional posto em prática em diversas partes do mundo, segundo o qual a preparação para o emprego denominacional se caracterizou pela oferta de classes pós-secundárias cuja educação era majoritariamente técnica e prática.

Se bem que a liderança da educação adventista assim que aportou em terras brasileiras nunca optou por formar a elite brasileira assim como as outras denominações protestantes, a mesma encontrava-se inteiramente comprometida com a formação de sua *elite dirigente* nativa. Para tanto, o estabelecimento de formação desses primeiros obreiros nativos imprimiu uma identidade institucional cuja ética do trabalho e os valores inerentes a esta fomentasse uma mentalidade de classe permeada pelas crenças adventistas, mas, sobretudo devota à realização de uma obra por um quadro de sujeitos eminentemente preparados nas balizas de um modelo liberal-modernizador.

A formação da identidade desses obreiros para atuação no campo missionário brasileiro prescindia de um programa formativo conciliasse muito mais que formação espiritual calcada numa doutrina escatológica, e sim uma identidade cuja lógica estivesse orientada por uma ética do trabalho segundo a qual o máximo poderia ser realizado em pró da *parousia* e operando numa fecundidade de motivação e urgência para comunicar a mensagem adventista aos outros.

A imagem evocada no que se refere ao obreiro formado nos moldes do programa formativo da instituição paulista indica que o mesmo deveria apresenta-se como alguém extremamente comprometido com o tempo, em especial o *tempo sagrado*, mas cuja identidade relacionasse de forma direta

ou atributiva os valores do trabalho. O que significava em termos de prática profissional uma ação intencional germinada da doutrina adventista, no entanto, permeada pelas perspectivas de redenção do povo e construção de um novo futuro. Afinal, os princípios da prática educativa empreendida nos colégios confessionais de matriz estadunidense são mais bem compreendidos quando se relaciona a “[...] versão ideológica que os inspira mais profundamente e lhes dá sentido e [as] condições estruturais da nova sociedade em que vão atuar” (RAMALHO, 1976, p.10).

Em alguns lugares onde o adventismo se estabeleceu, o programa formativo dos obreiros era apoiado por uma multiplicidade de projetos missionários, que no caso brasileiro fomentava a obra das publicações denominacional por meio do projeto de colportagem. Tamanha a importância da colportagem para o adventismo nestas terras que a mesma encontrava espaço cativo no periódico denominacional brasileiro, além de serem comuns os cursos de colportagem para iniciantes e já iniciados na instituição de formação de obreiros.

O calendário letivo da instituição de formação dos obreiros era ajustado de modo a oportunizar períodos mais amplos entre os semestres letivos, a fim de que os estudantes pudessem dedicar as férias à esta atividade. Observamos que com o passar dos anos os *Prospectos Anuais* da instituição dava evidência àqueles estudantes que se dedicavam à colportagem em seus períodos de férias, de forma que ganhavam mais espaço e tinham a foto impressa seguida de uma breve legenda com tons laudatórios.

A obra da Colportagem no meio estudantil da instituição escolar organizou juntamente com o departamento de publicações um plano denominado *Scholarship* que buscava premiar aqueles que tendo alcançado metas de vendas de literatura denominacional com descontos significativos ou mesmo isenção das taxas e custos da formação escolar. A ênfase denominacional na importância da colportagem no programa de formação dos obreiros revela que a liderança da IASD pretendia fazer avançar a mensagem para além dos nichos até então conquistados, tendo na obra das publicações um apoio para a penetração nos campos missionários, além de instrumentalizá-lo como componente da manutenção identitária dos novos conversos, mas especialmente dos egressos do Seminário.

A Obra da Colportagem

Uma das marcas do Movimento Milerita no meio denominacional adventista refere-se a importância atribuída às publicações, especialmente após o Grande Desapontamento de 1844, o que por sua vez oportunizou o surgimento de periódicos entre o grupo de sabatistas que futuramente daria origem a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Neste sentido e, especialmente enfraquecidos pela zombaria advinda do desapontamento de 1844 e dadas as parcas condições financeiras e dificuldades com a realização de conferências públicas recorrer a publicação de periódicos apresentou-se como uma estratégia de atuação adequada ao momento. Neste espectro Schwarz e Greenleaf (2009) indicam que:

Era natural os adventistas sabatistas se inspirassem em sua experiência *millerita* enquanto se esforçavam para difundir seus conceitos de verdade religiosa em contínua expansão. Contudo, tanto a época quanto seus recursos eram fatores limitados. [...] Os periódicos *milleritas* que reapareceram depois do desapontamento eram um meio natural de alcançar outros adventistas (p. 69).

Assim que, podemos perceber que o ponto de inflexão na história da formação dos Adventistas do Sétimo Dia que remonta ao período do Movimento Milerita é marcado pela a circulação dos periódicos no período pós-desapontamento de 1844. Posto que o uso da página impressa pelo adventismo será legitimado pelas declarações da profetisa, como também será o meio efetivo de veiculação do arcabouço de crenças posto a circular no meio denominacional.

Acerca da atuação de Ellen G. White em direção ao estabelecimento da obra de publicações no meio de um dos grupos advindos do desapontamento de 1844 do movimento milerita, ela relata:

Numa reunião efetuada em Dorchester (Massachusetts), em novembro de 1848, foi-me concedida uma visão da proclamação da mensagem do assinalamento e do dever que incumbia os irmãos de proclamarem a luz que resplandecia em nosso caminho. Depois da visão, eu disse ao meu esposo: “Tenho uma mensagem para ti. Deves começar a publicar um pequeno jornal e manda-lo ao povo. Será pequeno a principio; mas lendo-o o povo, mandar-te-ão meios com que imprimi-lo; e alcançará bom êxito desde o princípio. Desde este pequeno começo foi-me mostrado assemelhar-se a torrentes de luz que circundavam o mundo (WHITE, 2007, p. 95).

Com o incentivo de Ellen G. White, junção de economias e apoio do grupo de sabatistas passados nove meses da visão, em julho de 1849 surgiu o primeiro periódico, *Present Truth* (Verdade Presente) que sendo um pequeno jornal contava com oito páginas e durou até o final de 1850 sendo substituído por uma nova revista, *Second Advent Review and Sabbath Herald*⁹³. Assim a publicação desses periódicos, livros e até mesmo hinário (SPALDING, 1962, v. 3) contribuíram para lançar as bases de para um futuro empreendimento institucional adventista, a obra das publicações, consistindo em um efetivo instrumento de penetração da mensagem adventista em diversas partes do mundo.

Na obra *Adventism in Quebec* (FORTIN, 2004), o autor empreende um estudo sobre os anos 1845 a 1850 e identifica três fatores que foram determinantes para a futura organização da denominação adventista, a saber: a) visita de líderes que encorajavam crentes locais; b) associação de igrejas e pastores; c) presença dos periódicos. Neste sentido, podemos perceber o papel relevante dos periódicos no período pós-desapontamento, especialmente pela mobilização que os periódicos tiveram, pois que no caso da *Advent Herald* “[...] tornou-se um instrumento essencial para consolidar a fé de centenas de crentes adventistas e para propagar suas crenças”⁹⁴ (FORTIN, 2004, p. 46).

Tendo em vista que no período pós-desapontamento surgiram diversas correntes cada uma propondo novas interpretações acerca de 22 de outubro de 1844, insurgiu-se entre os grupos herdeiros do movimento milerita uma disputa doutrinária (HEWITT, 1983), de modo que a publicação dos periódicos para o grupo dos sabatistas buscou veicular ensinamentos “oficiais”, bem foram instrumentalizados com o objetivo incutir um senso de pertença e identidade.

[...] o periódico tornou-se um mensageiro de esperança e salvação e era muitas vezes o único meio confiável de comunicação. O periódico nutriu a vida espiritual, colocou em contato com outros adventistas que tinham as mesmas

⁹³ O periódico tornou-se a revista oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, no entanto, teve seu nome mudado várias vezes, sendo a última para *Adventist Review*. É comumente chamada de *Review* e seus números encontram-se eletronicamente disponíveis em: <http://docs.adventistarchives.org/documents.asp?CatID=27&SortBy=0&ShowDateOrder=Tru>. Acesso em: 20 out. 2015.

⁹⁴ No original o texto é como segue: “[...] became an essential instrument to consolidate the faith of hundreds of Adventists believers and to propagate their beliefs”.

experiências que eles, e os advertiu de ensinamentos errôneos”⁹⁵ (FORTIN, 2004, p. 46).

Diversas cartas escritas pelos leitores e endereçadas ao periódico *Advent Herald* indicam o suporte que o mesmo ofereceu a muitos desses crentes que, vivendo em áreas isoladas raramente contavam com a visita de líderes itinerante e que firmemente se opunham a retornar às outras denominações protestantes. Um exemplo típico dessas cartas foi a escrita por John Orrock, na qual afirma:

Eu sinto que a ‘Herald’ é necessária no presente momento, em que a escuridão está cobrindo a terra e densas trevas encobrem os povos. Espero que ela continue firme nos princípios bíblicos e como um farol na escuridão circundante⁹⁶ (ORROCK, 1847, p. 46)⁹⁷.

Se por um lado atestamos o caráter agregador, disciplinador e de unificação dos periódicos para um dos grupos advindos do desapontamento de 1844, é pertinente apontar como os periódicos se tornaram campo de disputa entre os diversos grupos mileritas, evidenciando as mais diversas direções e possíveis articulações da herança milerita posta a circular por meio dos periódicos entre os crentes desapontados. Neste espectro Hewitt (1983) aborda o surgimento de várias denominações adventistas na esteira do Desapontamento indicando como os periódicos enfatizavam diferenças doutrinárias, rivalidade entre os grupos, mas especialmente assinala que:

[...] foi em torno destes periódicos que as denominações emergentes se uniram. Na verdade, no início, era as sociedades de publicações que eram as denominações embora tecnicamente os periódicos fossem os agentes maiores do corpo (HEWITT, 1983, p. 231)⁹⁸.

Entre o grupo dos Adventistas Sabatistas liderados pelo casal White, a publicação de periódicos e literatura avançou ao longo dos anos, de forma que

⁹⁵ “[...] the journal became a Messenger of hope and salvation and was often the only reliable means of communication. The paper nourished their spiritual life, placed them in contact with other Adventists who encountered the same experiences as they, and warned them against erroneous teachings”.

⁹⁷ John M. Orrock to Joshua V. Himes, **Advent Herald**, march 17, 1847. O original apresenta-se da seguinte forma: “I feel that the ‘Herald’ is needed at the present time, while darkness is covering the land, and gross darkness the people. I hope it will still continue on Scriptural principles, and stand as a beacon in the surrounding darkness”.

⁹⁸ O texto original é: “[...] it was around these periodicals that the emerging denominations coalesced. Indeed, at the beginning, it was the publication societies that were the denominations even though technically the papers were agents of larger overall parent bodies”.

chegou a se constituir como uma organização formalmente estabelecida, Associação Adventista de Publicações em 3 de maio de 1861, o que representou a primeira instituição jurídica dos adventistas (ANDERSON, 1998). A respeito da importância das publicações para o adventismo, Spalding (1962, v. 3, p. 219) afirma que: “Escrever e publicar foram meios de difundir a verdade desde o início da mensagem”⁹⁹.

Os anos seguintes à organização da entidade denominacional de publicações, especialmente da última década do século XIX revelaram uma expansão da mensagem adventista para além dos Estados Unidos da América intrinsecamente relacionada à obra das publicações adventistas.

A expansão mundial do adventismo durante esses anos surge claramente nos escritórios de publicações estabelecidos durante a década de 1890: África do Sul (1890), Dinamarca e Finlândia (1893), Canadá (1895), Índia (1896) e Argentina (1897) (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 205).

No entanto, essa expansão prescindia de um programa denominacional de evangelização pela literatura através do qual, homens e mulheres levassem a mensagem adventista por meio da página impressa de porta em porta. Esta abordagem adventista foi examinada na terceira assembleia do Concílio Europeu das Missões Adventistas do Sétimo Dia, realizado em Basileia, Suíça, em 14 de setembro de 1885. A obra da colportagem no meio adventista surge intrinsecamente relacionada às Sociedades Missionárias¹⁰⁰ e de Tratados [panfletos] que surgiram a partir da iniciativa de quatro mulheres que entre 1868 e 1869 no lar de Stephen Haskell, em South Lancaster, Massachusetts.

Em um relatório acerca da mobilização dos membros adventistas norte-americanos em seus esforços evangelísticos em prol do avanço da mensagem adventista suportada pelas publicações, apontava que em 1884 haviam sido obtidas “[...] mais de 19 mil assinaturas para a *Review, Signs of the Times, Good Health*, ou um dos periódicos em língua estrangeira” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 148).

⁹⁹ No original: “Writing and publishing were means of spreading the truth from the very beginning of the message”.

¹⁰⁰ A emergência das sociedades missionárias é tida como um fenômeno notavelmente iluminista que inicialmente caracterizou o cenário dos países protestantes, mas que alcançou seu ápice por volta dos anos 1880 por ocasião da política imperialista do século XIX. BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução: Geraldo Kornodörfer e Luis M. Sander. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

A despeito do aparente ineditismo da prática da colportagem entre os adventistas, a mesma remontava ao século XII e ao grupo de homens e mulheres que liderados por Peter Waldo (c. 1140 – c. 1205) devotaram a vida espalhar cópias das Escrituras em língua materna nas terras da Hungria, Alemanha e Espanha (LATOURETTE, 1974, v. 2). Tal prática foi continuada pelos Reformadores Protestantes, como também pelas denominações advindas do Protestantismo.

Neste sentido, podemos indicar que a produção e divulgação/venda de literatura religiosa foi uma tática utilizada pelo movimento da Reforma em seu projeto missionário (COSTA, 2008), o que oportunizou o rompimento do monopólio intelectual que detinha o clero e a sua transmissão oral do saber. Assim sendo, “A imprensa foi o fator fundamental para a promoção da democracia na área cultural” (NUNES, 1980, p. 21), bem como pela produção e divulgação / venda de Bíblias e livros religiosos se constituiu em um efetivo meio de penetração do protestantismo no Brasil.

Tanto o movimento milerita como também os pioneiros da igreja adventista se utilizaram dessa tática, todavia, para esses últimos sua mobilização se deu em um espectro ainda mais amplo, posto que teve como motriz inicial a união de crentes em torno de uma mensagem defendida após o desapontamento de 1844, bem como se constituiu como importante aspecto da organização formal do movimento adventista.

Para além do que até aqui se tornou conhecido acerca da importância da obra de publicações para o adventismo e como a mesma foi mobilizada em seus primeiros anos, cumpra-nos elencar algumas interrogações: como a obra de publicações se tornou esteio para a chegada da mensagem adventista no Brasil? Quais os objetivos denominacionais para que a obra da colportagem permeasse o programa formativo dos obreiros em terras brasileiras? Quais as estratégias institucionais para o recrutamento dos estudantes em torno da obra da colportagem estudantil?

Haja visto que, por volta do das últimas décadas do século XIX já haviam vários núcleos de adventistas na América do Sul, a Comissão de Missões Estrangeiras da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em reunião realizada em 3 de janeiro de 1890 sugeriu a imigração de obreiros de sustento próprio para o continente (GREENLEAF, 2011). Um dos membros

da Comissão de Missões Estrangeiras, Percy T. Magan aconselhou que a obra adventista no continente sul-americano deveria trabalhar o território a partir de três línguas – francês, espanhol e italiano, indicando a importância de se começar

[...] com aqueles cujos modos e costumes são mais semelhantes aos nossos e então, por etapas, à medida que a providência de Deus abrir caminho, trabalhar com aqueles separados de nós por hábitos de vida, sem mencionar a língua e suas formas de governo (Percy T. Magan *apud* GREENLEAF, 2011, p. 28).

A história da chegada da mensagem adventista ao Brasil encontra-se intimamente ligada à obra de publicações denominacional por meio das atividades missionárias do colportor Albert Stauffer que tendo trabalhado na Argentina e no Uruguai foi o primeiro obreiro adventista a trabalhar nestas terras a partir do Rio de Janeiro. Em sua carta *Report from Brazil* publicada no periódico denominacional estadunidense (STAUFFER, 1894) indica aquela que foi a diretriz escolhida para o trabalho junto as colônias alemães nos primórdios da colportagem no Brasil.

Não podemos fechar sem antes trazer de o valor do povo alemão neste grande país. Estamos seguros em dizer que há mais de 200.000 dessa nacionalidade espalhados em diferentes Estados [...] Colônias de vários milhares de almas no Estado do Espírito Santo [...]. Depois, há as grandes colônias nos três Estados do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com muitas boas aberturas, e em uma das quais ouvimos há núcleos de guardadores do sábado (STAUFFER, 1894, p. 116)¹⁰¹.

Não demorou muito e o trabalho com a venda de livros iniciado por Albert B. Stauffer recebeu o apoio de Albert Bachmeyer, um jovem marinheiro alemão que se converteu ao adventismo no Rio de Janeiro, além de outro imigrante alemão Frederick Berger e de W. F. Thurston. Estes empreenderam esforços na distribuição/venda de literatura com a mensagem adventista no Brasil em direção ao interior e rumando para o sul do país a partir do Rio de

¹⁰¹ O original apresenta o texto da seguinte forma: "We cannot close without bringing before you the worth of the German people in this great country. We are safe in saying there are more than 200,000 of this nationality scattered through different States [...] Colonies of several thousand souls in the State of Espírito Santo [...].Then there are the large colonies in the three southern States, Parana, Santa Catharina, and Rio Grande do Sul, with many good openings, and in one of which we hear there is a company of Sabbath-keepers already". STAUFFER, Albert B. *Report from Brazil. The Advent Review and Sabbath Herald*. Vol. 71, N. 8. Battle Creek. 20 February, 1894. Disponível em:<http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=89474>. Acesso em: 05 nov. 2015.

Janeiro, de forma que com o passar do tempo outros colportores se engajaram na obra alcançando outras partes do país.

Diversos fatores contribuíram para o avanço da obra da colportagem adventista no Brasil. Dentre eles, destacamos o fato de que por ocasião da chegada da mensagem adventista já era comum a circulação de publicações religiosas especialmente as impressões da Bíblia, bem como já haviam sido estabelecidas diversas missões de outras denominações protestante norte-americanas nestas terras (MENDONÇA, 2008; MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990).

Acerca do papel desempenhado pelos colportores protestantes em território nacional é possível afirmar que tais “[...] foram parte valiosíssima do *staff* missionário, nesses anos iniciais” (cf. RIBEIRO, 1981, p. 141-153; REILY, 1984, p. 64-67; READ, 1967, p. 47-49). Tanto que, atribui-se ao trabalho realizado pelos mesmos o fato de que

[...] a grande maioria das Igrejas Evangélicas do Brasil deve sua existência à Sociedade Bíblica, e, com igual certeza pode ser asseverado que a pessoa mais temida pelos sucessores da linhagem dos Padres Jesuítas, é o colportor da Bíblia (GLASS, s. d., p. 298, 43, 97-98).

O protestantismo no Brasil deve grande parte de seu sucesso à atuação dos colportores que tendo viajado enormes distâncias na obra de divulgação / venda de exemplares da Bíblia semearam a semente da mensagem protestante nestas terras. Tamanho o trabalho realizado por estes que, ao seguirem sua rota, os missionários que os sucederam encontraram “[...] pequenas comunidades já dispostas a aceitar o protestantismo pelo conhecimento prévio da Bíblia (MENDONÇA, 2004, p. 54). **De certa maneira, o trabalho inicial de propaganda religiosa implementado pelos colportores contribuiu para a organização de uma rede de publicação, venda e distribuição em massa de impressos protestantes.**

No que se refere ao expansionismo missionário adventista indica-se que quase que concomitantemente ao trabalho dos pioneiros da página impressa, a liderança denominacional estadunidense enviou pastores ordenados para batizar os conversos e organizar as igrejas (GREENLEAF, 2011). Assim que com o passar dos anos e avanço do adventismo, a obra das publicações foi se consolidando como meio mais eficaz para a propagação da mensagem

adventista, o que evidenciou a estratégia denominacional de incentivar que os colportores constinuassem a distribuir “[...] literatura, abrindo caminho para os pastores assumirem o papel de supervisão do trabalho” (GREENLEAF, 2011, p. 36).

Posto que, a obra de publicações por meio da colportagem foi a principal estratégia de penetração da mensagem adventista em terras brasileiras, apontamos como a mesma se valeu dos estudantes. Neste sentido, a pesquisa *O papel das publicações e dos colportores na inserção do adventismo no Brasil* de Carnassale (2015) e a obra *A Colportagem Adventista no Brasil: uma breve história* (TIMM, 2000) servem-nos de apoio para tal empreitada.

A despeito de não haver um registro contundente da utilização de estudantes na obra da colportagem antes da fundação da instituição de formação de obreiros em São Paulo no ano de 1915, é possível indiciarmos tal vestígio em uma carta – *Our Industrial School In Taquary, Brazil* – publicada no periódico estadunidense, na qual John Lipke em 1907 indica a existência de um escritório de impressão no prédio principal na escola industrial de Taquary (RS) originalmente concebida para a formação de obreiros.

Em nosso escritório de impressão, que está localizado no edifício principal da nossa escola, estamos bastante ocupados agora. Nós imprimimos um periódico alemão e dois portugueses cada mês. No próximo mês esperamos imprimir um número extra de nosso periódico *O Arauto da Verdade* (Herald of Truth). Cerca de sete mil exemplares já foram encomendados, por isso provavelmente podemos imprimir uma edição de dez mil. Além disso, nós agora imprimimos "Seu Glorioso Aparecimento" o nosso segundo livro no idioma Português, em nossa própria imprensa (LIPKE, 1907, p 29)¹⁰².

A instituição de Taquari era modesta no tamanho e, mesmo ainda em seus primeiros anos possuiu um escritório de impressão. Dada a periodicidade das impressões, bem como o volume impresso, é possível afirmar que os

¹⁰² LIPKE, John. Our Industrial School in Taquary, Brazil. **The Advent review and Sabbath herald**. Vol. 84, N. 23. Washington, 06 june, 1907, p. 29. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=91527>. Acesso em: 08 nov. 2015. Texto original: “In our printing-office, which is located in the main building of our school, we are quite busy now. We print one German and two Portuguese journals every month. Next month we expect to print an extra number of our paper *O Arauto da Verdade* (Herald of Truth). About seven thousand copies have already been ordered, so we probably can print an edition of ten thousand. Besides that, we now print "His Glorious Appearing", our second book in the Portuguese language, on our own press”.

estudantes tinham contato direto com as publicações denominacionais estando envolvidos no processo da impressão. Apesar de não podermos asseverar que os estudantes saíam da escola em algum período do ano para trabalhar com as publicações por meio da colportagem alinhamo-nos à hipótese levantada por Marroni (2000) na qual afirma que:

Não há registro de que a escola de Taquari houvesse treinamento para colportagem e que estudantes tivessem saído desta escola para colportar nas férias. No entanto, podemos crer na hipótese de que os primeiros colportores estudantes no Brasil tenham sido alguns dos alunos do Colégio de Taquari, entre 1902 e 1910, influenciados pelo constante movimento dos prelos e o cheiro de tinta que se misturavam no ambiente escolar (MARRONI, 2000, p. 87).

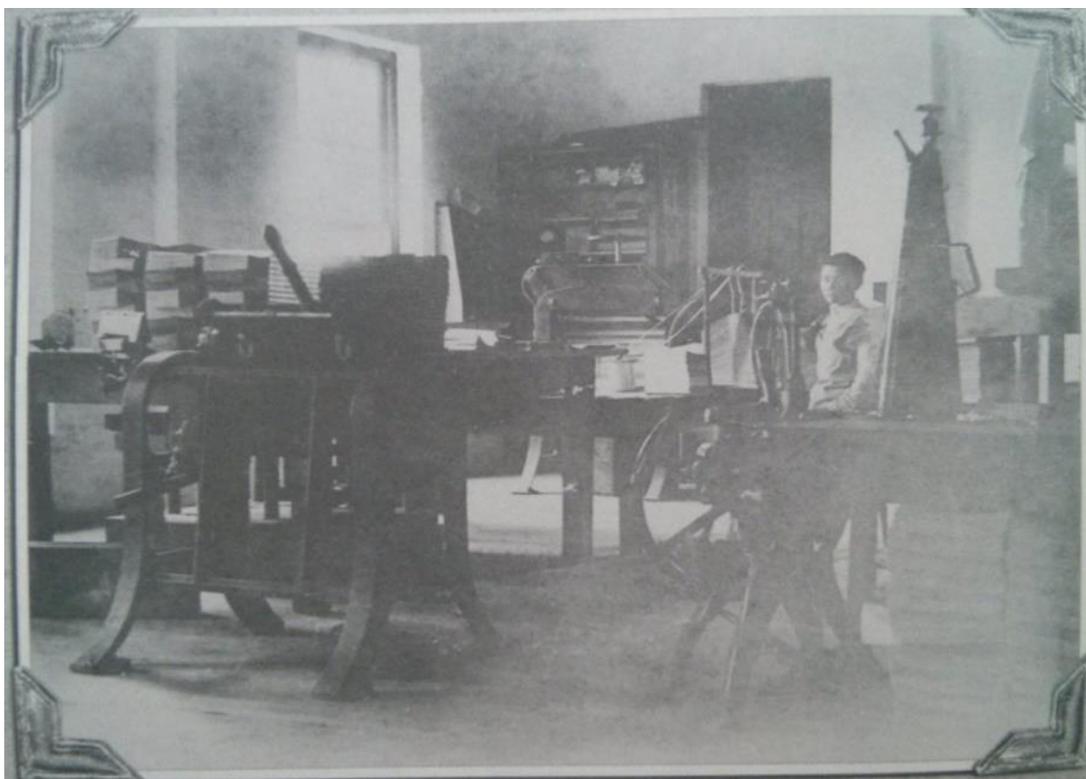


Figura 13 – Visão parcial da tipografia no Rio Grande do Sul
FONTE: GREENLEAF (2011, p. 782).

Se por um lado a afirmação da relação dos estudantes com a obra da colportagem nos primeiros anos do século XX é uma hipótese tecida em fios dos indícios, por outro a evidência da mesma é bem forte com a inauguração da instituição de ensino dedicada a formação de obreiros localizada em São Paulo. Mesmo que, inicialmente coadjuvante na formação dos obreiros a colportagem passou a ocupar espaço marcante com o passar dos anos. Acerca do lugar da colportagem no programa formativo no início da instituição o artigo

Nosso Seminário (LIPKE, 1916) publicado no periódico denominacional nacional há a seguinte indicação.

Fez um anno, a 6 de Maio, que tomamos conta da propriedade destinada para escola de missão. [...] Causou-nos agradável surpresa ver logo de começo tantos alumnos entrarem para a escola. Os ultimos mezes do anno decorrido foram preenchidos com um curso de colportores, e a 15 de Abril p. p. foram abertas as aulas regulares de accordo com o plano delineado em nosso prospecto (p. 1).

Nas páginas iniciais do *Seminario da Conferencia União Brasileira dos Adventistas do Setimo Dia* (PROSPECTO ANUAL, 1918-1919) há uma breve apresentação do *curso introductorio* que compôs o ano letivo (iniciado no segundo semestre) de 1915, este por sua vez abrangia a ministração de aulas regulares e curso de colportagem.

Passados tres mezes de aulas regulares, ensinando-se Biblia e outras materias, iniciou-se um curso de colportagem no qual tomaram parte sete estudantes, enquanto que os demais ficaram livres, podendo dedicar todo o seu tempo ao trabalho manual. Este curso terminou no dia 20 de Dezembro (PROSPECTO ANNUAL, 1918-1919, p. 4, 6).

Assim é possível perceber que desde o início dessa instituição a colportagem permeava o programa de estudos, se não como obrigatoriedade de assistência por parte dos alunos, mas certamente um indicativo da concepção de formação dos obreiros idealizada pelos pioneiros da instituição. O que nos permite indicar o papel das publicações para o avanço da causa adventista nestas terras.

Acerca do *primeiro anno lectivo* no Prospecto Annual (1918-1919) informa que houve um aumento no número de estudantes ingressantes (35 estudantes) em 1916 e, que a despeito das dificuldades enfrentadas nos estudos preparatórios tão logo foi encerrado o ano letivo começou-se o curso de colportagem. Assim que, o informado diz que:

A despedida teve lugar no dia 15 de Novembro, começando logo em seguida um curso de colportagem que se prolongou até o dia 25 do mesmo mez. Este curso foi dirigido pelo diretor da colportagem, o irmão R. M. Carter. Dentre os estudantes saíram 11 para o campo da colportagem e 6 como obreiros bíblicos [...] (PROSPECTO ANNUAL, 1918-1919, p. 6).

Na trama dos acontecimentos que nos fazem relacionar a colportagem com os estudantes em formação, dois dados apontados no texto acima

propõem-nos a necessidade de algum comentário, mesmo que breve. Conforme exposto o curso de colportagem oferecido no Seminário foi dirigido por R. M. Carter que, segundo informações do periódico denominacional brasileiro (*Revista Mensal*) diretor de colportagem para o território nacional. Um outro dado relevantemente indicado no Prospecto Annual (1918-1919) afirma que dentre os alunos que saíram para atuação no campo missionário naquela época, o número maior de estudantes foi para a obra da colportagem. Não é possível afirmar se esses estudantes foram para o campo missionário em definitivo, ou se foram apenas para o período de férias.

Em o *Relatório da 4ª Conferencia União-Brazileira* de Paul Hening publicado no periódico nacional em 1916, percebemos o quanto os temas colportagem e educação ocuparam a pauta das reuniões, especialmente no tange a relação entre os dois empreendimentos denominacionais em vistas à formação dos obreiros por meio da instituição de São Paulo, tanto que tal relatório registra o seguinte:

14. Considerando que o plano de frequência escolar, segundo o qual o educando que se propõe ganhar sua mensalidade por meio da colportagem deve gozar de um abatimento de 15%, se tem provado uma benção nos paizes em que elle tem sido posto em pratica, tanto para os educandos como para a casa publicadora, recommendamos que este plano seja também adoptado pela Conferencia União Brazileira em ligação com a Casa Publicadora, sob as seguintes bases:

a) O estudante que se propuzer pagar a mensalidade total, isto é 35\$000, ou sejam 280\$000 por um anno escolar de oito mezes, gozará de um abatimento de 15% si vender para 476\$000 de literatura e enviar toda essa importância á Casa Publicadora.

b) Si porém se propuzer pagar uma mensalidade de 20\$000, ou 160\$000 por um anno escolar, gozará do mesmo abtimento de 15%, si vender literatura na importância de 272\$000, e enviar toda essa importância á Sociedadade.

Metade dessas importâncias se destina ao pagamento da literatura e a outra metade às mensalidades respectivas por um anno de escola, com 15% de abatimento. Os concessionários dessas vantagens terão, além disso, indemnizadas as despesas de viagem para o campo de trabalho e de volta para a escola, caso cumprirem as condições desse plano de frequencia escolar de uma das duas maneiras indicadas (HENING, 1916, p. 3)¹⁰³.

¹⁰³ HENING, Paul. Relatório da 4ª Conferencia União-Brazileira. **Revista Mensal**. Estação de São Bernardo, São Paulo. Vol. II, N. 3, p. 3. Disponível em:

Assim sendo, podemos perceber o agir da liderança denominacional em terras brasileiras elaborando um plano que fosse viável para os estudantes pagarem as despesas escolares por meio da colportagem no período de férias escolares. Se por um lado, a liderança buscava relacionar os dois ramos da obra adventista nestas terras tornando atraente o ingresso dos estudantes na instituição de ensino, bem como a permanência, por outro fica patente a diretriz adotada pela liderança no sentido de conformar o avanço e consolidação da Igreja Adventista do Sétimo Dia em terras brasileiras por meio da obra das publicações.

Ao empreender uma reflexão acerca do avanço missionário da Igreja Adventista do Sétimo Dia na América, especialmente entre os anos de 1886 e 1905, Schwarz (1998) indica como se efetivava a estratégia denominacional de penetração nas cidades por meio das publicações, o que por certo se configurou como modelo a ser implementado em terras brasileiras. Diz ele que a:

Venda porta em porta, empréstimo ou doar de livros e panfletos adventistas fornecia uma introdução. Assim que, encontravam pessoas interessadas, os obreiros empreendiam instrução bíblica. Dessa forma, igrejas adventistas foram estabelecidas em grandes cidades onde antes não havia presença adventista (SCHWARZ, 1998, p. 88, 89)¹⁰⁴.

Se bem que o plano não era algo inédito, visto que tal já era aplicado em outros países (MARRONI, 2000), no entanto, no Brasil ele é aplicado quase que imediatamente ao início do funcionamento da instituição de formação dos obreiros, o que contribui para asseverar uma clara diretriz da intencionalidade da liderança administrativa para atuação dos estudantes enquanto frequentavam o Seminário. Neste esteio tornamos conhecido o testemunho de um egresso da instituição em 1922, Luiz Waldvogel que informa em sua autobiografia um pouco da atuação do colportor estudante no período das férias, indicando que o trabalho abrangia além da venda de publicações. Diz ele:

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2021&s=1248871>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

¹⁰⁴ Texto original: "Door-to-door selling, loaning, or giving away of Adventist books and pamphlets provided an introduction. As these canvassers found interested persons, they made appointments for Bible instruction. [...]. In this way Adventist churches were established in many major cities where there had been none before".

No fim de 1917 decidi-me a ir de novo colportar nas férias. O colega Henrique Simon e eu fomos destacados para Muzambinho, Sul de Minas, onde havia uma família interessada, que Henrique conhecia. Essa família, que depois se converteu, recebeu-nos muito gentilmente, hospedando-nos durante todo o tempo que lá colportamos. Meu colega ministrava estudos aos sábados, aos quais compareciam também alguns vizinhos. O resultado foi a conversão de bom número de pessoas (WALDVOGEL, 1988, p. 55).

É pertinente indicar que a própria instituição em seus periódicos (Prospectos) de divulgação evidenciava uma diretriz de formação de obreiros, bem como marcava que a obra dos egressos em seu avanço parecia inicialmente prescindir de colportores, obreiros bíblicos e pregadores. Dando a entender que a obra da colportagem consistia em meio de penetração mais efetivo e que proporcionava abertura para o anúncio propriamente dito da mensagem adventista.

Contamos educar colportores aptos para difundir a verdade presente por meio da literatura. São elles os pioneiros da obra que, onde quer que a colportagem falhe, quasi nunca se caracteriza por uma prosperidade duradoura. Contamos tambem educar obreiros biblicos e prégadores que sejam idoneos para annunciar ao mundo a ultima mensagem em linguagem simples e com alma movida de sympathia (PROSPECTO ANNUAL, 1918-1919, p. 8, 10).

Neste esteio apresentamos uma relação daquelas que eram consideradas as disciplinas escolares nos primeiros anos do Seminário de modo que tais conformavam o programa de formação dos obreiros, a saber:

Biblia, Historia Denominacional, Historia Universal, Historia do Brazil, Geographia, Sciencias naturaes, Physiologia, Grammatica portuguesa, Inglez, Francez, Allemão, Mathematica, Calligraphia, Stenographia, Musica e Canto, Trabalho biblico, Colportagem (PROSPECTO, ANNUAL, 1918-1919, p. 10).

Conforme exposto acima o currículo escolar apresentava a *Colportagem* como disciplina escolar, todavia conforme apresentado em outros documentos tal disciplina era oferecida em “cursos” que, por sua vez era um intensivo de alguns dias e cuja oferta acontecia por ocasião próximo ao início das férias escolares caracterizando assim o término do semestre letivo.

Além do mais, a instituição promovia ao longo do semestre letivo atividades nas quais os estudantes pudessem tomar parte com a obra da colportagem, mesmo que por um dia. Essas atividades geralmente aconteciam

como forma de distribuir literatura denominacional e ao mesmo tempo arrecadar donativos para a Igreja. Assim, os estudantes especialmente aqueles que ainda não colportavam nas férias se viam enredados nas tramas das estratégias institucionais de recrutamento dos estudantes para a colportagem. Uma dessas situações é descrita por Steen (1920) quando informa:

Sairam ao todo, para tomar parte neste trabalho, 31 estudantes e professores, uns num domingo e os demais n'outro domingo. O numero total de horas que trabalharam é 151, tempo em que distribuíram 242 exemplares do «Signaes dos Tempos», attingindo os donativos que receberam a um total de 575\$400. Isto quer dizer que cada um recebeu, termo medio, pelo seu trabalho, 3\$800 por hora e pelas revistas distribuídas, cerca de 2\$400 por exemplar. Este successo da parte de estudantes que trabalharam pela primeira vez e isto exclusivamente entre desconhecidos (p. 13, 14)

Em sua autobiografia *Professor Toda Vida*, Sigfried Schwantes que foi estudante do seminário e formando na turma de 1934 nos informa um índice da adesão dos estudantes ao programa da colportagem promovida na instituição, bem como sinaliza como se davam as aulas e como se procedia na divisão do campo missionário entre os estudantes por ocasião dos anos em que frequentou a instituição.

[...] os pontos no ano escolar eram as “semanas de colportagem”, em que os líderes da página impressa vinham ao colégio [...] Como mais da metade dos estudantes dependia da colportagem para custear seus estudos, essas aulas eram frequentadas com assiduidade. Era também a ocasião de escolher o companheiro de trabalho e de receber um campo que se supunha promissor (SCHWANTES, 1991, p. 21)

Por ocasião do ano de 1921 a instituição organizou um pequeno livro intitulado *Vistas do Seminario Adventista* com o objetivo de apresentar a instituição em suas mais diversas dimensões e aspectos sem a égide das formalidades regimentais características dos Prospectos Anuais. Em duas de suas páginas são apresentados os colportores, bem como a obra que os mesmos desenvolvem. Chamam-nos a atenção a ênfase que se dá a essa obra como tendo um relevante aspecto formativo para a vida dos estudantes, bem como o destaque referido ao número crescente de estudantes que aderem à colportagem e a propaganda do sucesso destes na empreitada levada a cabo nas férias escolares.

Os estudantes do Seminario não passam o verão na ociosidade. [...] poucos são os que voltam para casa. Outros, contudo, em numero cada vez maior, despendem suas férias de um modo que não somente é de grande valor educativo para si, e de beneficio real para o povo entre o qual trabalham, como também é um meio seguro para ganharem os necessarios recursos afim de pagar o proximo anno lectivo.; são elles os colportores. Fizemos arranjos especiaes com a nossa Casa Publicadora no Brasil, de maneira que todo estudante que vender durante as férias livros educacionaes, evangelicos ou de assumptos hygienicos, na importancia de 820\$000, fazendo entrega total da referida quantia à Casa Publicadora, obterá gratuitamente sua frequencia escolar durante o anno lectivo seguinte. Uns vinte estudantes experimentaram no anno passado este plano, alcançando excellente resultado, ganhando muitos delles mais do que a importancia exigida. Neste anno, aproximadamente trinta e cinco estão neste momento em campo, com o mesmo proposito (VISTAS DO SEMINARIO, 1922, p. 31).

Não obstante, o informe laudatório impresso no livro a instituição dedicou uma página na qual estampou uma fotografia dos alunos colportores enquadrados aqui sob a intencionalidade institucional de reconhecimento dos seus feitos, bem como balizada na clara evidência de recrutamento de outros estudantes.



Figura 14 – Estudantes colportores em 1921
FONTE: (VISTAS DO SEMINARIO, 1921, p. 30).

Logo nos primeiros anos os dirigentes da instituição desenvolveram um plano de pagamento das despesas que contemplasse o trabalho do estudante na instituição, no entanto, com o passar dos anos os Prospecto Anuais da instituição passaram a apresentar com bastante ênfase a possibilidade de *Pagamento das Despesas por Meio da Colportagem* indicando que haver “[...] uma grande vantagem aos que desejam ganhar as despesas por meio da colportagem” (PROSPECTO ANNUAL, 1932, p. 21).

Mesmo havendo dois planos para pagamento das despesas escolares, um deles compreendendo o trabalho desenvolvido no interior da instituição e o outro referente ao plano da colportagem é possível indiciar a estratégia institucional de destacar aqueles que obtiam o pagamento das despesas por meio da colportagem, tamanha a ênfase nesse aspecto que para estes os Prospectos Anuais retratavam o feito exibindo a foto e, em alguns casos listando-os nome a nome. A seguir exemplificamos nosso enunciado apresentando as fotos de alguns prospectos anuais.



Figura 15 – Estudantes colportores em 1936
Os jovens que estudaram o ano de 1936 por meio de um estípcio
escolar ganho na Colportagem
FONTE: (PROSPECTO ANNUAL, 1937, p. 29).



Figura 16 – Estudantes colportores em 1938
Os que Ganharam o Estipendio na Colportagem em 1937
FONTE: (PROSPECTO ANNUAL, 1938, p. 13)

Além do mais, é pertinente informar que o calendário do ano letivo escolar foi configurado de modo a favorecer que os estudantes dedicassem boa parte dos dias do ano ao trabalho da colportagem. Em um momento inicial já a partir de 1924 passou a vigorar na instituição um sistema de “[...] quatro trimestres por ano, dispendo-se os estudos de tal maneira que fosse possível a um alumno entrar no principio de qualquer trimestre” (PROSPECTO, ANNUAL, 1926, p. 6) com o objetivo claro de facilitar aos estudantes colportores dedicarem mais tempo à obra da colportagem podendo estender o período para além das férias, conforme a necessidade. De acordo com a direção do Seminário o plano consistia em ser “[...] de grande auxilio para o que precisam trabalhar um ou dois trimestres por ano afim de fazer face às suas despesas, e tambem permite que o COLLEGIO possa funcionar durante o anno todo, [...]” (PROSPECTO, ANNUAL, 1926, p. 6).

É fato que o plano esboçado acima trazia oportunidades de dedicação de maior tempo ao trabalho, tanto para aqueles estudantes que pagavam suas despesas com trabalho desenvolvido dentro da instituição, mas indubitavelmente os maiores beneficiados eram aqueles estudantes que por

força das circunstâncias precisavam dispor de mais tempo no campo em trabalho com a venda de publicações a fim de na volta puderem pagar as despesas.

Com o passar dos anos os dirigentes do Seminário empreenderam mais um ajuste no calendário escolar no que se refere aos dias letivos. A intenção revelou-se em mais uma tentativa de oportunizar aos estudantes colportores tempo hábil para a venda de publicações, assim que por ocasião da década de 1930

[...] o ano escolar no CAB começava em janeiro e terminava em setembro. Imaginava-se que os meses de outubro, novembro e dezembro fossem os melhores para a colportagem, e o ano escolar devia ajustar-se a essa concepção, sem se preocupar com o calendário observado na maioria das escolas (SCHWANTES, 1991, p. 20).

Diante do exposto até aqui nesse tópico fica patente a compreensão de que os dirigentes da instituição de obreiros de São Paulo instrumentalizou a colportagem de forma efetiva no seu programa formativo, além do que as estratégias institucionais de promoção da obra da colportagem entre os estudantes, como também de propaganda dos feitos dos estudantes colportores exitosos funcionaram como mote principal para o recrutamento de estudantes.

Em sua dissertação, *O Papel das Publicações e dos Colportores na Inserção do Adventismo no Brasil*, Carnassale (2015) apresenta como objetivo central analisar o papel que as publicações e os colportores tiveram na inserção da Igreja Adventista no Brasil, destacando de modo especial “[...] como colportores e os imigrantes alemães formaram a associação que permitiu a entrada do adventismo em território brasileiro” (CARNASSALE, 2015, p. 10). Apesar de a colportagem estudantil não ser o seu tema principal, o autor indica que a estratégia adventista de penetração pelas publicações por meio da colportagem dentre outros aspectos deveu-se aos seguintes aspectos:

[...] 4) facilidade de mobilidade dos colportores para percorrerem uma vasta área territorial, apesar das dificuldades próprias da época; e 5) aceitação e convicção de que a colportagem era de natureza verdadeiramente missionária e que os colportores poderiam executar um ministério tão valoroso e produtivo quanto os pastores (CARNASSALE, 2015, p. 120).

Por sua vez, Marroni (2000) no capítulo intitulado *O Desenvolvimento da Colportagem com Estudantes no Brasil* publicado na obra organizada por Timm (2000) intenta oferecer ao leitor uma ordem cronológica do que ele chama de “fatos registrados” no que se refere à colportagem estudantil adventista no Brasil, o que segundo o autor proporciona compreender que a relação colportagem e estudantes conforme concebida pela liderança denominacional aponta para uma intencionalidade na “[...] integração mais efetiva entre os aspectos evangelísticos, formativos e educacionais [...]” (MARRONI, 2000, p. 86).

É bem verdade que ambos os autores buscam empreenderam estudo no sentido de evidenciar o papel da colportagem na inserção da mensagem adventista em terras brasileiras e, de fato cada um deles oferece um contributo na compreensão da temática, todavia, escapa-lhes na abordagem um aspecto que julgo importante para a consideração da temática, a formação de uma identidade nos grupos de obreiros egressos do Seminário, bem como uma mentalidade segundo a qual houvesse um claro alinhamento às diretrizes da matriz estadunidense.

Ao longo da história a relação entre as denominações protestantes e a utilização da imprensa seja pela publicação e divulgação / venda de Bíblias e/ou livros religiosos se constituiu de modo peculiar e tão significativamente preponderante que Eisenstein (1998) afirma que “[...] no decurso de algumas gerações, o abismo entre protestantes e católicos havia se ampliado a ponto de gerar culturas literárias e modos de vida contrastantes” (p. 174).

É fato que a Igreja Adventista do Sétimo Dia em seu projeto de expansão missionária pelo mundo, em diversos aspectos joga com as peças características do protestantismo especialmente no que se refere à evangelização por meio da página impressa. No entanto, o que subjaz a esta estratégia consiste na estreita relação entre as publicações e a teologia professada por este ramo denominacional protestante norte-americano. Pois que, como informa Hoornaert e *et.al.* (1983, p. 326): “Um cristianismo sem livros se expõe ao perigo de tornar-se um cristianismo divorciado da teologia [...]”.

De certa maneira, a obra de publicações adventistas esteve estreitamente relacionada à missão protestante empreendida no Brasil,

especialmente àquela iniciada com a distribuição de Bíblias e folhetos. A palavra impressa foi uma das estratégias utilizadas pela Igreja Adventista do Sétimo Dia para fazer circular no país saberes, além de promover a normatização de práticas religiosas. Assim sendo, palavra impressa promovia a divulgação de seus ideais religiosos, além de consolidação do trabalho de evangelização e educação.

Neste esteio torna-se necessário apontar a imbricada relação que a instrumentalização da colportagem na formação dos obreiros adventistas no Seminário de São Paulo. O que de certo, foi tecido com fortes fios da *missionação* e da *editoração* característicos do protestantismo (RIBEIRO, 1987). Todavia, no caso adventista sob a égide da formação dos obreiros é possível afirmar que aqui residia uma espécie de intencionalidade dirigente na direção por fazer veicular e promover meios próprios de assimilação de um *ethos* adventista, desde a época de estudante por parte daqueles que um dia seriam obreiros adventistas nestas terras.

Cabe destacar que a utilização do conceito *ethos* nessas páginas encontra-se imbricada por uma concepção que considera que a religião é essencialmente produtora de visões de mundo que, por sua vez fornecem significação à realidade sugerindo interpretações sempre conforme a visão de mundo. Nestes termos é apreensível asseverar que

[...] o *ethos* torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica (GEERTZ, 1989, p. 144).

A mobilização do conceito *ethos* neste texto indica uma visão de mundo que é considerada como válida e cujo princípio orientador fundamenta as ações tomadas com atitudes morais de uma pessoa ou de um grupo (KÜNG, 1999). Conforme entende Boff (1999), *ethos* é o “conjunto de princípios que regem, transculturalmente, o comportamento humano para que seja realmente humano no sentido de ser consciente, livre e responsável” (p. 195).

Sob esse aspecto é possível indicarmos que as publicações por meio da colportagem estudantil foram utilizadas para difusão do pensamento e das crenças adventistas pela sociedade brasileira, inicialmente entre os grupos de

imigrantes alemães e posteriormente à sociedade em geral, além do que sugerem a utilização de estratégias institucionais segundo as quais estudantes colportores, bem como convertidos pudessem assimilar as concepções adventistas, modo de ver o mundo e crenças veiculadas nas publicações. Posto que, majoritariamente as publicações eram de autoria de pioneiros adventistas e da profetisa Ellen G. White o contato direto dos estudantes em sua obra de colportagem promovia a vinculação do *ethos* adventista sob as balizas da ascese intramundana à formação dos obreiros adventistas na instituição em questão.

Ao encerrarmos este capítulo, é possível asseverarmos que a estratégia da liderança denominacional para a localização de sua instituição de formação de obreiros para o campo missionário brasileiro aponta para o fato de que, neste caso a periferia no que se refere à cidade de São Paulo indica uma opção marginal frente aos empreendimentos protestantes erguidos no estado, bem como uma intenção clara acerca das pretensões denominacionais distinguindo-se de suas congêneres cuja opção inicial pautou-se pela educação da elite brasileira.

Sob a égide do *regime de internato* a formação do obreiro deixava marcas na sua subjetividade como também buscava influenciar a sua trajetória de vida pessoal e profissional, promovendo relações peculiares entre dirigentes e internados no conjunto das práticas institucionais que fomentavam controle, dominação e submissão por meio de diversos processos empreendidos na formação educacional dos sujeitos. Assim o *regime de internato* sob os moldes de instituição totalitária (GOFMANN, 1974) foi instrumentalizado com o objetivo primordial de, associado a outros aspectos característicos da instituição, incutir um ascetismo de viés intramundano, no qual vocação e trabalho eram componentes intercambiáveis na formação protestante, neste caso adventista.

De modo especial, os *trabalhos manuais* marcavam as atividades oferecidas ao longo dos dias aos estudantes e, se por uma lado esses trabalhos evidenciavam um alinhamento denominacionais às novas concepções de educação que vigoravam por ocasião da fundação da instituição de formação dos obreiros nacionais, bem como dialogavam com as condições sócio históricas desse país, além de demarcarem uma concepção

denominacional de epistemologia da natureza, mas especialmente uma forma de inculcar a valorização do trabalho.

A maneira como o *tempo sagrado* balizava o cotidiano escolar, evidenciava a égide dessa dimensão em relação às outras. A verdade é que a rotinização do tempo na vida do interno promovia uma concepção de valorização do tempo, bem como instituiu uma consciência de *tempo profano* e *tempo sagrado*. Acerca desse último, torna-se evidente que o mesmo foi instrumentalizado no sentido veicular as crenças da mantenedora de modo a filiar uma concepção cosmogônica segundo a qual, os estudantes compreendessem que o sábado por meio de ritos e cerimônias oportunizava um *eterno retorno*, como um *tempo de regeneração* (ELIADE, 1992a, 1992b).

É pertinente indicar que a *obra da colportagem* foi mobilizada pela liderança denominacional em associação à direção da instituição de formação de obreiros de São Paulo, no sentido de recrutar estudantes para engajamento de tais na estratégia denominacional de continuidade da penetração e consolidação da mensagem adventista nestas terras. Para tanto, a instituição lançou mão de estratégia de propaganda e de recrutamento que balizadas pelos termos de *missionação* e *editoração* (RIBEIRO, 1987) promoviam a vinculação do *éthos* adventista na formação dos obreiros.

A despeito de todos os desdobramentos que esses aspectos lançavam na vida dos internos, não podemos perder de vista que tais elementos favoreciam a sociabilidade entre os estudantes, além de promover o senso de pertencimento e fomentar o desenvolvimento da identidade religiosa sob as amarras do adventismo apontando uma nova maneira de ver a realidade calcada na valorização da natureza e do trabalho, o que de fato como também influenciava a trajetória de vida pessoal e profissional dos egressos.

As diretrizes denominacionais se consubstanciavam em seu propósito majoritário de marcar denominacionalmente a formação dos estudantes, de modo que como egressos da instituição tivessem uma prática, a mais alinhada possível às balizas do adventismo de sua versão norte-americana. Para tanto, o espectro para o qual convergiam os elementos até então arrolados nas páginas desse capítulo indica-nos a efetivação de uma *educação indireta* (MENDONÇA, 2008), segundo a qual fosse possível fomentar uma exemplaridade de moral ascética que apresentava diversas combinações por

meio do programa institucional, mas que indubitavelmente intentava lançar as bases de uma concepção da idealidade de atuação no campo missionário brasileiro.

A formação dos obreiros adventistas perpetrada na instituição radicada em São Paulo conforme concebida sob as balizas do *regime de internato*, *Trabalhos Manuais*, *tempo sagrado*, a *obra da colportagem* esteve estreitamente comprometida com um ordenamento segundo o qual os egressos ao atuarem no campo missionário para o avanço e consolidação da mensagem adventista nestas terras estivessem marcadamente investidos dos caracteres da *ascese intramundana* (WEBER, 2004).

CAPÍTULO 3

ESCREVER A VIDA DE OBREIROS ADVENTISTAS JUBILADOS: autobiografia e experiência religiosa

Inicialmente cabe informar que os fragmentos de relatos autobiográficos apresentados na escrita desse capítulo não se restringem àqueles que foram estudantes do Seminário / Colégio Adventista Brasileiro, de forma que alguns foram formados em outras instituições denominacionais, algumas dessas em território brasileiro e outras em terras internacionais. Como o mote principal do capítulo é assinalar a experiência religiosa de obreiros adventistas jubilados, o mesmo nos permitiu alargar nossa coleta de fontes ampliando nosso crivo, de modo que tal capítulo não pode ser concebido como uma continuidade contigua do capítulo anterior, mas sim como a exposição de dimensões que se avultaram e cuja pertinência se tornou cabível à pesquisa.

Ao longo das páginas que compreendem desse capítulo intentamos apresentar como a atuação dos obreiros adventistas no campo missionário da causa adventista pode ser referida em seus relatos autobiográficos nos contornos da experiência religiosa. É pertinente indicar que a perspectiva que norteia esse capítulo é informada pelos elementos que advém da escrita desses obreiros que, após anos de dedicação ao ministério adventista em suas diversas frentes agora falam/escrevem no status de obreiros jubilados¹⁰⁵.

Cabe ainda nas primeiras linhas desse capítulo informar que a composição do mesmo se ancora na análise de dados provenientes de uma obra publicada pela denominação religiosa e que consiste na apresentação de diversos relatos autobiográficos de vários obreiros jubilados.

Neste sentido, podemos elencar que a busca pelas fontes que nos propiciaram elementos para análise e escrita desse capítulo foi perscrutada sob o viés pesquisacional de indiciar os elementos que compoem a autobiografia desses jubilados faziam referências às marcas dos tempos de formação. É fato que, as balizas que demarcavam nossas intenções iniciais foram alargadas de modo a favorecer a apreensão dos dados e sua posterior análise.

¹⁰⁵ A utilização da nomenclatura “obreiro jubilado” significa dizer que o mesmo faz parte do grupo daqueles que, depois de anos dedicados ao ministério adventista encontram-se nos anos de aposentadoria.

A bem da verdade é que como pesquisadores lidamos a todo instante com o desafio de tomar as lentes interpretativas do fenômeno antes mesmo de sua apresentação, o que por sua vez termina por direcionar o pesquisador a conformar os dados a um molde previamente estruturado antes mesmo da apresentação de tal fenômeno. Posso dizer, que tal desafio foi companhia incômoda e constante na coleta de dados para a escrita desse capítulo, assim que optei por formatar o background teórico à medida que a coleta de dados de acontecia e a partir do momento que eles passaram a sinalizar pontos de convergência, de modo que podemos afirmar que o escopo teórico se configurou como processo de decantação do *corpus documental*.

Neste sentido, apresentamos as balizas teóricas que conformam a escrita do capítulo. Haja vista que utilizamos relatos autobiográficos publicados na obra *Minha Vida de Pastor I e II* organizados por Sarli (2007, 2009) tornou-se imprescindível recorrer a um referencial teórico que nos oferecesse elementos que nos introduzisse à temática, assim que utilizamos como categoria inicial de análise a *literatura autobiográfica* (GUSDORF, 1991). No entanto, à medida que as fontes foram visitadas e que dados foram coletados fomos impelidos a considerar uma temática bastante recorrente, a saber a *experiência religiosa*. Neste sentido, Smart (1996) e sua teoria acerca dos estudos das religiões se apresentou bastante profícua para as nossas considerações, além do mais cabe destacar a pertinência de suas acepções à nossa pesquisa também quando trata da dimensão ritual e seus elementos para a experiência religiosa.

Ainda comprometidos em apresentar a maneira como compormos o escopo teórico que estruturou a escrita desse capítulo, citamos as acepções teóricas apresentadas por Koseleck (2006) quando ao abordar o tempo histórico observa a estreita relação entre o *espaço da experiência* e o *horizonte da expectativa*, especialmente em sua relação às considerações referentes à *memória* advindas da abordagem de Pollak (1989, 1992). Tais categorias foram de grande valia no tratamento dos dados coletados, bem como para a escrita desse capítulo. O escopo teórico até aqui referido ofereceu a tessitura da escrita, todavia, as acepções do termo *cosmovisão* conforme iluminado por Smart (1983) se apresentou como abordagem bastante na composição do capítulo.

Uma das dificuldades que caracterizou o tratamento dos dados e análise consistiu na caracterização das fontes com as quais me deparei e que compunham majoritariamente a obra *Minha Vida de Pastor* (SARLI, 2007; 2009) cuja impressão se deu na editora denominacional (CPB - Casa Publicadora Brasileira), mas que foi vinculada a outra editora, Certeza Editorial. Tal obra apresentava a autobiografia de diversos obreiros adventistas jubilados. Dessa forma, foi preciso estabelecer condições que oportunizasse uma aproximação cuja atenção se voltasse para o reconhecimento de marcas enunciativas presentes nos diversos relatos cujo conjunto documental nos direcionasse para a interface entre as diversas categorias teóricas acima referidas. Assim que, a hipótese geral admitida indicou que o corpus documental apontava para a emergência da literatura autobiográfica que aliava experiências humanas marcadas pela experiência religiosa.

Tomando como horizonte a noção de *literatura autobiográfica* (GUSDORF, 1991) nos comprometemos em assinalar os elementos que apontavam para as experiências religiosas de sujeitos que, tendo dedicado anos à obra adventista terminavam por remeterem em suas escritas dinâmicas de caracterização e produção de eventos presentes no imenso oceano das escrituras do eu, mas majoritariamente se encontravam marcada pela ênfase religiosa. Para tanto, foi imprescindível lidar com esse corpus documental de autobiografias buscando delinear os elementos que conferiam uma incidência do religioso na ordem social e cotidiana, bem como as marcas de tais na subjetividade daqueles que as escreveram e falaram.

Assim sendo, àquele corpus documental de escrita autobiográfica empreendida por obreiros adventista jubilados postulei a hipótese de que em tais relatos os dados concernentes aos anos de dedicação à causa adventista se apresentavam em sua modalidade discursiva conformada a motes estruturantes, a saber: a conversão, os anos no seminário, vida de missionário e jubilação. Neste caso, não adotamos nem a perspectiva que trata os relatos autobiográficos sob o viés da análise fundada na compreensão do modo de composição e funções desses textos, muito menos a outra que se pauta em uma leitura estritamente interpretativa que terceiriza a abordagem compreensiva.

Nas linhas seguintes, avançamos no sentido de que, além de apresentarmos aquelas que foram as balizas teóricas para a conformação da escrita desse capítulo após a coleta e análise dos dados, indicamos o conteúdo nuclear dessas categorias analíticas. Essa apresentação oportuniza conhecer previamente as acepções que configuram as categorias analíticas que mobilizamos na lida com o corpus documental, como também antecipa os critérios que levamos em conta para a escolha de tal referencial teórico.

Conforme apresentado linhas acima, uma categoria que mobilizamos na análise dos dados coletados foi a concepção de *literatura autobiográfica* ou *escrita do eu/de si*¹⁰⁶ (GUSDORF, 1991). A adoção de tal categoria se deve ao fato de termos caracterizado nosso corpus documental como *literatura autobiográfica*, pois que segundo Gusdorf (1991) a *escrita do eu* refere-se a uma gama de textos que de certa forma presentifica uma identidade pessoal, afinal pode-se reconhecer como escritura do eu “[...] todo texto redigido em primeira pessoa onde o autor testemunha algo de sua própria vida” (GUSDORF, 1991, p. 57). Sob essa perspectiva, a literatura do eu oferece elementos que indicam um uso pessoal e refletido de uma escrita de um sujeito que se esforça em dar expressão à sua história, como também apresentar suas experiências fundamentais, as mais pungentes com o intuito, mesmo que velado, de dar sentido à historicidade de sua experiência religiosa, neste caso de dedicação à causa adventista. Dessa forma, “a literatura do eu se distingue de toda outra forma de expressão da linguagem humana porque ela faz-se obra a partir da própria substância de quem a escreve” (GUSDORF, 1991, p. 127 *apud* DOUGLAS, 2015, p. 02).

No tratamento das fontes coletadas optamos por voltar a todo instante nossa atenção à maneira como a temática da *experiência religiosa* era colocada através dos relatos autobiográficos por esses obreiros, então jubilados. É fato que o tema da *experiência religiosa* tem sido objeto de diversas disputas no campo das Ciências da Religião especialmente por sua estreita relação com a linha da Fenomenologia da Religião. É sabido que boa

¹⁰⁶ A despeito de reconhecermos a contribuição dos estudos de Michel Foucault sobre as *escritas de si*, nos propusemos a elaborar um trabalho abordando esse tema por meio da obra de Georges Gusdorf (1912-2000) que “[...] não só discorre sobre as escritas do eu, como também defende a existência do eu se contrapondo a alguns pensadores que negam a própria existência e a singularidade do sujeito, entre os quais Foucault [...]” (HERVOT, 2013, p. 102).

parte dos críticos da Fenomenologia da Religião encontra-se fundamentada em um paradigma interpretativo que orienta os estudos, de modo que, para esses o termo *sagrado* “não aponta para algo independentemente existente, mas que esse ‘algo’ é criado pelo ato da denominação” (USARSKI, 2006, p. 38).

Atento à acusação direcionada àqueles que mobilizam conceitos da linha da Fenomenologia da Religião, enunciamos ao leitor que nossa ênfase na *experiência religiosa* não negligencia as outras facetas que caracterizam o mundo religioso. Sob esse viés, buscamos compreender os sujeitos dos relatos autobiográficos tratando o tema da *experiência religiosa* sob o paradigma que leva em consideração o papel ativo do sujeito, o que quer dizer por sua vez que “a especificidade de qualquer sensação implica alguma espécie de avaliação, apreciação ou julgamento com relação ao contexto em que a experiência ocorre” (AZARI, 2004 *apud* USARSKI, 2006, p. 49).

A religião está para além daquilo que vemos, não se restringe aos templos, cerimônias ou mesmo a arte. Todavia, é no significado e sentido que cada pessoa atribui para a sua vivência perpassada pela religião que professa que podemos assinalar os elementos que conformam a *experiência religiosa*. Nestes termos, torna-se ponderável para nossa pesquisa o que aponta Smart (1996) quando afirma ser necessário “[...] ver o modo como os significados externos e internos da religião se fundem”¹⁰⁷ (p. 03). Para tanto, a variedade dos relatos autobiográficos apresenta a *experiência religiosa* como um fenômeno complexo, de modo que mesmo que o testemunho de cada um desses obreiros se apresente demarcado pela crônica de uma série de eventos, o significado desses para a experiência religiosa indica a multiplicidade de perspectivas adotada, mas que nos possibilita compreender “[...] algumas questões profundamente importantes sobre a verdade da religião”¹⁰⁸ (SMART, 1996, p. 03).

Um alerta se estabeleceu desde o princípio da análise dos relatos, este indicava o fato de haver uma estreita relação entre a *experiência religiosa* e os processos de institucionalização denominacional no Brasil. A despeito da diversidade de manifestações dessa experiência religiosa, afinal como bem

¹⁰⁷ Original: “[...] see the way in which the externals and inner meanings of religion are fused together”.

¹⁰⁸ Texto original: “[...] to some profoundly important questions about the truth of religion”.

assevera Mendonça (2004), a experiência religiosa “[...] está sempre presente provocando retornos e simplificações institucionais” (p. 30).

Isto posto, é imperioso afirmar que por meio da análise dos relatos autobiográficos pudemos apreender certa tensão no discurso dos obreiros jubilados quando se referiam à experiência religiosa, de modo que nuances dessa tensão por vezes indicavam uma compreensão eventualmente porosa no que tange a relação entre o sagrado instituinte da experiência religiosa e o instituído da instituição religiosa, mas que por sua vez contribui para afiançarmos a ideia de existência de vetores que relacionam as dimensões acima referidas a um certo gradiente “[...] cujos segmentos mostram o grau de dominação do sagrado” (MENDONÇA, 2004, p. 41).

Essa experiência religiosa a que se referem nos seus relatos autobiográficos pode ser caracterizada por marcadores que conformam a relação entre a existência humana e a vida dedicada à causa adventista em suas diversas frentes, de modo especial pela significação que os relatos buscam emoldurar as narrativas de vida e a dedicação na obra adventista.

A experiência religiosa é humana, apesar de todo o caráter sobrenatural e transcendente que a envolve. E esse caráter humano indica a historicidade da vida do sujeito, o que por certo converge para que o homem se defina no mundo, além de circunscrever um sentido para a vida do fiel, neste caso compreendido como obreiro adventista. Nesse esteio, Figueira (2007) afirma que a “[...] experiência humana é condicionada por sua forma de ser e pelo seu contexto histórico cultural” (p. 17).

Ao ser abordado o tema da experiência religiosa dos obreiros adventistas então jubilados, mas que em seus relatos autobiográficos refletem sobre o tempo dedicado à causa adventista, ficou evidenciado como a experiência religiosa desses sujeitos esteve intrinsecamente balizada por uma matriz doutrinária de teologia apocalíptica, o que por sua vez assinala a conformação de uma cosmovisão que “[...] mostra o poder das ideias religiosas e práticas e suas interações com outros aspectos da existência humana” (SMART, 1983, p. 22)¹⁰⁹.

¹⁰⁹ O texto original: “[...] to show the power of religious ideas and practices and their interactions with other aspects of human existence”.

Na esteira das marcações que temos apontado como balizas da escrita desse capítulo, é pertinente aprofundarmos nossa proximidade com as premissas teóricas do estudo das religiões proposto por Ninian Smart, especialmente pela forma como esse autor concebe o modelo de seis dimensões da religião, sendo elas: doutrinária, mítica, ética, ritual, experiencial e social¹¹⁰. Ao se referir à dimensão experiencial da religião, Smart (1983) indica inicialmente que os ritos contribuem enormemente para a sua demarcação, frequentemente enfatizada sobre a experiência da conversão (“nascer de novo”) para os adeptos do Cristianismo, mas que indubitavelmente não se encontra restrita a esse aspecto.

Nessa direção, optamos por mobilizar o conceito de *cosmovisão* conforme esboçado por Smart (1983), de modo que a análise da cosmovisão religiosa que estabelecemos nessas páginas emerge a partir dos próprios termos do crente. A compreensão acerca da cosmovisão dos obreiros adventistas se torna uma via de acesso às estruturas das crenças dos mesmos. A cosmovisão desses obreiros é permeada por histórias dos pioneiros fundadores que contribuem para a conformação da identidade ofertando um senso de direção, além de uma forte infusão de elementos simbólicos (SMART, 1983). Neste caso, é oportuno observar que os ensinamentos dos fundadores compreendem uma parte importante da filosofia denominacional, além de evidenciar elementos significativos da história adventista. Por isso que, muitos desses obreiros em seus relatos autobiográficos se referem aos escritos de pioneiros adventistas em especial os de Ellen G. White com grande apreço e devoção.

Se por um lado a cosmovisão dos obreiros adventistas reportados nesse capítulo é resultante da experiência religiosa de cada um deles, não podemos deixar à margem a influência da teologia e filosofia da religião professada por eles. Pois que, a despeito da singularidade e dos elementos individuais que caracterizam a experiência religiosa dos indivíduos há de se destacar que tanto a teologia quanto a filosofia adventista se afiguram como elementos instituintes denominacionais cuja interação se dá com preponderância na formação da

¹¹⁰ Em trabalhos publicados posteriormente, o autor adicionou uma sétima dimensão que ele denominou de “material”. Para um esboço resumido acesse: <http://www2.kenyon.edu/Depts/Religion/Fac/Suydam/Reln101/Sevendi.htm>. Acesso em: 13 nov 2016.

cosmovisão e na conformação mesmo na mais pessoal das experiências, a experiência religiosa.

Dessa forma, faz-se necessário afirmar que o que denominamos aqui de *teologia adventista* refere-se aos termos da verdade segundo essa denominação religiosa propõe ao conjunto de crenças propugnado. No entanto, como se pode apreender a partir da leitura da autobiografia desses obreiros jubilados, ou seja, agentes da igreja adventista na proclamação de suas verdades por um período de aproximadamente mais de trinta anos é possível indiciar elementos que nos informam uma atualização pessoal desses sujeitos em relação ao conjunto de crenças concebidas institucionalmente. O que por sua vez, nos direciona a compreensão no sentido de ponderar que esses obreiros tentaram apresentar a mensagem religiosa de sua matriz denominacional de uma nova maneira, em resposta às mudanças acontecidas no mundo, além de dialogarem constantemente com as situações do contexto sociohistorico que vivenciaram.

Em todas as maneiras, o teólogo está interpretando a Bíblia e a tradição para que o significado da mensagem seja dado uma expressão que faz sentido hoje. Em outras palavras, a teologia cristã é uma resposta dentro da tradição às questões que lhe são colocadas pelo cambiante mundo do conhecimento e da ação¹¹¹ (SMART, 1983, p. 33, 34).

Tendo no espectro o fato de que a religião adventista possui uma sistematização de crenças, a dimensão doutrinária a ser considerada em nossa abordagem levará em consideração o que propõe Smart (1996), quando afirma que “as doutrinas são uma tentativa de dar sistema, clareza e capacidade intelectual para o que é revelado através da linguagem mitológica e simbólica da fé religiosa e ritual”¹¹² (p. 05). Nessa pesquisa, a dimensão doutrinária encontra-se iluminada por um posicionamento que subjaz uma perspectiva segundo a qual, a religião adventista é entendida como uma denominação que de alguma forma deve algo “[...] do seu poder de viver ao seu sucesso na

¹¹¹ No original o texto é apresentado da seguinte maneira: “In all sorts of ways the theologian is interpreting the Bible and the tradition so that the meaning of the message is given an expression which makes sense today. In other words, Christian theology is a response from within the tradition to questions which are put to it by the changing world of knowledge and action”.

¹¹² Texto original: “Doctrines are an attempt to give system, clarity, and intellectual power to what is revealed through the mythological and symbolic language of religious faith and ritual”.

apresentação de um quadro total da realidade, através de um sistema coerente de doutrinas”¹¹³ (SMART, 1996, p. 05).

Em sua obra seminal intitulada *The Religious Experience of Mankind*, Smart (1996) indica que o senso de direção da história (atos de Deus na história) desempenha uma função importante na formação da experiência religiosa humana. Por isso que, para os obreiros adventistas cuja mensagem denominacional tem como mote a ênfase que recai na parousia iminente, é apreensível considerar que a experiência religiosa também comporta esse senso de direção da história por meio da atuação divina significando por si mesmo um elemento substancial da experiência religiosa desses obreiros jubilados. Afinal, quando vemos “[...] o homem em termos da infinita série de criações e dissoluções do cosmo, é difícil pensar que o tempo em particular tenha um significado e importância universal”¹¹⁴ (SMART, 1996, p. 583).

Para aqueles que professam a fé adventista, a experiência religiosa se apresenta numa convergência de elementos caracterizadores da herança tradicional protestante, no entanto, o caráter de particularidade da mensagem adventista compõe parte significativa nesse caudal. Para tanto, é demanda substancial tornar de conhecimento geral que a experiência religiosa dos obreiros adventistas jubilados indica que o discurso proselitista quando em atuação no campo missionário passou em algum momento a nortear-se pela pregação de unidade entre os homens, a despeito da singularidade que caracteriza a mensagem escatológica adventista.

Um outro aspecto bastante importante que aparece marcadamente nas autobiografias dos obreiros adventistas jubilados refere-se às condições das histórias possíveis, e às quais remetem ao longo da escrita que empreendem tocante aos anos dedicados à pregação da mensagem adventista. Por certo, percebemos uma ideia de narrativa histórica demarcada por uma assimetria existente entre passado e futuro, mediada pelo presente. Em miúdos, tais relatos autobiográficos destacam a inter-relação entre tempo e ação, entre

¹¹³ Texto original: “[...] owe some of their living power to their success in presenting a total picture of reality, through a coherent system of doctrines”.

¹¹⁴ Original: “When you seen man in terms of the endless series of creations and dissolutions of the cosmos, it is hard to think that particular time have a universal meaning and importance”.

futuro e hoje, entre homem e história clivada por vezes na memória inscrita nas lembranças ou mesmo no silêncio.

As memórias individuais que os relatos autobiográficos terminam por esboçar indicam um aspecto da seletividade, bem como a existência de pontos de contato entre elas e outras lembranças que em alguma medida podem ser referidas a uma base comum que, de algum modo contribui para a compreensão de “[...] processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias” (POLLAK, 1989, p. 4). Esse enquadramento da memória se apoia na referência ao passado e serve para manter a coesão dos grupos e das instituições, além de reforçar os sentimentos de pertencimento e as fronteiras que demarcam o lugar do grupo na sociedade.

A fim de tornar inteligível a inter-relação entre tempo e ação, entre futuro e hoje, entre homem e história, memória e identidade, além de nos apoiar em Pollak (1989, 1992) recorreremos a Koselleck (2006) mobilizando as categorias, o “espaço da experiência” e “horizontes de expectativas”, de forma que segundo a direção apontada por tal autor é possível afirmar que:

Trata-se de categorias do conhecimento capazes de fundamentar a possibilidade de uma história. Em outras palavras: todas as histórias foram construídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou sofrem [...] (KOSELLECK, 2006, p. 306).

Para Koselleck (2006), tanto a experiência quanto a expectativa são categorias que oportunizam o entrecruzamento do passado e do futuro. Tais categorias se apresentam ao autor como instrumentos para abordar e tematizar aquilo que ele denomina de tempo histórico, entendido como “um valor adequado à história e cuja transformação pode-se deduzir da coordenação variável entre experiência e expectativa” (KOSELLECK, 2006, p. 306).

Para tanto, quando refletem acerca dos anos de serviço dedicado ao ministério adventista como obreiros da ativa, esses agora jubilados ao se referirem à experiência particular e individual o fazem no estabelecimento de múltiplas relações com fatos históricos com o objetivo de dar inteligibilidade ao agregado de partes, de modo que os relatos revelam indícios de estruturas repetitivas de uma linguagem cuja semântica pode ser referida à denominação religiosa, ou mesmo sinalizar para as inovações de sentido propostas por

esses sujeitos. Afinal, é compreensível indicar a partir dos relatos autobiográficos desses obreiros jubilados uma espécie de

[...] passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser recordados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento [...] Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias (KOSELLECK, 2006, p. 309).

De acordo com Koselleck (2006), as duas categorias (experiência e expectativa) não existem separadamente, pois que não há experiências sem expectativas, conhecimento, recordação ou vivência do passado que não sejam informadas por uma visão de futuro e vice-versa, o que por sua vez, nos direciona a notar que na experiência humana as fronteiras tidas com o rigor de uma separação da experiência e da expectativa são de fatos mais fluidas e porosas. A primeira categoria diz respeito à tradição recebida e experiências que informam o presente, por sua vez, a segunda dessas categorias se refere aos elementos que indicam uma projeção futura, de transformação.

Dessa forma, esses relatos autobiográficos dos obreiros jubilados se caracterizam por uma (re)elaboração a partir de sua experiência temporal marcada por um modo de ver o passado, ao mesmo tempo em que se modifica igualmente o seu horizonte de espera ou visão de futuro.

[...] a experiência e a expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam, passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas [...] (KOSELLECK, 2006, p. 306-308 e 327).

Assim sendo, é possível pensar que a categoria *experiência* “decorre, em primeiro lugar, dos dados anteriores do passado” (KOSELLECK, 2006, p. 313), enquanto que, a *expectativa*, por sua vez, “se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para [...] o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto (KOSELLECK, 2006, p. 313).

Seguindo a perspectiva teórica proposta por Koselleck (2006) é possível afirmar que as categorias ‘experiência’ e ‘expectativa’ reclamam um grau mais elevado de generalidade, mas também de absoluta necessidade em seu uso para análise da relação do homem com a temporalidade, em especial na

configuração da experiência humana. Esses obreiros jubilados ao escreverem seus relatos autobiográficos evidenciam que, como seres marcadamente temporais e conformados em grande medida pelas experiências do passado são capazes de elaborar considerações sobre o futuro, e para isso o fazem atualizando-se no presente. Por isso que, a mobilização de tais categorias nos permite compreender que o modo como os homens relacionam experiência e expectativa ao longo da história da vida termina por constituir seu modo de estar no mundo em seus vários aspectos, além de fomentar a conformação de uma cosmovisão.

A VIDA DE PASTOR: uma literatura autobiográfica

Entre os anos de 2007 e 2009 foram publicados dois volumes da obra intitulada *Minha Vida de Pastor* e *Minha Vida de Pastor II*, ambas organizadas por Tércio Sarli. Na primeira delas cinquenta e três pastores jubilados apresentam seus relatos autobiográficos sobre a vida e ministério adventista, enquanto que o último volume apresenta os relatos de setenta obreiros jubilados.



Acerca do organizador, podemos falar que o mesmo é obreiro jubilado desde o ano de 2004 quando encerrou suas atividades. Ao longo dos quarenta

e dois anos de dedicação à causa adventista exerceu diversas funções tanto como pastor quanto administrador em variadas regiões do país. Cabe destacar que no primeiro volume da obra *Minha Vida de Pastor* há um capítulo escrito por ele e, no qual é dedicado um número bem maior de páginas quando comparado com a quantidade dispensada aos demais escritores cujos relatos compõem a obra.

Ainda referente às informações preliminares indicativas da obra publicada, cabe nos interrogar acerca das razões de que a publicação tenha se dado em prelo da Casa Publicadora Brasileira (CPB), editora denominacional, no entanto, a obra consta no catálogo de uma editora radicada em Campinas e denominada Certeza Editorial, acerca da qual poucas informações se tem quando se empreende busca em provedores da internet. Nessa conjuntura é pertinente apresentarmos alguns questionamentos: a) teve a obra publicação em prelo denominacional a fim de receber chancela institucional? Qual a razão de não haver indicação da obra no site da editora denominacional? Foi essa obra resultante de iniciativa pontual e apenas pessoal, ou nela convergiram intencionalidades denominacionais?

A despeito das diversas incógnitas que podem se desdobrar a partir das interrogações referidas acima, podemos afirmar que tal obra é pioneira no contexto das publicações adventistas, tanto pelo caráter geral que a marca, quanto pelo objetivo principal que a delimita, a saber:

[...] transmitir às novas gerações de obreiros, e aos membros de nossas igrejas, um pouco da história e das experiências de homens que dedicaram a vida à causa de Deus (SARLI, 2007, p. 7).

Ainda compondo a apresentação da obra por parte do organizador aos leitores, é possível ler uma sequência de citações da escritora adventista Ellen G. White que são mobilizadas no sentido de legitimar a importância da obra em questão, além de ressaltar por meio da citação de textos whiteanos uma concordância entre a escrita da obra e os conselhos de Ellen G. White no que se refere à valorização da autobiografia dos obreiros jubilados para as diversas gerações, seja de leigos quanto de outros obreiros. É fato que, a obra por si só já carrega elementos simbólicos que a fazem figurar com certo grau de importância, todavia, quando o organizador da obra recorre a textos de Ellen G. White temos uma sinalização clara de que tal pretende atribuir à obra um status

diferenciado em relação a outras congêneres. Acerca desse aspecto, Sarli (2009) nos informa que:

Ao final, queremos dizer que, no espaço extra de cada capítulo, colocamos alguns pensamentos, principalmente de Ellen G. White, que são para ajudar na reflexão [...], pois os escritos inspirados sempre nos têm algo a ensinar no desempenho da Obra, se os recebermos com humildade e abertura de mente (p. 08).

Dentre as citações de Ellen G. White que são mobilizadas na apresentação da obra, uma é transcrita abaixo e, pela leitura da mesma é possível compreender o caráter que deveria demarcar a recepção de tal obra por parte dos leitores. Sob esse esteio, o texto selecionado de Ellen G. White e apresentado pelo organizador da obra diz que:

À medida que aqueles que gastaram sua vida no serviço do Senhor se aproximarem do fim de sua história terrestre, serão impressionados pelo Espírito Santo a contar as experiências que tiveram, relacionadas com a obra de Deus. O relatório do procedimento de Deus com Seu povo, da sua grande bondade em livrar Seus servos das provações, deve ser repetido aos novos que entram na fé (WHITE *apud* SARLI, 2007, p. 7).

A leitura mais atenta dessas citações de Ellen G. White arroladas na apresentação do livro revelam muito mais do que a intenção de legitimação da publicação, mas sim elementos indiciários da propositura de um escopo segundo o qual os relatos autobiográficos sejam considerados numa perspectiva para além da escrita de homens comuns que dedicaram a vida à causa adventista, mas de pessoas cuja vida, feitos e dedicação sejam tidos como exemplares.

Neste sentido, elementos internos integrantes da composição da escrita e seu inter-relacionamento na tessitura do texto sinalizam para um status elevado da obra, bem como para uma autoridade especialmente conferida. Dessa forma, de modo preliminar a obra busca assinalar que os hábitos, costumes e comportamentos indicados na escrita dos relatos autobiográficos são bases fundantes de uma compilação de textos arraigados em estruturas simbólicas de apresentação de vida cujos personagens são tidos como tipos ideais no caráter personificado da religiosidade adventista. Para tanto, organizador da obra publicada afirma em sua apresentação que:

[...] o desejo é que as histórias de vida aqui relatadas possam realmente trazer proveito e inspiração ao exército numeroso de

novos ministros, e seja também de edificação e fortalecimento da fé de nossos queridos irmãos em Cristo, principalmente da valorosa juventude da igreja, que tem sobre seus ombros grande parte da incumbência de levar avante a obra do evangelho até o fim (SARLI, 2007, p. 7, 8).

Chama-nos a atenção o escopo que se pretendeu emoldurar os relatos autobiográficos que compõem a obra. Segundo citação referida acima, é possível compreender que o entendimento referente aos relatos autobiográficos dos obreiros jubilados direciona o leitor a considerar que tais são *histórias de vida* e que, as mesmas são apresentadas para *inspiração, edificação e fortalecimento*. Uma exemplaridade desse aspecto pode ser apreendida a partir da apresentação da obra feita por Cress (2009) na qual quando se dirige aos pastores jubilados, tal autor afirma enfaticamente o seguinte: “[...] estou seguro de que através das mensagens e testemunhos de vida contidos neste livro, vocês estão ainda dando uma grande contribuição para o ministério adventista” (p. 10).

É inegável a assunção dos relatos para uma realidade construída e constitutiva dos seus autores para direcionar o entendimento do leitor para um modo de apresentar significações históricas que se ocupam mais com as pródigas realizações, muitas vezes remetendo mais a uma realidade que transcende o factível. Por isso que, na apresentação das histórias de vida desses obreiros jubilados conforme indicadas no livro emergem significados mais precisos do que a própria escrita pretende inicialmente demarcar, mas que se encontram arraigados nas narrações que se assentam em tempos, lugares e acontecimentos. Enfim, elementos marcadores que, antes de tudo representam signos de transcendência, estruturas simbólicas e tipos ideais de religiosidade.

O protestantismo em suas mais diversas formas se apresenta com grande ênfase à religião do indivíduo cuja responsabilidade incide sobre o fiel diante de Deus, assim que o exame da consciência se configura como elemento imprescindível da religiosidade que ao longo do tempo transitou entre as verbalizações interpessoais e o desenvolvimento de competências discursivas de análises e de discernimento de percursos de vida (PINEAU, 2016).

É pertinente aprofundar que a publicação da obra *Minha Vida de Pastor* em dois volumes se apresenta como uma reverberação da necessidade premente de literatura que cumpra a função de mediação na promoção das metas institucionais e a consubstanciação dos ideais daqueles que, ora se encontram jubilados e dos que ainda estão na ativa do ministério adventista. Esse aspecto é de grande importância dada a carência de obras com esse viés, bem como a forte ênfase letrada que caracteriza a religiosidade adventista. Para tanto, essa literatura pode ser classificada como *piecosa* em sua forma exemplar (MENDONÇA, 2000).

A forma exemplar da literatura piecosa assemelha-se às histórias de santos da devoção católica. Ao contrário do que se pensa, trata-se de um aspecto importante da literatura protestante e que tem como escopo oferecer biografias de pessoas, homens e mulheres, que ofereceram suas vidas, não necessariamente em “sacrifício”, mas em trabalhos penosos para a propagação da fé. Propagação e, principalmente, vivência da fé (MENDONÇA, 2000, p. 78).

Cabe destacar que o público inicial que foi contemplado com a publicação das obras era composto majoritariamente de obreiros adventistas na ativa e que filiados ao *Clube do Livro* receberam as obras como estímulo à leitura das mesmas ao longo dos anos e que, por meio da leitura se sentissem motivados no exercício do ministério adventista.

Nesses relatos autobiográficos as virtudes da vida são apresentadas na tessitura dos textos e mesmo no arrolamento das fontes conforme apresentadas pelos autores, além do que é ponderável notar que a percepção do tempo e espaço profano/sagrado explicitada por eles se consubstancia a um espectro de possibilidades de interpretação, nas quais seja assumível relacionar tanto a intenção do próprio texto, do autor, quanto as disposições mentais do leitor.

Em consonância a esse espectro se alijam análises dos fenômenos religiosos puramente historicistas, pois que símbolos, metáforas, alegorias e outros meios que constituem a linguagem religiosa denominacional se prefiguram em bases cujos alicerces evidenciam insuficiências mundanas do presente lançando esquemas de reorganização do tempo e espaço que são comuns ao grupo.

Um aspecto muito importante que deve ser levado em conta na análise dos relatos autobiográficos dos obreiros adventistas jubilados concerne às relações do escritor com aquilo que foi vivenciado no passado, mas que agora balizado pela reconstituição da experiência vivida se conforma a uma construção "para a leitura", o que por sua vez se molda no enviesamento de diferentes posições que são atualizadas pelo sujeito no ato de escrever. Nestes termos, se evidencia que a escrita autobiográfica ou escrever sobre si se torna um ato de confissão ao mesmo tempo em que se configura um exame de consciência. Sob essa perspectiva, Gusdorf (1991b) afirma que:

Cada uno es responsable de su propia existencia, y las intenciones cuentan tanto como los actos. De ahí el interés nuevo por los resortes secretos de la vida pessoal; la regla de la confesión de los pecados viene a dar al exame de conciencia un carácter ala vez sistemático e obligatorio (p. 12).

De certa forma, a literatura autobiográfica oferece elementos para que os escritores deem prioridade à forma humana e à relação que os mesmos têm consigo mesmos, todavia, se pautam na relação com a divindade/religião como sendo uma motriz que mobiliza o autor. Além do mais, cabe destacar que a literatura autobiográfica de religiosos é perpassada por uma dupla finalidade: a) ao compor um autorretrato; b) oferecer ao leitor uma forma de se autoconhecer por meio da leitura. Dessa forma, é conveniente circunscrever que os relatos autobiográficos dos obreiros adventistas se coadunam com textos cuja ênfase repousa em orientação da consciência religiosa, segundo a qual a autobiografia se destaca como uma forma literária esvaziada de preocupações estéticas ou de conveniências mercadológicas.

Para tanto, concebemos que esses relatos autobiográficos, conforme organizados e apresentados na obra aqui referida são *escritas do eu* e, como tais, não podem ser categorizados como elementos formativos de um campo unitário no interior do qual se estabelecem compartimentos estanques. Afinal, quando esses obreiros escrevem sobre si, de fato não é individualidade que majoritariamente dita o texto, mas uma representativa de um coletivo religioso do qual o eu é um porta-voz, a despeito da singularidade do sujeito que escreve e das intencionalidades que conformam o texto (GUSDORF, 1991a).

Devemos nos atentar ao fato de que, mesmo que a proposta fosse de escrita do eu aparentemente livre, a mesma esteve conformada ao esboço que

o organizador estabeleceu, posto que a grande maioria dos relatos autobiográficos que compõem a obra se apresenta balizados pela seguinte estruturação tópica: a) breve relato de minha vida; b) minha família; c) comunhão com Deus; d) em horas de desânimo; e) a igreja dos meus sonhos; f) se eu começasse de novo; g) aposentadoria; h) mensagem à igreja de hoje; i) mensagem aos novos pastores. Dessa forma, compreende-se uma clara intenção do organizador da obra em fazer com que os relatos apontassem para pontos culminantes das escritas e evidenciassem elementos demarcadores de uma consonância com os intentos denominacionais indiciados na vontade do organizador da obra.

Isso implica em assumir que tais relatos autobiográficos foram organizados seguindo uma estrutura comprometida em estabelecer pontos de contato e propor novas ligações entre os textos a fim direcionar a escrita das memórias num estribo de linguagem, cujos desdobramentos se relacionam a questões atinentes à estrutura discursiva tornando possível entrever categorias e classificações que são comumente abordadas pelos vários autores e que, por conseguinte, perpassam a obra.

À medida que compomos esse tópico, torna-se imprescindível tocar questões que são pertinentes ao texto autobiográfico e uma dessas refere-se a uma espécie de pacto referencial que inscreve o texto no campo da expressão da verdade e que se expressa por meio do propósito de dizê-la no relato da própria vida, ou seja, *relatos de si* ou *escrita do eu*. Por sua vez, a premissa principal desse tema é a de que a verdade reside não nos fatos, mas sim na vida interior do homem, resultado de vivências, mas que foram conformadas por verdades religiosas, neste caso de perspectiva adventista.

A leitura atenta das autobiografias especialmente no tópico *Mensagem aos Novos Pastores* conforme esboçado na obra *Minha Vida de Pastor* (SARLI, 2007; 2009) permitem-nos assinalar elementos que caracterizam as escritas desses obreiros no que tange a um pacto referencial (LEJEUNE, 1975), segundo o qual o texto pode ser submetido a uma prova de verificação, mas que em nenhum momento busca uma verossimilidade com a realidade como se um “efeito do real”, pois que por mais que as intenções dos autores sejam de expressão da verdade as mesmas encontram-se escamoteadas pela representatividade de uma coletividade que, nesse caso, é institucional.

Uma seleção feita a partir de textos que compõem a seção *Mensagens aos Novos Pastores* se afirma como exemplaridade das acepções a que nos referimos enquanto pacto referencial e expressão da verdade. A seguir apresentamos alguns desses:

Concluindo, quero deixar muito claro que [...] para um pastor ter êxito em seu ministério é a unção do Espírito Santo. Com esta unção ele fará um ministério Cristocêntrico e poderoso (Anísio Chagas, *apud* SARLI, 2007, p. 61).

Aos novos pastores que estão nas lides da seara de Deus hoje, nós dizemos: Consagrem-se ao trabalho de Deus de todo o coração. Dediquem-se a buscar os perdidos e a alimentar e confortar a igreja até a volta de Jesus. E no Reino, terão a eterna recompensa (Alcides Campolongo *apud* SARLI, 2007, p. 51).

[...] aos que têm convicção do chamado divino eu diria: Não cometam a loucura de não aceitar. [...] Se Deus chamou, lembrem-se de que é a maior honra concedida a mortais: ser representantes, porta-vozes do Senhor do Universo e Único e Supremo Deus. Aguardemos, portanto, com ânimo e fé, o dia em que pudermos esgotar o tempo aqui na terra, e invadir a eternidade (Gerson Pires de Araújo *apud* SARLI, 2007, p. 187).

Querido colega mais jovem: Em primeiro lugar, tenha convicção do chamado de Deus para você. Atender o Seu chamado significa abrir mão de ambições pessoais e seguir um caminho que nem sempre será fácil, mas que terá recompensas eternas (Osmar Reis *apud* SARLI, 2007, p. 372).

A partir dos enxertos apresentados logo acima podemos indicar a presença de um pacto referencial que se inscreve no texto apresentando-se como expressão de verdade. Para tanto, aquele que redige o relato autobiográfico busca apresentá-lo recorrendo a um sentido que se expressa para além de uma correlação de fatos cronológicos, mas que se apoia no sentido da vida interior, uma escrita que se efetua numa relação de recomposição da individualidade que revela as intenções profundas da interioridade cuja verdade autêntica é a dos sentimentos que perpassa pela linguagem e se mostra como exemplar.

Torna-se apreensível a partir dos relatos indicados acima que o pacto referencial que permeia a escrita desses obreiros jubilados enfatiza que o *chamado* para o início do exercício do ministério adventista - ou mesmo nas

diversas mudanças ao longo do tempo de dedicação - tem que ver mais com uma convicção de sentimento interior da vida pessoal do obreiro do que com aquilo que um simples documento pode assinalar.

A verdade é que a escrita desses obreiros jubilados sublima os processos políticos e articulações pessoais que são costuradas no que se refere ao *chamado* para o ministério adventista, seja para iniciar tanto quanto para a continuidade em algum lugar do campo missionário. Isso se deve ao fato de que o pacto referencial que perpassa a escrita autobiográfica dos obreiros jubilados encontra-se conformado por um sentido que os anos de dedicação à obra adventista imprimiram na vida interior desses obreiros, de modo que, ainda mais para a composição de uma obra de interesse institucional, em boa parte da escrita desses obreiros jubilados “[...] não é sua individualidade que dita o texto, mas uma entidade representativa de um coletivo do qual o eu é apenas um porta-voz” (HERVOT, 2013, p. 102).

A expressão da verdade que se pretende firmar por meio da autobiografia dos obreiros adventistas jubilados relaciona a experiência vivida ao longo de anos dedicados à causa adventista, por meio da atuação em suas mais diversas frentes missionárias e a expectativa de recompensa no porvir, o que foi marcadamente mencionado como *recompensas eternas*. De certa maneira a verdade que se expressa ainda não é realizada a despeito de ser professada, é uma verdade que se entende estar para além da vida e que se consumará em um fim glorioso conforme se pretende pela experiência religiosa vivida, mas que de fato se firma numa verdade religiosa cujas premissas estão numa visão escatológica da vida.

Na escrita autobiográfica dos obreiros adventistas jubilados pode-se perceber que ao manifestarem uma visão pessoal acerca do ministério adventista, esses autores terminam por efetuar uma recomposição de sua individualidade que, mesmo revelando aspectos de sua personalidade estão perpassados por uma significação religiosa. No entanto, a despeito dessa marcação religiosa esses autores buscam se apropriar de elementos da escrita autobiográfica a fim de evidenciar que sendo autores dos relatos, também são intérpretes do roteiro segundo o qual foram convidados para esboçar elementos da vida. Afinal, como aponta Gusdorf (1991a) a escrita exerce um direito de prioridade em virtude de sua iniciativa por meio de um poder

constituente num emaranhado de relações, no qual o sujeito dessa ação instrumental da escrita é sujeito de relações com outros e de relações consigo mesmo. Isso, por si só aponta para uma complexidade de articulações pessoais e interpessoais, segundo as quais subjaz algo para além da concentração intrínseca de sentido.

O tópico *Seu Eu Começasse de Novo* é via de regra composição obrigatória do esboço que conforma a maioria das autobiografias publicadas nos dois volumes da obra *Minha Vida de Pastor*. Esse tópico se constitui como emblemático para a escrita desses obreiros jubilados, pois se trata de um esforço de reordenamento e transformação de dados e informações da história da vida que, na maioria das vezes decanta elementos de evidências reais em contraposição à multiplicidade interna do sujeito.

Por sua vez, essa escrita autobiográfica de reordenamento se dá marcadamente calcada por um processo de autocriação da escrita do eu, pois que é pertinente indiciar que “[...] o homem não recupera de modo passivo os elementos do passado que lhe permitem reconstruir seu ser íntimo, não como foi ou como é, mas como acredita ser ou ter sido” (HERVOT, 2013, p. 103). Isto implica em admitir que na escrita desses obreiros adventistas jubilados, especialmente no que tange à composição do tópico acima referido consubstancia-se a um caráter criador e edificante que “[...] así reconocido a la autobiografía saca a la luz un sentido nuevo y más profundo de la verdad como expresión del ser íntimo” (GUSDORF, 1991b, p.17).

Alguns recortes dos mais diversos relatos autobiográficos podem ser aludidos a fim de indicar o que os dizeres acima pretendem apontar, no entanto, dada a limitação de espaço para tal, apresentamos logo abaixo somente alguns desses relatos, posto que cumprem cabalmente o propósito de indiciar elementos dessa inter-relação entre reordenamento, reconstrução e autocriação da escrita do eu e que se revela como uma expressão de verdade do íntimo do ser desses autores.

Que difícil escrever esta parte! Porém, assim se cresce como pessoa, admitindo as dificuldades e reconhecendo a necessidade de mudança. Se eu começasse de novo aproveitaria melhor, e ao máximo, as chances que Deus me concedeu. Buscaria me preparar melhor para ser mais eficiente no ministério [...]. Continuaría a viver a vida com toda a alegria e intensidade (João Wolff *apud* SARLI, 2007, p. 252).

Se a mim fosse concedida a possibilidade de começar de novo, pelo prazer que tive em desempenhar as responsabilidades que me foram confiadas, e reconhecendo que me foram indicadas por Deus, trataria de seguir o mesmo caminho, procurando corrigir os erros cometidos e aperfeiçoar o meu ministério pela graça de Cristo (Nevil Gorski *apud* SARLI, 2007, p. 334).

Se eu começasse de novo, muita coisa faria igual e muita coisa faria diferente. Por quê? Porque a experiência da vida, a vivência com as realidades do dia-a-dia nos mostram que nem tudo o que nós pensávamos ser o melhor, o era. A vida é uma escola que nos ensina, pela experiência, como fazer melhor as coisas. As vitórias e os fracassos são fatores que nos vão burilando física, intelectual e espiritualmente, influenciando o nosso comportamento e as nossas decisões. O ideal seria a gente procurar fazer as coisas de tal maneira que não precisasse se arrepender, mas isto é impossível (Wilson Sarli *apud* SARLI, 2007, p. 520).

Se eu pudesse ter um novo começo, eu faria muita coisa diferente, pois reconheço que poderia ter isso bem melhor no desempenho das tarefas que a igreja me confiou, como pastor distrital, como departamental, como diretor de colégio, como tesoureiro, como presidente. Entre o real e o ideal não há dúvida de que houve uma lacuna (Gustavo Pires da Silva *apud* SARLI, 2009, p. 204).

Se bem que os recortes citados acima indicam um processo de autocriação da escrita do eu balizada pela inter-relação entre reordenamento e reconstrução que se revela como uma expressão de verdade do íntimo do ser desses autores, a leitura mais atenta dessa seção que se apresenta na maioria dos relatos autobiográficos possibilita perscrutar detalhes da análise dos desdobramentos da vida, de modo que ao descrevê-la, esses autores sinalizam um desvio do sentido que, representa para boa parte desses obreiros adventistas jubilados uma espécie de revanche sobre as insuficiências que lhe foram próprias da realidade. Dessa forma, os dizeres que se compõem esse tópico terminam por construir um espaço intermediário cuja relevância reside no desvelar da complexidade do ser íntimo que procura, através da escrita, uma transparência autobiográfica perfeita, bem como uma reinterpretação que modifica seu estatuto existencial.

Nesse tópico a escrita de si patenteia-se numa narrativa confessional cujos relatos ganham contornos dramáticos, de forma que a própria escrita do

texto autobiográfico rotula uma descontinuidade própria da vida ou das lembranças de quem conta, a despeito da aparência de linearidade e de totalidade. Neste sentido, quem lê passa a se deparar com revelações que, mesmo pertencentes à história de vida do autor podem romper as fronteiras que separam o escritor do leitor e encontrar na vida desses últimos reverberações, mesmo não tendo o discurso o poder de trazer para o interior do texto toda a complexidade da existência do ser humano.

El acto confesional – performativo – y el acto asertivo-cognoscitivo – narración de los hechos – [...], tienen idéntica fuente y se dan en simultaneidad. Ello implica que la valoración que hagamos del segundo se ejecute siempre en el marco del primero. Si fuese posible separarlos habríamos escindido en dos el acto narrativo y al narrador mismo: por un lado estarían los hechos de los que éste da cuenta – cuya verificación no siempre es imposible por tratarse de episodios muchas veces contrastables – y por otro lado estaría el personaje que se confiesa y del que podemos dudar (POZUELO YVANCOS, 2004, p. 179).

Para tanto, a escrita desse tópico tem revelado o eu personagem confessional cuja narrativa do indivíduo autobiografado se desloca de uma sinceridade subjetiva para uma verdade factual. Essa configuração da escrita culmina numa resignificação de experiências e memórias passadas sobre as quais comporte um relato capaz de articular um mesmo pertencimento – grupo de obreiros adventistas –, bem como uma imbricação de natureza pessoalmente confessional. A necessidade de dar a devida audição àquele que escreve, especialmente no tópico *Se Eu Começasse de Novo* se revela uma posição destacada ao leitor, haja vista que realizar-se-á no horizonte da identificação do leitor com o autor a possibilidade de correlacionamento de vivências e expectativas.

Os relatos que são apresentados no tópico *Se Eu Começasse de Novo* majoritariamente realizam os elementos que demarcam a literatura autobiográfica, ou seja, o caráter imperativo que se esboça numa espécie de exame de si mesmo. Torna-se conhecido ao leitor que, aquele que escreve desvela de sua própria experiência profunda as cicatrizes que nem mesmo a vivência de uma experiência religiosa é capaz de ultrapassar, mas que muitos preferem encobrir sob as mantas do indizível. Em última instância, alguns corajosos obreiros jubilados trazem à superfície do discurso do texto uma

experiência radical e profunda que se sobrepõe à mera formalidade da escrita, mas cujo testemunho crível e pessoal se eleva para além dos temas por eles retratados ao longo da autobiografia.

Há algumas coisas que eu mudaria. Uma delas seria a atitude para com meus filhos. Não seria tão exigente. Dedicaria mais tempo para conviver com eles na sua infância, adolescência e juventude. Diminuiria um pouco o ritmo do trabalho, para me dedicar mais a eles [...] (Zeferino Stabnow *apud* SARLI, 2007, p. 529).

Tenho entendido que a ordem de prioridade no ministério deve ser: 1º Deus; 2º a família; 3º a igreja. Reconheço que eu meu ministério não apliquei esta ordem como deveria. Muitas vezes no afã de atender as necessidades da igreja e salvar outros do mundo, corremos o perigo de esquecer de suprir as necessidades da família. Dou graças a Deus porque, apesar de nossas falhas, nossos filhos estão na igreja fazendo algo em favor da Causa de Deus (Antenor S. Abreu *apud* SARLI, 2009, p. 32).

Uma parte de minha vida na qual, com toda sinceridade, eu teria outra atuação, diz respeito à convivência e atuação na vida familiar. Envolvido com o trabalho, eu não participava dos passeios, jogos e outras atividades sociais dos filhos, os quais ficavam sob a responsabilidade de minha esposa. Se eu pudesse voltar atrás, dedicaria mais tempo para minha esposa e filhos. Sinto que fui omissos [...] (João Fernandes Rabello *apud* SARLI, 2009, p. 257).

Igualmente, minha preocupação com a família seria mais completa. As tarefas e responsabilidades ministeriais muitas vezes nos fazem pensar que somos quase insubstituíveis, [...]. No afã de fazer o nosso melhor, dedicamos todo o tempo para as coisas da igreja e do rebanho, negligenciando e esquecendo-nos de que temos outro “rebanho”, tanto ou até mais importante, bem perto de nós – nossas esposas e nossos filhos [...] (Sérgio Octaviano *apud* SARLI, 2009, p. 655).

[...] se me fosse possível percorrer de novo este caminho priorizaria o importante e não o urgente. Daria à minha família uma atenção melhor [...] Peço perdão à minha esposa, filhos e parentes, por longas ausências do convívio família (Oder Fernandes de Mello *apud* SARLI, 2009, p. 506).

Esses relatos cujo exame de si revela cicatrizes que advém de uma experiência profunda explicitam informações que terminam por sinalizar

algumas frustrações vividas por esses obreiros ao longo do tempo de vida dedicada à causa adventista, especialmente aquelas referidas ao convívio familiar. Tais relatos ganham contornos dramáticos porque falam de um eu, ou seja, de uma pessoa que ali se revela por meio da escrita e que, diante do leitor desnuda sua vida, neste caso certas frustrações. Para tanto, essa escrita deixa de lado o tom laudatório e de exemplaridade desejável aos interesses institucionais e assume características principais das narrativas ditas confessionais. Dessa forma, esses elementos contribuem para superar os limites impostos pela escrita em relação ao leitor, mas que por sua vez, pautam pontos de convergência entre aquele que escreve e aquele que o lê. Neste sentido, é inegável que há um crescente interesse do leitor pela esfera do privado daquele que escreve, especialmente porque neste caso a questão central ganha formas de dramaticidade com uma escrita demarcada pela atitude confessional.

Resguardadas as peculiaridades de cada um dos relatos autobiográficos, é notório perceber que a escrita desse tópico na perspectiva que estamos marcando apresenta que esses obreiros procuram orientar os leitores a considerarem as marcas da individualidade na construção da própria vivência e que, agora ao refletir sobre tal tornam conhecido esse processo cujo ápice revela as cicatrizes e frustrações explicitadas resumidamente em sua escrita. A leitura cotejada permite ver o modo como cada autor promove a exposição de sua frustração, ao mesmo tempo em que os mesmos deslocam o sentido das lembranças por meio da determinação dos modos de apresentação e de elaboração dos discursos.

A escrita que compõe esse tópico, em diversos casos revela algumas nuances de triunfo e satisfação, visto que em alguns relatos os autores buscam fazer do anúncio da fé uma defesa às vezes exacerbada do ministério adventista, além de intensificarem o caráter religioso que laureia o que eles nomeiam de chamado, ou seja, o convite para o exercício do ministério realizado pela denominação, seja para os recém-formados, seja para aqueles que já na ativa são convidados a exercer as atividades noutra parte do território e/ou em outras funções.

Acerca do tom de triunfo e satisfação que marca alguns dos relatos que compõem o tópico outrora referido, nota-se que a escrita encontra-se insuflada

por uma preocupação última de uma intencionalidade que se patenteia na afirmação de um sentido das experiências com Deus. Mas em alguns exemplos essa intencionalidade revela-se estremada por uma construção de um tipo ideal de perfil de obreiro para atuação no ministério adventista. Parece indicar uma marcação constante nos diversos relatos cujas formas possibilitam a circunscrição de uma intencionalidade autoral que fomenta certo tipo de percepção que se funda na legitimação de uma interpretação da vida daquele que escreve sua autobiografia.

Sob esse viés, a escrita autobiográfica desses obreiros se consubstancia à escolha pelo esquecimento de eventos cujas marcas trazem a lembrança de experiências frustrantes, além de uma busca intensa capaz de representar textualmente, em certa medida uma discursividade direcionada para o reconhecimento do trabalho feito. Essa discursividade oscila ora entre a ênfase nas qualidades pessoais ora nas condições sociohistóricas que conformaram o ministério desses obreiros, mas indubitavelmente busca retratar a atuação de Deus por meio da ação humana.

Tais relatos deixam uma afirmação do reconhecimento de uma escritura que transparece em sua autoria um tom laudatório, ao mesmo tempo em que se admite uma interpretação pessoal das experiências vividas ao longo dos anos no ministério adventista trazidas à luz com a intenção de firmá-las como testemunho de fé, no qual o relato se filia a um processo de singularização de uma identidade que emerge como exemplar. Assim sendo, a expressividade adotada por alguns autores acerca dessa temática contribui para que o leitor perceba uma possível centralidade do eu-autor em uma escrita cuja presentificação é a condição que impede o sepultamento da lembrança, ao mesmo tempo em que afirma uma função de preservação da voz da autoria nos enunciados discursivos.

Começar de novo: Sabemos ser isso impossível, mas não deixa de ser um exercício mental interessante, pois nos proporciona oportunidade de vasculharmos o porão de nossas lembranças em busca de atos e “de feitos” que, se possível fosse voltar ao passado para não praticá-los, com certeza o faríamos. Mas, sem dúvida, também encontraremos boas e saudáveis recordações (Derly Gorski *apud* SARLI, 2007, p. 120).

Tenho grande satisfação quando laço um olhar retrospectivo, e noto que a força, a inteligência e a capacidade que Deus me concedeu foram empregadas em favor de sua Obra. Trabalhar para a Deus foi a melhor opção. Nenhuma outra atividade daria tanto prazer. Se tivesse nova oportunidade, com a experiência já obtida e o desejo de melhor servir, realizaria um trabalho mais completo. Atuar na Obra foi uma inspiração! Se eu dissesse alguma coisa ao contrário o faria injustamente (Corino Pires da Silva *apud* SARLI, 2009, p. 92).

Creio sinceramente que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a igreja remanescente. Suas doutrinas surgiram à luz da Palavra de Deus. Nunca pus em dúvida o meu chamado ao ministério e, se tivesse de começar de novo, gostaria de escolher uma trajetória semelhante à que experimentei como pastor. Ao longo do tempo ser coerente com o que cri e ensinei [...] (Getúlio Ribeiro de Faria *apud* SARLI, 2007, p. 194).

Eu não sou perfeccionista. Sei que algumas coisas poderiam ser feitas de modo diferente do que fiz. Mas creio também que esse é o processo da maturação em que qualquer atividade da vida, inclusive no ministério. Se eu começasse de novo penso que iria seguir o caminho que segui. Terminei minha carreira feliz. Dentro das limitações impostas pela minha personalidade e circunstâncias, o meu ministério seguiu um caminho normal. De modo que as decisões básicas que fui obrigado a tomar, levando em conta os fatores circunstanciais, foram, eu creio, apropriadas. Seguiria o mesmo caminho de novo (Joel Sarli *apud* SARLI, 2007, p. 263).

Graças a Deus, eu tive um ministério dedicado, honesto e produtivo. Parei feliz, com a consciência do dever cumprido; creio que dei minha contribuição, usando as aptidões que Deus me deu e, se tivesse que começar tudo de novo, não mudaria quase nada (Jefté Fernandes de Carvalho *apud* SARLI, 2009, p. 241).

Percorreria o mesmo caminho, com a mesma fé, o mesmo entusiasmo, a mesma dedicação, a mesma fidelidade, a mesma humildade e confiança em Deus (Arthur Miranda Lima Fortes *apud* SARLI, 2009, p. 57).

Objetivamente eu diria que começaria da mesma maneira como Deus me tem conduzido, Creio firmemente que Deus tem um plano para cada um que O ama, e por isso também teve um plano para mim, porque eu O amei e entreguei-me a Ele, deixando o mundo, e iniciando uma nova vida em Cristo. Desde então Deus tem sido a inspiração de todos os meus atos, pensamento e obediência. Sei por convicção e experiência que

assim tem sido até agora [...] (Moysés Salim Nigri *apud* SARLI, 2007, p. 317).

Penso que pouca alteração faria se começasse de novo. Desde jovem eu sentia o chamado para ser um obreiro adventista. Se me deixei guiar pelo Espírito Santo, não haveria razão para mudar minha trajetória (Siegfried Júlio Schwantes *apud* SARLI, 2007, p. 461).

Os recortes apresentados acima foram selecionados sob o critério de possuírem elementos sinalizadores da intencionalidade dos escritores em evidenciar um eu cuja expressão se refere mais ao interior, especialmente resultante de uma releitura da experiência passada que, sendo impossível de reconstruir objetivamente termina por demarcar um desejo do autobiógrafo que se realiza no presente da escrita e pretende-se firmar por meio da publicação, a saber: singularização das experiências para conformação de uma identidade própria e que se mostra como exemplar, afinal essa escrita está permeada de nuances de triunfo e satisfação. Neste sentido, cabe reverberar o que nos informa Gusdorf (1991c) quando afirma que:

Toda autobiografía es [...] al mismo tiempo, una obra de edificación; no nos presenta al personaje visto desde fuera, en su comportamiento visible, sino la persona en su intimidad, no tal como fue, o tal como es, sino como cree y quiere ser y haber sido. Se trata de una especie de composición realizada del destino personal; el autor, quien es al mismo tiempo el héroe de la historia [...] (p. 16).

Assim, a despeito de alguns relatos da autobiografia de alguns desses obreiros jubilados apresentarem suas frustrações e insuficiências (realidade própria e problemática), no conjunto da obra a escrita autobiográfica reiteradamente está contém o interesse maior de construção de um escopo que apresenta a história de vida laureada pela exemplaridade com finalidade de se firmar como literatura calcada nos ditames da *inspiração, edificação e fortalecimento*, marcas indeléveis da forma exemplar da literatura piedosa (MENDONÇA, 2000), notadamente presente no meio denominacional protestante e que, no caso adventista, estava imediatamente relacionada com o público de leitores majoritariamente composto por obreiros em exercício no ministério.

A leitura detida dos relatos autobiográficos desses obreiros indicia elementos de uma escrita que, mesmo conformada por tópicos previamente

determinados pelo organizador da obra, se propôs a apresentar a singularidade de seus autores, para tanto importa perceber uma escrita circunscrita no ideal de marcação da individualidade. Todavia, não se pode deixar de lado o fato de que, mesmo que essa escrita intente enaltecer as histórias de vida desses obreiros jubilados pela ênfase na experiência vivida, ao final a mesma termina por firmar as verdades religiosas cujas premissas estão numa visão escatológica da vida, pois essa escrita autobiográfica também se encontra imbricada numa relação de representativa de um coletivo religioso do qual o eu-autor é um porta-voz (GUSDORF, 1991a).

Na escrita autobiográfica desses obreiros jubilados encontramos a presença de um sujeito enunciador - isto é, o eu que narra (sujeito) é o eu que age (objeto) - que se revela através das escolhas que faz ao longo da narrativa, segundo a qual busca reagrupar os momentos de dispersão da própria história da vida no sentido de apresentar uma nova coerência com finalidade de na escrita descobrir um sentido ou um motivo da existência.

Nessa escrita do eu, o próprio autor, neste caso obreiro adventista jubilado, evidencia a emergência de um processo contínuo de autoconhecimento, no qual a seleção das experiências vividas ao longo do tempo dedicado à causa adventista contribui para o entendimento dos desdobramentos do eu que agiu e que, por sua vez, reconstrói a si próprio na escrita do eu que narra. Para tanto, a presença de uma série de marcas formais e distintivas da escrita autobiográfica desses obreiros jubilados e entranhadas em sua própria estrutura, corrobora para a conformação de um pacto referencial que implica em afiançar que o texto é praticamente um correlato da realidade e que, portanto, é suscetível de ser submetido a provas de verificação.

Nestes termos, é compreensível asseverar que os relatos da história de vida desses obreiros autobiografados podem ser matizados numa categorização que elimina o viés interpretativo, que considera haver um reducionismo e que se funda na ideia de que tais relatos contém apenas o essencial. O que por certo, não se coaduna com os elementos verificáveis nas autobiografias publicadas na obra em questão.

Esses relatos autobiográficos pretendem se firma sob a patente de uma concepção cuja recepção pelo público leitor os considere extensão de um

discurso de verdade alinhada a um poder constituinte que subjaz a um direito de prioridade de exemplaridade das experiências. Em virtude da ação instrumental da escrita mobilizada por esse sujeito-autor em sua relação com outros e consigo mesmo, tais relatos se contrapõem à multiplicidade interna do sujeito que caracteriza a vida.

Outro aspecto importante a ser ressaltado ainda nesse tópico refere-se àqueles que subvertem à lógica sugerida pelo organizador da obra quando propõe um esboço com tópicos que os autores das autobiografias deveriam seguir por ocasião da escrita. A despeito de já havermos nos referido a eles páginas acima, é pertinente informá-los novamente: a) Breve Relato da Minha Vida; b) Minha Família; c) Comunhão com Deus; d) Em Horas de Desânimo; e) A Igreja dos Meus Sonhos; f) Se eu Começasse de Novo; g) Aposentadoria; h) Mensagem aos Novos Pastores. Se bem que, a grande maioria termina por escrever sua autobiografia conformada pelos tópicos propostos, há outros que simplesmente ignoram o esboço sugerido propondo uma apresentação tópica a partir daquilo que eles consideram organizar a sua própria história de vida e representar a síntese do que objetivam ser relevante para apresentação ao público leitor.

Tal postura pode não ter sido apreciada pelo organizador da obra, mas é inegável que ela é indicativa de uma relativa autonomia daquele que escreve sobre si em relação aos ditames editoriais, além do que sinaliza para a particularização do compromisso do autor consigo mesmo, em virtude de sua identidade e da veracidade do que se propõe narrar em sua escrita autobiográfica. É possível entrever que tais obreiros em sua escrita deixam à margem os ditames editoriais e buscam atender as premissas de uma relação direta com o leitor numa declaração unilateral de um compromisso dual, ou seja, primeiramente com a sua proposta pessoal do que considera ser a síntese ideal de sua história de vida, bem como em dialogar com as possíveis expectativas do leitor que, por sua vez subsidia uma espécie de contrato de leitura.

Por outro lado existem os relatos autobiográficos que seguem parcialmente o esboço sugerido pelo editor da obra publicada, mas deixam de fora da escrita de si alguns tópicos propostos. Não nos propusemos em apresentar uma estatística acerca disso, mas indubitavelmente a grande

maioria dos casos de omissão de elementos conforme esboço sugerido refere-se à ausência do tópico *Se Eu Começasse de Novo*. Isto se configura como uma espécie de silêncio, que por certo também cumpre um papel importante nessa escrita. Todavia, por parte do leitor acostumado a encontrar relatos que seguem o padrão tópico a sensação de uma fratura da confiança do leitor em referência ao compromisso do autor com a verdade se funda num estranhamento consequente desse silêncio resulta na não verificabilidade das intenções do autobiografado, própria do ato de leitura.

Un silencio, un episodio del que no se habla, que se prefiere elidir puede ser bien un simple descuido, o bien una coartada, o bien una elipsis intencionada. ¿Cómo medir la sinceridad de los silencios, de los olvidos? La cuestión es implanteable, indecidible, pero no se sitúa en otro lugar, diferente al de la confesión íntima, cuya sinceridad es tan implanteable como la del olvido: resulta inverificable (POZUELO YVANCOS, 2004, p. 180).

Dessa forma, a emergência do silêncio nos relatos desses obreiros jubilados, também aponta para uma problematização em relação à figura do autor e aquilo que não pode ser compartilhado e/ou confessado, haja vista que, autor busca controlar o texto, a instabilidade da linguagem, a seletividade das experiências relatadas, além da concomitância com os anseios denominacionais. Mesmo que não seja abertamente relatado, o autobiografado intenta mesmo subjetivamente o estabelecimento de uma narrativa cuja história de vida seja apreendida como referendada. Isto quer dizer que o autor se importa com o status que sua autobiografia pode ter, por isso que encobre aquilo que considera como indizível sob o manto do silêncio, optando assim pelo “esquecimento” de experiências cuja lembrança possa expressar alguma fratura em sua credibilidade, variações indesejadas ou mesmo indiciar algum elemento de indisposição em relação à instituição.

A despeito das intenções daqueles que escrevem sobre si, o silêncio deve ser tomado como sinalizador de significação demarcatória para uma interpretação da vida pelos usos cambiantes da leitura. Pois tanto, o que é dito quanto àquilo sobre o qual nada se diz podem ser lidos e interpretados como indicativos de uma valoração relacionada com a veracidade que os autores dessas escritas de si intentam estabelecer em seus relatos, todavia, isso

depende dos critérios adotados pelos leitores de tais obras, afinal isso reside na configuração das relações engendradas no processo de recepção.

As linhas que compõem o próximo tópico buscam abordar alguns aspectos da experiência religiosa desses obreiros adventistas jubilados ao comporem a sua autobiografia, conforme publicada na obra *Minha Vida de Pastor* (SARLI, 2007; 2009). Apesar de entendermos que os elementos que nos informam acerca da experiência religiosa de tais personagens encontram-se dispersos ao longo do texto que escreveram, convém anunciar que nesse trabalho optamos por levar em consideração os dados que são apresentados no seguinte tópico dos relatos autobiográficos, a saber: *Comunhão com Deus*. No entanto, em alguns momentos será de grande valia recorrer a elementos dispostos ao longo do texto. Além do mais, é pertinente asseverar que tais dados informativos serão tratados à luz das considerações sistematizadas por Smart (1983; 1996) em sua teoria do estudo das religiões.

“COMUNHÃO COM DEUS”: elementos da experiência religiosa

Salvo algumas exceções, a maioria daqueles que escreveram acerca de si para a composição e publicação da obra que ora tratamos nessas páginas seguiu o esboço proposto pelo editor, o qual linhas acima retomamos nesse trabalho. Informamos que, o tópico *Comunhão com Deus* está localizado entre os tópicos *Minha Família* e *Em Horas de Desânimo*. Não é possível sermos taxativos acerca das intenções do organizador da obra ao apresentar uma disposição de tópicos com a ordem que informamos, todavia, podemos hipotetizar que a influência da escrita desses obreiros no que se refere ao tópico *Comunhão com Deus* encontra-se intrinsecamente relacionada com o tópico seguinte, a saber: *Em Horas de Desânimo*. Desse modo a escrita que compõe esse último tópico busca referência nos elementos indicadores da experiência religiosa conforme esboçada no tópico anterior.

De acordo com as formulações teóricas de Smart (1983; 1996) a religião se apresenta perpassada por diferentes aspectos, que ele denomina de *dimensões*¹¹⁵. Não obstante, compreendermos que essas dimensões terminam

¹¹⁵ Para uma breve apresentação das sete dimensões da religião conforme esboçadas por Ninian Smart acesse:

por conformar uma cosmovisão, preliminarmente trataremos da dimensão experiencial da religião na vida desses obreiros jubilados. Afinal, como o próprio Smart (1996) afirma, a dimensão experiencial está na base do surgimento das religiões, o que dirá do surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia por meio de seus pioneiros. Enfim, “o fator da experiência religiosa é ainda mais crucial quando consideramos os eventos e as vidas humanas das quais as grandes religiões se originaram”¹¹⁶ (SMART, 1996, p. 06). Nessa perspectiva, fica patentemente antecipado ao leitor que, por vezes ressaltaremos nos relatos autobiográficos eventos a fim de fomentar o subsídio desses para a conformação da experiência religiosa dos obreiros adventistas jubilados. Pois que, muito mais importante do que simplesmente relacionar tais eventos é atentar-se para a significação que eles contribuem por influir à experiência religiosa desses obreiros. Em função desse viés compreensivo, a ênfase principal há de recair sobre o papel da religião para a experiência pessoal, e sobre como a religiosidade tem sido moldada pela experiência.

Seguindo a perspectiva de Smart (1996) acerca da experiência religiosa devemos considerar que os elementos sinalizadores dessa experiência religiosa dos obreiros adventistas jubilados se constituíram ao longo da vida de dedicação ao ministério adventista, tal experiência se constituiu balizada por uma relação estreita entre espaço e tempo. Nestes termos para compreendermos a experiência religiosa de tais autores é imprescindível atentarmos para assimilar que a vida desses obreiros, bem como os anos dedicados no campo missionário também se encontra permeados por componentes diretamente atinentes à denominação religiosa e ao tempo de sua inserção, além dos desdobramentos da sua institucionalização nestas terras (CARVALHO, 2013; SCHÜNEMANN, 2009).

Esse aspecto é relevante, pois que como a Igreja Adventista do Sétimo Dia é herdeira direta do Movimento Milerita do século XIX que compôs o caudal religioso nos Estados Unidos da América por ocasião do Segundo Grande Despertamento, essa carrega em si os germes de um *ethos* que a filia a uma

<<http://www2.kenyon.edu/Depts/Religion/Fac/Suydam/Reln101/Sevendi.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

¹¹⁶ Original: “The factor of religious experience is even more crucial when we consider the events and human lives from which the great religions have stemmed”.

sociedade plural com influência da imigração europeia que contribuiu para a multiplicação de denominações religiosas. Neste caso, em especial seu *ethos* tem que ver com a esperança escatológica de matiz milenarista e ênfase missionária. Acerca dos Adventistas do Sétimo Dia, Smart (1996) o seguinte:

Podemos ver aqui algo da atração perene e punjante da esperança cristã escatológica: a repetição das esperanças do Milênio em toda a história cristã é uma faceta da experiência cristã que é intrigante, mas significativa. Pode ser uma interpretação literal da virtude da esperança, mas pode ser um estímulo para uma vida piedosa e fervorosa. Os Adventistas do Sétimo Dia, o ramo mais poderoso do movimento iniciado por Miller continuam como um movimento missionário zeloso¹¹⁷ (p. 390).

Al analizar la experiencia de conversión como un

Balizados por uma concepção que considera a experiência religiosa e de conversão como um processo e não como um momento pontual, indicamos que as situações da vida corroboram para a conformação de itinerários pessoais cuja construção temporal empreendida nos relatos autobiográficos termina por estabelecer marcos, bem como eventos que se mostram como referentes para a experiência religiosa.

É notório destacar que diversos desses obreiros quando escrevem sobre a sua experiência religiosa no tópico *Comunhão com Deus* deixam claro que foi no ambiente familiar que eles foram iniciados nas atividades de cunho religioso, tanto que as instruções recebidas no seio familiar lançaram as bases daquilo que somente anos a frente aperfeiçoariam, seja ao longo dos anos vividos em uma instituição denominacional adventista por ocasião da sua formação para serem obreiros adventistas, seja pelas experiências que marcaram os anos de vida atuando em favor da mensagem adventista. A respeito dessa influência recebida no contexto familiar, bem como das situações vividas no campo missionário para a conformação da experiência religiosa alguns desses obreiros afirmam:

¹¹⁷ Texto original: "We can see here something of the perennial and poignant attraction of the Christian eschatological hope: the recurrence of hopes of the Millennium throughout Christian history is a facet of Christian experience that is puzzling, but significant. It may be a literal interpretation of the virtue of hope, but it can be a stimulus to a fervid and other-wordly piety. The The Seventh-Day Adventists, the most powerful offshoot of the movment started by Miller, continue as a zealous missionary movement".

Bem cedo aprendi a orar com minha mãe, e à medida que crescia e me desenvolvia, passei a orar cada vez mais (Orlando Ruben Ritter *apud* SARLI, 2007, p. 390).

Minha comunhão com Deus, desde a minha mocidade, tem sido continua, pois Ele é a força que impele a minha vida e de toda a minha família. Desde o princípio nossa militância, tanto na igreja como no ministério, foi respaldada por uma constante ligação com o Senhor. Nosso costume familiar tem sido, religiosamente, realizar o culto matinal, cooperar com a igreja em tudo que nos seja possível, e estar sempre presente em todas as atividades congregacionais (Claudomiro Franco Fonseca *apud* SARLI, 2007, p. 97).

Minha mãe era muito devota, e sempre foi a minha inspiração na vida espiritual. Lembro-me bem de que, às vezes, ao levantar-me de madrugada para ir ao sanitário, passando pelo seu quarto a via de joelhos orando em favor dos filhos. Este episódio nunca saiu de minha mente. [...] Já estudando no colégio, nunca duvidei da presença de Deus em minha vida. É bem verdade que surgiram muitas provações, porém, todas foram vencidas, não só nos estudos, mas principalmente, no campo missionário. Isto durante 38 anos de trabalho (Olival Moreira da Costa *apud* SARLI, 2007, p. 340).

Considero-me agora, sendo já um pastor jubilado, vitorioso em meu ministério, com muitas lutas e severas provações. Por pouco não sai do ministério, com as tremendas ciladas do inimigo. Porém me apeguei ao Salvador, e Ele me amparou, confortou e fortaleceu. Superei as provações com fé atuante, muita oração particular e constante estudo de Sua Palavra (Josias Moreira de Castro *apud* SARLI, 2009, p. 405).

Ao abordarmos a experiência religiosa desses obreiros é importante considerar que tal se estabeleceu conformada por um contexto segundo o qual a dimensão doutrinária exerceu relevante função. Afinal, desde anos de formação do seminário e ao longo dos anos vividos em dedicação à causa adventista nos mais diversos lugares, esses personagens foram engajados pregadores da mensagem adventista, tanto nas atividades de reforço da identidade adventista para os membros das igrejas, como também no desenvolvimento de atividades missionárias com o propósito de angariar fiéis para acréscimo nas fileiras denominacionais. Para tanto, cumpre-nos reforçar que esses obreiros ao escreverem sobre a experiência religiosa terminam por

“[...] interpretar suas experiências nos termos das doutrinas recebidas”¹¹⁸ (SMART, 1996, p. 07). Por isso que, sendo a religião um importante aspecto da vida, torna-se imprescindível reportar às suas doutrinas no sentido de indiciar a influência delas no arcabouço segundo o qual esses obreiros adventistas balizaram a experiência religiosa e, por meio da escrita de si revelam-nas ou mesmo as indiciam, destarte “[...] vale a pena notar que há interação entre experiência e doutrina”¹¹⁹ (SMART, 1996, p. 7).

Desta maneira, Smart (1996) denomina de *interação dialética* essa relação em que experiência e doutrina mantêm entre si, numa dinâmica de mútua informação e que nos auxilia a compreender que essa dialogicidade relacional se dá com contornos próprios na vida de cada um desses que professam a mensagem adventista e declaram pertença ao grupo de crentes. A consideração dessa relação dialética e suas reminiscências apresentadas nos relatos autobiográficos oportunizam perscrutar indícios de elementos indicadores de um processo no qual a experiência religiosa desses obreiros é pessoalmente particularizada, mas também se explicita como resposta às demandas de cunho ritual e ético advindos da vivência das mais diversas situações da vida, seja de ordem da intimidade do ser ou mesmo da vida em comunidade, tanto com os de mesma pertença religiosa quanto com aqueles que são alheios à mensagem adventista. Afinal, “a interação entre doutrina e experiências é fundamental para a religião pessoal”¹²⁰ (SMART, 1996, p. 8).

Essa relação entre a experiência e a doutrina pauta a história de vida de cada obreiro adventista e se constitui como marcos balizadores, de modo que essa zona proximal faz convergir aspectos que reportam a uma formação religiosa comumente presente nos internatos adventistas, mas que não se restringem às crenças religiosas dominantes e oportunizam a admissão de novos aspectos que, em estreita relação fomentaram uma experiência religiosa que, em termos do impacto pessoal se mostrou revelatória para esses que, após anos atuando no ministério adventista em suas mais diversas frentes, por ocasião da escrita intentam em breves palavras torná-la conhecida.

¹¹⁸ Original: “[...] interpret their experiences in terms of received doctrines [...]”.

¹¹⁹ No original: “[...] it is worth noting that there is interplay between experience and doctrine”.

¹²⁰ Original: “In this way, the interplay between doctrine and experiences is fundamental to personal religion”.

No Colégio, aquele ambiente cristão me inspirou muito na vida religiosa [...] (Corino Pires da Silva *apud* SARLI, 2009, p. 91).

Já estudando no colégio, nunca duvidei da presença de Deus em minha vida. É bem verdade que surgiram muitas provações, porém todas foram vencidas, não só durante os estudos, mas, principalmente, no campo missionário (Olival Moreira da Costa *apud* SARLI, 2007, p. 340).

A comunhão com Deus tenho-a mantido diariamente. Uma experiência que me ajudou muito a fortalecer essa ligação com o Senhor, logo no início, creio que foi quando, ainda estudante, passei na mata do Colégio duas noites inteiras em oração. Por certo pelo poder que vem do Alto, fui preparado para a marcha da vida até hoje (Edgard de Oliveira Ritter *apud* SARLI, 2007, p. 146).

Como fenômeno complexo e frequentemente difícil de descrever, a experiência religiosa conforme pretendem os obreiros adventistas jubilados escrever acerca dela, é notório assinalar que nesses relatos autobiográficos é possível entrevê-la apresentada sob uma linguagem que aponta para a sua variedade de formas, o que por sua vez nos direciona para a profusão dos elementos que lhe são inerentes, mas também para o caráter criativo do indivíduo que, a despeito dos marcos doutrinários e mesmo institucionais que exerceram influência modeladora, se mostra em relativa autonomia quando ao escrever sobre si esboça a sua experiência religiosa.

A relação humana com um Deus poderoso e misericordioso pode dar ao indivíduo uma fonte de independência contra as poderosas e frequentemente não misericordiosas pressões do estado, da economia, e dos valores prevalecentes¹²¹ (SMART, 1983, p. 77).

Neste sentido, ao escreverem sobre a experiência religiosa esses obreiros apresentam em seus relatos autobiográficos um esforço consciente de asseverar elementos que evidenciem que eles foram em algum momento envolvidos numa experiência, segundo a qual a natureza dos sentimentos desvela um profundo senso da presença divina. Isto é apontado em relatos com uma descrição de Deus que se assemelham em pontos de convergência na variedade de formas esboçadas na obra publicada, a despeito da

¹²¹ No original o texto se apresenta da seguinte forma: “[...] the human relationship with a powerful and merciful God can give the individual a source of independence against the powerful an often unmerciful pressures of the state, economic, power, and prevailing values”.

diversidade dos seus contextos. Esses relatos são escassos e encontram-se dispostos ao longo dos textos, de forma que para localizá-los o leitor deverá empreender leitura perspicaz e mobilizar uma um referencial teórico como chave compreensiva na busca por encontrar os indícios.

Nos relatos autobiográficos, a experiência religiosa segundo as acepções acima referidas é esboçada com nuances de grande vitalidade no mover da vida desses obreiros e sua significância é concebida como inerente a uma vida de dedicação à causa adventista como responsiva num nível que delineia um espírito de devoção a Deus pelos feitos em favor do indivíduo, mas que é superestimada como indicativo de que a realização das atividades de cunho ministerial em consonância com a orientação da liderança é por vezes tida como atuação na realização da vontade do próprio Deus.

A leitura atenta dos relatos constantes no tópico *Comunhão com Deus* chama a atenção para o caráter prescritivo e sistemático que envolve a compreensão da maioria desses obreiros, no que tange àquilo que eles entendem por comunhão com o ser divino. A grande maioria dos relatos apresenta que tais obreiros acabaram por seguir um plano que envolvia estudo da Bíblia, leitura dos livros da escritora Ellen G. White, além de literatura denominacional. A experiência religiosa do tipo fascinante e tremenda é aspecto secundarizado e minimamente indiciado na escrita autobiográfica de tais obreiros, dadas as marcações racionalizadoras que balizaram tal experiência.

Se por um lado, a incidência dessas marcações racionalizadoras e sistemáticas revelam um componente característico do protestantismo, por outro podemos perceber as marcas institucionais adventistas na conformação da experiência religiosa de seus obreiros, posto que pela leitura de obras de Ellen G. White e de literatura denominacional esses obreiros mantinham-se alinhados à teologia adventista que, em muito se nutre dos escritos whiteanos e que atualiza o interesse na manutenção identitária denominacional que considera que os escritos de Ellen G. White constituem uma contínua fonte de autoridade¹²².

¹²² Acerca do papel desempenhado por Ellen G. White na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, ler: CARVALHO, Francisco Luiz Gomes de. *Ellen G. White e a Igreja Adventista do*

Acerca dessa relação que o crente adventista, neste caso o obreiro, estabelece com a Bíblia afirmamos que a mesma não se dá de forma estritamente direta, nem mesmo espontânea, pois a intervenção de leituras de apoio termina por indicar restrições sobre o que se lê e, especialmente a respeito do que se deve entender da leitura. Enfim, se estabelece um controle referente o discurso ou saber evocado a partir da leitura da Bíblia (BRAVO PEÑA, 2016).

El control de lo que se lee e interpreta de la Biblia no sólo tiene su antecedente inmediato en la Reforma protestante, sino también en la tradición católica medieval. En el catolicismo medieval, por ejemplo, existía un control sobre la lectura de la Biblia que hacían los clérigos católicos, fundamentado en su lectura comentada. El éxito que tuvo este tipo de lectura radicó en que con ella se controlaba toda interpretación herética. Muchas órdenes religiosas incentivaron la publicación de epítomes para garantizar una exégesis legítima del texto sagrado (HAMESSE, 2001 *apud* BRAVO PEÑA, 2016, p. 131).

Por isso que, a despeito de encontrarmos elementos nos relatos desses obreiros que indiciam uma direção contemplativa em sua experiência religiosa, é pertinente patentear que tal é continuamente transformada pelo caráter hermeticamente doutrinário que a denominação adventista fomenta em seus projetos e programas, os quais fundem aspectos condicionadores da experiência religiosa.

No artigo *O Protestantismo Latino-americano entre a Racionalidade e o Misticismo*, Mendonça (2000) ao elencar os elementos do Protestantismo, dito tradicional ou histórico que caracterizaram a chegada à América Latina evidencia que a mensagem dos “revivals” foi esteio da estratégia de inserção, mas que com o passar do tempo perdeu espaço, de modo que uma *pedagogia racionalista* passou a marcar as denominações e atualmente tem sido desafiada a “[...] lidar com as formas místicas e ao mesmo tempo imediatistas das religiões de resultado” (MENDONÇA, 2000, p. 69).

Acerca dessa racionalidade que marca as denominações religiosas protestantes e, atento à polissemia do termo, Mendonça (2000) afirma existir duas vertentes, uma de caráter psicológico e outra de perspectiva

epistemológica. A primeira tem que ver com o fato do fiel ter de dar “razões de sua fé”, enquanto que a outra está intrinsecamente relacionada com a ordem inteligível segundo a qual, o crente busca “[...] a reorganização das coisas, a busca de uma nova ordem [...] e sua adequação com a Revelação” (MENDONÇA, 2000, p. 82).

Essa vertente *epistemológica* que marca a racionalidade da experiência religiosa se mostra evidente nos relatos autobiográficos dos obreiros adventistas jubilados. Tanto que, ao se referirem à experiência religiosa no tópico *Comunhão com Deus*, reiteradas vezes se reportam a esse caráter marcadamente racional e sistematizador de suas experiências religiosas, que recorrente se filia ao estudo da Bíblia, leitura de livros de Ellen G. White (referidos como Livros do Espírito de Profecia) entre outras obras denominacionais.

O colóquio particular com a divindade não pode ser substituído por qualquer outra atividade espiritual. Ele deve ocorrer num lugar reservado e tranquilo, com a leitura da Bíblia e dos livros do Espírito de Profecia, e com profunda reflexão [...] (Hélio Pereira *apud* SARLI, 2007, p. 200).

Sempre mantivemos nossas horas de comunhão com Deus através da oração, da leitura meditativa da Bíblia e de outros livros devocionais. Além das Escrituras Sagradas, o livro O Desejado de Todas as Nações, de Ellen G. White, sempre foi meu predileto. Recomendo-o a todos os que desejam fortalecer sua fé através da meditação sobre a vida de nosso Salvador Jesus Cristo. Vale a pena (José Cândido Bessa Filho *apud* SARLI, 2007, p. 277).

A fonte para a comunhão é tríplice: 1ª Leitura habitual da Bíblia e de outros livros devocionais; 2ª A prática da oração particular intercessória; 3ª Em consequência das duas anteriores, a paixão pelo testemunho pessoal. Esta tríplice receita é imutável para todo crente; inclusive para obreiros e ministros (Manoel Xavier de Lima *apud* SARLI, 2007, p. 06)).

Além da prática diária do altar de família, sempre reservei um tempo especial para a comunhão com Deus. A Bíblia sempre foi e é o meu livro de cabeceira, acompanhada dos livros do Espírito de Profecia e outros bons livros, e de momento de oração. Sem essa comunhão com Deus diariamente, o pastor está fadado ao fracasso espiritual em seu ministério (José Rosa *apud* SARLI, 2009, p. 376).

Tive o privilégio de fazer o ano bíblico por 33 vezes, como também ler mais de uma vez a Bíblia acompanhada com o respectivo comentário do Espírito de Profecia. Li a quase totalidade dos livros de Ellen G. White [...] (Sérgio Octaviano *apud* SARLI, 2009, p. 653).

[...] Já li o Sagrado Livro de Gênesis ao Apocalipse, por quase 80 vezes. Por três vezes fiz a leitura da Bíblia acompanhada pelo Seventh-Day Adventist Bible Commentary (Natanael Batista *apud* SARLI, 2007, p. 232, 324).

Sob a perspectiva adotada nessa pesquisa é exequível afirmar que a experiência religiosa desses obreiros adventistas conforme esboçada em seus relatos autobiográficos combina elementos que são imprescindíveis à denominação adventista, a saber: denso sistema de racionalidade e o princípio de liberdade. Todavia, essa combinação que se apresenta nos relatos acerca da experiência religiosa encontra-se intimamente comprometida na busca por “[...] manter a ‘tradição da confissão’ ao lado das adaptações circunstanciais” (MENDONÇA, 2000, p. 83).

A experiência religiosa de tipo contemplativa ou fascinante é minimamente abordada nesses relatos autobiográficos, sendo que o aspecto da experiência religiosa de tipo racionalizadora com forte ênfase na leitura literalista da Bíblia e dos livros de Ellen G. White é o que se sobressai. Em seus diversos contornos essa marca é a majoritária e, por sua vez é constituinte dessa escrita que lança as bases para uma mudança na natureza da aproximação, tanto quanto na qualidade da experiência. Com isso não queremos afirmar a impossibilidade de ambas coexistirem, no entanto, mesmo havendo uma mútua interação, não nos furtamos em sancionar que os resultados na atribuição das características da racionalidade se sobrepõem a experiência que inclui o círculo contemplativo e transcendental.

A experiência religiosa que se afirma por meio desses relatos pode ser concebida sob a determinação da linguagem dogmática da teologia adventista, segundo a qual o crente conhece um Deus e sua atuação se dá balizada por aquilo que é dito e legitimado pela denominação religiosa, haja vista que o estudo da Bíblia se dá conformado por outras literaturas denominacionais. Portanto, as diversas possibilidades da experiência religiosa ao adventista são restringidas à perspectiva que mais se perfila àquela afiançada

denominacionalmente e, que não ultrapassa as determinações provenientes da teologia eclesiástica, que no caso adventista em muito se nutre dos escritos de Ellen G. White.

Assim que, a questão que se apresenta como pano de fundo remete a uma perspectiva conservadora que escuda uma concepção de experiência religiosa performativa alheia às dinâmicas transformadoras da religião de marcas contestatórias e corretivas que existem no seu interior. Isso se efetiva no meio denominacional adventista pela mobilização de um vasto instrumental que se remete à sua tradição e memória, e que amparada em um alinhamento dos obreiros às diretrizes eclesiásticas busca estabelecer suas bases por intermédio do seu instrumento clerical e sacerdotal, a saber: obreiros adventistas em atuação nos mais diversos campos missionários de presença adventista.

Essas acepções acerca da experiência religiosa dos obreiros adventistas jubilados autobiografados permeiam um aspecto muito importante, a saber: a relação entre *experiência* e *revelação*. Em contraposição às várias práticas religiosas contidas no gradiente que contempla desde o pentecostalismo clássico, neopentecostalismo e movimentos de renovação no interior do protestantismo, os Adventistas do Sétimo Dia intentam fomentar uma religiosidade que relaciona um ordenamento inteligível do mundo em adequação à Revelação, conforme concebida e interpretada por suas autoridades teológicas. A despeito dessa relação entre *experiência* e *revelação* se efetivar de maneira mais verificável na vida do crente, ela tem sido cada vez mais influenciada pelas diretrizes institucionais, de forma que ao longo do tempo tem-se produzido diversas sínteses, sendo elas sistematizadas em crenças ou mesmo sendo esboçadas sob a nomenclatura de *Declarações da Igreja* e publicadas no âmbito mundial¹²³ ou mesmo regional¹²⁴.

¹²³ Uma obra que representa esse filão é o livro formado por uma valiosa coleção de declarações e orientações discutidas, aprovadas e votadas pela liderança da igreja desde 1980. Cada documento foi discutido, votado e seu conjunto aborda uma variedade de temas polêmicos e atuais, como aborto, assédio sexual, homossexualismo, uso de drogas, jogos de azar, clonagem humana e ecumenismo. Associação Geral da IASD – Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Declarações da Igreja**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

¹²⁴ A seção *Declarações e Documentos Oficiais* do site da Igreja Adventista do Sétimo Dia da sede regional (DSA – Divisão Sul-americana da IASD) para 8 (oito) países da América do Sul apresenta documentos que contêm declarações oficiais da organização a respeito de temas relevantes no âmbito dos países coordenados por esta sede. Alguns desses documentos são:

A tendência do protestantismo nesta parte do mundo é confinar-se cada vez mais em sua racionalidade confessional, buscando insistentemente firmar-se nas “razões” de sua fé, nos fundamentos psicológicos de sua religião. As “razões da fé” constroem base mais ou menos sólida que sustenta o protestante no angustiante espaço entre sua consciência religiosa (diga-se, sua igreja) e o mundo (MENDONÇA, 2000, p. 84).

Para os adventistas, assim como para boa parte do Cristianismo a revelação de Deus se dá por meio das Escrituras Sagradas. Para tanto, torna-se importante esboçar em linhas gerais a significatividade dessa relação com as Escrituras e o desdobramento dela para a experiência religiosa desses obreiros adventistas. Neste esteio, Smart (1996) enfatiza que:

[...] precisamos apenas dizer isso: a idéia de que a revelação de Deus deva estar nas palavras das escrituras é uma doutrina que muitas pessoas acreditam; a teoria da revelação é parte da dimensão doutrinária do cristianismo¹²⁵ (p. 8).

É apropriado considerar que a experiência religiosa desses obreiros adventistas jubilados se constituiu numa interface de elementos da liberdade pessoal com outros de uma relação com as Escrituras, sendo que estes últimos indicam aspectos da dimensão doutrinária e sua influência na conformação da experiência religiosa. Sob essa égide, a experiência religiosa desses obreiros termina por revelar uma dinâmica cuja modulação se funda numa equação de fatores externos ao individuo no encontro de condições internas. Sendo que esses fatores externos exercem uma influência no balizamento dessa experiência, posto que advém da relação da experiência com a revelação nos termos das diretrizes doutrinárias adventistas.

A historiografia da Igreja Adventista do Sétimo Dia indica que, ao longo dos anos do século XX quatro conferências (1919, 1952, 1974, 1977) acontecidas no âmbito institucional fomentaram um ambiente de intercâmbio e formulações das percepções teológicas denominacionais, além terem

a) O Uso de Filmes para o Cumprimento da Missão; b) Estilo de Vida e Conduta Cristã; c) Filosofia Adventista do Sétimo dia Com Relação a Música; d) Os Adventistas e a Política; e) Declaração de confiança nos escritos de Ellen G. White, entre outros. Para mais informações acesse:

<<http://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/>>.

Acesso em: 10 dez. 2016.

¹²⁵ Texto original: “[...] we need only say this: the idea that God’s revelation is to be located in the words of scripture is a doctrine believed by many people; the theory of revelation is part of the doctrinal dimension of Christianity”.

favorecido a continuidade das sistematizações das compreensões das crenças fundamentais. Destas conferências e no espírito da época resultaram importantes obras, algumas delas são: *Our Firm Foundation* (1953), *Seventh-day Adventist Bible Commentary* (1953-1957), *A Symposium on Biblical Hermeneutics* (1974), *Seventy-day Adventists Believe* (1988), *Inspiration: Hard Questions, Honest Answers* (1991).

As décadas de 1980 e 1990 apresentaram desafios à hermenêutica adventista, pois alguns de seus renomados teólogos divergiam acerca das formulações denominacionais referentes à teoria da revelação nos termos institucionais. O Concílio Anual de 1988 da Associação Geral reunido no Rio de Janeiro votou um documento oficial intitulado *Métodos de Estudo da Bíblia*. Tendo recorrido à resolução legal, a IASD pretendeu estabelecer as bases mínimas para conciliar as discussões metodológicas dentro da denominação, além de confirmar a relevância dos escritos de Ellen G. White para a interpretação bíblica. Acerca da relevância dos escritos whiteanos foi votado:

Os adventistas do sétimo dia acreditam que Deus inspirou Ellen G. White. Portanto, suas exposições sobre qualquer passagem bíblica oferecem um guia inspirado para a compreensão dos textos sem esgotar seu significado ou tornar desnecessária a tarefa da exegese (ASSOCIAÇÃO GERAL *apud* REID, 2007, p. 333).

A explicitação da relevância dos escritos de Ellen G. White para as formulações teológicas adventistas contribui para compreender a recorrência de citações dos obreiros em seus relatos no que tange à leitura desses escritos quando abordam a temática da comunhão com Deus. De certa forma, é compreensível que ao se referirem à experiência religiosa esses obreiros indicam que a leitura da Bíblia em geral se dá acompanhada dos livros de Ellen G. White. Se por um lado, a leitura desses escritos contribuía para reforçar a importância de seu lugar tanto na constituição histórica do movimento adventista, por outro evidencia o encontro desses obreiros com nuances da teologia denominacional, o que representa um duplo papel na conformação da experiência religiosa desses obreiros. O documento oficial das convicções doutrinárias dos Adventistas do Sétimo Dia apresenta uma declaração votada em sessão da Associação Geral, na qual expõe que o considera a concepção acerca do papel de Ellen G. White e sua relevância no interior da IASD

afirmando que “[...] seus escritos são uma contínua e autorizada fonte de verdade e proporcionam conforto, orientação, instrução e correção à Igreja” (NISTO CREMOS, 2003, p. 290).

Torna-se inteligível compreender que a experiência religiosa dos obreiros autobiografados apresenta um gradiente cujos aspectos indiciam como a *dominação carismática* (WEBER, 1999, v. 1, p. 161) atua com grande força orientadora no meio denominacional. Especialmente no grupo de obreiros, é possível depreender elementos indicativos de que a denominação adventista busca permear na experiência religiosa desses, cuja intenção última encontra-se majoritariamente relacionada a uma mudança da direção da orientação da consciência e das ações.

Não poderíamos deixar de abordar a *dimensão ritual*, posto que seja digno de nota afirmar que a experiência religiosa desses obreiros adventistas encontra-se perpassada por nuances que remetem à prevalência desse aspecto na constituição dessa experiência religiosa. Não obstante, ser esse aspecto de grande relevância no caudal de elementos que se fundem na constituição dessa experiência religiosa, a indicação dos elementos dessa dimensão nos relatos desses obreiros se apresenta dispersa ao longo das autobiografias, de forma que, na maioria dos casos o que se apresenta se desvela em indícios. Em outros relatos, a escrita autobiográfica se insinua frequentemente sinalizada por marcos mais facilmente verificáveis na leitura.

Seguindo a proposta do estudo das religiões de Smart (1996) no que tange à dimensão ritual, a mesma apresenta três formulações que corroboram para a ampliação de nossa compreensão no que se refere a essa dimensão e seu desdobramento para a experiência religiosa. Acerca da primeira é formidável considerarmos que esta concebe tal dimensão para além do que muitos tendem a restringir. Ou seja, tal dimensão comporta muito mais do que algo formal e elaborado. Isso contribui para fomentar uma acuidade ainda mais sensível do pesquisador em direção a rastrear aqueles que podem ser considerados elementos indiciários dessa compreensão da experiência religiosa nos relatos autobiográficos de tais obreiros. Afinal,

[...] vale a pena observar que mesmo a forma mais simples de culto religioso envolve ritual, no sentido de alguma forma de comportamento externo conjugado a uma disposição interior de

ocasionar ou participar do mundo invisível¹²⁶ (SMART, 1996, p. 3).

A segunda das formulações chama a atenção para o fato de que frequentemente os rituais tendem a se degenerar em um processo convencional e mecânico das diversas denominações religiosas, de forma que é comum que algumas atividades de cunho religioso sejam constantemente submetidas à conotação ritualística que, os sentimentos e intenções dos crentes são secundarizadas e, mesmo que sejam parte significativa da experiência humana são por muitos subestimados enquanto aspectos constitutivos da experiência religiosa. Acerca disso Smart (1996), adverte-nos ressaltando que: “já que o ritual envolve tanto o aspecto interior quanto o exterior, é sempre possível que este venha a dominar o primeiro”¹²⁷ (p. 4).

Completando a tríade dessas formulações, Smart (1996) assegura a conveniência de ampliar a noção de ritual para além das formas tradicionais propugnadas pelas denominações religiosas que intentam dirigir os crentes numa relação vetorial, na qual o ser humano é impelido a referir-se a alguma divindade. Isso implica em assumir que algumas técnicas de auto-treinamento nem sempre referidas a uma atividade estritamente religiosa promovem um estado mental no qual o adepto experiencia algo que o eleva para além dessa realidade vivida e que o faz transcender em sua existência, de maneira que tal subsidia a extensão do significado de ritual.

[...] as técnicas de auto-formação têm uma analogia com o ritual, os adeptos executam vários exercícios físicos e mentais através dos quais esperam concentrar a mente no mundo invisível, transcendente, ou retirar os seus sentidos da sua imersão habitual no fluxo empírico das experiências¹²⁸ (SMART, 1996, p. 3).

Sobre a dimensão ritual na experiência religiosa, Smart (1996) empreende uma classificação segundo a qual tal dimensão pode ser

¹²⁶ Original: “[...] it is worth remarking that even the simplest form of religious service involves ritual, in the sense of some form of outer behavior coordinated to an inner intention to make with, or to participate in, the invisible world”.

¹²⁷ Texto original: “since ritual involves both inner and outer aspect it is always possible that the latter will come to dominate the former”.

¹²⁸ No original: “[...] the techniques of self-training have an analogy to ritual, the adepts perform various physical and mental exercises through which they hope to concentrate the mind on the transcendent, invisible world, or to withdraw their senses from their usual immersion in the flow of empirical experiences”.

compreendida como *pragmática* ou *sagrada*. Apesar de, em algumas vezes essas duas formas de ritual poderem ser combinadas, a distinção dessa classificação se faz necessária devido o fato de que a *pragmática* visa a obtenção de certas experiências e que podem ser exemplificadas na utilização de técnicas, exercícios físicos e/ou mentais com o objetivo de fomentar a imersão em um experiência que transcende a realidade. Por sua vez, a dimensão ritual *sagrada* é “dirigida a um ser santo, como Deus” (SMART, 1996, p. 04).

Outro aspecto de grande relevância no que tange à compreensão referente à dimensão ritual da experiência religiosa consiste na relação que há entre o significado do ritual e a associação ao contexto da crença que o conforma. Por isso que, para muitos, diversos eventos da vida são revestidos de significado sagrado haja vista que os mesmo são envolvidos pela dimensão ritual de formas sagradas.

Quando consideramos a experiência religiosa dos obreiros adventistas autobiografados percebemos que em boa parte dos relatos a dimensão ritual se dá sublinhada, especialmente pelo batismo que é apresentado como sendo um marco para a vida religiosa. Muitos não se referem à sistematização das crenças que balizam o entendimento no que concerne ao rito do batismo, mas a grande maioria se reporta a este buscando evidenciar que o preparo prévio, a confirmação do que acreditam enquanto sistema de crenças indica o caminho para aqueles que passariam pela cerimônia de batismo.

Assim que, o processo de adesão à mensagem adventista desses autobiografados deixam indícios que corroboram para compreendermos que tal processo que, aparentemente indica a cerimônia do batismo como marco na vida do crente, na verdade também sinaliza para alguns mecanismos particulares de ressignificação das crenças religiosas que, por vezes podem representar uma direção de reinvenção ou mesmo rearticulações, mas que no caso desses significou rompimento na própria biografia. Mudança radical da vida que representou muito mais do que um novo pertencimento religioso, mas a construção de uma nova identidade que, no caso desses terminou por se configurar à luz da instituição adventista. **Afinal, o discurso institucional nutre os relatos da experiência religiosa oferecendo recursos narrativos para a formulação do relato autobiográfico, como também para a construção identitária.**

De certa maneira, a forma da estrutura lógica e o conteúdo das expressões da conversão apresentam elementos que contribuem para dar coerência e sentido a fim de que os mesmos sejam tidos por exemplares.

A maneira como esses obreiros jubilados organizaram a escrita da autobiografia possibilita-nos entrever que ao se referirem à conversão à Igreja Adventista do Sétimo Dia por meio do batismo demonstra que as diversas experiências da vida, algumas dessas aparentemente contraditórias da vivência da fé se mostram laureadas de um novo sentido. **Percebe-se a conformação dos relatos a uma estruturação institucional, de forma que neles é possível encontrar elementos indicativos de uma recriação da experiência que permite identificar tópicos doutrinários cuja centralidade explicativa se revela no discurso testimonial a partir da reelaboração da identidade do converso que, neste caso é o obreiro jubilado.**

É comum na leitura desses relatos de conversão notar que ao relacionarem os eventos ocorridos após a adesão à mensagem adventista os mesmo são dispostos num ordenamento que a própria pertença religiosa encadeia a construção de uma identidade. Essa nova construção identitária pautada por uma vontade que exige modos de validação das crenças e práticas fornece novas formas de expressão de uma experiência individual que é demarcada por certo fervor missionário e pelo sentido de um chamado à dedicação à causa adventista.

Nesses relatos, a ideia de construção de uma identidade religiosa envolve mudança no sistema de valores e visão de mundo, de modo que a conversão se manifesta como ponto de transição de uma identidade anterior que tida como proscrita considera o antigo como errado e o novo como certo. Dessa forma, compreende-se a partir desses relatos que a experiência religiosa que se constitui após a conversão se mostra composta por uma combinação de duas visões de mundo, sendo uma referida como contraditória e errônea, enquanto a outra então assumida como nova é a verdadeira e o caminho que leva para Deus. Assim, afirmamos que para esses a conversão marca uma descontinuidade, sendo o momento anterior de preparo ao batismo um período de desestruturação de esquemas de significação.

[...] Meus pais, católicos fervorosos, desenvolveram em mim o hábito de frequentar a missa e outras reuniões da igreja.

Lembro-me da Primeira comunhão, das aulas de catecismo e da minha participação nas procissões, carregando, com outros, o andor conduzindo alguma imagem. Em casa havia várias imagens, diante das quais a família rezava com frequência. [...] A mensagem adventista chegou-nos através de uma campanha de evangelismo [...]. Meu pai, a empregada de nossa casa e eu fomos batizados (Osmundo Graciliano dos Santos Júnior *apud* SARLI, 2007, p. 373).

Agora eu já estava com 16 anos, e não tinha mais nenhuma dúvida quanto aos ensinamentos da Igreja Adventista. E no dia 10 de junho de 1930 tive a grande alegria de selar a minha fé através do batismo. [...] Quando meu pai soube de meu batismo, ficou irado, e mandou dizer-me que não mais o visitasse, nem o chamasse de pai [...] (Geraldo Marski *apud* SARLI, 2007, p. 167).

[...] Após cuidadoso exame, meu pai concluiu que os missionários pregavam a Verdade. Convicto, começou ele a tecer planos para o preparo recomendado pelos missionários. Começou com os ídolos. Em nossa sala de visitas havia estampas de santos em todas as paredes. Sem hesitar, foi descolando uma a uma, deixando o chão forrado de papel [...]. O primeiro batismo ocorreu no rio das Antas, realizado pelo missionário americano, o pastor Wescoth [...] (Hermínio Trivellato *apud* SARLI, 2009, p. 217).

Meus pais, claro, eram católicos; haviam se casado em Aparecida do Norte em busca da bênção da padroeira. Mas o Catolicismo deles era um tanto sincretista. [...] meus tios começaram a assistir uma série de conferências em Bragança Paulista, no interior, e acabaram por se converter. Não tardou que aparecessem em casa e comesçassem a pregar para nós; lembro-me de que lhes perguntei qual era a religião verdadeira, a que prontamente responderam: “Essa na qual estamos”. [...] Começamos a estudar a Bíblia [...] até que nos vimos preparados para o batismo. Na bela noite do domingo de 27 de dezembro de 1953, na igreja de Santo Amaro, meu pai, minha mãe, meu irmão e eu fomos sepultados nas águas [...]. Voltamos para casa renascidos [...] (José Carlos Ramos *apud* SARLI, 2009, p. 288).

O espectro narrativo que segue após o relato da conversão se afirma como esteio para um processo de construção da identidade do sujeito cujos elementos mesmo que, aparentemente difusos se conformam numa pretensa linearidade que esmaece aspectos sociais e históricos subjacentes às experiências cotidianas. Em favor da valorização desses novos elementos os percursos indicam as marcas da pauta da institucionalização e sua crescente

influência na constituição da subjetividade do indivíduo como fator primordial no processo de transformação e de ressignificação da vida. Portanto, os autores das autobiografias descrevem a experiência religiosa com foco no batismo a fim de atribuir sentido ao fenômeno da conversão religiosa, além de apresentar elementos de um novo esquema de significação distinto do anterior que vigorava e que contribuiu para modificar o olhar em relação ao mundo.

Ao refletirem sobre o fenômeno da conversão e o esboçarem em sua escrita autobiográfica, esses obreiros então jubilados empreendem uma descrição breve, mas permeada de elementos simbólicos. Além do mais, tal fenômeno é apresentado como processo multidimensional no qual estão imbricadas diversas condicionantes tais como a família, a comunidade e em alguns casos uma complexa rede de sociabilidades, o que implica em considerá-lo também como um processo de desconstrução e reconstrução. A conversão religiosa é marcada por um ritual que marca a fronteira simbólica entre o pertencer e o não pertencer, cujas implicações vão para além do âmbito cultural reverberando na conformação de visão de mundo.

Sob essa égide, a conversão se torna ponto focal da experiência religiosa, de forma que o crente formula uma nova interpretação para a vida assumindo um outro discurso sobre a realidade. Dessa forma, a conversão se afirma como um aspecto de fundamental importância na transformação da vida do sujeito, afinal se trata de uma ressignificação do sentido da vida, uma reorganização temporal da existência na qual a pessoa passa a dividir sua vida em *antes* e *depois* da conversão (ALVES, 2005).

Um aspecto que é latente e em algumas vezes clarividente nesses relatos autobiográficos é a questão da reconstrução biográfica. A grande maioria dos relatos mostra que ao se referirem ao período pós-conversão, os eventos relacionados na escrita são entrelaçados num espectro segundo o qual há uma ruptura fundamental com as crenças e práticas religiosas do passado e o início de uma nova temporalidade religiosa. Uma nova ética é delineada para o seguimento da vida que impele o converso numa lógica comportamental de afastamento e negação do mundo.

Em suma, a escrita desses obreiros apresenta que a vida após a conversão sublinhada pelo rito do batismo revela a adoção de uma *ética revelada* em vez de uma ética fundada no indivíduo (NIEBUHR, 1967) que,

nestes termos se afigura claramente marcada pelos elementos advindos da denominação religiosa a partir de então professada. Isto implica em apontar que a constituição da experiência religiosa a partir da conversão confirmada por meio do batismo foi informada por uma inteligibilidade que dentre tantas funções se afirmou como orientadora da explicação do mundo.

A despeito da complexidade que envolve o fenômeno da conversão para a experiência religiosa, seguindo os rastros dos elementos esboçados nos relatos autobiográficos, o batismo para esses obreiros demonstrou ser muito mais do que uma simples purificação simbólica, mas sim um rito de passagem cuja maior contribuição consistiu na organização e ressignificação da vida, além de representar a inserção numa comunidade na qual a participação se deu para além da vida sacramental da Igreja e se firmou na atuação como obreiro denominacional. O sentido dessa participação se afixou numa significação da vida cuja dedicação à obra adventista segundo o entendimento desses obreiros não deu por uma vinculação meramente institucional, mas com um senso de participação em um empreendimento de origem divina cuja força de vontade encontra-se intrinsecamente relacionada à aceitação das crenças adventistas e confirmada por meio do batismo. Isso revela que o adventismo foi capaz de fomentar na experiência religiosa um sentido que avançou para além do “nascer de novo” imprimindo um senso de granjear uma vida com novos propósitos e visionária.

Essa inclinação pessoal para a religião provavelmente levará cada vez mais ao sentimento de que os rituais realmente têm seu significado ulterior na experiência. Eles ganham sua validade dos sentimentos que evocam e da visão que eles ajudam a criar¹²⁹ (SMART, 1983, p. 142).

A denominação adventista fornece por meio de seus rituais, de modo mais específico o ritual do batismo, uma noção de que a condição de existência da fé do indivíduo está intimamente relacionada à vivência da fé em atuação na obra de Deus em favor da salvação de outras pessoas. Nestes termos, muito mais importante do que o afastamento e negação do mundo é o engajamento na pregação da mensagem de salvação, especialmente numa moldura teológica onde a ênfase escatológica é o mote principal. A assimilação da

¹²⁹ Texto original: “This personal side to religion is likely to lead more and more to the feeling that rituals really have their ultimate meaning in experience. They gain their validity from feelings they evoke and vision they help create”.

mensagem adventista abstrai elementos de atuação revolucionária na sociedade para estabelecer as bases de uma atuação performativa denominacional.

Aos seguirmos os rastros indicados nos relatos autobiográficos torna-se possível perceber que esses obreiros adventistas ao escreverem sobre a experiência religiosa desenvolvem uma perspectiva singular acerca do presente concebendo-o sob uma nova maneira a relação entre futuro e passado que, parte de problematizações geradas da contemporaneidade que se nota por uma apurada percepção da tensão que se estabelece entre o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativas” (KOSELLECK, 2006).

Das Experiências às Expectativas

Ao emprendermos uma abordagem compreensiva das histórias que são apresentadas nos relatos desses obreiros, e o fazermos por meio da utilização das categorias *experiência* e da *expectativa* nota-se que as temporalidades – passado, presente e o futuro – que perpassam tais histórias são imaginariamente alteradas, contraídas ou mesmo expandidas, de modo que a escrita se conforma nessa formalidade. **Afinal, a construção da arquitetura temporal dos relatos autobiográficos indica uma mobilização de explicitações que perpassam o passado, presente e o futuro. Nestes termos, torna-se evidente uma temporalidade que tem seu próprio dinamismo, mas cujos diferentes aspectos corroboram para o processo de atualização das identidades dentro de marcos de referência.** Sob essa perspectiva a experiência pertence ao passado que se concretiza no presente de múltiplas maneiras: pela memória, por meio dos vestígios, como também através das permanências.

Dessa forma, assim como tempo e espaço, experiência e expectativas estão juntas, pois essas categorias aqui expressas são intrínsecas, visto que “[...] não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa” (KOSELLECK, 2006, p. 307). Para Koselleck (2006), é evidente que as categorias ‘experiência’ e ‘expectativa’ reclamam um grau mais elevado de generalidade, mas também de absoluta necessidade em seu uso.

Muito embora a *experiência* seja comumente associada a um passado que se encontra presente na escrita desses obreiros adventistas jubilados, a

expectativa, por sua vez, se relaciona intimamente a um futuro que eles presentificam, que conforme nos aponta Koselleck (2006) estas duas categorias “entrelaçam o futuro e o passado”, sem, contudo, se opor uma à outra como em uma dicotomia. Sob essa ótica, “experiência” e “expectativa” repercutem uma na outra se afirmando categorias complementares, visto que o espaço da experiência mostra certo horizonte de expectativa. Para tanto, convém entender que *experiência* e *expectativa* não permitem

deduzir aquilo de que se teve experiência e aquilo que se espera, se prestam a uma abordagem formal que tenta decodificar a história com essas expressões polarizadas, pretendendo delinear e estabelecer condições de histórias possíveis, não as histórias mesmas (KOSELLECK, 2006, p. 306).

A mobilização dessas categorias no que concerne aos relatos autobiográficos evidencia que tais são capazes de indicar o tempo histórico e como esse se constitui para esses obreiros jubilados, na medida em que, enriquecidas com seu conteúdo conduzem as ações substanciais desses agentes no movimento de atuação religiosa, social e, mesmo político. Movimento esse que se mostra na atuação do indivíduo em sua realidade, mas que sempre se relaciona àquilo que é alheio e que também lhe constitui. Sendo assim, ao empreenderem a escrita esses obreiros demonstram que a experiência é

[...] passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, a experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias (KOSELLECK, 2006, p. 309).

Na escrita desses obreiros, os relatos subjazmente trazem a noção de um tempo não apenas histórico, mas historicizado, de modo que eles sinalizam a forma como cada geração de obreiros adventistas operou esta relação entre passado e futuro e que, por certo pôde ser alterada e mesmo apropriada por esses sujeitos. Com isso, os indícios de um passado que presentificado na escrita das experiências desses sujeitos desvelam arranjos instrumentais mais

avançados, mas que se firmam nas potencialidades das possibilidades da expectativa.

Há um ditado que diz: “A gente sonha, mas casa com a realidade”. Nos trabalhos e atividades da vida isto é uma verdade. Quantos sonhos a gente tem em relação à igreja quando da formatura [...]. Também tive estes sonhos como tantos outros companheiros de ministério, contudo a realidade se mostrou diferente, não porque Deus não pudesse fazer, mas porque a falha está com o ser humano (Davi Augusto Marski *apud* SARLI, 2009, p. 136).

Estou há mais de 50 anos pregando sobre a volta de Jesus. A igreja dos meus sonhos é uma igreja que nunca estará numa expectativa ociosa, apenas aguardando a volta de Jesus, mas orando, trabalhando e apressando “aquele dia” (Hélio Lehr *apud* SARLI, 2009, p. 214).

Não tenho nada a reclamar da minha aposentadoria, a não ser o fato de que ainda não estamos no Céu, e pensar que eu consegui me aposentar, sem Jesus ter voltado. [...] Faço da minha aposentadoria o passo final para adentrar a eternidade [...] (Osvaldo Leite Ferraz *apud* SARLI, 2009, p. 563).

Seguindo a perspectiva de Koselleck (2006) entendemos assim que o passado presente pode ser concebido como um espaço, especialmente pelo fato de concentrar um conjunto de coisas já conhecidas. Tudo o que ficou do que um dia foi vivido, e se projeta hoje no presente de alguma maneira, está concentrado no espaço da experiência. Nestes termos, como indica Koselleck (2006), a experiência elabora acontecimentos passados e tem o poder de torná-los presentes e, neste sentido, está “saturada de realidade” (p. 312). Por isso mesmo que, a cada momento, a cada novo presente, o espaço de experiência se transforma. Neste esteio, é possível marcar que a representação do passado é sempre afetada pelo tempo, de modo que cada presente articula de modo diverso o “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”.

A despeito de se apresentarem em algumas vezes como dimensões aparentemente complementares, não se pode afiançar a tese de uma concatenação e/ou simetria entre expectativa e experiência, pois que a expectativa “[...] jamais pode ser deduzida totalmente da experiência, ao passo que a experiência é completada em um passado, momento anterior sobre o qual se projeta aquilo que se espera” (KOSELLECK 2006, p. 310). Para tanto,

cabe atestar o que nos indica Koselleck (2006) quando ao se referir à expectativa afirma que tal se liga à pessoa e ao interpessoal e se constitui como um futuro presente que se emoldura num *ainda-não* e em um não experimentado. Por isso que, quando o obreiro adventista jubilado se debruça sobre o seu passado, que se configura como um “espaço de experiência”, este opera em sua escrita da autobiografia uma conformação de tal espaço por meio de um determinado “horizonte de expectativas” do seu presente. Neste sentido, o passado passa a ser visto como um “outro” desligado do presente e do futuro. Ou então, o futuro se aparta da experiência passada, mas também da experiência do presente (KOSELLECK, 2006).

Esses obreiros quando escrevem suas autobiografias refletem sobre a vida dedicada à obra adventista, ao mesmo tempo em que lidam com os conceitos ou expressões que caracterizaram uma época passada que, mesmo vivenciada por indivíduos também foi partilhada por uma coletividade que, além de conter elementos de alinhamento aos ditames institucionais se afirmou no arrimo das crenças adventistas. Para tanto, nesses relatos, tais obreiros elaboraram uma reflexão sobre si mesmos e, também sobre épocas, o que demandou uma mobilização de conceitos e categorias, sendo algumas dessas decorrentes da própria atividade religiosa que desempenharam e da fé que professavam, o que implica em assumir que, à sua maneira eles também se mostram como produtores de um conhecimento historiográfico. De certa maneira, esses obreiros combinaram concretamente em seu presente a dimensão de sua experiência passada com suas expectativas de futuro, por certo o homem organiza seu mundo, dando sentido às suas experiências, ao mesmo tempo em que as reelabora à luz de suas expectativas.

[...] o passado é delimitado, selecionado e reconstruído criticamente em cada presente. Este sempre lança sobre o passado um olhar novo, ressignificando-o. No presente, [...] se relaciona também com o futuro: toma partido, vincula-se a planos e programas políticos, faz juízos de valor e age. O desdobramento do tempo pode mudar o tipo de qualidade da história. [...]. Cada presente estabelece uma relação particular entre passado e futuro, isto é, atribui um sentido ao desdobramento da história, faz uma representação de si (REIS, 2005, p. 174).

De certo modo, a leitura detida dos relatos autobiográficos contribui por indicar que esses obreiros informam em sua escrita uma percepção da tensão

que se estabelece entre o ‘espaço de experiência’ e o ‘horizonte de expectativa’, tensão esta própria da elaboração do conhecimento historiográfico e, mesmo das múltiplas leituras acerca do fenômeno da temporalidade. Afinal, essa multiplicidade que surge em cada época, é perceptível também no nível das pessoas comuns que vivenciam os padrões disponíveis de sensibilidade diante do tempo que lhes são oferecidos no momento em que vivem. Esses obreiros ao empreenderem reflexão concernente ao tempo reiteram por meio da escrita além de construções essencialmente humanas – coletivas e individuais – noções acerca do tempo, da passagem do tempo, do ritmo de aceleração ou desaceleração do tempo, além de concepções sobre o passado, o presente, o futuro, e também sobre as relações entre estas instâncias da temporalidade. Uma exemplaridade dessas acepções pode ser depreendida nas linhas abaixo.

[...] Não sou contra a modernização aceitável, porém, não devemos esquecer o sacrifício que os pioneiros fizeram para que a Igreja no Brasil pudesse administrar o patrimônio e o bom nome que hoje possui, o que lhe granjeou respeito e admiração da própria sociedade. [...] Tanto a igreja de décadas passadas como a atual têm o mesmo compromisso de colocar-se à distância dos costumes mundanos (Claudomiro Franco da fONSECA *apud* SARLI, 2007, p. 100).

Creio que a Igreja Adventista hoje deve saber posicionar-se muito bem ante as ondas de secularismo e de excessivo institucionalismo, que fazem com que organizações passem a tornar-se fins em si mesmas e não meios adequados para alcançar fins, que em nosso caso dizem respeito à pregação do Evangelho, seja na sua forma ministerial, seja na sua forma educacional. A igreja também deveria estar alerta às modernas ondas de amoralidade e anomia, que tendem a permear vivências pessoais ou institucionais [...] (Orlando Ruben Ritter *apud* SARLI, 2007, p. 356).

Para Koselleck (2006), a expectativa corresponde a uma gama de sensações e antecipações que se referem ao que ainda virá. Tudo o que aponta para o futuro através das nossas expectativas fazem parte deste “horizonte de expectativas”. A expectativa, neste sentido é tudo aquilo que hoje ou em um determinado presente aponta para o futuro e que engasta as sensações mais diversas. Cabe destacar que a expectativa

[...] se efetua no hoje, é futuro feito presente, aponta ao [...] não experimentado, ao que só se pode descobrir. Esperança e

medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade formam parte da expectativa e a constituem (KOSELLECK, 2006, p. 310).

A metáfora do horizonte indica que o extremo limite que se oferece à visão se alia à expectativa, e para além da qual sabemos que há algo, mas não sabemos exatamente o que é. Cumpre-nos afiançar que, no âmbito historiográfico o universo do tempo histórico indicado por esses obreiros em seus relatos se alicerça numa determinada “compreensão de ser”, o que sugere estabelecer as bases para percebermos que o modo como os homens relacionam experiência e expectativa ao longo da história constitui seu modo de estar no mundo em seus vários aspectos. Afinal, esse

[...] horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado; a possibilidade de se descobrir o futuro, embora os prognósticos sejam possíveis, se depara com um limite absoluto, pois ela não pode ser experimentada (KOSELLECK, 2006, p.311).

Como cada obreiro adventista jubilado produziu seu relato autobiográfico é possível admitir que o conjunto de tais relatos produziu uma verdade histórica que, a despeito das representações que cada presente infunde, cada um deles apresenta um contraste de sua própria construção em relação aos demais. Portanto, cada presente se relaciona com a própria representação do autor, de maneira que cada obreiro pôde temporalizar a sua própria visão de história tecendo assim um relato autobiográfico que, ao mesmo tempo em que é original produz interlocução com os demais que compuseram a obra *Minha Vida de Pastor*. Acerca dessa interlocução evocamos o que indica Pollak (1989) quando relaciona “memória enquadrada” e história de vida afirmando que: “Tanto no nível individual como no nível do grupo, tudo se passa como se coerência e continuidade fossem comumente admitidas como sinais distintivos de uma memória crível e de um sentido de identidade assegurados” (p. 12).

Para, além disso, tais relatos autobiográficos apresentam como seus autores hierarquizaram eventos, formularam problemas e suscitaram hipóteses para os quais eventos, fatos e processos foram selecionados num agenciamento segundo o qual, o presente não pode ser tido como um mero receptáculo do passado, mas numa dinâmica em que cada presente estabelece uma relação de particularidade entre o passado e o futuro

fomentando assim um sentido para o espaço das experiências e o horizonte das expectativas.

É notório perceber na escrita dos obreiros, que a mesma é perpassada por uma compreensão latente de que o tempo histórico existe entre experiência e expectativa e que, a partir da interpretação ou de uma consciência histórica a própria apresentação da estrutura temporal se confronta com uma visão escatológica da vida que legitimada pela denominação religiosa lança as bases na vida desses obreiros.

Ao refletirem sobre o passado, é perceptível a indicação de que tal exercera influência majoritária sobre as experiências, de forma que mesmo as expectativas se nutrem de elementos de um passado não realizado e que para esses obreiros se mostram como algo muito desejado. Por isso que, que a realidade do futuro para esses obreiros existe na escrita de seus relatos nos quais as experiências são evocadas na fundamentação de um presente da escrita controlada por uma intencionalidade de afirmar uma expectativa que rege os ditos propósitos denominacionais.

A existência desse tempo histórico conforme se pode depreender da escrita desses obreiros indica a relação do homem com a temporalidade e suas possibilidades de uma história nos planos cognitivo e real. A possibilidade da existência de uma história para esses obreiros jubilados que, como autores se efetiva tanto no plano da realidade que cada um objetiva em sua escrita, quanto no do conhecimento. A história que se efetiva tanto no plano da realidade, quanto no do conhecimento, se dá especialmente pelo fato de que os homens são seres temporais, ou seja, e no caso desses marcadamente conformados em grande medida pelas experiências do passado, mas também capazes de vislumbrar um futuro, atualizando-o no presente. Afinal,

[...] o tempo não é apenas um sucessão linear de dados ónticos: que ela seja concluída na maturação de quem se torna consciente de seu tempo compreendendo-o, reunindo em si todas as dimensões temporais e, conseqüentemente a própria experiência (KOSELLECK, 1997 *apud* SILVA, 2016, p. 43).

É verdade também que esses obreiros adventistas jubilados atingem por intermédio da escrita, mas que não se encontra unicamente nela uma aplicação dos sentidos à sua realidade. Cabe ressaltar que, esse sentido que tais obreiros imprimem à realidade por meio da escrita se dá mesclado por uma

hermenêutica paradigmática que para eles relaciona os elementos de uma cosmovisão e de crenças defendidas pela instituição religiosa adventista.

[...] através do escutar, do falar e dos textos, também [...] se move sobre a mesma plataforma sobre a qual se movem outras figuras paradigmáticas da hermenêutica [...]: o teólogo, o jurista e o exegeta da poesia (KOSELLECK; GADAMER, 1971, p. 82).

Isso contribui para compreendermos que as experiências como também as expectativas se dão mediadas por um processo linguístico cuja escrita autobiográfica apresenta os relatos como textos portadores de uma verdade a ser “aplicada” à sua realidade, além de procurar extrair deles informações sobre o passado histórico, a saber, uma realidade que está para além dos textos.

Neste sentido a compreensão acerca da verdade histórica que esses obreiros pretendem indicar em seus relatos se refere à relação com o texto escrito e, pode ser entendida como uma verdade produzida na relação de pertencimento com uma tradição religiosa, mas que não se restringe a enunciados fechados, homogêneos e mesmo atemporais. Essa historiografia que se funda reelabora de modo fundamental a compreensão que se pretende expor, uma vez que o autor da autobiografia também se vincula intimamente à denominação religiosa, sendo desta um agente de atuação no campo missionário e majoritariamente como teólogos de formação.

Essa verdade que as obras que reúnem os relatos autobiográficos se propõem a apresentar se constitui como novas possibilidades de múltiplas leituras no presente e ao longo do tempo e que oportunizam uma variedade de interpretações do passado e do presente, o que corrobora para o estabelecimento das bases de uma inter-relação entre as experiências e as expectativas, mesmo para aquele entra em contato com as obras através da leitura.

A despeito de vermos os elementos indicativos das experiências e expectativas desses obreiros dispersos ao longo dos seus relatos autobiográficos, nota-se que os tópicos *Mensagem à Igreja de Hoje* e *Mensagem aos Novos Pastores* são os que apresentam uma incidência desse entrecruzamento das experiências e das formulações das expectativas. De modo especial, isso se torna evidente, pois justamente na escrita que compõe esses tópicos tais obreiros empreendem uma síntese das experiências a fim de

fundamentarem o esboço que conformará o relato de suas expectativas. Nesses tópicos, esses obreiros sinalizam que a experiência passada lhes oferece os indicativos para uma expectativa, que por sua vez, se funda numa relação intrínseca da diversidade de momentos cuja temporalidade é referida com a finalidade de complementar a análise e indicar uma visão receptiva.

Passado e futuro jamais chegam a coincidir, assim como uma expectativa jamais pode ser deduzida totalmente da experiência. Uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas, ao passo que a experiência futura, antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos históricos (KOSELLECK, 2006, p. 310).

Temos atenção para o fato de que as experiências do passado desses obreiros adventistas jubilados se aglomeram em estratos de tempo anteriores à escrita, mas que por ocasião de sua efetivação se afiguram simultaneamente presentes, de modo que, para esses a referência a um antes ou mesmo um depois é tarefa difícil de ser datada, posto que tudo o que se pode recordar da própria vida ou mesmo da vida de outros não se encontra balizado por “uma continuidade no sentido de uma elaboração aditiva do passado” (KOSELLECK, 2006, p. 311), por isso que, o espaço de experiência provém do passado e que se aglomera na composição de um todo, sem que seja cronologicamente mensurável.

Por outro lado, o horizonte da expectativa se conforma nas possibilidades que se abrem no futuro como um novo espaço de experiência para o qual, mesmo ainda não contemplado se serve de um passado que pode ser presentificado e, do qual alguns elementos podem ser referidos. Todavia, apesar das possibilidades indicadas tal horizonte há sempre de se deparar com um limite absoluto, de maneira de sua efetivação não se restringe às conformações que ocasionalmente podem ser-lhe impostas.

[...] também aqui se pode mostrar que o que se espera para o futuro está claramente limitado de uma forma diferente do que o que foi experimentado no passado. As expectativas podem ser revistas, as experiências feitas são recolhidas. Das experiências se pode esperar hoje que elas se repitam e sejam confirmadas no futuro. Mas uma expectativa não pode ser experimentada de igual forma (KOSELLECK, 2006, p. 311).

Ao se referirem às experiências advindas de anos dedicados ao ministério adventista, a ênfase no cumprimento da missão de pregar o

evangelho a todos a fim de que Jesus tivesse voltado termina por se configurar na escrita desses obreiros como uma experiência de passado presente, haja vista que, muitos desses a despeito da aposentadoria ainda continuam atuando voluntariamente nas diretrizes desse ideal propugnado pelos Adventistas do Sétimo Dia. No entanto, a elaboração da escrita converge numa inflexão onde o horizonte das expectativas indica uma constituição de sentido que se correlaciona a uma experiência frustrada que se afiança numa incerteza referente à sua realização do futuro, mas que para esses é imprescindível a uma infinidade de possibilidades nas ações práticas do presente.

Dentre tantas citações possíveis enquanto exemplares do que nessas últimas linhas indicamos, algumas podem ser referidas pelo fato de afirmarem as ideias aqui esboçadas. As mesmas se afiguram nos indícios da não realização referente à conclusão da pregação do evangelho e o retorno de Jesus e assinalam as expectativas dos autores que, para tanto, buscam na inter-relação de experiências indicarem o caminho segundo o qual a igreja do presente pode efetivar ações que conjugue o espaço da experiência ao horizonte da expectativa.

A igreja remanescente de Deus no século XXI enfrenta o maior desafio de sua história, que é concluir a tarefa inacabada da pregação do evangelho a todo o mundo. Para que isto possa acontecer é preciso, primeiramente, que cada membro da igreja reconheça humildemente que existe uma obra ser feita dentro do nosso coração, [...] A meu ver, a mensagem mais importante que deve ser pregada à igreja remanescente hoje é que ela precisa vivenciar a experiência da igreja apostólica [...] (Edelzir Dutra Amorim *apud* SARLI, 2007, p. 141).

Querido pastor da igreja remanescente, pensa na grande possibilidade do Cristo glorificado aparecer em tua plena atividade. Podes estar pregando sobre a Sua vinda ou incentivando teus ouvintes ao labor missionário e, naquela hora, os céus se enrolam e um grande trovão subterrâneo abafa tua voz e apaga o mais potente aparelho de som. Tua congregação prorromperá num incomparável Hosanas! (Ezequiel Bueno de Morais *apud* SARLI, 2009, p. 184, 185).

É evidente que a formulação que é apresentada nos relatos autobiográficos desses obreiros não se dá de forma bem elaborada ou mesmo sofisticada, no entanto, os indícios que perpassam tais relatos mostram que a presença do passado difere da presença do futuro, de forma que ambas

mesmo apresentadas entrelaçadas se centram na perspectiva denominacional que busca nortear a vida dos obreiros que, antes de tudo são membros que professam as crenças adventistas. Essa intencionalidade de concatenação da experiência e da expectativa sob a égide de uma vida marcadamente balizada institucionalmente busca fomentar a possibilidade da expectativa se tornar objeto da experiência. Mas, como nos adverte Koselleck (2006) “[...] nem as situações nem o encadeamentos de ações visadas pela expectativa podem também ser desde já objeto da experiência” (p. 312).

De certo modo, Koselleck (2006) nos faz atentarmos a uma possibilidade que nem sempre se faz presente na escrita desses obreiros quando refletem sobre a experiência: o fato de que a experiência contém recordações errôneas e que tais podendo ser corrigidas e reunidas em novas experiências, por sua vez abrem perspectivas diferentes. A verdade é que a estrutura temporal da experiência não pode ser reunida sem uma expectativa retroativa. Isso significa afirmar que “as experiências se superpõem, se impregnam umas das outras. E mais: novas esperanças ou decepções retroagem, novas expectativas abrem brechas e repercutem nelas” (KOSELLECK, 2006, p. 313).

Outro aspecto bastante relevante a ser considerado nessas autobiografias no que concerne aos relatos das experiências e expectativas refere-se à estrutura temporal da expectativa que, segundo Koselleck (2006) não pode ser adquirida sem a experiência. O horizonte da expectativa cria a possibilidade de uma experiência nova que no caso desses obreiros não se efetivará do mesmo modo que desejam aos outros, especialmente quando escrevem nos tópicos *Mensagem à Igreja de Hoje* e *Mensagem aos Novos Pastores*.

Essa é uma nuance da tensão entre experiência e expectativa sempre presente no tempo histórico, mas latente na escrita dos obreiros autobiografados que buscam por meio da mesma estender o horizonte da expectativa tornando-o espaço de experiência aberta ao futuro, mas orientado pelo passado presentificado, como se fosse concebido numa relação estática entre o espaço da experiência e o horizonte de expectativa. No entanto, é concebível notar que ambas “[...] constituem uma diferença temporal no hoje, na medida em que entrelaçam passado e futuro de maneira desigual”

(KOSELLECK, 2006, p. 313), mas que sob o discurso religioso tal diferença aparece tenuamente sublinhada.

Dadas as marcas escatológicas que compõem o núcleo das crenças adventistas, bem como a hermenêutica denominacional que conforma a apocalíptica bíblica, é comum nos relatos de seus obreiros a busca por uma escrita em que a mesma se encontra comprometida pela intenção de relacionar experiência transmitida com a nova expectativa que se manifesta. Isto posto, entendemos que a expectativa que os autores buscam asseverar por meio da escrita evidencia elementos marcadamente denominacionais através dos quais a experiência é evocada com claras intenções de presentificar o passado no sentido de conformar as nuances da expectativa.

Neste esteio relevamos que neste caso, a revelação bíblica e sua gerência pela denominação religiosa contribuíram para incutir em seus obreiros uma conexão estreita entre experiência e expectativa, a despeito da existência de uma tensão entre ambas. É comum notar neste caso, as expectativas são esboçadas como que algo a se realizar para além de toda experiência vivida não se restringindo a este mundo. Assim sendo, as sentenças que conformam tais expectativas apresentam subjazmente o propósito de atualizar a visão profética denominacional a fim de que as experiências sejam influenciadas por tais e que nos moldes denominacionais sejam elas vividas.

Quando aborda a questão da doutrina cristã concernente aos últimos dias vigorante nos séculos seguintes após a Reforma, Koselleck (2006) nos oferece uma chave compreensiva para entendimento referente à inter-relação que os obreiros adventistas jubilados emolduram para a expectativa que, mesmo ancoradas nas experiências dos mesmos se mostram majoritariamente chanceladas pelas marcas denominacionais.

As expectativas que se projetavam para além de toda experiência vivida não se referiam a este mundo. Estavam voltadas para o assim chamado além, apocalipticamente concentradas no fim do mundo como um todo. Nada se perdia quando mais uma vez se verificava que uma profecia do fim deste não se realizava (p. 315, 316).

Nestes termos compreendemos que à medida que a escrita desses obreiros indica a plausibilidade da expectativa, bem como a possibilidade de reiteração, eles se terminam por reportar a estrutura repetitiva da expectativa

apocalíptica nos termos de que “a partir de então o horizonte da expectativa passa a incluir um coeficiente de mudança que se desenvolve com o tempo” (KOSELLECK, 2006, p. 317).

A despeito dos limites impostos que marcaram a trajetória dessa pesquisa, especialmente na escrita desse capítulo, ao longo dele tendo como corpus documental os relatos autobiográficos publicados nas obras *Minha Vida de Pastor e Minha Vida de Pastor II* organizadas por Sarli (2007; 2009) recorreremos a um escopo teórico balizado pelas categorias *literatura autobiográfica* (GUSDORF, 1991), *experiência religiosa* (SMART, 1996), *cosmovisão* (SMART, 1983) e o espaço da experiência e o horizonte da expectativa (KOSELLECK, 2006).

Assim sendo, podemos afirmar que esses obreiros adventistas jubilados empreenderam em seus relatos autobiográficos um uso pessoal e refletido de uma escrita de um sujeito que se esforça em dar expressão à sua história no sentido de dar sentido à historicidade de sua experiência religiosa, neste caso de dedicação à causa adventista. Tornou-se possível compreender que o entendimento referente aos relatos autobiográficos dos obreiros jubilados direciona o leitor a considerar que tais histórias de vida são apresentadas para *inspiração, edificação e fortalecimento*, além de serem tidas emoldurados sob a égide da exemplaridade.

Quando abordamos os elementos da experiência religiosa desses obreiros recorreremos às dimensões doutrinária, ritual e experiencial, o que por sua vez nos ofereceu elementos para aprofundarmos que a *interação dialética* se funda em um processo no qual a experiência religiosa do tipo fascinante e tremenda é aspecto secundarizado e minimamente indiciado na escrita autobiográfica de tais obreiros, dadas as marcações racionalizadoras e sistematizadoras que balizam tal experiência e que conformam a cosmovisão.

Ao empreendermos uma abordagem compreensiva das histórias que são apresentadas nos relatos desses obreiros, evidenciamos que experiência e a expectativa se dão nos limites do espaço e do tempo, nos quais os indícios de um passado que presentificado na escrita das experiências desses sujeitos desvela arranjos instrumentais mais avançados, mas que se firmam nas potencialidades das possibilidades da expectativa de marcas escatológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessas páginas dessa pesquisa apresentamos que a educação adventista foi concebida enquanto empreendimento institucional sob a égide da estratégia missionária (MENDONÇA, 2008), de modo especialmente voltado para a formação de seus obreiros com vistas à atuação no campo missionário. Para tanto, indicamos que as relações estabelecidas entre o pensamento de Ellen G. White sobre educação e as ideias pedagógicas que lhe foram contemporâneas contribuem para demarcar uma apropriação tópica (CASSAB, 2010) de conceitos que a mesma empreendeu mobilizando-os para o estabelecimento dos elementos basilares de uma filosofia educacional denominacional.

Atestamos que na história da educação adventista, o estabelecimento de surgimento de instituições educacionais de nível médio e superior com ênfase na formação do obreiro teve no *Battle Creek College* a sua proposta seminal. De certo modo, o estabelecimento dessa instituição oportunizou o surgimento das *Escolas de Treinamento*, filão este que, desde o início encontrou-se emoldurado pela concepção de educação enquanto estratégia missionária da denominação.

Neste sentido, a chegada da Igreja Adventista do Sétimo Dia a terras brasileiras no contexto das missões protestantes estadunidenses (MENDONÇA, 2008) e seu imediato interesse na abertura de escolas de ensino das primeiras, como também de unidades voltadas para a formação de obreiros adventistas revelam os fios da efetivação de uma estratégia missionária na qual a educação adventista era meio propagação da mensagem adventista pelo território brasileiro, tanto que o desenvolvimento denominacional adventista com base em São Paulo com ênfase no estabelecimento do Colégio Adventista Brasileiro (CAB) evidencia os desdobramentos dessa estratégia.

O regime de internato na formação do obreiro deixava marcas na subjetividade desses estudantes, além de influenciar a trajetória de vida pessoal e profissional. Neste sentido, a promoção de relações peculiares entre dirigentes e internados no conjunto das práticas institucionais fomentaram controle, dominação e submissão por meio de diversos processos

empreendidos na formação educacional dos sujeitos. Todos esses processos tornaram-se patentes à nossa compreensão por meio da abordagem da temática tendo o regime de internato sob os moldes de *instituição totalitária* (GOFMANN, 1974).

De certa maneira, os *trabalhos manuais* marcavam as atividades oferecidas ao longo dos dias aos estudantes e contribuíam para uma formação que se efetivava nas balizas de uma *educação indireta* (MENDONÇA, 2008). A maneira como o *tempo sagrado* e a influencia do *Templo* balizavam o cotidiano escolar evidenciava a égide dessa dimensão em relação às outras, especialmente por meio de ritos e cerimônias oportunizava um *eterno retorno*, como um *tempo de regeneração* (ELIADE, 1992a, 1992b). Além do mais, cabe ressaltar a instituição lançou mão de estratégia de propaganda e de recrutamento fundadas em termos de *missionação* e *editoração* (RIBEIRO, 1987) para promover a vinculação do éthos adventista na formação dos obreiros. Para tanto a fomentação de uma exemplaridade de moral ascética lançava as bases de uma concepção de idealidade de atuação no campo missionário brasileiro marcadamente investido dos caracteres da *ascese intramundana* (WEBER, 2004).

A experiência religiosa dos obreiros adventistas jubilados, em sua grande maioria egressos da instituição de formação educacional de São Paulo ficou patenteada em seus relatos autobiográficos. Coube a nós mobilizarmos na análise dos dados coletados a concepção de *literatura autobiográfica* ou *escrita do eu/de si* (GUSDORF, 1991) para evidenciarmos que tais relatos terminam por direciona o leitor a considerar que tais são histórias de vida e que, as mesmas são apresentadas para *inspiração*, *edificação* e *fortalecimento*. Afinal, em boa parte da escrita desses obreiros jubilados “[...] não é sua individualidade que dita o texto, mas uma entidade representativa de um coletivo do qual o eu é apenas um porta-voz” (HERVOT, 2013, p. 102). Tais relatos se firmam como literatura calcada nos ditames da *inspiração*, *edificação* e *fortalecimento* com marcas indeléveis da forma exemplar da literatura piedosa (MENDONÇA, 2000).

Seguindo a perspectiva de Smart (1996) acerca da experiência religiosa consideramo que os elementos sinalizadores dessa experiência dos obreiros adventistas jubilados se constituiu nos termos das doutrinas recebidas e cuja

interação dialética (SMART, 1996) também se explicita como resposta às demandas de cunho ritual e ético advindas da vivência na busca por “[...] manter a ‘tradição da confissão’ ao lado das adaptações circunstanciais” (MENDONÇA, 2000, p. 83) pela adoção de uma *ética revelada* em vez de uma ética fundada no indivíduo (NIEBUHR, 1967).

Nos relatos autobiográficos, quando o obreiro adventista jubilado se debruça sobre o seu passado que se configura como um “espaço de experiência”, este opera em sua escrita da autobiografia uma conformação de tal espaço por meio de um determinado “horizonte de expectativas” do seu presente relacionando assim “memória enquadrada” (POLLAK, 1989, 1992) e história de vida. No entanto, as marcas escatológicas que compõem o núcleo das crenças adventistas, bem como a hermenêutica denominacional que conforma a apocalíptica bíblica é evocada com claras intenções de presentificar o passado no sentido de conformar as nuances da expectativa.

FONTES

AUTOBIOGRAFIAS

SARLI, Tercio (Org.). **Minha Vida de Pastor**. Campinas: Certeza Editorial, 2007.

_____. **Minha Vida de Pastor II**. Campinas: Certeza Editorial, 2009.

PERIÓDICOS ESTUDANTIS

O Seminarista. Anno I, Nº. 2, Outubro, Santo Amaro, 1921.

O Collegial. Anno VI, Nº. 4, Maio, Santo Amaro, São Paulo, 1921.

O Colegial. Mai, 1941.

O Colegial. Ano IX, Nº 4, Outubro, Santo Amaro, São Paulo, 1941.

PROSPECTOS ANUAIS

Prospecto Annual (1918-1919). Seminario da Conferencia União Brasileira dos Adventistas do Setimo Dia. Santo Amaro, São Paulo.

Prospecto Annual (1921). Sexto Prospecto Annual do Seminario Adventista. Santo Amor, São Paulo, Brasil, 1921.

Prospecto Annual do Collegio Adventista. Santo Amaro, São Paulo, Brasil, 1926.

Prospecto Annual (1932). Collegio Adventista: educa para a eternidade. Santo Amaro, São Paulo, 1932.

Prospecto Annual do Collegio Adventista (1934).

Prospecto Annual (1935).

Prospecto Annual (1937).

Prospecto Annual do Colégio Adventista. Santo Amaro, São Paulo, 1938.

Prospecto Annual do Colégio Adventista. Santo Amaro, São Paulo, Brasil, 1941.

Vistas do Seminario Adventista. Santo Amaro, São Paulo, Brasil, 1922.

RELATÓRIOS

MONTGOMERY, Oliver. The South American Division Conference. **General Conference Bulletin**. (Thirty-Ninth Session). Vol. 8, N. 4, 4 April 1918. Disponível em:

<http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=1262>. Acesso em: 28 abr. 2015.

One Hundred Twenty-fifth Meeting General Conference Committee, July 18, 1915. Disponível em:

<<http://docs.adventistarchives.org/docs/GCC/GCC1915.pdf#view=fit>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

PERIÓDICOS DENOMINACIONAIS

REVIEW AND HERALD

BUTLER, George Ide. Conference Address before the General Conference of the S. D. Adventists, March 11. **The Advent Review and Sabbath Herald**. vol.41, n. 23. Battle Creek, Michigan, 20 May, 1873. Disponível em:<<http://docs.adventistarchives.org/documents.asp?q=documents%2Easp&CatID=27&SortBy=1&ShowDateOrder=True&offset=1000>>. Acesso em: 10 mai. 2014.

GREGORY, Lula Corliss. Medical Missionary Work in Brazil. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Battle Creek, Michigan. Vol. 79, N. 25. 24 June, 1902. p. 14 e 15. Disponível em:

<http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=92292>. Acesso em: 10 mar. 2015.

HOWELL, W. E. Among the schools. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Takoma Park Station, Washington. Vol. 94, N. 1. 04 January, 1917, p. 20 e 21. Disponível em:

<http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=91647>.. Acesso em: 1 mai. 2015.

KRAMER, Paul. Our internacional college at Curityba, Brazil, South America. **The Advent Review and Sabbath Herald**. vol. 77, n. 11. Battle Creek, Michigan, 13 March, 1900, p. 171-172. Disponível em:

<http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=92175>. Acesso em: 10 jul. 2014.

LIPKE, John. Our Industrial School in Taquary, Brazil. **The Advent review and Sabbath herald**. Vol. 84, N. 23. Washington, 06 june, 1907, p. 29. Disponível em:

<http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=91527>. Acesso em: 08 nov. 2015.

MONTGOMERY, Oliver. Notes from Brazil - No. 2: A Visit to the New School. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Takoma Park Station, Washington. Vol. 94, N. 8. 22 February, 1917, p. 12 e 13. Disponível em:

<http://docs.adventistarchives.org//doc_info.asp?DocID=92158>. Acesso em 28 abr. 2015.

_____. The South American Division Conference. **General Conference Bulletin**. (Thirty-Ninth Session). Vol. 8, N. 4, 4 April 1918. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=1262>. Acesso em: 28 abr. 2015.

OLSEN, O. A. The Ministerial Institutes. **Review and herald**, Vol. 69, Nº 3, Battle Creek, Michigan, January 19, 1892, p. 40. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=90195>. Acesso em: 10 set. 2015.

SANTEE, L. D. Call for workers. **The advent review and Sabbath herald**. Battle Creek, Michigan. Vol. 79, N. 25, 24 June, 1902, p. 8. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=92292>. Acesso em: 03 mar. 2015.

SMITH, Uriah. The Seventh-day Adventist School. **Advent review and sabbath herald**. Battle Creek, Michigan, 11 June, 1872. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=183669>. Acesso em: 28 abr. 2015.

SPICER, W. A. Reorganization in Brazil. **The Advent Review and Sabbath Herald**. vol. 83, n. 25. Takoma Park, Washington, 21 June, 1906, p. 05. Disponível em: <http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=91266>. Acesso em: 10 jul. 2014.

SPIES, Frederick W. The Brusque school, Brazil. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Vol. 80, n. 10. Battle Creek, Michigan, 10 March, 1903, p. 12-13. Disponível em: <http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=91630>. Acesso em: 10 jul. 2014.

_____. Brazil, South America. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Vol. 81, n. 18. Battle Creek, Michigan, 05 May, 1904, p. 12-13. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=92266>. Acesso em: 15 mar. 2015.

_____. Brazilian Union Conference. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Takoma Park Station, Washington. Vol. 93, N. 8. 10 February, 1916a, p. 10. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org//doc_info.asp?DocID=90921>. Acesso em: 28 abr. 2015.

STAUFFER, Albert B. Report from Brazil. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Vol. 71, N. 8. Battle Creek. 20 February, 1894, p. 116. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=89474>. Acesso em: 05 nov. 2015.

STAUFFER, W. B. Where are the german teachers for Brazil. **The Advent Review and Sabbath Herald**. vol.75, n. 01. Battle Creek, Michigan, 4 January, 1898, p. 14. Disponível em:
<http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=90122>. Acesso em: 10 jul. 2014.

STEIN, WILLIAM. Our international school in Brazil. **The Advent review and sabbath herald**. vol. 74, n. 16. BattleCreek, Michigan, 20 April, 1897, p. 251. Disponível em:
<http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=90024>. Acesso em: 16 set. 2014.

STEVENS, H. U. Our Schools in South America. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Takoma Park Station, Washington. Vol. 97, N. 27. 01 July, 1920, p. 21 e 22. Disponível em:
<http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=92388>. Acesso em: 1 mai. 2015.

THURSTON, W. H. Brazil. **The Advent Review and Sabbath Herald**. vol.73, n. 39. Battle Creek, Michigan, 29 September, 1896, p. 622-623. Disponível em:
<http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=89827>. Acesso em: 10 jul. 2014.

_____. A trip to Southern Brazil. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Vol.74, n. 14. Battle Creek, Michigan, 6 April, 1897, p. 219-220. Disponível em:
<http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=90691>. Acesso em: 16 set. 2014.

TOBIASSEN, Leif Kr. The Adventist way in education. **Review and herald**, vol. 146, n. 24, 12 June 1969, p. 08. Disponível em:
<http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=94564>. Acesso em: 03 jul. 2012.

TOWN, N. Z. Organization of the South American Division Conference. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Takoma Park Station, Washington. Vol. 93, N. 25. 18 May, 1916, p. 11 e 12. Disponível em:
<http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=91420>. Acesso em: 20 abr. 2015.

WESTPHAL, F. H. The message in Brazil. **The Advent Review and Sabbath Herald**. vol. 80, n. 01, Battle Creek, Michigan, 6 January 1903, p. 10-11. Disponível em:
<http://www.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=91769>. Acesso em: 10 jul. 2014.

REVISTA MENSAL

Comissão Executiva [John Lipke]. Conferencia União Brasileira. **Revista Mensal**. Vol. 8, N. 10, Outubro, 1913. Disponível em:

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=1767&s=1453814910>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

GROSS, Augusto. Lançamento da primeira pedra do edifício da escola missionaria. **Revista Mensal**. Estação de São Bernardo, São Paulo. Vol. 10, N. 9, setembro, 1915, p. 3 e 4. Disponível em:

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2016&s=346505094>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

HENING, Paul. Relatório da 4ª Conferencia União-Brasileira. **Revista Mensal**. Estação de São Bernardo, São Paulo. Vol. II, N. 3, p. 1 - 5. Disponível em:

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2021&s=1248871>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

LIPKE, John. Conferencia União Brasileira. **Revista Mensal**. Vol. 8, N. 10, Outubro, 1913. Disponível em:

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=1767&s=1453814910>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

_____. Nosso seminário. **Revista Mensal**. Estação de São Bernardo, São Paulo. Vol. II, N. 7, julho, 1916, p. 1. Disponível em:

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?pesquisa=51894&words=noosso+seminario&s=346505094>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

RITTER Germano. Obituário de John Lipke. **Revista Adventista**. Ano 38, Agosto, 1943, p. 25. Disponível em:

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=1077&s=346505094>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

SPIES, Frederick W. Inauguração do templo de Santo Amaro. **Revista Mensal**. Estação São Bernardo do Campo, São Paulo. Vol. 10, N. 3, março, 1915. Disponível em:

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2010&s=346505094>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

_____. “Duas questões importantes”. **Revista Mensal**. Vol II, n. 8, ago, 1916b, p. 1 e 2. Disponível em:

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>>.. Acesso em: 01 mai. 2015.

_____. Nosso Seminario. **Revista Mensal**. Vol. 12, N. 11, Novembro, 1917, p. 2. Disponível em:

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2039&s=902918016>>. Acesso em: 01 mai. 2015

_____. O novo director do Seminário. **Revista Mensal**. Vol. 14, N. 2, Fevereiro de 1919, p. 02. Disponível em:

<<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2042&s=25164391>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

STEEN, Thomas W. Seminário Adventista. Seminário Adventista. **Revista Mensal**. Vol. 14, N. 2, Fevereiro de 1919a, p. 02 e 03. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2042&s=2302680744>>. Acesso em: 7 mai. 2015.

_____. Seminário Adventista. **Revista Mensal**. Vol. 14, N. 3, Março de 1919b, p. 03 e 04. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2043&s=3376959400>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

_____. Seminário Adventista. **Revista Mensal**. Vol. 15, N. 10, Outubro de 1920, p. 13 e 14. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=1820&s=620782744>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Ana Adélia S.; PEREIRA Siméia B. **Formação de Guilherme Stein Júnior e suas contribuições para a educação adventista**. Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Centro Universitário Adventista (UNASP), 2005, 43p.

ANDERSON, Godfrey T. Sectarianism and organization. In: LAND, Gary (Ed.). **Adventism in America: a history**. Berrien Springs: Adrews University Press, 1998.

ALVES, Rubem. **Religião e repressão**. São Paulo: Loyola, 2005.

ASSOCIAÇÃO GERAL. Métodos de Estudos da Bíblia. REID, George. **Compreendendo as escrituras: uma abordagem adventista**. Engenheiro Coelhos, SP: UNASPRESS, 2007.

AZEVEDO, Paulo C. O Ensino adventista de nível médio no Brasil. In: TIMM, Alberto R. (org.). **A educação adventista no Brasil: uma história de aventuras e milagres**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2004a.

AZEVEDO, Roberto C. O ensino adventista de nível fundamental no Brasil. In: TIMM, Alberto R. (org.). **A educação adventista no Brasil: uma história de aventuras e milagres**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2004b.

BASTOS, Tavares. **A Província: estudo sobre a descentralização no Brasil**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, 1870.

BELLOTTI, Karina K. Pluralismo protestante na América latina. In: SILVA, Eliane Moura; BELLOTTI, Karina K.; CAMPOS, Leonildo S. **Religião e Sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

BENCOSTTA, Marcus L. A. **Ide por todo mundo**: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana (1869-1892). Campinas: Unicamp/CMU, 1996.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004.

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letra Viva, 2000.

BONINO, José Míguez. **Rostos do Protestantismo Latino-Americano**. São Leopoldo: Sinodal 2002.

BONTEMPI JR., Bruno. Modelos de instrução e cultura política: os países estrangeiros no Inquérito sobre a instrução pública no estado de São Paulo e suas necessidades. **History of Education & Children's Literature**, v. 3, p. 265-284, 2008. Disponível em: <<http://www.hecl.it/>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução: Geraldo Kornodörfer e Luis M. Sander. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

BRAVO PEÑA, Fernando. El estudio de la biblia en un grupo de creyentes protestantes de la Iglesia Adventista del Séptimo Día em Colombia. **Sociedad y religión**, Volume 26, Nº 46, 2016, pp. 114 – 154. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1853-708120160002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 fev. 2017.

CALVANI, Carlos Eduardo B. A Educação no Projeto Missionário do Protestantismo no Brasil. **Revista Pistis Praxis**. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 53-69, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pistis?dd99=issue&dd0=147>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

CAMPOS, Leonildo S. Bíblias no Mercado: o poder dos consumidores e a competição entre os editores – o caso da sociedade bíblica do Brasil. **Rever – Revista de Estudos da Religião**, Ano 12, N. 02, Jul/Dez, 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/issue/view/995/showToc>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

CARVALHO, José Murilo. **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARNASSALE, Hélio. **O papel das publicações e dos colportores na inserção do adventismo no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, 2015. 127f. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3592>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CASSAB, Mariana. A produção em história das disciplinas escolares pela escrita de pesquisadores brasileiros. **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 23, mai./ago., 2010, p. 225-251. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/issue/view/4/showToc>>. Acesso em: mai. 2014.

CATANI, Afrânio M.; CATANI, Denice B.; PEREIRA, Gilson R. de M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro., através de periódicos da área. **Revista Brasileira de Educação**, n.17, mai./ago., 2001, p. 63-85. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1413-247820010002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 ago. 2014.

CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues. Escrever a vida: rastros da experiência religiosa na literatura autobiográfica paulina, agostiniana e teresiana. **Anais do V Congresso da ANPTECRE - Religião, Direitos Humanos e Laicidade**. Vol. 05, Curitiba, 2015. ISSN:2175-9685. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/5anptecre?dd99=anais>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **A Pedagogia de Internar**. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2013.

CORDEIRO, Ana Lúcia M. **Metodismo e educação no Brasil**: as tensões com o Catolicismo na Primeira República. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, 2005. 203 f.

CORRÊA, Maria E. L. **O propósito dos adventistas**: a transformação de uma ideologia religiosa em sistema educacional, sob a influência dos ideais liberais e seu transplante para o Brasil, em Curitiba em fins do século XIX e início do século XX. Dissertação de Mestrado em Educação. Centro de Teologia e Ciências Humana. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2005, 145f. Disponível em: <<http://www.biblioteca.pucpr.br/pergamum/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

COSTA, Hermisten Maia P. da. O Protestantismo e a palavra impressa: ensaios introdutórios. **Revista Ciências da Religião: História e Sociedade**. Vol. 6, N. 2, 2008, p. 123 – 145. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/425/249>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CRESS, James. Mensagens aos jubilados. In: SARLI, Tercio. **Minha Vida de Pastor**. Campinas: Certeza Editoria, 2009.

DICK, Everett N. **William Miller and the Advent Crisis, 1831-1844**. Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1994.

DOUGLAS, H. E. **Mensageira do senhor**. O ministério profético de Ellen G. White. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

EISENSTEIN, Elizabeth L. **A Revolução da Cultura Impressa**. Os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998.

ELIADE, Mircea. **O Mito do eterno retorno**. tradução José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992a.

_____. **O sagrado e o profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992b.

FIGUEIRA, Eulálio Avelino P. Experiência Religiosa e Experiência Humana no séc. XXI: construção de chaves de leitura para estudo do fato religioso. **Revista Nures**. Edição Ano 3 - Número 7 - Setembro / Dezembro 2007. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nures/revista7/nures7_eulalio.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016.

FOLLIS, Rodrigo. Igreja Adventista do Sétimo Dia: supostos paradoxos nas definições de fundamentalismos. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). **Fundamentalismos Religiosos Contemporâneos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

FORTIN, Denis. **Adventism in Quebec**: the dynamics of rural church growth 1830-1910. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Historia das Ideias Pedagógicas**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

GAZETA, Sônia M. M. A obra das publicações através das eras. In: TIMM, Alberto R. (ed.). **A Colportagem adventista no Brasil**: uma breve história. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 1989.

GLASS, F. C. **Aventuras com a Bíblia no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica, [s. d.].

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

GOMES, Antônio M. de A. **Religião, educação e progresso**: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

GREENLEAF, Floyd. **Historia de la educación adventista**: una visión global. Florida: Asociación Casa Editora Sudamericana, Adventus: Editorial Universitaria Iberoamericana, 2010.

_____. **Terra de esperança**: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

GROSS, Janine S. **Paulo Freire e Ellen G. White**. Encontros e desencontros e os seus reflexos no ensino superior da Faculdade Adventista de Educação. Dissertação de Mestrado em Educação. Centro de Teologia e Ciências Humana. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 1999, 175p.

GROSS, Renato; GROSS Janine S. **Filosofia da Educação Cristã**: uma abordagem adventista. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

GUSDORF, Georges. **Lignes de vie** 1. Les écriture du moi. Paris: Odile Jacob, 1991a.

_____. Condiciones y limites de la autobiografía. **Suplementos Antropos**, Madrid, n.29, p.9-20, 1991b.

_____. Los limites de la autobiografía. In: LOUREIRO, Ángel. (Coord.) La autobiografía y sus problemas teóricos. **Suplementos Anthopos**, Barcelona, n. 29, dez.1991c.

HANDY, Robert T. **A Christian America**: protestant hopes and historical realities. New York: Oxford University Press, 1971.

HERVOT, Brigitte. Georges Gusdorf e a autobiografia. Lettres Francaises (UNESP Araraquara), v. 14, p. 95-110, 2013. Disponível em:<<http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/view/6430/4745>>. Acesso em: 10 nov. de 2016.

HEWITT, Clyde E. **Midnight and Morning**: An Account of the Adventist Awakening and the Founding of the Advent Christian Denomination, 1831-1860. Charlotte, N.C.: Venture Books, 1983.

HILSDORF, Maria Lucia S. **Francisco Rangel Pestana**: o educador esquecido. Brasília: MEC-INEP, 1988.

HOORNAERT, E. *et. al.* **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1983. (História Geral da Igreja na América Latina, II/1).

HOSOKAWA, E. **Da colina, “rumo ao mar”**: Colégio Adventista Brasileiro – Santo Amaro 1915-1947. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001. 232 p.

KNIGHT, George R. **Early adventists educators**. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1983.

_____. Los câmbios em la educaci3n. In: LAND, Gary. **El mundo de Elena G. White**. Fl3rida, Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana, 1995.

_____. **Filosofia e educa3o**: uma introdu3o da perspectiva crist3. Engenheiro Coelho: Imprensa Universit3ria Adventista, 2001.

_____. OberlinCollege e as reformas educacionais adventistas. In: TIMM, A. R. (org.) **A educa3o adventista no Brasil**: uma hist3ria de aventuras e milagres. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2004.

_____. **Em busca de identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do s3timo dia. Tatu3, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribui3o 3 sem3ntica dos tempos hist3ricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUCRio, 2006.

_____. Um hist3ria dos conceitos: problemas te3ricos e pr3ticos. **Estudos Hist3ricos**, Rio de Janeiro. Vol. 5, N3 10, 1992, p. 134-146. Dispon3vel em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945/1084>. Acesso em: 15 Nov. 2016.

KOSELLECK, Reinhart; GADAMER, Hans-Georg. **Historia y hermen3utica**. Barcelona: Paid3s, 1997.

KREUTZ, L3cio. Escolas 3tnicas na hist3ria da educa3o brasileira: a contribui3o dos imigrantes. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena C3mara (Orgs.). **Hist3rias e Mem3rias da Educa3o no Brasil**. Vol. II: s3culo XIX. Petr3polis, RJ: Vozes, 2005.

K3NG, Hans. **Uma 3tica global para a pol3tica e a economia mundiais**. Petr3polis: Vozes, 1999.

LAND, Gary. **Historical Dictionary of Seventh-day Adventists**. Lanham, Maryland. Toronto. Oxford. The Scarecrow Press, Inc., 2005.

LATOURETTE, Kenneth S. **A history of the expansion of Christianity**: the thousand years of uncertainty, 500 A.D to 1500 A.D. vol. 2. 4 ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1974.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

LEONARD, Emile. **O protestantismo brasileiro**: estudo de eclesiologia e hist3ria social. S3o Paulo: ASTE, 1963.

MARMILICZ, Andr3. **O ambiente educativo nos semin3rios maiores do Brasil**: teoria e pr3tica. Curitiba, PR: Vicentina, 2003.

MARQUES JUNIOR, Rivadavia. **Política educacional republicana** – o ciclo da desoficialização do ensino. Tese de Doutorado em História e Filosofia da educação. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara. Araraquara, 1967.

MARRONI, Almir. Desenvolvimento da colportagem com estudantes no Brasil. In: TIMM, Alberto R. (ed.). **A Colportagem adventista no Brasil**: uma breve história. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2000.

MARTINS, Andréia. **Estratégias de difusão da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil**: um estudo sobre o Seminário/Colégio Adventista Brasileiro – 1915-1937. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. 186p.

MAXWELL, C. M. **História do adventismo**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

MENDONÇA, Antônio G. O Protestantismo Latino-Americano entre a Racionalidade e o Misticismo. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 18, n.1, 2000, p. 69-98.

_____. A experiência religiosa e a institucionalização da religião. **Estudos Avançados**, Nº 18, Vol. 52, 2004. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/eav/issue/view/741>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

_____. Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica. In: SOUZA, B. M.; MARTINO, L. M. S. (Org.). **Sociologia da religião e mudança social**: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MENDONÇA, A. G; VELASQUES FILHO, Prócoro V. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**. Juiz de Fora / São Bernardo do Campo: EDUF, JF / EDITEO, 1994.

_____. Educação protestante de origem norte-americana na comunidade alemã de Curitiba, no final do século XIX: Ellen White, a língua alemã e a Escola Internacional. **Comunicações** (Piracicaba), Piracicaba, v. 12, p. 43-55, 2005.

NIEBUHR, Richard. **Cristo e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1967.

NUNES, R. A. da C. **História da educação no Renascimento**. São Paulo: EPU; Edusp, 1980.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos avançados**. vol.18, n.52, 2004, p. 157-179. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-401420040003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 ago. 2014.

OLSEN, M. E. **Origin and progress of Seventh-Day Adventists**. Takoma Park, WA: Review and Herald Publishing Association, 1932.

PASSOS, João Décio. **Como a religião se organiza: tipos e processos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

PEREIRA, William Cesar C. **A formação religiosa em questão**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: In: SOUZA, Elizeu C. de; ABRAHÃO, Maria Helena. M. B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2016.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em:<http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 24 de mar. 2017.

_____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em:<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/276>>. Acesso em: 24 de mar. 2017.

POZUELO YVANCOS, J. M., “Autobiografía: del tropo al acto de lenguaje”. In: HERMOSILLA ÁLVAREZ, M. A.; FERNÁNDEZ PRIETO, C. (Eds.), **Autobiografía en España, un balance, Actas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de Córdoba**. Outubro, 2001, Madrid, Visor, 2004, p. 180.

QUERIDO, Débora. O Liceu Sagrado Coração de Jesus e a instalação da congregação salesiana na capital paulista do final do XIX. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. 134p.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História e desenvolvimento: a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1972.

RABELLO, J. **John Boehm: educador e pioneiro**. São Paulo, SP: Centro Nacional da Memória Adventista. Instituto Adventista de Ensino, 1990.

RAMALHO, Jether P. **Prática educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1976.

READ, W. R. **Fermento religioso nas massas do Brasil**. Campinas: Livraria Cristã Unida 1967.

REILY, Duncan A. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Aste. 1984.

REIS, José Carlos. **História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e cultura brasileira**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

_____. **A Igreja Presbiteriana no Brasil**, da autonomia ao Cisma. São Paulo: Livraria o Semeador, 1987.

RITTER, Orlando. John Lipke. In: TIMM, Alberto R. (Org.). **A educação adventista no Brasil: uma história de aventuras e milagres**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2004.

ROCHA, Marlos B. M. Projeto nacional e escolarização: A transição para a república e suas primeiras décadas. In: MORAIS, Christianni C.; PORTES, Écio A.; ARRUDA, Maria A. (Orgs.) **História da educação: ensino e pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, Luís R. dos. **Revista sinos: a educação do corpo em uma instituição confessional de ensino**. Dissertação de Mestrado. Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande. Porto Alegre, 2010, 143p.
Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26932>>. Acesso em: 20 Ago. 2014.

SARLI, Tercio (Org.). **Minha Vida de Pastor**. Campinas: Certeza Editorial, 2007.

_____. **Minha Vida de Pastor II**. Campinas: Certeza Editorial, 2009.

SAVIANI, Demerval. Sistema de Educação: Subsídios para a Conferência Nacional de Educação. In: **Conferência Nacional de Educação – CONAE**, 2010. Disponível em:
<http://conae.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=68:artigos&catid=127&Itemid=66>. Acesso em: 20 ago. 2014.

SCHULZ, A. **Educação superior protestante no Brasil**. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2003.

SCHÜNEMANN, Haller E. S. **O tempo do fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil**. Tese de Doutorado. Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), 2002, 421p.

_____. A inserção do adventismo no Brasil através da comunidade alemã. **Rever**. ano 3, nº 1, 2003, p. 27-40. Disponível em:

<http://www.pucsp.br/rever/rv1_2003/index.html>. Acesso em: 10 ago. 2011.

_____. O papel das imigrações no crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Estudos de Religião**, v. 23, n. 37, 146-170, jul./dez. 2009. Disponível em:<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/1521>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

SCHWANTES, Siegfried J. **Professor toda a vida**. São Paulo: Editora Universitária Adventista do IAE, 1991.

SCHWARZ, Richard. The perils of growth, 1886-1905. In: LAND, Gary. **Adventism in America: a history**. Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1998.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2009.

SEYFERTH, Giralda. A Colonização Alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito. In: FAUSTO, Boris (Org). **Fazer a América**. São Paulo, EDUSP: Memorial: Fundação Alexandre de Gusmão, 2000.

SILVA, Henrique Martins. **A dimensão futuro na perspectiva do tempo e história em Reinhart Koselleck**. Mestrado em História. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Goiás, 2016. 112 f.

SILVA, Marcos. **Pedagogia adventista, modernidade e pós-modernidade**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Piracicaba, SP. 2001, 183p.

_____. A Penetração da educação adventista no Brasil. In: LOMBARDI, José C.; SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, Maria I. M. (Org.). **Navegando pela História da Educação Brasileira**. Campinas, SP: Graf. FE; HISTEDBR, 2006, v. 1.CD-R, p. 1-25. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_065.html>. Acesso em: 12 jan. 2014.

SMART, NINIAN. **Worldviews: Crosscultural explorations of human beliefs**. New York: Charles Scribner's Sons 1983.

_____. **The Religious Experience**. 5th ed. Prentice-Hall. Inc. Simon & Schuster/ A Viacom Company Upper Saddle River, New Jersey, 1996.

SMITH, Uriah. **A Declaration of the Fundamental Principles of the Seventh-Day Adventists**. Battle Creek, Michigan: Steam Press, 1872. Disponível em: <<http://www.andrews.edu/library/car/cardigital/digitized/documents/b1529691x.pdf>>. Acesso em: 20 Ago. 2015.

SPALDING, Arthur. **Origin and history of seven-day adventists**. Vol. 3. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1961.

STENCEL, Renato. A educação adventista de nível superior no Brasil. In: TIMM, Albert. R. (Org.). **A educação adventista no Brasil**: uma história de aventuras e milagres. Engenheiro Coelho: UNASPRES, 2004.

STEWART, C. T. **Mackenzie College, Escola Americana** – Notas sobre a sua história e organização. São Paulo: Mackenzie College, 1932.

SUTHERLAND, Edward Alexander. **Estudos em Educação Cristã**. Engenheiro Coelho, SP: Centro White Press, 2014. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/downloads/ebooks-dos-pioneiros-adventistas/>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

THE GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS. **Church Manual**. Printed in the U. S. A, 1932. Disponível em: <http://docs.adventistarchives.org/doc_info.asp?DocID=119305>. Acesso em: 20 ago. 2015.

TIMM, Alberto R. **O Santuário e as Três Mensagens Angélicas**. Fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2002.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião**. São Paulo: Editora Paulinas, 2006.

VIEIRA, R. C. de C. **Vida e obra de Guilherme Stein Jr.**: raízes da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

VILAS-BÔAS, Ester Fraga. A Influência da Pedagogia Norte-Americana na Educação em Sergipe e na Bahia. **Revista Brasileira de História da Educação**. Vol. 1, Nº 2, 2001. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/issue/view/25/showToc>>. Acesso em: 23 jun. de 2014.

WALDVOGEL, Luiz. **Memórias de Tio Luiz**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 1. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WHITE, Ellen G. **Conselhos aos professores, pais e estudantes**. Tatuí, SP: Casa Publicadora, 2005.

_____. **Testemunhos para a Igreja**. Vol. 3. Ellen G. White Estate, Inc., United States, 2006.

_____. **Vida e Ensinos.** Ellen G. White Estate, Inc., United States, 2007.